UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01733335 2

# VARIOS DISCURSOS POLITICOS.

POR

MANOEL SEVERIM DE FARIA
CHANTRE, E CONEGO NA SANTA SE' DE EVORA.

FIELMENTE REIMPRESSOS

POR

JOAQUIM FRANCISCO MONTEIRO
DE CAMPOS COELHO, E SOIZA.

LISBOA
NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.

ANNO M. DCC. LXXXXI.
*Com lic. da R. Meza da Com. Ger. sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

AC
75
S49
1791

# AO LEITOR.

COstumaõ os Arquitectos quando intentaõ levantar alguma fabrica, debuxala primeiro em huma pequena traça, para depois se acertar melhor o edificio. Este preceito, que a experiencia fez comum a todas as Artes, guardaraõ antiguamente com grande observancia os Escritores Gregos, e Latinos, procurando os mais d'elles provar primeiro o estillo em pequenos Tratados, para depois o poderem continuar com perfeiçaõ em obras de maiores argumentos. Chamáraõ particularmente os Poetas Gregos a estas primeiras obras, *Idylia*. Posto que o seu nome mais gèral foi: *Progymnasmata*, que quasi quer dizer: Primeiros exercicios literarios.

Deste genero de escritura he apequena vida do monge Malco que S. Jeronimo fez com intento de ver se se podia empregar em huma historia Ecclesiastica que intentava compôr: *Prius (diz elle) exerceri cupio in parvo opere, & veluti quandam rubignem lingue abstergere, ut pervenire possim ad altiorem hi-*

*toriam: ſcribere enim diſpoſui ab Adventu Domini uſque ad noſtram ætatem, &c.* Do meſmo genero foi a Defenſaõ do Emperador Theodoſio, que compoz Saõ Paulino Biſpo de Nola, ſendo ainda mancebo, e inviou a Saõ Jeronimo para que lhe emmendaſſe o eſtillo: e d'ella pronoſticou o Santo Doutor o muito, que depois ſe vio em Saõ Paulino, dizendo-lhe: *Macte virtute qui talta habes rudimenta, qualis exercitatus miles eris?* Semelhante intento dizem, que foi o do Dialogo em que ſe introduz S. Agoſtinho falando com Paulo Oroſio. Porèm nem todos tomaraõ eſtes argumentos graves para começarem a exercitar ſeus engenhos, antes muitos eſcolheraõ outras materias de letras humanas, de que ſaõ bom exemplo entre os Antigos Heliodoro Biſpo Tricenſe na ſua ficçaõ de Theagenes, e Clariclea, como teſtifica Niceforo Califto, (*) e entre os modernos o Cardeal Adriano, que depois foi Summo Pontifice, no ſeu tratado das Fraſes Latinas. Pelo que com taõ grandes exemplos fico baſtan-

(*) *Nicef. lib.* 12. *c.* 34.

tantemente disculpado, se antes de tirar á luz outras obras maiores, que tenho já para estampar, publico estes pequenos Discursos: que ou na materia, ou na grandeza, parecerá por ventura a alguem que não dizem com seu Autor. E assi não ha para que trazer em aborraçaõ propria outras semelhantes composições de Escriptores profanos, posto que gravissimos, como a Batracho Myomachia de Homero, os Idylios de Theocrito, e Pindaro, a vida de Evagoras de Isocrates, o Culex de Virgilio, as Syvas de Estacio Papinio, as Epistolas de Falatides Agrigentino, a Epistola de Bruto, o Clarimundo e Grammatica de Joaõ de Barros, a Opugnaçaõ de Dio de Damiaõ de Goes as duas Comedias de Francisco de Sá de Miranda, o comento de Gracilasso de Fernando de Herrera, os Discursos do Mestre Fernaõ Peres de Oliva, os emblemas de D. Joaõ Horosco, os preceitos da Historia do Cronista Luis Cabrera, e outras muitas obras, que deixo de apontar, pois bastaõ as referidas para dar confiança a estes Discursos, os quaes escolhi entre outros, assi

pe-

pelo que devemos ao bem publico deſte Reyno, como por ſerem varios, e tratarem de materias até agora naõ eſcritas no noſſo vulgar, ſendo dignas de ter d'ellas noticia, todo o homem politico.

DIS-

# DISCURSO I.

## *DO MUITO QUE IMPORTARA para a conſervaçaõ, & augmento da Monarquia de Heſpanha, aſſiſtir ſua Mageſtade com ſua Corte em Lisboa.*

HE taõ conhecido no mundo o natural amor que os Portugueſes tem a ſeu Rey, que juſtamente ſe poderà duvidar, ſe os fundamentos que aqui aponto para ſua Mageſtade aſſiſtir em Lisboa, naſcem mais do deſejo que todos temos de o ver preſente, que de verdadeiras razones que para iſſo haja. Porèm como as cauſas, que para eſta reſoluçaõ offereço ſaõ taõ evidentes, e fundadas na milhor doutrina dos que trataõ de Eſtado, eſtou certo, que ninguem julgarà me movêo a perſuadir eſte intento, paixaõ alguma natural, mas ſómente o zello do bem publico de Heſpanha cuja conſervaçaõ, e augmento pende grandemente deſta aſſiſtencia.

To-

(*) Todos os Authores, que modernamente escrevêraõ do governo politico, affirmaõ, que a Monarquia que ao presente Sua Magestade possue, he a maior de quantas atè agora se viraõ em todas as idades passadas. Porém, que assi como excede às quatro primeiras na grandeza do senhorio, assi lhe levàraõ ellas vantagem na qualidade delle. Porque os Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos tiveraõ seus dominios unidos, e continuados, que os fazia ser mais fortes, e duraveis: e pelo contrario Hespanha naõ tem Estado que naõ seja dividido, e apartado hum do outro, o que jà naturalmente enfraquece sua potencia. He a mesma Provincia de Hespanha quasi huma Ilha, porque de tres partes a cerca o mar, e só pela mais estreita fica continuada com França. Os estados de seu senhorio saõ as principaes costas maritimas do novo Mundo, de Asia, e de Africa, as Ilhas do mar Oceano, e as melhores do Mediterraneo, com as

(*) *Bozius adverf. Machavel. c. 5. in fin Et deſign. Eccleſ. Dei tom. 1. lib. 8. c. 1. Relat. de Bot. p. 2. li. 4. tit. Reg Catho. et alij.*

as provincias de Napoles, Millaõ, e Flandres; quaſi todas eſtas Provincias eſtaõ deſmembradas humas das outras por muitos centos de legoas, e impoſſibilitadas a ſer ſoccorridas de Heſpanha per terra; e a meſma difficuldade ha para Heſpanha ſe valer de ſuas forças, quando lhe for neceſſario. Com tudo conforme aos meſmos Authores, eſte mal da diviſaõ ſe póde remedear de maneira, que em nenhuma couſa fique a noſſa Monarquia inferior às paſſadas, o que ſerá ſenhoreando-ſe Sua Mageſtade do mar com poderoſas armadas. Porque como todos os Reynos de ſeu ſenhorio eſtejaõ poſtos ao longo da agua com muita facilidade póde ſocorrelos com o numero de ſoldados, artelharia, e munições, que lhe forem neceſſarias, acodindo no meſmo tempo a diverſas, e mui diſtantes partes. E como quer que cada Provincia das ſugeitas à Heſpanha, tem as forças que lhe baſtaõ para ſe ſuſtentar eſperando eſte ſocorro, vem a ficar o noſſo dominio eſtando dividido, mais firme, que o de hum corpo ſó, no qual huma violencia póde fazer maior ruina, que naõ no apartado: como ſe vio no

gran-

grande Imperio dos Perſas, a quem de todo acabou o impeto do vitorioſo exercito de Alexandre; e pelo contrario Carthago ſendo muito menor ſenhorio ſe defendeo largos annos contra os Romanos, por ter ſeus eſtados divididos em Africa, Sicilia, e Heſpanha, e ſer ſenhora do mar por onde os ſocorria. Para a confirmaçaõ deſta verdade, deixando outros Autores, trarei ſómente dous, por ſerem os mais celebres de noſſo tempo, hum na ſciencia, e outro na experiencia. O da ſciencia he Joaõ Botero, (*) que na ſua razaõ de eſtado fallando dos eſtados mais duraveis, diz dos de Heſpanha, que poſto que eſtaõ apartados huns dos outros, ſenaõ podem chamar deſunidos, tendo eſta Coroa dinheiro com que os ſocorrer, e podendo-o fazer por mar, de cuja navegaçaõ ſe podem chamar ſenhores os Catelães, Biſcainhos, e Portuguezes, e que por eſte meio fica o Imperio de Heſpanha feito hum ſó corpo, principalmente depois que ſe unio a Coroa de Portugal à de Caſtella, cujas navegações ſaindo de Heſpanha abarcaõ to-

(*) *Bot. li. 1. de Ragion de ſtato.*

todo o mundo de Occidente a Oriente com muita facilidade, por acharem em toda a viagem os pórtos, ou proprios, ou de amigos, como se vê destas palavras: *Apresso, si bene sono lontani l'uno de l'altro* (falla dos estados de Hespanha) *nose debbono pero stimare assato desuniti, concioscia ch'oltre ch'el denaro* (*del quale que la corona è dovitiosissima*) *vale assaiper tutto sono uniti per mezo del mare, avegnadio, che non è stato cosi lontano, che non possa ester socorso* (*fuor che la Fiandra per opposition de Inghilterra*) *con l'armate maritime*; *ei Catalani Biscaini, i Portogueſi sono de tanta excellenza nella marineza, che se posso no dire veramente padroni dela navigatione. Hor le forze navali in mano de si fatta, gente, fanno che l'imperio, che altramente pere diviso, esmembrato se debbasti mare unito, & quasi continuo. Tanto piu adesso, che si è congiunto Portugalo con Castiglia le quali due nation partendosi: quella de Ponente verso Levante, e questa verso Ponente, s' incontrano insieme, al'Isole Philipine. Et in tanto gran viaggio trovano per tutto Isole,*

*Re-*

*Regni, e porti alor comando perche ſono o del dominio, ò de Principi amici, ò de clienti, ò de confederati loro. &c.* O da experiencia he Dom Bernardino de Mendoça, que fallando com Sua Mageſtade que Deos tem, ſendo Principe, na ſua Theorica de guerra, diz o meſmo por eſtas palavras: *Eſta conſideracion obliga a V. A. a favorecer y honrar a los ſoldados de mar, hazendoles merced, ya los pilotos, y marineros, y entretener grueſſas armadas de ordinario, proporcionando las fuerças dellas a las de tierra, que es con que ſe aſſegura mas la conſervacion de los imperios, ſeñoreando lo mar, y eſto es fundamento pera durar, ſegun razon humana ſu grandeza por la neceſſidad que las mas Provincias tienen de reſpetarle para mantener ſus tratos, y comercios por la facilidad con que puede offender en differentes partes a un miſmo tiempo, el que es poderoſo en la mar, y aun que eſto en general no obligàra a V. A. la Monarchia, que ha de poſſeer, y qualidad de ſus coronas, y Eſtados pide por la ſituacion dellos, tener armadas de mar, con que ſocorrerlos en qualquer ſuc-*

*succeſſo, y offender al enemigo, pues de ſi miſmo cada uno de por ſi, tiene fuerças con que mantenerſe eſperando ſocorro* &c. Segundo iſto claro fica, que a nenhum Principe importa tanto o poder do mar, como ao de Heſpanha, pois ſò pelo meio das forças maritimas faz hum corpo unido de tantas, e taõ diſtantes Provincias, como ſaõ as de ſua Coroa, ſocorrendo-as a tempo, e recebendo dellas com ſegurança os immenſos theſouros com que a enriquecem, os quaes naõ ſendo os Heſpanhoes ſenhores do mar, ficaõ ſogeitos a ſerem roubados de ſeus inimigos. Donde podemos ter por certo, que a duraçaõ, e firmeza deſta Monarchia conſiſte em ſer ſenhora do mar, e que naõ tendo forças maritimas naõ póde ter nenhum Eſtado por ſeguro. Aſſi o deu a entender excellentemente ElRey D. Manoel a ſeus deſcendentes, quando tomou os titulos de ſenhor da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India, chamando-ſe primeiro ſenhor da navegaçaõ, como moſtrando claramente (àlem do direito que no ditado acquiria) que com eſte ſenhorio poſſuia ſeguramente aquellas Pro-

vin-

vincias, e que sem elle as naõ podia com razaõ chamar suas.

Para Sua Magestade ter o senhorio do mar, de que como vemos pende sómente a conservaçaõ de sua Monarchia, saõ necessarias duas cousas. A primeira assistir com sua Corte em hum lugar maritimo de Hespanha. A segunda, que esse lugar esteja em sitio acomodado pera socorrer delle com facilidade suas Conquistas, e fazer as armadas que convèm; isto se prova por muitas razões.

A primeira he, que estando E'Rey no sertaõ, se impossibilita a acodir ás cousas do mar como a necessidade o requere porque a ausencia dos negocios naturalmente causa descuido, e esquecimento delles, e ainda que se encarreguem a Ministros confidentes quando saõ de summa sustancia, cousa he notoria, que os naõ podem tratar, como seu doro proprio. E assi o mesmo tempo tem mostrado, que nenhum Principe teve poder no mar, senaõ os que assentaraõ suas Cortes em lugar maritimo. (*) E deixando os exemplos dos Per-

(*) *Just. lib. 2.*

Perſas, que ſendo taõ grandes Monarchas foraõ vencidos no mar por piquenas Reſpublicas, a experiencia no lo moſtra hoje em quaſi todos os Principes do mundo. E começando pelos de Aſia, ſabemos todos, que dos maiores ſenhores della ſaõ os Reys da China, Biſnaga, o dos Mogores, Nizamaluco, e Idalcaõ, os quaes por reſidirem no ſertaõ, ainda que tenhaõ muita parte de ſeus eſtados maritimos, ſaõ taõ pouco poderoſos no mar, que lhes levaõ muita ventagem neſta parte os Reys do Malavar, Dachem, Pão, e Jãos. O meſmo aconteceo em Africa aos Reys de Argel, que tendo menor ſenhorio de coſta que os Xarifes, os ſobrepujàraõ nas armadas, por os de Argel aſſiſtirem naquelle porto, e os Xarifes pela terra dentro em Fez, e Marrocos. Em Europa bem vemos a ventagem que nas forças do mar fazem Inglaterra, Olanda, Veneza, Genova, e o Turco a todos os outros Principes que tem ſuas Cortes no ſertaõ. (*) E deixando outros exemplos, ne-

(*) *Chron. d'ElRey D. Manoel p. 4. c. 86.*

nenhum nos póde moſtrar iſto mais claro que Portugal, no qual em quanto os Reys reſidiraõ em Lisboa, ſabemos que alèm das grandes frotas, que mandavaõ para as ſuas conquiſtas, todos os annos ſahiaõ deſte Reyno tres armadas, huma que andava em guarda da coſta delle, outra nas Ilhas, e a terceira no eſtreito, com as quaes conſervàraõ ſeus Eſtados de maneira, que nunca em ſeu tempo chegou inimigo algum a roubar lugar da coſta de Portugal, e defenderaõ o Eſtado da India contra o poder do Soldaõ do Cairo, e do Grão Turco, desbaratando-lhe poderoſiſſimas armadas. Porém deſpois que Sua Mageſtade ſe auſentou, começou logo a auſencia a fazer ſeus effeitos, de modo que em poucos annos ceſſaraõ de todo as armadas, e achando os inimigos o mar deſemparado dellas, roubaraõ as frotas do Braſil, e de Guiné, e muitas náos da India, e ſaquearaõ toda a coſta do Braſil, Ilhas do Cabo Verde, & dos Açores,

e

---

*Chron. d'ElRey D. Joaõ 3. p. 1. c. 14. e p. 4. c. 49. e 68.*

e nos tomàraõ as Molucas, e finalmente entràraõ no meſmo Reyno, onde deſtruiraõ Faro, e toda a Coſta do Algarve, e cercàraõ Lisboa paſſeando muitas legoas com hum exercito por Portugal, o que tudo aconteceo por os Reys eſtarem no ſertaõ, e com ſua auſencia falrarem as armadas, que defendeſſem a Coſta do Reino, e as frotas que vem de ſuas conquiſtas.

A ſegunda razaõ porque eſtando os Reys no ſertaõ naõ po lem ſer poderoſos no mar, he, porque ainda que concedamos, que naõ obſtante a auſencia dos Reys, ſe façaõ as armadas neceſſarias, com tudo aſſaz ſe tem conhecido, que naõ eſtando ElRey a ellas preſente, faõ de mui pouco effeito. Porque nenhuma couſa anima tanto, e provòca a esforço os Soldados, e Capitaens, como a preſença do Principe. E ſabendo que ElRey vê, e conhece os que ſe embarcaõ, e que acabada a jornada ha de ter noticia daquelles que bem o fizeraõ, aventuraõ-ſe a todo o perigo por alcançarem victoria. A experiencia diſto ſe vio claramente em noſſos dias nas armadas que ElRey D.

Felippe I. de Portugal, deſpachou de Lisboa, duas das quaes, eſtando preſente, mandou contra os Franceſes, que tinhaõ as Ilhas dos Açores, e duas eſtando auſente, contra Inglaterra; as primeiras alcançàraõ glorioſiſſimas victorias de poderoſos inimigos, e as outras per ſi ſe desfizeraõ ſem nenhum effeito, e com grande perda da reputaçaõ de Heſpanha.

A terceira razaõ he pelo mào aviamento com que as armadas vaõ deſpachadas na auſencia de ElRey por negligencia, ou malicia de alguns contratadores, ou officiaes inferiores. Porque com eſta occaſiaõ aconteceo algumas vezes roubarem os mantimentos, ou os darem máos, e contaminados, e os materiaes, e aparelhos da navegaçaõ velhos, e podres com grande damno dos navegantes, comendo os biſcoutos danados, e meſturados com couſas nocivas, os vinhos corruptos, e às veſes as pipas vaſias, com que poem muitas vezes a riſco as vidas, e faõ conſtragidos a arribar, e deixar ſuas viagens, como naõ ha muitos annos temos viſto; o que eſtando ElRey preſente, naõ poderà acon-

te-

tecer, porque de força ouvirà eſtas queixas, e caſtigarà rigurosamente os culpados.

A quarta, porque eſtando ElRey preſente, naõ ſe perderàõ as conjunções, que muitas vezes ſe perdem no partir das nàos da India, e mais armadas, as quaes deixaõ de dar à vella, tendo tempo feito, por eſperarem os deſpachos, que haõ de vir de Madrid, e com iſto ſe paſſaõ as occaſiões de maneira que muitas vezes vimos deixarem de hir as nàos à India, ou naõ partindo de todo, ou fazendo-o a tempo que tornàraõ logo a arribar; pondo aquelle eſtado a perigo de ſe perder, o que naõ acontecia em quanto os Reys aſſiſtiaõ em Lisboa, nem acontece agora aos Olandeſes: os quais fazendo mayor caminho que o noſſo, chegaõ primeiro que nós à India, porque naõ eſperaõ por eſtes deſpachos, e por eſta cauſa à vinda ſe recolhem tambem primeiro.

Nem contra iſto ſe pòde dizer, que ElRey aſſiſte em Madrid por razões de mór importancia, que para iſſo haja, como ſaõ eſtar no centro de Heſpanha, para com igual diſtancia acodirem a

Sua Mageſtade de todos os Reynos della, e que naõ tendo Heſpanha outro Reyno confinante de que ſe poſſa temer ſenaõ o de França, he bem conſiderado eſtar ElRey em parte, donde poſſa com facilidade ſoccorrer aquellas fronteiras, que ficaõ muito longe da coſta do mar Occeano, e que aſſiſtindo ElRey em lugar maritimo ſe aventura a perder a reputaçaõ pelas prezas que ordinariamente fazem os coſſairos junto das barras, o que eſtando auſente em Madrid, lhe naõ toca tanto, e fica mais ſegura ſua peſſoa. Porque todos eſtes inconvenientes tem facil repoſta.

E quanto ao primeiro de ficar Madrid nomeio de ſeus Reynos, haſe de conſiderar, que a Monarquia de Heſpanha naõ conſta ſó de Heſpanha, mas de todas as Provincias de ſuas conquiſtas, e que para eſtas naõ fica Madrid no meio, mas muito deſviado. Porque aos que haõ de vir por mar que he a maior parte de ſeus Vaſſallos, aſſi de Italia, e Flandres, como do novo Mundo, Africa, e India, mais perto lhe fica qualquer porto do Occeano, que naõ Madrid, metido

do no coraçaõ de Hefpanha, onde os requerentes vaõ com grandes incomodidades fuas, e dos negocios, que por eftas dilações fe perdem muitas vezes. E vindo à meſma Hefpanha tambem a havemos de conſiderar do Occeano atè Madrid, e dahi atè os Perineos. E aſſi he claro, que aſſiſtindo ElRey na coſta, ametade de Hefpanha lhe fica na meſma diſtancia, e ainda que a outra parte do ſertaõ naõ eſteja taõ perto da coſta, importa pouco, pois he juſto que ſe tenha mór reſpeito às Cidades maritimas de Andaluzia, Valença, Catalunha, Galiza, e Biſcaya; a quem a comunicaçaõ do mar ficarà mais vezinha, por ſerem de muito mòr importancia, e concorrerem nellas tantas occaſiões de guerras, Conquiſtas, e Cõmercios, o que nos lugares do ſertaõ naõ ſucede. E com tudo a diſtancia que de novo ſe acrecenta aos lugares mediterraneos, naõ he taõ grande, que com tres dias de caminho mais, ſe naõ poſſa acudir a qualquer parte em que Sua Mageſtade eſtiver na coſta.

(*) De menor conſideraçaõ he a aſſiſten-

(*) *Marian. lib. 1. c. 15. c. 19.*

rencia d'ElRey em Madrid para socorrer a visinhança de França, porque além destes Reynos estarem hoje tam unidos em paz, e parentesco, cousa he notoria, a quem lêo as historias de Hespanha, como sendo esta Provincia muitas vezes Conquistada de estrangeiros nunqua o foi de Francezes. Os primeiros que senhorearaõ Hespanha foraõ os Fenices, que passando com suas navegações as Colunas de Hercules, plantaraõ muitas Colonias na quella costa, e se lograraõ largos annos de suas riquezas. Sucederaõ lhe os Cartagineses, que sendo senhores do mar, occupàraõ com facilidade os melhores pórtos della, e por elles possuiraõ as Cidades do Sertaõ. (*) A estes lançàraõ os Romanos fóra só pelo senhorio do mar, porque sendo já expellidos de Hespanha pelos Cartagineses, tornàraõ a mandar por mar os Scipiões a Hespanha, que de novo a Conquistàraõ. Por mar fizeraõ Tarife, e Muça suas entradas, com que se senhorearaõ de Hespanha, e por mar passaraõ depois a ella tantas vezes os Almoravides, Al-

(*) *Id. l. 2. c. 18. 20.*

Almohades, e Benemerines pondo de novo o senhorio dos Reys Christãos de Hespanha a risco de totalmente se perder, senaõ fora socorrido com evidentes milagres do Ceo, e atè que os Hespanhoes naõ ganharaõ o mar aos Mouros naõ poderaõ cobrar as Cidades da costa, e lançalos totalmente fóra, como se vio nas tomadas de Lisboa, Sevilha, Alcacere, Sylves, Almeria, Algeziras, e Conquistas do Reyno de Granada. Por mar depois disto, saqueàraõ os Ingleses a Cadiz, e o Algarve, assaltàraõ a Corunha, e cercaraõ Lisboa. E por mar vimos ainda ontem aportar huma armada de Turcos a Galiza, e cativarem os Galegos dentro em suas casas. Pelo que com razaõ, do mar nos podemos temer, que da terra naõ ha que ter cuidado. Verdade seja que antigamente vieraõ de França os Celtas, e povoàraõ boa parte de Hespanha, porèm isto fizeraõ como povoadores, e naõ como Conquistadores. Porque ficando Hespanha deserta daquella grande seca, de que todos os escriptores fazem mençaõ, os mesmos Hespanhoes trouxeraõ daquella Provincia os Celtas, para lhes ajudarem a cultivar,

var, e habitar a terra. (*) Tambem os Vandalos, Suevos, e Alanos, entrarão em Hespanha pela parte de França, (*) mas isto não se póde atribuir aos Francezes, senão à traiçaõ dos soldados de Constante, que sobornados destas nações, lhe deraõ o passo livre; e achando Hespanha sem governo, e sem soldados, foi-lhe pouco difficultoso senhorear-se della, como o tinhaõ feito da mesma França. (*) Finalmente ainda depois da entrada dos Mouros tiveraõ os Francezes algum senhorio em Catalunha recuperando do poder dos Arabès a Barcelona. Mas isto foi à instancia dos mesmos naturaes da terra, que antes se quiseraõ ver sugeitos a Carlos Magno, como Rey Catholico que era, que naõ aos Mahometanos, e com tudo foi pequeno este senhorio, e durou pouco tempo. Pelo que de França se naõ podem temer forças, aque naõ resistaõ aquellas fronteiras, como se vio em tempo d'El-Rey Catholico, (*) nos exercitos que vi-

(*) *Garib. lib. 7. c. 59.* (*) *Marlan lib. 1. c. 14.* (*) *Hist. de Barcel. de Frei Francisco Dieg. lib. c. 19.* (*) *Chron. de Carlos V. lib. 10. §. 7.*

vièraõ em favor de D. Joaõ dela Brit sobre Navarra, que todos se retiraraõ sem fazer cousa de consideraçaõ, o mesmo aconteceo em tempo do Emperador Carlos V. no qual entrando os Francezes em Hespanha com hum poderoso exercito, sahiraõ de todo desbaratados, e deixando a seu General cativo, sendo assi que estava o Emperador em Alemanha, (*) e toda Castella chêa das discensoens das comunidades que ainda em parte duravaõ. Nem passaraõ melhor os que ultimamente vieraõ a Hespanha por mandado da Princesa de Bearne, quando foraõ as revoluções de Aragaõ, porque poucos escaparaõ de mortos, ou de cativos. Assi que de França naõ ha que temer, antes os Francezes se podem recear de Hespanha, pellas muitas vezes que os desta Provincia tiveraõ naquelle senhorio. Porque deixando a jornada de Anibal, que com o exercito Hespanhol passou toda França, e a de Galba, que com outro semelhante se fez senhor della, e do Imperio Romano: os Godos possuiraõ grande tempo boa parte da Gallia, que

(*) *Bavia, p. 4. da Pont.*

que por iſſo chamàraõ Gotica. (*) E os Mouros que em Heſpanha viviaõ paſſaraõ muitas vezes em França, onde Conquiſtàraõ a Provincia de Linguadoque, e eſtiveraõ em ponto de ſe ſenhorear de todo o Reyno. (*)

A ultima cauſa a que ſe tras pela a aſſiſtencia de Madrid, que he a perda da reputaçaõ pelas prezas dos piratas, naõ he digna de ſe conſiderar, porque eſtando ElRey em lugar maritimo, de neceſſidade ha de ter as armadas que dizemos, com que ſe ſenhore-e do mar, e aſſi naõ pòde haver eſtas prezas, antes a cauſa de ſe ellas fazerem he a auſencia dos Reys, por amor da qual tomaõ animo os coſſarios para cometter ſemelhantes atrevimentos, os quaes naõ intentariaõ ſabendo, que com os Reys preſentes haviaõ de ſer caſtigados. E ſe de preſente vimos que eſtando Sua Mageſtade que Deos tem, em Lisboa ainda continuaraõ eſtas preſas, naõ era iſto de temerem pouco a preſença Real, mas por verem que ſua eſtada era de paſ-

(*) *Moral. lib.* 11. *c.* 12. *e* 45. (*) *Marm. lib.* 2. *c.* 14.

paſſagem, e naõ de aſſento, e que por tanto lhe faltavaõ as armadas, que de força ouvera de trazer na coſta quando neſta Cidade reſidira; quanto mais que naõ ſe alcança reputaçaõ com o deſcuido, ou diſſimulaçaõ dos damnos recebidos, nem com deixar tomar as nàos da India depois de ancoradas em noſſos pórtos, e as barcas à viſta da terra, ſenaõ com ter Heſpanha huma poderoſa armada, que guarde ſuas coſtas, e com ſaberem todos os inimigos que eſtà ElRey no porto de mar para caſtigar ſuas inſolencias. E aſſi naõ ha Author que eſcreveſſe de eſtado, que fizeſſe conſideraçaõ deſte inconveniente para por elle aconſelhar aos Reys, que aſſiſtiſſem no Sertaõ, antes todos aprovaõ a reſidencia da Corte em lugar maritimo, e a tem por de ſumma importancia. Ariſtoteles nas ſuas Politicas diz, que a Cidade cabeça da Republica ſerà maritima: *Urbis autem ſitus*, diz elle; (*) *ſi formanda nobis illa eſt, ſecundum votum opportune, & ad terram, & ad mare debet iacere.* E em outra parte diz, que evidentemente he neceſſario, que

(*) *Polit. lib. 7. c. 6.*

que a Cidade Cabeça da Republica tenha tanto poder no mar, quanto convèm aos tratos, e exercicios da meſma: *De naveli autem potentia quod melius ſit eam habere uſque ad aliquam quantitatem manifeſtum eſt, magnitudo autem, & multitudo huius potentii ad mores cinitatis erit accomodandu, &c.* O meſmo confirma Santo Thomas ſobre eſte lugar, dizendo que em todo caſo convèm, que a Cidade tenha poder maritimo. *Expedit igitur civitati potentiam habere nauticam.* Porém ſobre todos o entenderaõ os Romanos, os quaes conhecendo que Carthago, Capua, e Corintho, por ſerem ſitios maritimos, e mui acõmodados para o ſenhorio do mar, lhe podiaõ tirar o Imperio, as deſtruiraõ de todo, como affirma claramente Tullio, (*) dizendo delles: *Qui tres ſolum urbes in terris omnibus, Carthaginem, Corinthum, Capuam ſtatuerunt, poſſe Imperii gravitatem, ac nomen ſuſtinere &c. & ideo funditus ſubſtulerunt.* Pelo que nunca ſe entendeo que no lugar maritimo ſe perdia re-

(*) *Tul. de leg. Agraria contra Rullum.*

reputaçaõ, mas antes que sò de semelhantes sitios se podia conquistar, e governar o mundo. E se estes varões taõ insignes aprovàraõ por tam conveniente a assistencia do Principe dequalquer Reyno em lugar maritimo, com quanta mais razaõ julgariaõ por totalmente necessaria a do Rey de Hespanha, cuja Monarchia sendo toda maritima parece que em certo modo fica monstruosa tendo no sertaõ a cabeça.

Nem se póde dizer, que com a assistencia de Madrid està a pessoa d'ElRey mais segura, que nos lugares da costa, porque vemos, que nunca dos Reys assistirem em lugar maritimo se lhe seguio perigo algum. Lugar maritimo he Napoles, e naõ longe de Africa, e com tudo sempre assistiraõ nelle os Reys daquelle Reyno. Junto do mar està Londres, com França defronte, que he o inimigo ordinario de Inglaterra, e nem por isso se tiveraõ aquelles Reys por arriscados. O mesmo vemos no Senado de Veneza, e na Corte de Constantinopla. Pelo que assistindo sua Magestade em Lisboa como os Reys Portugueses faziaõ, sendo o mais fortificado lugar de Euro-

pa

pa, pòde viver nelle taõ ſeguro, e com tanta reputaçaõ como os Reys de Portugal viveraõ, ou ainda muito maior, pois he tanto mais poderoſo que elles.

Por eſtas razões, e por as outras já referidas, temos viſto claramente como importa a Sua Mageſtade aſſiſtir em algum lugar maritimo de Heſpanha, o que ſupoſto, facil fica de entender, como nenhuma Cidade de toda ella he mais propria para eſte effeito, que Lisboa, porque o lugar que Sua Mageſtade houver de eſcolher, he neceſſario que eſteja no meio da coſta do mar Oceano, que tenha maior, e mais ſeguro porto, muito aparelho de materiaes neceſſarios para fabricar grandes armadas, abundancia de mantimentos, comodidade para ſer previda, ſegurança de inimigos, facilidade para os acometter, e que haja nelle ſaude, e recreações devidas para os Principes, e corteſaõs. Todas eſtas qualidades ſe achaõ em Lisboa de maneira, que naõ haverà outra Cidade, onde todas juntas, e com tanta perfeiçaõ concorraõ.

E começando primeiramente pelo ſitio, elle he o mais acomodado de todos,

dos, porque como as principaes Conquiſtas de Heſpanha ſe comunicaõ pelo mar Oceano, he neceſſario que o lugar da Corte eſteja na coſta do meſmo Oceano, naõ nos pórtos do Mediterraneo, como ſaõ Barcellona Carthagena, e Malega. Nem do meſmo modo da parte do Norte de Biſcaya atè a Corunha. E aſſim no Oceano ficaõ ſò tres, de que ſe pòde fazer conta, que ſaõ, o Porto de Santa Maria, Sevilha, e Lisboa. Do Porto de Santa Maria naõ ha que tratar, por eſtar quaſi nas portas do Eſtreito, e ficar mais longe que Lisboa, as partes que vem do Norte. Sevilha naõ he perto de mar, ſenaõ do rio de Guadalquebir, onde naõ podem ſubir os Galeões por ſer muito baixo, e ficaõ em S. Lucas, e nem os navios que là ſobem eſtaõ ſeguros naquelle porto, pellas inundações do Rio, que juntamente fazem aquella Cidade mal ſãa, e por eſtar em lugar chaõ a poem em perigo cada anno de ſe alagar. E aſſi he o ſitio de Lisboa o melhor de todos por eſtar quaſi no meio da coſta de Heſpanha, e para a comunicaçaõ dos outros Reynos, e Conquiſtas mais facil, como

o teſtifica hum Douto Hiſtoriador de noſſo tempo, ainda que pouco affeiçoado a eſte Reyno, dizendo de Portugal, que he ſituado na mais acomodada parte de Heſpanha, aſſi para as navegações antigas, como modernas, porque da parte direita lhe fica Galiza Biſcaya, França, Inglaterra, e Alemanha com as mais Provincias Septentrionaes, defronte as Ilhas dos Açores, Canarias, e Indias Occidentaes; da eſquerda, Andaluzia, com o Eſtreito; e no Mediterraneo, Italia, e Grecia, e paſſado elle, todas as Provincias, e Ilhas de Africa, e Aſia, que noſſas navegações deſcubriraõ, e conquiſtáraõ: *Situm eſt hoc Regnum* (diz elle) *loco commodiſſimo in medio multorum magnorum Regnorum, & tum ad antiquas, tum ad recentiores navigationes, idoneo: nam facie verſus Occidentem converſa, à dextra habet Galeciam, Biſcayam, Angliam, Germaniam, & reliqua Regna Septentrionalia, à fronte Inſulas Accipitrum (quæ aliàs terceræ nominantur) Inſulas fortunates vna cum Indiis Occidentalibus; à ſiniſtra Andaluziam, & fretum Herculeum, per quod in mare Mediterra-*

*ne-*

*neum, e inde in Italiam, & Græciam navigatur. Relicto vero Freto, si à sinistra, Africam circumnaviges, plurima inveniuntur Regiones, & populi plurimi incogniti, ut constat antiquitati, quæ Zonam torridam, credidit esse in habitabilem, ex quibus locis omnibus Olysiponem appellunt naves pretiosissimis mercibus onustæ; imprimis ex Indijs Orientalibus, quas, ut mox dicemus Lusitani Imperio Juo subiecerunt.*

O porto de Lisboa, que he o segundo que se requere, conhecidamente he o mais capaz, e seguro de toda a Europa, quanto mais de Hespanha, por ser tamanho, que nenhum outro em grandeza póde em muita parte competir com elle, nem recolher taõ grande numero de navios com mais comodidade, por estar obrigado de todos os ventos, e ser de tanto fundo, que nelle se fazem grandissimos galeoens; e as nàos da India, que saõ as maiores embarcações que navegaõ hoje o mar.

A madeira necessaria para fabrícar grandes armadas, tem Lisboa em seu territorio, e na ribeira do Tejo a melhor, que se sabe por ser de fermosissi-

mos pinhaes, e em tanta copia, que della ſe fizeraõ as maiores armadas, que nunca vio o mar Occeano: como foi a com que paſſou ElRey D. Afonſo V. (*) a tomada de Arzilla, de duzentas vellas, e outra maior com que ElRey Dom Joaõ primeiro tomou Ceita, e a d'ElRey Dom Sebaſtiaõ, que paſſou de mil. (**) E pela meſma razaõ mandou ElRey Dom Felipe. I. de Portugal, fabricar neſte porto a principal parte da armada, com que o Marquez de Santa Cruz desbaratou a Felipe Eſtrozi, e aquella famoſa, que o Duque de Medina Sidonia levou a Inglaterra, e as com que depois o Adiantado continuou na meſma empreſa; e ainda hoje daqui faem os galeões de eſtado da Coroa de Caſtella, e aqui ſe vem prover as eſquadras de Biſcaya pela muita commodidade, e abundancia que ha na terra de madeira, linho, breu, e outros materiaes, e excellentes officiaes de todos eſtes meſteres. E aſſi eſtando Sua Mageſtade preſente póde aqui mandar fa-

(*) *Chron. d'ElRey D. Afonſo V.*
(**) *Coneſtag. liv.* 1.

fazer groſſiſſimas armadas de navios de alto bordo, ou de remo, ſem ſer neceſſario manda-los vir d'outras partes. As meſmas qualidades ſe achaõ no Porto de Setubal junto a Lisboa, e com que ſe acreſcenta mais eſta ſua grandeza, e com que Sua Mageſtade ſe póde fazer no mar o mais poderoſo Princepe do mundo.

De mantimentos he Lisboa muito abaſtada, logrando-ſe naõ ſó dos de ſeu termo (que he fertiliſſimo) mas de quaſi todo Portugal. Porque ſendo o Tejo navegavel depois que entra neſte Reyno, ſerve de lhos trazer de carreto com muita facilidade, aſſi de ſuas ribeiras, que ſaõ muito povoadas, como de todo Alentejo, Eſtremadura, e Beira, naõ fallando na grande copia de peixe do meſmo Tejo, e do porto de Setubal, de que ſe provê grande parte de Heſpanha. Da bondade deſtes mantimentos dá teſtemunho Joaõ Botero, (*) dizendo, que ſaõ os milhores de Europa. *I fructi de la terra vi naſcono nella, maggior perfetione cheſe ſapia*



(*) *Bot. Relat. univ. tit. Portugal.*

*nela Europa.* Além deſtes fruitos da terra lhe entra de França, e Alemanha pelo mar infinita copia de trigo, e tantos mantimentos que até de fruitas verdes, e ovos freſcos he provida deſtas Regiões. Donde vemos que ſendo em Lisboa o numero da gente taõ grande, que ſe tem hoje pelo maior povo de Europa he tanta ſua abaſtança que todas as couſas neceſſarias valem nella a menor preço, que nas outras Provincias de Heſpanha. (*)

Naõ he menor a fortaleza deſta Cidade, e a ſegurança, com que ſe nella póde eſtar dos aſſaltos dos inimigos, porque por mar fica tres ou quatro legoas metida pelo rio dentro, o qual eſtá guardado com ſete Caſtellos fortiſſimos ( couſa que póde ſer ſenaõ achará em outra Cidade do mundo ) que ſaõ o de Caſcaes, S. Antonio, Cabeça ſeca, Saõ Giaõ, Belem, a Torre velha, e o Caſtello da Cidade, poſtos todos em lugares taõ oportunos, que impoſſivel he por mar ſer acometida, e muito menos entrada; e pela terra eſtá

(*) *Eſpejo del Principe, l. 1. c. 9.*

tá muito longe da coſta, a qual toda he brava, e nos portos ordinarios tem ſeus Caſtellos, por onde fica ſendo aos inimigos mui arriſcada a deſembarcaçaõ, depois da qual, antes de chegar a Lisboa, pódem ſer primeiro desbaratados, alèm da meſma Cidade ſer toda ſituada em lugar alto, e amparada pela terra de hum eminente, e forte Caſtello, e por ſi taõ defenſavel, que com pouca fortificaçaõ fica ſegura, como o moſtrou bem na grande reſiſtencia que fez a ElRey Dom Afonſo Henriques, (*) quando a conquiſtou, e depois nos longos e apertados cercos, que ſuſtentou em tempo d'ElRey D. Fernando, e D. Joaõ. I. e ultimamente quando foi cometida dos Ingleſes. (**)

A facilidade com que de Lisboa ſe póde Sua Mageſtade ſenhorear do mar Occeano, e ſocorer ſuas conquiſtas pela comodidade de ſeu ſitio, he taõ evidente, que com razaõ a chamou o inſigne Hiſtoriador Maffeu, Emperatris do Occeano dizendo: (***) *In Oceani velut imperium per*

(*) *Chr. de Duarte Nunes p.* 1.
(**) *Chr, D. Joaõ. I: p.* 1. *c.* 150.
(***) *Maph. hiſt. l.* 1.

*per opportuno e minet loco.* Porque como fica no meio da coſta de Heſpanha póde igualmente ao meſmo tempo deſpedir della huma armada para a boca do Eſtreito de Gibaltar, outra para o canal de Inglaterra, das quaes ſe ſeguirà ficar o mar de Heſpanha ſeguro, aſſi das nações de Africa, como das do Norte. Porque por muitas vezes ſe tem viſto, com quanta facilidade ſe póde cerrar o Eſtreito de maneira, que contra vontade de Heſpanha naõ faia vella alguma por elle. E quanto ao mar de Inglaterra, Joaõ Botero confeſſa que com huma boa armada que andaſſe naquella parte naõ ſomente aſſeguraria Sua Mageſtade as coſtas de Heſpanha, e as frotas que vaõ, e vem do novo Mundo, Indias, e Africa mas traria em perpetuo receio a Inglaterra, e aos Eſtados de Olanda: (*) *Perche un bon numero*, diz elle, *di galeoni, & di vaſſelli da guerra ch'egli teneſſe in quei mari non pur aſſicutrarebe le màrènmẽ de Spagna, e dell' America, e le flotte, che vanno ſu, e giù, materrebbe in*

(*) *Boter. Relaçoes vniverſ. p. 2. liv. 4. tit. Reg. catolico.*

*in Geloſia, Inghilterra, nê laſciarebbe quieta Fiàdra ei pae ſi baſſii.* De tanta importancia ſeriaõ eſtas duas armadas, que naõ digo eu ſòmente com Botero, baſtariaõ para guardar as frotas, e coſtas de Heſpanha, que ſò por eſtes dous Eſtreitos ſe podem vir a offender, mas ainda, que com ellas ſe eſcuſariaõ as mais das armadas, que de ordinario ſe trazem naquelles mares para ſua defenſaõ. Porque tendo tomado por aquella parte o mar as navegações dos Olandeſes, e nações do Norte, fora muito mais facil prohibirlhe a jornada da India, defendendolhe aquella paragem, que naõ îlos depois combater em Çurrate, na Sunda, e nas Molucas, dividindo Sua Mageſtade as forças por tantos milhares de legoas, achando-os naquellas partes muito mais fortes, aſſi por eſtarem abrigados das fortalezas, que naquelles lugares tem feito, como pelos ſocorros dos Reys; com que ſe tem confederado. Pelo que em quanto ſe naõ uſar deſte remedio, ſeraõ de pouco effeito todos os que ſe fizerem na India porque como naõ podem ſer combatidos no meſmo tempo

em

em todas as partes ſe em huma forem vencidos, ficaõ na outra recuperados. Porém andando eſta armada que dizemos na boca do Canal de Inglaterra, a todos elles, e num ſò lugar ſe lhe impedia o caminho, aſſi à ida, como à vinda, pois naõ tem outro por onde navegar, e he parte, onde lhe falta o ſocorro de noſſos contrarios, e o amparo de ſuas fortalezas, e com huma boa rota que neſta paragem tiveſſem, ficariaõ impoſſibilitados para intentar a ſegunda viagem; e aſſi ſenaõ paſſarmos eſte Rio em ſeu principio, muito menos ſe poderà vadear na foz, quando depois de crecido ſe vai meter no mar, ſe os cuſtos, e armadas que ſe tem feito na India ſòmente pelos Viſoreys Dom Martim Afonſo de Caſtro, e Dom Jeronymo de Azevedo, e Governadores das Filipinas, ſe empregaraõ em guardar o Canal de Inglaterra, com muito menor deſpeſa ſe tivera alcançado o intento que ſe pretende, pois de todos aquelles apparatos naõ reſultou mais que perda da reputaçaõ de Heſpanha. Finalmente naõ ha mal que daqui ſe naõ ſiga. Porque deixando as perdas tempo-

ra-

raes de tantas nàos da China, e India roubadas, e fortalezas perdidas, com todo o trato do cravo, muito maior he o dano eſpiritual que ſe tem naquellas partes recebido, faltando a pregaçaõ do Evangelho a muitas daquellas nações e profanando-ſe tantos Templos por eſtes hereges em todas noſſas conquiſtas, e ainda na meſma Heſpanha. O remedio de tudo conſiſte em aſſiſtir ElRey em Lisboa. Porque ſe os Reys de Portugal ſendo tanto menos poderoſos, que ſua Mageſtade, ſò com reſidir nella foraõ os primeiros que conquiſtàraõ todas as coſtas de Africa, Ilhas do mar Occeano, e o Eſtado da India, com quanta mòr facilidade poderà Sua Mageſtade ſendo ſenhor de tantos Reynos, conſervar daqui eſtas meſmas conquiſtas, e acrecentalas, e engrandecellas de cada vez mais; e ſe de Lisboa ſe ſocorreo a India contra o poder do Soldaõ do Cairo, e graõ Turco, com quanta mòr comodidade ſe poderaõ ſocorrer às outras Provincias, de Africa, e novo Mundo, que ficaõ muito mais perto, por naõ fallar nas de Italia, e Flandres

De pouca importancia foraõ todas eſ-

eſtas boas qualidades, ſe faltàra a Lisboa a ſaude. Porem he tal ſeu ſitio, e clima, que parece a Cidade que Ariſtoteles, (*) e Platão deſejàraõ para ſuſtentar a vida largo tempo a ſeus moradores, porque eſtà debaixo do quinto clima, na parte mais temperada delle, poſta em ladeiras de montes, lavada de ventos ſalutiferos, cujo Ceo he taõ benigno, que ſe conhece pouca differença entre Inverno, e Veraõ, havendo perpetuamente flores no campo, e vendendo-ſe todo o anno pella Cidade, leite, nata, e queijos freſcos. Donde muitos eſtrangeiros deixando as patrias, ſe vem morar a Lisboa atrahidos da ſuavidade com que ſe nella vive. Aſſi o confeſſaõ della George Braum, e Franciſco Hogemberge nas ſuas Cidades do mundo dizendo: (**) *Quod autem ad loci ſalubritatem, & aeris temperamentum attinet, tanta certe ſoli cœlique clementia, & amœnitas eſt, ut nullo fere umquam anni tempore nec æſtas, nec hiems immode-*

(*) *Ariſtot. Polit. lib. 7. c. 11. Plat. lib. 6. de legib.*

(**) *Civitates orbi. lib. 1. tit. Olyſippo.*

*derata cenſeatur, quo factum eſt, ut multi mortales, ex diverſis nationibus, terriſquæ remotiſſimis, cæli puritate pellecti, illic commigrarint, de relicto quæ ſolo natali, & patriæ cura poſt habita, perpetuam ibi ſedem, vitaquæ domicilium pojuerint.* O meſmo refere Franciſco de Monçon no ſeu eſpelho de Princepes. (*)

A iſto ſe acrecentaõ as muitas recreações que ha neſta Cidade com a comodidade do rio, ora logrando a viſta de ſeus fermoſos edificios, e variedade da gente, que ſe vé no mar, e terra deſde Belem até Xobregas, ora fazendo no rio copioſiſſimas peſcarias. Naõ ſaõ menores as recreações da terra nas cuſtoſas quintas, ornadas de excellentes caſas, freſquiſſimos jardins, com que eſtá povoado todo o ſeu termo. Para o tempo do Veraõ tem os Reys perto da Cidade a eſtancia de Cintra, onde quanto as calmas ſaõ maiores, tanto mais frios, e ſaudaveis ares correm, dando lugar a ſe lograrem das montarias dos veados, de que aquellas ſerras eſtaõ cheas.

(*) *iib.* 1. *c.* 90.

as. Naõ cede a eſte ſitio o de Almeirim para o Inverno, com os ſeus arneiros verdes, onde jà mais ha lodo por muito que chova, em cujas coutadas ſe vé infinita caça de coelhos, lebres, porcos, e veados, naõ ſendo menor o numero das aves que ali arribaõ no Inverno das partes do Norte. De todos eſtes lugares eſtando em Lisboa ſe podem lograr as peſſoas Reaes, e corteſaõs com muita comodidade, em ſeus tempos devidos, e com maior goſto, que em nenhuma outra parte de Heſpanha, por ſe gozarem todos eſtes ſitios do mar, e terra.

Viſto termos com evidencia, como a conſervaçaõ, e augmento da Monarhia de Heſpanha conſiſte em forças maritimas, e que eſtas as naõ póde Sua Mageſtade ter ſem aſſiſtir em porto de mar, e que em todos os de Heſpanha Lisboa lhe o melhor, por ſer ſituado no coraçaõ de ſeus eſtados, ſer mais capaz, e mais ſeguro porto, ter maior copia de materiaes para armadas, e ſer mais abundante, e provida de mantimentos, e mais acomodada para a defenſaõ de ſeus eſtados, e finalmente por ter os melho-

lhores ares, e recreações de todas. Pelo que só falta assistir Sua Magestade nella. O que podemos com rezaõ desejar, pois vemos a necessidade que ha de presente de acudir Sua Magestade a seus estados, e que o remedio consiste em huma mudança, taõ facil, e segura, como a de hum lugar mediterraneo de regurofo temperamento, de Veraõ, e Inverno, para outro maritimo de Ceo benigno, e saudaveis ares em todo o tempo. Tudo curaõ os olhos do Rey, tudo concerta, e remedea sua presença. E se os principaes males que Hespanha padece, lhe vem do mar, como poderà ter delles a noticia que convem, estando tantas legoas apartado delle, quanto mais dar-lhe o remedio oportuno? só esta assistencia em Lisboa ( ou em qualquer parte de Andaluzia ) pode dar a Sua Magestade inteiro conhecimento do que em seus senhorios passa. Daqui confirmará com perpetua duraçaõ sua Monarchia, porque sendo certo que os Estados se conservaõ pelos meios com que se acquiriraõ, daqui sustentará com suas armadas as Provincias do novo Mundo Africa, e Asia, que com el-

las,

las, e com o mar livre seus Antecessores conquistáraõ. Daqui acrecentaráõ suas rendas fazendo chegar seguras as riquissimas frotas, com que todas as partes do mundo lhe vem todos os annos pagar tributo, e reconhecer senhorio, que saõ os móres rendimentos de sua Coroa, com os quaes poderá fazer as armadas de seus Antecessores, e outras maiores. Daqui verà com grande augmento acrecentar suas conquistas, povoandose, e cultivando-se cada dia mais as Provincias do novo Mundo, Brasil, e India, effeito proprio, e certo da paz, e segurança do cõmercio. Porém o que mais importa he que com esta mudança se dilatará mais largamente nossa santa Fé, prégando-se o Evangelho a tantas nações que o estaõ pedindo, e a outras aptas para recebello, com que ficarà mais firme, e perpetuo o Imperio de Sua Magestade, servindo de instrumento da gloria de Deos, e salvaçaõ das almas. Finalmente naõ ha bem que d'aqui naõ resulte, porque ficando Sua Magestade poderoso no mar naõ sómente livrarà as costas de Hespanha dos roubos dos corsarios de Berberia, mas ainda te-

teriaõ ditoſo fim as prolongadas gueiras de Flandres, as quaes ſuſtentaõ os rebeldes ſó com o poder do mar, e como ſuas forças forem nelle inferiores, ficaráõ de todo vencidos, ou na meſma patria, ou impedindo-ſe-lhe o cõmercio da India, e Mina de que ſe ſuſtentaõ, com lhe defender o Canal de Inglaterra. Deſte modo ſe alcançaria a verdadeira reputaçaõ, enfreando Sua Mageſtade o poder de ſeus inimigos, e tendo ſeus vaſſallos exercitados na milicia de continuar armadas, e a nobreza deſtes Reynos, e dos mais de Heſpanha ficaria excelentemente occupada, pois vendo que a eſtas armadas ſe ganhavaõ as honras, e as comendas, deixaria o prejuducial ocio em que cõmumente vive, e deſpenderia em beneficio publico o que agora gaſta em exceſſivas vaidades, e dando as vidas pela patria ceſſariaõ tantas diſcordias, e deſafios com que muitos as perdem em deſerviço de Deos, e de ſeu Rey. Pelo qne com razaõ, podemos entender, que em Sua Mageſtade aſſiſtir neſta Cidade, conſiſte termos Heſpanha ſegura, ſuas Conquiſtas proſperas, ſuas frotas li-

vres,

vres, ſeus Vaſſalos ricos, Sua Mageſtade poderoſo, e noſſo Senhor ſervido.

## DISCURSO II.

### *DAS PARTES QUE HA DE HAVER na lingoagem para ſer perfeita, como a Portugueſa as tem todas, e algumas com eminencia de outras lingoas.*

AVENTEJANDO a natureza muitos animaes ao homem nas forças do corpo, e perfeições dos ſentidos, ſò com o entendimento, e lingoagem o fez ſuperior a todos. Porque na razaõ lhe deu o verdadeiro conhecimento das couſas, e na lingoagem o meio para declarar ſeus conceitos, ſervindo-lhe a lingoa, como diz Tullio (*) de Interprete do entendimento. Deſte principio naſceo a eſtimaçaõ dos Idiomas, porque como da bondade, e clareza do interprete, penda ſer melhor entendida a couſa interpretada, as mais das nações politicas pretenderaõ moſtrar que a ſua lingoagem fazia eſte officio do entendimen-

(*) *Lib.* 1. *de legib.*

mento com maior perfeiçaõ, e elegancia; e tanto encarecerаõ alguns Autores os louvores de humas, e a barbaria das outras, que chegou a dizer Plinio: (*) *Explanatio animi quæ nos distinguit a feris, inter ipsos quoque homines discrimen alterum æque grande quem à beluis ferit.* Por tanto, tem dado este intento naõ pequena materia a grandes engenhos para compôr muitos volumes em abonaçaõ de suas proprias lingoas. E vendo eu a nossa Portuguesa taõ falta destes livros escritos em seu louvor, como sobeja de razões para naõ reconhecer por superior a nenhuma, determinei de ao menos as apontar neste Discurso, posto que via o aventurava a ser tido por Paradoxo; pois sendo a nossa lingoa na opiniaõ de muitos quasi inferior a todas, a igualo com as melhores de Europa. Naõ pende porém a verdade de opiniaõ, senaõ de demonstrações, e assi tenho por certo, que quem quizer ver com atençaõ as que em favor da nossa lingoa aqui se offerecem, e as authoridades, e exemplos de



(*) *Plin. lib.* 11. *c.* 51.

varões graviſſimos em que ſe fundaõ; que naõ ſómente naõ teraõ eſte Diſcurſo por Paradoxo, mas antes por evidencia manifeſta.

Deixadas as opiniões dos Filoſofos, que por carecerem de fè, naõ pudèraõ alcançar a verdadeira noticia do primeiro homem, nem da lingoa que fallou. Conſta da Sagrada Eſcritura, que depois que Deos formou Adaõ, lhe apreſentou no Paraiſo terreal as couſas, que para elle criára, as quaes Adaõ vendo, chamou por ſeus nomes, que lhe entaõ novamante pós. Eſta lingoagem que nos deſcendentes de Adaõ ſe conſervou atè o tempo de Nembrot, affirmaõ todos que era ſem duvida prefeitiſſima, e chêa de muitos myſterios, pois foi inventada pelo primeiro homem, ou para milhor dizer inſpirada nelle por Deos, e aſſi ſe pòde julgar por ſuperior a todas. Vindo depois o tempo da edificaçaõ da torre de Babylonia, e querendo Deos caſtigar aos homens por aquelle ſoberbo atrevimento, diz a Sagrada Eſcritura, que lhe confundio a lingoagem. Eſta confuſaõ de lingoas entendem alguns expoſitores, que foi mudando-lhe nos en-

tendimentos as significações das palavras, de modo que por este mesmo nome pedra, ou páo, entendessem agua ou fogo; o que parece se collige claramente do nome, confusaõ, que quer dizer, tomar huma cousa por outra: e a este modo trocou Deos o entendimento de tantas gentes, como forão presentes ao Sermaõ de S. Pedro no dia do Pentecostes, quando fallando elle na lingoa Hebréa, os ouvintes de diversas nações entendiaõ aquellas mesmas palavras em varios idiomas, e estas eraõ as desvairadas lingoas de que se espantavaõ. (*) Segundo esta opiniaõ podemos entender, que a lingoagem primeira de Adaõ foi dividida pelo mundo com a divisaõ das gentes, quando deixàraõ a obra daquella torre, levando-a todos nos vocabulos, mas naõ nos significados. E que com o tempo, e tranſmigrações dos Povos, se vieraõ a corromper de maneira as palavras, que já desta primeira lingoa haverà mui poucas no mundo. Com tudo outros Authores tem para si, que



(*) *Joaquim Panonio na origem da lingoa Franceſa.*

a confuſaõ das lingoas ſe fez d'outra maneira, e foi, mudando Deos àquelles homens a lingoagem que falavaõ em outras novas, que os mais dizem foraõ ſetenta e huma. Alèm das quais affirmaõ, que ficou a meſma antiga, conſervada inteiramente ſó na familia de Heber, que ſe naõ achou na quella obra, donde depois ſe chamou Hebraica. Porèm eſta com o tempo veio a tamanha corrupçaõ que conſerva jà muito pouco do ſeu bom principio, pois a vemos no eſtado de hoje huma das imperfeitas do mundo, como todos teſtificaõ, e o diz o Padre Bento Pereira: (*) *Lingua quidem Hebraica olim completa fuit &c. At nunc; imò vero poſt captinitatem Babylonicam imperfecta eſt, multorum. ſ. verborum inops: cum ea ſola nomina manſerint plane Hæbraica quæ in libris ſacris continentur; cujus rei illa fuit cauſa, quod Hæbrei cum aliis gentibus mixti propriæ linguæ uſum perdiderunt, & aliarum gentium linguas uſurparunt.* O meſmo podemos dizer das demais lingoas, que tiveraõ ſeu principio nos edificado-

(*) *Pereira in Geneſ. l. 16. c. 8. n. 24.*

dores da torre, porque depois de tantos seculos, e mudanças das gentes, e Monarquias naõ podiaõ deixar de se corromper, e mudar em outras formas, como vemos o fizeraõ as mais celebres do mundo, e de que temos mais noticia. E assi naõ ha para que refutar aqui as conjecturas com que Joaõ Goropio Becano (*) pretende mostrar, que a sua Teutonica se conserva ainda incotrupta des do tempo de Nembroth, pois Justo Lipsio, e Josefo Escaligero lhe respondem largamente. E o mesmo se pòde dizer aos Biscainhos, que affirmaõ ser o seu vasconso daquelle tempo, sendo tal, que se naõ pòde escrever. Por onde segundo a melhor, e mais verdadeira opiniaõ, nem por primeira antiguidade, nem por incorrupçaõ do idioma, pòde nenhuma lingoa ser tida por melhor que a outra. (**)

Supposto isto, devemos buscar outras razões, que naõ sejaõ de origem, para julgarmos em que está a melhoria de huma lingoa á outra. E as que se pó-

(*) *Hermaten. lib. 2.*
(**) *Perion. vb. sup.*

pódem colligir aſſim de Joaõ Goroppio na ſua Hermatena, como do que louváraõ, ou reprováraõ varios Authores nas mais eſtimadas entre os antigos, e modernos, ſaõ cinco qualidades, as que ha de ter a lingoagem para ſer perfeita. ſ. ſer copioſa de palavras, boa de pronunciar, breve no dizer, que eſcreva o que falla, e que ſeja apta para todos os eſtillos. De maneira que a que tiver eſtas qualidades em maior perfeiçaõ ſerá de mór excellencia que as outras.

A copia, e abundancia da lingoa he neceſſaria por naõ repetirmos ſempre os meſmos vocabulos, o que dá grande moleſtia aos ouvintes, e faſtio á Oraçaõ, como o diz o Autor da Verborum copia latina: (*) *Neque raro uſu venit, utidem nobis crebrius ſit dicendum, ubi ſi deſtituti copia, aut hæſitabimus, aut, eadem identidem occinemus; neque poterimus ſententiæ colores, aliosque vultus dare: pariter & ipſi ridiculi erimus noſtram prodentes infantiam, & tædio miſeros audi-*

(*) *Lib.* 2. *c.* 8.

*ditores enecabimus &c. Quis autem eſt auribus uſque adeo patientibus, ut vel pauliſper ferat orationem ubique; ſui ſimilem. &c.* Conſta a copia de palavras, aſſi dos nomes, como dos verbos; e neſta parte parece, que a lingoa Hebréa tem o ultimo lugar, aſſi como a Grega o primeiro; porque na Hebréa os nomes ſaõ muito poucos, e faltaõ-lhe os comparativos, e ſuperlativos, e por dizerem: Melhor he confiar em Deos que nos Principes dizem: *Bonum eſt ſperare in Deo, quam ſperare in Principibus*; e por montes altiſſimos, *Montes Dei.* O meſmo ſe vê nos verbos, onde naõ tem preterito imperfeito, nem plusquaõ perfeito, e ſe valem do Participio que chamaõ: *Benoni*, para ſignificar eſtas vozes. Pelo contrario a lingoa Grega he abundantiſſima, porque além da multidaõ de nomes que nella ha até no meſmo nome tem tres variações, e naõ havendo nas outras lingoas mais dos dous numeros, ſingular, e plurar, nella ſe acha o terceiro, que he, Dual, e nos verbos alèm do Activo, e Paſſivo, tem de mais outro que ſe chama, *Medio*, que ſignifica huma,

ma, e outra vóz, e ſobre os quatro modos naturaes, que ſaõ, ſegundo Brocenſe, *Indicativo*, *Conjuntivo*, *Imperativo*, *Infinitivo*, uſa os dous Aoriſtos, que ſaõ outros preteritos, e o Exomeno, que he o outro ſegundo futuro. E havendo na lingoa Latina hum ſò Participio na Activa, e outro na Paſſiva, a Grega tem Participios dos Preſentes, e Preteritos do Indicativo, e dos Futuros, e Aoriſtos. E ſobre tudo no fallar Atico ſe admitia o Jonico, e Dorico. Com eſta copia ſe aventejou grandemente a lingoa Grega, e os Latinos a tiveraõ em tanta eſtima, que de ſeus deſpojos procuràraõ enriquecer a propria: e ainda aſſi, ſegundo Quintiliano, lhe ficava a latina taõ inferior, que quando lhe pediaõ que fallaſſe com a elegancia Grega, ſe deſculpava com a pobreza da Latina: *Res plurimæ*, diz elle, (*) *carent appellationibus*, *ut eas neceſſe ſit transferre*, *aut circumire*; *etiam in his*, *quæ denominata ſunt*, *ſumma paupertas in eadem nos frequentiſſime devolvit*: *ai illis non verborum modo ſed linguarum in-*

(*) *Lib.* 12. *c.* 10.

*inter se differentium copia est. Quare qui à latinis exigit illam gratiam sermonis Attici det mihi in loquendo eandem jucunditatem, & parem copiam, &c.* Com tudo sendo taõ abundante a lingoa Grega, he de tanta importancia a copia de palavras, que ainda assim Cicero (*) a chama pobre, como se vê em muitos lugares de suas obras, e o refere Policiano contra Argiropilo Bizancio, que naõ podia sofrer esta queixa de Cicero. *Cæterum*, diz elle, *ut homo Græcus per quam ferebat iniquo animo nobilem illum, nec (ut Theodorus Gaza putat) importunam Marci Tulii Ciceronis exclamationem, qua Græciam verborum interdum inopem, quibus se putat abundare, non eloqentius fortasse, quam verius pronunciavit.* Donde se vè bem, quanto consiste a excellencia da lingoa, na copia de palavras.

A boa pronunciaçaõ he a segunda parte que se na lingoa requere, a qual he de tanta importancia, que sem ella fica a lingoagem imperfeitissima, porque quando as palavras se naõ formaõ em seu

(*) *Miscel. cap.* 1.

seu lugar, senaõ da garganta, ou dos beiços, àlem da descomposiçaõ que fazem no que pratica saõ causa de se naõ poderem escrever, nem os que usaõ a quella lingoa poderem tomar outra. Do primeiro he grande exemplo o Vasconso de Biscaya, o qual se naõ escreve pela difficultosa pronunciaçaõ, e jà no tempo dos Romanos se naõ atreveo Pomponio Mella a redusir à escritura os nomes de seus povos: *Cantabrorum*, diz elle, *aliquot populi, annes quæ sunt, sed quorum nomina nostro ore concipi nequeant.* O segundo exemplo se vê na lingoa Hebréa, que por ter muitas letras, e dicções, que elles chamaõ guteraes, e outras labiaes, vieraõ a naõ poder pronunciar qualquer outra lingoa, como de si o confessa Josepho, o qual ainda que escrevêo elegantissimamente na Grega, nunca a pôde pronunciar:(*) *Græcanicæ literaturæ non sine profectu dedi operam, quamvis exquisitam pronunciandi rationem àssequi per patriam consuetudinem non licuit &c.* Pelo contrario o pronunciar expedi-

ta-

(*) *lib. 20. c. 9.*

tamente, e exprimir as letras com facilidade, era taõ prefado entre os Gregos, que eſſa foi a razaõ, ſegundo graves Authores, de chamarem Barbaros a todos os eſtrangeiros, e particularmente o affirma Eſtrabo lib. 14. neſtas palavras: *Omnes itaque qui craſſè loquuntur, Barbari dicuntur, quales ſunt nationes omnes præter Græcos. Quare illos proprie Barbaros appellavit, ac in initio quidem per convitium, quaſi duriculos, & craſſilinguas, poſtea vero eo nomine abuſi ſumus tanquam communi, & gentili, diſtinguentes eos a Græcis &c.* (*)

A terceira qualidade que ſe requere na lingoa, he a brevidade com que em poucas palavras explique os conceitos, e naõ por rodèos, e circumloquios, porque ſempre ſe deve guardar aquella regra natural, que aquillo que ſe pòde fazer por menos, ſenaõ faça por mais, conforme o Axioma de Ariſtoteles. Eſta brevidade conſta das palavras ſignificarem com grande propriedade, eterem poucas ſilabas.

A

(*) *Monſiur de Ubelzi Diſc. da Ling. Franceſa.*

A propriedade dos vocabulos ſe vio mais na lingoa Hebréa, que em nenhuma outra, e por todas as ſuas eſtarem chêas de grandes ſignificados, as translações, que ſe fizeraõ da Biblia nas outras lingoas foraõ muito mais diffuſas, e he iſto taõ certo que a propria Eſcritura o diz no prologo do Eccleſiaſtico: (*) *Deficient verba Hebraica, quando fuerint translata ad alteram linguam.* E com Arias Montano tem geralmente todos os Eſcripturarios, que o nome de Deos, *Geovà*, em nenhuma outra lingoa ſe póde raduzir perfeitamnete: *Cuius ineffabile nomen illa tantum lingua rectè pronuntiatur &c.* Depois da Hebraica ſe concedeo o primeiro lugar à Grega na brevidade, porque ſendo muito copioſa, ſe explicava por termos proprios, e eſcuſava os rodèos cauſados da eſtreiteza Latina, como Macrobio confeſſa, quando nos ſeus Saturnaes, trás hum diſtico de Platão, traduzido em deſaſete verſos Latinos: (**) *Hos Platonis verſiculos*, diz elle, *quorum magis venuſtatem, an brevitatem admireris incertum*

(*) *In Sophon.* (**) *Saturn. lib. 2. c. 2.*

*tum eſt; legiſſe me memini in latinum tanto latius verſos, quanto ſolet noſtra, quam Græcorum lingua brevior, & anguſtior exiſtimari.* Por razaõ das palavras terem poucas ſillabas, pretende moſtrar Joaõ Goropio, (*) que a ſua lingoa Cimbrica, ou Teutonica he mais abreviada de todas, porque quaſi todas as palavras ſaõ monoſillabas; mas ainda que iſto ſeja grande argumento da brevidade, naõ baſta, ſenaõ houver grande copia de palavras, pois tambem os Chinas tem todos os vocabulos monoſillabos, e com tudo carecem de todos os tempos dos verbos, e dos pluraes dos nomes, como as mais das lingoas barbaras.

A parte da eſcritura (que he a quarta que apontamos para a lingoa ſer preſeita) naõ he menos nobre, antes muito mais illuſtre, pois pela eſcritura ſe comunica a lngua a todas as Provincias eſtranhas, e dura igualmente com o tempo, de maneira que perdendo-ſe o uſo da meſma lingoa, fica ella ſempre em ſua prefeiçaõ conſervada nas letras. Por tanto convem, que o que ſe pro-

(*) *Hermaten. lib. 2.*

pronuncia ſe eſcreva, que doutro modo ficarà a eſcritura corrompendo a linguagem, em lugar de a conſervar: e aſſi diz Quintiliano: (*) *Hic enim eſt uſus literarum, ut cuſtodiant voces, & velut depoſitam reddant legentibus; itaque id exprimere debent quod dicturi Jumus &c.* Sucede o defeito neſta parte, ou por ſe eſcreverem as palavras com menos letras do que faõ as ſilabas, ou com demaſiadas. Por falta de vogais padeceo antiguamente grande difficuldade a lingoa Hebraica, e para ſe naõ perder de todo o conhecimento della, ſe inventàraõ os pontos, e aſſentos, que agora ſe vem nas Biblias Hebréas, em baxo, ou em cima, ou no meio das letras conſoantes; e ainda aſſim ha grande variedade neſta interpretaçaõ. (**) Pela demaſia das letras vogaes cometem os Franceſes outro naõ menor erro, porque nenhum dos diphthongos quaſi pronunciaõ como eſcrevem, e acabando ordinariamente as dicções em conſoantes, nas mais dellas as naõ exprimem: de maneira; que muito

(*) *Lib.* 1. *c.* 14. (**) *Ciguença na vida de Jeron. lib.* 3. *Diſc.* 1.

to mòr difficuldade ha em aprender a ler Frances, que naõ em alçançar as significações dos vocabulos, ou a sua Gramatica. E assi Joaõ Piloto na Arte que compos da lingua Franceſa calumnia a seus proprios naturaes deſte defeito, dizendo no §. de literis mutis: *Reperies præterea literas multis in locis mutas, quod jam antea de nonnullis obiter ſignificavimus, quæ licet vulgo ſcribantur; non tamen pronuntiantur. De his autem nihil poteſt tradi, quia omnes ejuſmodi literas, ut ſuperfluas, & otioſas omittunt plurimi viri docti, cenſentes nobis, aut ita ſcribendum, ut proferimus, aut ita proferendum, ut ſcribimus, quod utinam, vel ab omnibus, vel ubique fieri poſſet, &c.* Esta meſma imperfeiçaõ tem a lingoa Tudeſca, tanto nas Letras vogaes quanto nas conſoantes, das quaes muitas vezes ajunta cinco, e seis em huma silaba, e saõ taõ aſperos na pronunciaçaõ, que todos os nomes ainda que ſejaõ de muitas silabas, os fazem na expreſſaõ monoſilabos. Na lingoa Italiana naõ he eſte erro da Ortografia taõ frequente porém tambem participa delle aſſas, pois pro-

nun-

nunciando, *filholo*, eſcreve, *filhivolo*, e outras muitas palavras ſemelhantes. (*) Tambem Quintiliano aponta algumas Latinas, em que a pronunciaçaõ naõ dizia com a Ortografia, que os Grammaticos lhe davaõ. O que querendo emendar o Emperador Auguſto, naõ as eſcrevia ſenaõ com as letras com que as fallava, como diz Suetonio: (**) *Ortugraphiam, ideſt, formulam, rationemque ſcribendi à Graminaticis inſtitutam non adeo cuſtodit, ac videtur ſequi potius opinionem eorum, qui perinde ſcribendum, ac loquendum exiſtiment.*

A ultima perfeiçaõ que diziamos havia de ter a lingoa, era ſer apta para todos os eſtillos. Dividem os Rethoricos os eſtillos do bem dizer em tres eſpecies, que ſaõ, *gracil*, *grande*, *& medio*, que podemos chamar, humilde grave, e meam: e conforme a Quintiliano lib. 12. cap. 10. O officio de cada hum he: *Ut primum docendi, ſecundum movendi, tertium illud utrocumque nomine delectandi, ſive aliud in-*

(*) *Ub. ſup.*
(**) *In Auguſto. c.* 88.

*inter consiliandi præstare videtur officium: in docendo autem accamen, in inter consiliando lenitas, in movendo gravitas videatur &c.* De modo que para que a lingoagem seja consumada, com tanta propriedade se ha de poder nella escrever hum poema heroico, como huma farça vulgar; e da mesma maneira a historia grave, que a carta jocosa. Pelo que aquella lingoa em que florecêraõ escritores em todos estes estillos tem a perfeiçaõ da eloquencia: e pelo contrario a que nelles faltar será pobre e defeituosa. Donde Tullio querendo convencer aos seus Romanos naquelle principio da Monarchia, em que ainda naõ estimavaõ tanto a sua lingoa: desta aptidaõ de estillos lhe argumentava, dizendo: (*) *Ego autem satis mirari nequeo, unde hoc sit tam insolens domesticarum rerum fastidium? Non est omnino hic docendi locus sed tasentio, & sæpe differui, latinam linguam non modo non inopem, ut vulgo putatur, sed locupletiorem etiam esse, quam Græcam. Quando enim, ne nobis dican aut Oratoribus bonis, aut*



(*) *Lib. 1. de finibus.*

*poetis, poſtea quidem quam fuit, quem imitarentur, ullus orationis, vel copioſæ, vel elegantis ornatus defuit.*

Eſtas ſaõ as partes que ha de ter a lingoagem para ſer perfeita: e do que eſtà dito ſe pòde colligir claramente; que as lingoas que entre os antigos houve mais celebres, foraõ a Hebraica, Grega, e Latina, a que podemos chamar Princeſas do mundo, porque eſta authoridade lhe deu o titulo da Cruz, onde foraõ poſtas, das quaes a Latina foi a ultima que floreceo grandemente, e por induſtria de ſeus naturaes ſe dilatou tanto por todas as partes do mundo, que quaſi veio a ſer commua nas Provincias do Imperio, de maneira, que como diz della Plinio: (*) *Tot populorum diſcordes, feraſque linguas ſermonis comercio contraheret ad colloquium.* Por onde muitos tem para ſi, que ella foi aquella prometida de Deos pelo Profeta Sofonias, quando diſſe: (**) *Tunc reddam populis labium electum, ut invocent omnes nomen Domini &c.* Deſta lingoa Latina nos naõ ficou ja agora mais que

a

(*) *Lib. 3. c. 5.* (**) *Sophonias. c. 3.*

a parte da Eſcritura, e o uſo ſe corrompeo em Italia, França, e Heſpanha nas lingoas vulgares, que ao preſente ſe fallaõ neſtas Provincias. Pelo que querendo dar juizo entre humas, e outras, alèm das cinco qualidades acima referidas, havemos de acreſcentar a da origem, porque como notoriamente deſcenderaõ eſtas da Latinidade, aquella alcançarà mais de ſuas perfeições, que inda hoje ſe conformar mais com ella, aſſi nos vocabulos, como na Ortografia. E moſtrando nòs, que a Portugueſa participa mais da Latina, que na copia, pronunciaçaõ, brevidade, Ortografia, aptidaõ para todos os eſtillos, naõ he inferior a nenhuma das modernas, antes igual a algumas das antigas; com razaõ lhe poderemos dar o louvor de lingoa perfeita, e de ſer huma das melhores domundo.

A lingoa Latina ſe corrompeo em Italia, França, e Heſpanha, por varios modos. Porém na lingoa Portugueſa, e Caſtelhana eſtá o Latim menos viciado, que na Italiana, e Franceſa; porque os Italianos nenhum nome, ou verbo, acabaõ em conſoante, ſenaõ em vogal, com que notoriamente ficaõ cor-

rompendo a mòr parte dos vocabulos Latinos. E os Franceſes pelo contrario admittiraõ tantas conſoantes nos finaes, que por eſta via a naõ deſcompuſeraõ menos, a cabando muitas palavras em *f*; e pela viſinhança que tem com os Alemaẽs participàraõ tambem muitos termos da lingoa Theutonica, que naõ tem nenhuma origem, nem affinidade com a Latina, pelo que em nenhuma dellas ſe achaõ tantos nomes Latinos em ſua inteireſa, como na noſſa lingoa, e Caſtelhana, e na noſſa particularmente podemos compôr muitas orações, e periodos, que juntamente ſejaõ Latinos, e Portugueſes, como ſe vè deſtas palavras:

*O' quam glorioſas memorias publico, conſiderando quanto vales nobiliſſima lingua Luſitana, cum tua facundia exceſſivamente nos provocas, excitas, inflammas: quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos ſperas, quam excelentes fabricas fundas, quam perverſas furias caſtigas, quam feroces inſolencias rigoroſamente domas, manifeſtando de proſa, de metro tantas elegancias Latinas.*

Deſte modo ſe poderaõ encher muitas pa-

paginas, naõ fòmente em proſa, mas o que he mais de eſtimar, em verſo de todas as medidas, de que vi já muitos, e Duarte Nunez *Orig. c. 25.* tras alguns, dos quaes ſó pòde dar o louvor a Joaõ de Barros, que foi o primeiro, que na ſua Grammatica Portugueſa os compôs, e publicou. E porque ſe veja diſto algum exemplo, porei aqui eſtes diſticos, que hum curioſo fez a Roma, e Bethlem:

*Roma infinitos ſantiſſima vive per annos,*
*Pacifica gentes (vive quieta) tuas*
*Caſtiga grandes, violenta morte, tyranos,*
*Ingratos animos (es generoſa) fuge.*
*Acquire inſignes, varia de gente triumphos,*
*Diſtantes terras, imperioſa rege.*
*Tanto maiores titulos Bethlem alta celebra,*
*Quanto Romano maior es imperio.*
*Maior amor, maior es magnificentia, maior*
*Fama, tuas Chriſto, dando benigna caſas.*

Ainda que a lingoagem deſte epigrama pareça que vai hum pouco fòra do uſo commum, he mais por razaõ da medida dos verſos, e rigor das ſillabas, que obriga aos Poetas a naõ fallar da maneira dos Oradores, que por falta das palavras. Eſtes exemplos naõ pòdem moſtrar na ſua lingoa com facilidade os Italianos, e Franceſes, e por elles ſe

pro-

prova a grande affinidade que com a lingua Latina tem à noſſa: e aſſi com rezaõ fingio o noſſo Poeta que Venus ſe affeiçoára aos Portugueſes, por ver nelles naõ ſómente o valor Romano, mas ainda a meſma lingoa, dizendo:

(*) *Na qual quando imagina*
*Com pouca corrupçaõ crê que he Latina.*

Porém vindo ás outras cinco qualidades referidas que ſe requerem na lingua, moſtrarei brevemente, que todas ſe achaõ na noſſa Portugueſa com particular perfeiçaõ. E quanto à copia de palavras já diſſe como eſta conſtava aſſi de nomes, como de verbos. Nos verbos he couſa notoria, que todas as lingoas vulgares ficaõ inferiores à Latina, porque as mais dellas naõ tem voz paſſiva, nem participios do futuro, que reſpondaõ á *Amaturus*, e à *Amandus*: e aſſi meſmo lhe falta a mòr parte dos comparativos. Iſto he geral nas tres lingoas vulgares, Italiana, Franceſa, e Heſpanhola. Porem a noſſa participa menos deſte defeito, porque a voz paſſiva ſupre baſtantiſſimamente com eſtes pro-

no-

(*) *Luſiad. Canto I.*

nomes, *Me*, *te*, *ſe*: *Nós*, *vós*, *ſe*: e por *Appellor*, *Appellaris*, dizemos, Chamome, Chamaſte, &c. e por *Moveor*, Movome: e por *Veſtior*, viſtome; a qual paſſiva ſe acha que diz bem em todos os verbos, cuja acçaõ póde ſer moralmente exercitada pela meſma peſſoa, de quem ſe diz, como em parte o notáraõ Duarte Nunes, e Amaro de Roboredo. Além da qual paſſiva temos a outra ordinaria, ſuprida com o verbo Suſtantivo, e Supino, que tem as outras lingoas, dos quaes ſuprimentos os Latinos igualmente ſe aproveitaõ nos tempos Perfeitos, e Pluſquaõ Perfeitos paſſivos, e dos que delles ſe formaõ. Temos além diſto o Infinitivo (que alguns chamaõ nome verbal) que na noſſa lingua ſe conjuga por todas as peſſoas, e declina por todos os caſos, o que os Latinos ſó fazem pelo ſentido da Oraçaõ, mas naõ por terminaçõés variadas, como o moſtra largamente Priſciano, e Franciſco Sanches na ſua Minerva; onde prova, que o infinitivo tem a meſma força de nome, e que ſe declina por todos os caſos, na fórma já dita. Eſta noſſa con-

conjugaçaõ, e declinaçaõ do infinitivo naõ tem os Italianos, nem Franceſes, como tambem notou Amaro do Reboredo. Levamos mais a ellas lingoas outra ventagem, que he, termos o futuro do conjuntivo. Como eu *For*, ou como eu *Amar*, que lhe a ellas falta em todos os verbos, e aſſi dizem ſómente, quando eu *Serei*. Quando eu *Amarei*. Carecem tambem os Franceſes de todos os Superlativos, que nós temos com grande abundancia: de maneira que por *Chriſtianiſſimo*, dizem: *Tres Chriſtãos*. E por: *Boniſſimo*, *Tres bom*. Porém na copia das palavras, e verbos proprios, naõ cede a noſſa lingoa Portugueſa, nem á Latina, nem a nenhuma vulgar, porque he riquiſſima delles. A copia de noſſa lingoa, ſe vè por quatro demonſtrações. A primeira nos muitos verbos, que ſignificaõ huma ſó acçaõ. A ſegunda no numero dos nomes que ha para huma meſma couſa. A terceira na multidaõ de vocabulos que naſcem de huma ſó palavra. A quarta dos muitos termos, que a lingoa Portugueſa tem de verbos, e nomes, que explicaõ particulares couſas, e acções,

que

que em nenhuma outra lingoa nem por palavras proprias, nem por circumloquios ſe podem declarar. Dos Verbos ſeja exemplo eſta acçaõ, de reduzir hum livro a menor leitura, que dizemos por ſete verbos, que ſaõ: (*) *Abreviar*, *Recopilar*, *Reſumir*, *Epilogar*, *Epitomar*, *Compendiar*, *e Encurtar*. E os Latinos tem ſó: *abbreviare*, e o mais dizem por fraſes. E nem por eſtes noſſos verbos ſerem dirivados de nomes Latinos, ſe podem chamar tembem Latinos, pois os Latinos naõ averbàraõ eſtes nomes. E os Portugueſes ſim. Dos nomes ſeja demonſtraçaõ o nome, (**) *Adagio* que he o meſmo que, *Proverbio*; *Rifaõ*, *Exemplo*, *Sentença*, *Ditado*, *e Anexim*. Dos quaes vocabulos os Latinos naõ tem neſte ſentido mais de dous, ou tres. O terceiro exemplo de naſcerem muitos vocabulos de hum ſó nome moſtrou já largamente Duarte Nunez na ſua Origem da lingoa Portugueſa *c.* 20, e ſe vê bem nos que ſe dirivaõ deſta palavra, *Pedra*, de que os

(*) *Copia de verbos*, *Portugueſes*. (2) *Copia de nomes Portugueſes*.

os Latinos naõ tem mais de seis, e nòs quinze, que saõ: (*) *Pedra*, *Pedreiro*, *Pedreira*, *Pederneira*, *Pedrinha*, *Pedraria*, *Pedral*, *Pedrogaõ*, *Pedrado*, *Empedrar*, *Desempedrar*, *Apedrejar*, *Pedrada*, *Pedroso*, *Pedregoso*, *Pedranceira*, *Pedrouço*, *Pedregulho*. He esta abundancia de dirivações causa de grande propriedade na lingoa, e o contrario de defeito nella, como sevè na Castelhana, que como jà notou Pero de Magalhaens no seu dialogo de Petronio, dizendo, (**) *Ojos*, naõ diz *Ojar*, senaõ, *Mirar*: e dizendo, *Mirar*, naõ chama aos olhos, *Miros*, no que se conhece notoria impropriedade. Da quarta e ultima demonstraçaõ das palavras que se naõ achaõ nas outras lingoas, senaõ sò na Portuguesa, seja exemplo, *Aderencia*, *Agazalhar*, *Alvoroço*, *Atinar*, *Bonina*, *Enxergar*, *Emcampar*, *Encarar*, *Geito*, *Insar*, *Lembrança*, *Magoar*, *Mavioso*, *Praguejar*, *Pairo*, *Pairar*, *Primor*, *Tomar-se* de alguma cousa, *Mano*, *Saudade*, *Sofrego*, e outros muitos que deixamos de

(*) *Copia de dirivações.* (**) *Palavras Portuguesas, que se naõ achaõ n'outra lingoa.*

de trazer: por naõ eſtender eſte Diſcurſo mais, e por que o fazemos particularmente em huma copia de palavras Portuguefas, onde ſe vè por extenſo a abundancia de vocabulos, e excelentes modos de fallar de que he dotada, e enriquicida a noſſa lingoa com muita ventagem de outras. E porque naõ pareça que eſte conceito he ſómente meu, ou achado de novo, trarei huma authoridade que o confirma de hum Autor, aſſaz conhecido por douto nas linguas, e eloquencia; que foi o Biſpo de Leiria Dom Antonio Pinheiro eruditiſſimo Comentador de Quintiliano, o qual traduzindo em Portuguez o Panegirico de Plinió a Trajano (que he huma das Orações mais ornadas de figuras Rethoricas, e das flores da eloquencia de toda a antiguidade) diz aſſi na Dedicatoria fallando com ElReyD Joaõ III.(*) *Alem deſte ſubſtancial preceito, trabalhei nas horas furtadas de vinte dias que paſſàraõ des que levei a V. A. o tratado ſobre os Pſalmos, atégora, por enfraquecer a falſa, e vaã opiniaõ, que da noſſa lingoa con-*

(*) *O original eſtá na livraria da Cartuxa de Evora.*

*conceberaõ muitos, tachando-a de pobre, naõ copioſa, dura, e naõ ornada; injuriando-a de barbara, e groſſeira, a gravando-a com a gabarem em trovas leves, em comparações, e apudaduras de homens com abatimento de ſua peſſoa, gracioſos. E pois eu pela criaçaõ em terras eſtranhas, e naõ muita liçaõ de noſſos Authores, de tal maneira pas em noſſo commum fallar, eſtillo taõ ſutil, taõ baſto de figuras, taõ eſpeſſo em ſentenças, taõ luzido de bons ditos, taõ diſcreto em aviſos, e fiado taõ delgado; naõ ſómente com ma nunca ver em afronta de neceſſidade, (ſe naõ foi de eſcolher) mas ainda com raſtejar todos os primores do Latim, quanto mais eloquentes devem ſer, e ſaõ, os que uſaõ do mel do Paço, da doçura cortezaõ, e no theſouro de ſuas lembranças tem feitas provizões de palavras em abaſtança &c.*

A pronunciaçaõ perfeita conſiſte no bom ſom das palavras, que ſe fórma do ajuntamento das letras em ſillabas, e das ſillabas em dicções, as quaes na lingua Portugueza ſaõ ſuaves, porque nem tem vehemente aſpirações, nem a aſpere-

reza dos Alemães, nem acabaõ nenhumas finaes em *t*, *f*, *c*, ou, *b*, que saõ letras àsperas, de que usaõ os Francesès, e Latinos; nem menos em, *d*, como tem os Castelhanos em todos os Imperativos do Plurar, como: *Hazed*, *Amad*. E em muitos nomes, como: *Merced*, *Ciudad*. E com ser a lingoa Portugueza em todas as fillabas facil, fica participando de maior gravidade nas palavras, que a Italiana, a qual por acabar todas em vogal, tem huma apparencia pueril. Sómente huma cousa nos podem tachar, que he usarmos frequentemente de diphtongos nos finaes. Porém havemos de considerar, que na nossa lingua ha huns diphtongos communs às outras, e outro nosso particular. Os communs saõ, *ai*, *ae*, *au*, *ei*, *eu*, *oe*, *ou*, *ui*, e estes tiveraõ os Gregos, e Romanos, como mostraõ largamente Francisco Sanches Brocense, e Angelo Policiano; e se hoje senaõ pronunciaõ nesta fórma, he por negligencia dos Modernos, como o prova com muitos exemplos na mesma lingua Portugueza o Brocense, (*) tratando dos Gregos, e se collige da mesma etimologia do nome,

(*) *Minerva c.* 43.

porque diphtongo ſe diſſe de, *Dis* dicçaõ Grega, que quer dizer dous, e: *Ptongos*, que he ſòm: quaſi dizendo, dobrado ſòm de duas vogaes, e naõ de hum ſó, como o moſtra Terenciano neſtes verſos:

*Porro vocalem ſecuta, vim tenet vocalium*
*Et ſonos utroſque jungit, unde diphtongos eas*
*Græcia dicunt magiſtri, quod duæ junctæ ſimul*
*Sillabam ſonant in unam, vique gemina præ-*
*vitæ, &c*

Daqui infere Aldo Manuncio, que os diphtongos ſe pronunciaõ corruptamente ha muitos annos: *Quando quidem, vel hinc colligi poteſt, ætate noſtra, & maiorum abhinc annos octingentos, perperam diphtongos omnes, & pronuntiari, & pronuntiates eſſe &c.* De maneira que eſtes diphtongos que hoje temos na lingoa Portugueſa, ſaõ os meſmos que antigamente pronunciavaõ os Gregos, e Latinos, e agora uſaõ os Franceſes. E naõ temos algum taõ proprio, que ſe naõ ache nas outras naçõés, poſto que naõ falta quem affirme o contrario. Sò o diphtongo, *ão*, he proprio noſſo, e o corrompemos do *om*, Francez, e Galego, em que naõ

ha

ha muitos annos acabavaõ as mais das dicçõe que hoje terminamos em, *ão*, por ſe pronunciar eſte diphtongo por, *a*, com mais brandura, e ſuavidade que naõ por, *o*. Donde naõ ficou a lingoa peiorada com eſta mudança, mas antes com notavel melhoria; pelo que he facil de tomar e aprender a todas as naçoes tirando a Caſtelhana. Porque os Franceſes, Ingleſes, Hibernios, Flamengos, Alemães, Cataláes, Valencianos, e Biſcainhos, com tanta facilidade a pronunciaõ, como pòdem teſtemunhar as Cidades de Lisboa, Evora, e Coimbra, onde modernamente muitos Religioſos deſtas naſçoens prègaraõ, e enſinàraõ publicamente na noſſa lingoa vulgar. E a reſaõ de os Caſtelhanos a naõ pronunciarem com facilidade, he, porque onde nòs terminamos as palavras em, *m*, acabaõ elles com, *n*, e taõ familiar lhe he eſta letra, que nas terceiras peſſoas do plurar a uſaõ em todos os tempos dos verbos, como: *Aman*, *Amaban*, &c. E nos nomes a tem frequentemente, como: *Pan*, *Capitan*, e nos participios, *Comparacion*; e nas prepoſiçõe, como: *En*, *Sin*. Eſtas dic-

dições todas nós acabamos em, *m*, ou no noſſo diphtongo: o qual he quaſi como o, *am*, que os Latinos uſaõ nos accuſativos da primeira declinaçaõ, como: *Muſam*, *Famam*, e nas primeiras peſſoas dos pluſquam perfeitos do Indicativo dos verbos, como: *Amaveram*, *Legeram*, e n'outras palavras que acabaõ na meſma terminaçaõ quaes ſaõ, *Coram*, *Quinam*, *Quiſpiam*, &c. E ainda que o noſſo, *am*, e, *m*, dos finaes ſeja menos ſuave que o, *n*, dos Caſtelhanos, ſegundo Quintiliano, (*) que por iſſo o louva aos Gregos; com tudo elle meſmo acode pelo, *m*, dos Latinos dizendo: *Non poſſumus eſſe tam graciales, ſinus fortiores; ſubtilitate vincimur, valeamus pondere &c.* E aſſi podemos dizer, que ſe a noſſa lingoa neſta parte fica menos ſuave, que fica mais grave. E como couſa nella muito notoria lhe daõ eſte honroſo epiteto, Joaõ de Barros, Duarte Nunes, Pero de Magalhães, Jorge de Monte Mayor, Franciſco Rodriguez Lobo, e Lopo da Vega Carpio, e outros; e com tu-

(*) *Lib.* 12. *c.* 10.

tudo eſta natural gravidade naõ he de algum impedimento a noſſa lingoa para deixar de ſe exercitar em qualquer genero de eſcritura, como bem diz Joaõ de Barros: *A lingoagem Portugueſa, que tenha eſta gravidade, naõ perde a força para declarar, mover, deleitar, e exortar, a parte a que ſe inclina em todo o genero de eſcritura, &c.* Iſto naõ ſei ſe ſe pòde aſſi affirmar dos, *nn*, nas finaes da Caſtelhana, pois lhe ſaõ de tanto impedimento para tomar bem as outras lingoas, que atè a Latina corrompem, e as dicçõeſ Latinas que acabaõ em, m. pronunciaõ muitos com, n, e por *Muſam* dizem, *Muſan*, e por *Templum*, *Templun*. Pelo que conſta que a noſſa pronunciaçaõ he facil, e boa, pois a exprimem bem os que bem fallaõ a lingoa Latina, e Franceſa; e àlem diſſo he cauſa de os Portugueſes alcançarem todas as lingoas eſtrangeiras com ſumma facilidade, o que he notorio a todas as gentes, e naõ pudera ſer ſe tiveramos a pronunciaçaõ aſpera, ou groſſeira, como jà deixámos provado na lingoa Hebréa; mas he iſto tanto ao contrario, que Authores graves Caſtelha-

nos, confeſſaõ haver na noſſa pronunciaçaõ, hum ſom ſuave, e deleitoſo aos ouvidos, como o teſtifica o Padre Joaõ de Mariana neſtas palavras: *Extremis Luſitanis peculiaris lingua eſt ex Gallico ſermone & Hiſpano temperata atque confuſa, eoque elegans, audituique grata.* E Miguel de Servantes varaõ eloquentiſſimo (e de quem ſe diſſe que deſcubrio a alteza da lingoa Caſtelhana) fallando das excellencias de Valença, e da boa graça da lingoagem da terra, acreſcenta: *Con quien ſola la Portugueſa puede competir, en ſer dulce, y ſuave.* Mais avante paſſa o inſigne Poeta Lopo da Vega Carpio, pois lhe dà neſta parte ventagem à Latina e Toſcana, como ſe vê na ſua deſcripçaõ da Papada celebre Boſque dos Duques de Brigança, onde introduzindo certas Nynfas, cantando eſtancias em varias lingoas, diz da noſſa, que ſe ſiguio à Latina, e Italiana, eſtes verſos:

*Aſſi cantando fue la Portugueſa,*
*Con celebrado aplauſo larga hiſtoria,*
*A quien por la dulçura que profeſſa*
*Entraubas concedieron la vitoria.*

E porque naõ cuide alguem, que iſto

he

he encarecimento poetico, a meſma opiniaõ teve já antes delle, hum Author grave Italiano.

A brevidade da lingoa ſe collige da copia dos vocabulos, das traduções, e dos modos de falar acomodados a varios ſentidos. Da copia já tratamos acima, e vimos que naõ ſómente era abundante das palavras que reſpondem ás das outras lingoas, mas de outras que as mais naõ alcançaraõ, donde ſe deixa ver com quanta brevidade declarára ſeus conceitos, pois tudo explica por termos proprios, e naõ por circuitos; e quando uſa de frazes he com muita brevidade, o elegancia, como ſe póde ver neſte ramo de cançaõ, onde em ſete regras, ſe deſcrevem tres comparações da Preſa, com todo o ornamento poetico.

*Bem qual onda de mar, na ſêca arêa*
*Se deſfaz n'um momento,*
*Qual leve penſamento,*
*Que os ſentidos de noite ſenborêa,*
*Ou qual a flor, que na manhãa ſe arrêa*
*Toda de eſmalte verde,*
*E logo folha, e graça á tarde perde,*

E quanto às traduçoes claramente ſe moſtra, aſſi nas de verſo que fizeraõ Antonio Ferreira, e Luis de Camõens, como nas de proſa do Biſpo Dom Antonio Pinheiro, e outros, que ſe naõ he mais breve que a Latina, ao menos naõ he mais larga. Admitte além diſſo a noſſa lingoa com grande elegancia, e particular graça as metaphoras, as quaes como ſe pòdem applicar a tantas couſas, fica huma meſma ſentença, ſervindo a muitos ſentidos, como ſe vê nos verſos do noſſo Franciſco de Sà e Miranda, que ſendo paſtorîs ſervem aos Corteſãos, Filoſofos, e Oradores, aplicando-os cada hum á ſua profiſſaõ. O meſmo ſe póde dizer do grande numero de ſentenças, adagios, ditos, e motes, que ſe trazem vulgarmente, onde com ſuma brevidade ſe moſtraõ grandes conceitos. Pelo que com rezaõ louva, em particular a brevidade da noſſa lingoa o Padre Frei Bernardo de Brito (a quem eſte Reino deve muito; e que em algumas de ſuas Obras moſtrou bem o grande voto que teve na eloquencia Portugueſa) o qual na primeira parte de ſua Monarquia (*) diz eſtas pa-

(*) *Prol. da Mon. Luſit. p.* 1.

lavras, fallando contra a quelles que lhe aconſelhavaõ naõ eſcreveſſe em Portugues: *Como eſta opiniaõ era taõ mal fundada, nunca fiz roſto a quem ma perſuadia, vendo que a primeira razaõ me arguia de intereſſeiro, em pertender gaſto da impreſſaõ; e a ſegunda de indigno do nome Portuguez, em ter taõ pouco conhecimento da lingoa propria, que a julgaſſe por inferior á Caſtelhana; ſendo tanto pelo contrario, que naõ ha lingoa em Europa (tomada nos termos que hoje a vemos) mais digna de ſe eſtimar para hiſtoria, que a Portugueſa: pois ella entre as mais he, a que em menos palavras deſcobre móres conceitos, e a que com menos rodëos, e mais graves termos dá no ponto da verdade, &c.*

Porém quando as outras lingoas nos levaſſem ventagem em qualquer das partes, que temos referido, notoria couſa he, que na Ortagrafia nos ficavaõ todas inferiores; porque nenhuma couſa eſcrevemos, que naõ pronunciemos, como o moſtra o noſſo Joaõ de Barros na ſua Grammatica Portugueſa, dizendo: *A primeira e principal regra*

na

*na noſſa Ortografia, he eſcrever todas as dicções com tantas letras, com quantas as pronunciamos, ſem por conſoantes ociosas, como vemos na eſcritura Italiana, e Franceja. E dado que a dicçaõ ſeja Latina, como a derivamos a nós, e perder ſua pureza, logo a devemos eſcrever ao noſſo modo, por ſemelhante exemplo, Ortografia he vocabulo Grego, e os Latinos o eſcrevem deſta maneira atras, e nós o devemos eſcrever com eſtas letras*, Ortografia, *porque com ellas o pronunciamos.* Eſte defeito he muito ordinario nos eſtrangeiros, como jà fica provado dos Franceſes, Italianos, e Alemães, e o confeſſa em parte Quintiliano dos Latinos dizendo: *Quid, quæ ſcribuntur aliter qui enunciantur? Nam & Galus,* C, *litera notatur, quæ inverſa,* Ↄ, *mulierem declarat: quia tam Caias eſſe vocitatas quam Caios, etiam exnuptialibus ſacris apparet. Nec (neus eam literam in prænominis nota accipit, qua ſonat: & Columna, exempta* N, *litera; & Conſules, geminata* S, *litera* Coss. *legimus &c.* E ſendo a lingoa Caſtelhana muito ſuperior á Italia-

liana, e Franceſa, na copia, ſuavidade, brevidade, e aptidaõ para toda a materia; ſó no ler, e eſcrever as letras, lhe introduziraõ os vulgares alguns defeitos, que o meſmo Frei Franciſco de Robles, Author da ſua Ortografia Caſtelhana, lhe notou, como ſaõ entre outros pronunciar todas as dicções eſcritas por *v*, conſoante por, *b*, de maneira, que mudaõ o ſentido, á liçaõ Latina, ſendo por: *Volo Bolo*, e por: *Vivo*, *Bibo*, e por: *Vita*, *Bita*. Além diſto pronunciaõ o, *i*, como, *x*, e por: *Badajoz*, dizem, *Badaxos*, e o, *s*, pronunciaõ por, *z*, dizendo, *Zol*, por, *Sol*, e o, *b*, por, *g*, como: *Huerta*, *Guerta*, e ſobre tudo o, *m*, final de qualquer idioma, exprimem por, *n*, como já apontamos. E ainda que eſtas letras tenhaõ grande affinidade humas com as outras, nem por iſſo ficaõ deſculpados os vulgares que niſto peccaõ como o confeſſa o ſobredito ſeu Author, dizendo: *No por eſſo tiene eſcuſa eſte error, porque ſon letras diverſas; i volo, volas, i volo, vis, quieren dizir, yo buelo: yo quiero, i bolo, no quiere dizir nada, i aſſi de los otros exemplos, &c.*

O meſmo confirma Matheo Alemã na ſua Orthografia Caſtelhana cap. 10. E aſſi com muita razaõ pertendem eſtes Authores tirar eſta corruptella de lingoa taõ perfeita como a ſua. Com tudo a Portugueſa ſe tem conſervado grandemente neſte particular. Porque ſómente lemos o que pronunciamos, como moſtraõ largamente, Joaõ de Barros, e Duarte Nunes nas ſuas Ortografias Portugueſas, onde em particular ſe apontaõ outros muitos erros, que neſta parte tem outros Idiomas.

A capacidade que huma lingoa tem para ſer apta a todos os tres generos de cauſas ſegundo os Rhetoricos, ſe moſtra pelos eſcritos dos Authores que nella ſe vem compoſtos aſſi em proſa, como em verſo, em todos tres eſtilos, Humilde, Meaõ, e Grave, como conſta de Quintiliano, *l.* 12. *c.* 10. e dos mais que trataõ deſta materia; e ainda que na noſſa lingoa naõ ha muitas impreſsões, pela pouca applicaçaõ que os Portugueſes tem a eſtampar ſuas obras: com tudo naõ faltaõ Authores, em que ſe vejaõ eſtes exemplos, e alguns delles taes que com a perfeiçaõ de ſeus eſcritos, ſu-

ſuprem bem a falta do mòr numero delles. E começando pelo eſtillo grave; opiniaõ he de Marco Tullio, *l.* 2. ſer a Hiſtoria o ſugeito mais levantado, e que pede maior eloquencia, e gravidade, que todos os outros argumentos Oratorios: *Videtis ne*, diz elle, *quantum ſit munus Oratoris hiſtoria? haud ſcio, an flumine Orationis, & varietate maximum.* O meſmo affirma em muitos outros lugares. Eſta parte pois, taõ eſtimada da eloquencia ſe vê perfeitamente exercitada em varias hiſtorias compoſtas em noſſo vulgar, de que pudera referir muitas, mas por hora baſtenos tres que ſaõ as de Joaõ de Barros, e os Padres Joaõ de Lucena, e Fr. Luis de Souſa; dos quaes Joaõ de Barros he tido por varaõ conſumado naquelle genero de eſcritura, como moſtrámos na relaçaõ de ſua vida. O meſmo podemos dizer do Padre Joaõ de Lucena, cuja hiſtoria traduziraõ os Italianos, Franceſes, e Caſtelhanos, em ſuas lingoas, e tambem anda já na Latina. E das obras do Padre Fr. Luis ſenaõ podem eſperar menores louvores, que o tempo qualificador dos engenhos lhe concederà brevemente nas

ou-

outras Provincias, como jà lhos tem começado a dar neſte Reino. No eſtillo do meio compuſeraõ os ſeus Dialogos Fr. Heitor Pinto, Franciſco de Moraes, e Jorge Ferreira, que em ſeu tanto naõ ſe prezaõ menos; poſto que os dous ultimos, por ſe naõ imprimirem, naõ ſaõ taõ commus a todos. Que direi do eſtillo humilde, e jocoſo, o qual parece que em nenhuma outra lingoa póde ter a graça, e elegancia, com que Lourenço de Caceres, Fernaõ Cardoſo, e Luis de Camoens compuſeraõ as ſuas cartas, e ſatyras, e outras ſemelhantes obras? As quaes por ſerem infimas na fraſe, naõ ſaõ menos de eſtimar, pois muito mòr efficacia ſe moſtra neſte genero de eſcritura, por ſer quaſi incapaz dos ornamentos da Arte.

Na Poeſia ſe exercitaõ os meſmos eſtillos, como ſe vè em Virgilio no principio de ſua Eneida. E a aptidaõ que a noſſa lingoa tem para os verſos, ſe moſtra bem da facilidade com que os Portugueſes ſe daõ à Poeſia, a qual he taõ natural nelles, que os eſtrangeiros lhe concedem nella a palma, como o refere o Author da Biblio-

the-

theca Hiſpan. *t.* 2. Claſſ. Poetarum, onde diz: *Luſitani in Poetica, ut & in Muſica regnare ſeruntur mira animi propenſione, velut enthuſiaſmo rapti &c.* E ſendo a lingoa Caſtelhana taõ propria para as garridices dos verſos pequenos muitos annos a deixàraõ ſeus naturaes pela noſſa, compondo nella os corteſaõs ſuas coplas, de que ſe vem aſſas de exemplos nos livros antigos, e Gonçallo Argóte tras alguns lib. 3. cap. 148. a que accreſcenta eſtas palavras: *Se alguno penſare por las coplas referidas, que Mancias era Portuguez, eſte advertido que haſta los tiempos d'ElRey D. Henrique el tercero, todas las coplas que ſe hazian comummente, e por la maior parte eran en aquella lengua, &c.* Mas vindo aos particulares exemplos, baſtenos no eſtillo grave o Poema heroico de Luis de Camoens, obra nunca aſſás louvada, como o daõ a entender as muitas traducções, que ſe della fizeraõ, e o juizo que ſobre ella deraõ os milhores Poetas de Europa, de que tratamos em ſeu lugar. A brandura das Eglogas de Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, e Franciſ-

ciſco Rodriguez Lobo, ſaõ de tanta ſuavidade, que o inſigne Poeta Lopo da Vega confeſſa, que os eſcritos de Diogo Bernardes o enſinàraõ a fazer verſos paſtorîs, e os outros naõ cauſaõ menor deleitaçaõ, que he o que neſte genero ſe requere. Porém a tudo excede o eſtillo Comico, que os Antigos chamàraõ Togato, de Franciſco de Sàa de Miranda, que foi o primeiro, que na noſſa lingoa Portugueſa o deſcobrio, com geral admiraçaõ de todos. Porque eſte genero de eſcritura, aſſi como he eſtremo dos outros, aſſi pede eſtremado modo de dizer: por onde os Latinos, que no heroico venceraõ aos Gregos, confeſſaõ de ſi que nunca puderaõ imitar perfeitamente o Comico, como odiz Quintiliano: (*) *Tenuiora hæc, ac preſtiora Græci melius, in eoque vincimur ſolo, & ideo in Comœdiis non contendimus.* E na outra parte fallando do meſmo eſtillo Comico, diz: *Vix levem conſequimur umbram, adeo, ut mihi ſermo ipſe Romanus non recipere videatur illam ſolis conceſſam Ati-*

(*) *Lib.* 10. *c.* 1. *&* *lib.* 12. *c.* 10.

*Aticis venerem &c.* E Celio Rodiginio confirma o meſmo: (*)*Cæterum quæ de Comico lepore, ac venuſtate dicimus, adhuc ad Græcam rationem magis ſpectant &c. Ita eſt in comœdia maximé claudicamus.* Eſta brevidade, graça, e decoro, que os Latinos deſejavaõ, ſe vem taõ praticadas nas Comedias Portugueſas de Franciſco de Sáa, e Antonio Ferreira, e em algumas de Jorge Ferreira, que a juizo de todos os doutos naõ tem ſuperior. Nem he para eſquecer o louvor que ſe deve nas noſſas farças a Gil Vicente, o qual imitando as fabulas Athelanas, que incluîaõ em ſi as repreſentações que chamaõ Planipedias, e Tabernarias, por ſerem dos Infimos da Republica (de que tambem já Ariſtoteles na ſua Poetica faz mençaõ) compôs algumas farças com taõ graciosa eloquencia, que do noſſo Joaõ de Barros he por iſſo mui louvado: e o Meſtre André de Rezende affirma, que ſe como eſcrevêo na noſſa lingoa particular, compuſera na Latina, que he commua a todos, naõ alcançàra menor no-

(*) *Antiq. lect. lib. 6. c. 17.*

nome que Menandro, Plauto, Terencio, como se vê nestes versos de seu Genethiaco do Principe D. Joaõ:

*Cunctorum hinc acta est comœdia plausu,*
*Quam Lusitana Gillo Auctor, & Actor in aula,*
*Egerat ante, dicax, atque inter vera facetus*
*Gillo locis levibus doctus præstingere mores;*
*Qui si non lingua tomponeret omnia vulgi,*
*Et potius latia, non Græcia docta Menandrum*
*Ante suum ferret, nec tam Romana theatra*
*Plautinos ve salcis, lepidi vel scripta Terenti*
*Lactarent; tanto nam Gillo præciret utrisque*
*Quanto illi reliquis inter qui pulpita rore*
*Oblita corycio, digitum mer vere faventem. &c.*

Por estes, e outros exemplos conclue Duarte Nunez de Liaõ (*) hum largo discurso sobre esta materia dizendo: *Naõ ha para que se negue a facilidade, e suavidade da lingoa Portugueſa, que para tudo tem graça, e energia, e he capaz de nella se escreverem todas as materias dignissimamente, assi em proſa, como em verso &c.*

Concluamos logo que se na lingoa Portugueſa se acha tanta conformidade com a Latina, que se póde escrever em verso e proſa pelas mesmas palavras em

(r) *Origem da lingoa Portugueſa c. 22.*

em ambas as lingoas? Se he taõ copioſa que a nenhum genero de Poetas, ou Oradores faltou com ſumma elegancia? Se os meſmos eſtrangeiros lhe confeſſaõ a ſuavidade da pronunciaçaõ? Se eſcreve ſómente o que falla? Se he apta para todo o eſtillo? Que couſa ſe lhe póde deſejar que ella naõ tenha? como diz o noſſo Joaõ de Barros. Ou que parte lhe falta para ſer perfeita? Ou quem ha que contra a razaõ queira contrariar huma couſa taõ manifeſta? Certo que contra eſtes deſcontentadiços podemos exclamar com as palavras de Tullio, dizendo-lhe: *Unde hoc tam inſolens domeſticarum rerum faſtidium? Quando enim aut Oratoribus bonis, aut Poetis ullus Orationis, vel copioſæ, vel elegantis ornatus eſuit? &c.* E com o noſſo Biſpo Dom Antonio Pinheiro condena-los por ingratos á Patria, onde naſceraõ, como elle o faz neſtas palavras, dizendo: *Deſagradecidos Portugueſes, e deſnaturaes ſaõ, os que por deſculparem ſua negligencia, culpaõ a pobreza da lingoa. Bem ſei que ſe na minha eloquencia lançarem prumo, que lhe acharáõ poucas braças,*

*mas*

*mas nunca taõ desleal ſerei á terra que na vida me ſuſtem, e na morte conſigo me ha de abraçar, que por me eſcuſar a acuſe, e por me livrar a condene; mas porque contra eſtes domeſticos inimigos da noſſa lingoa eſcrevi em hum tratado, que fis da eloquencia Portugueſa, colho por ora as vellas, &c.* Grande perda foi para nós naõ ſair á luz eſta obra de taõ erudito varaõ, por que reſultára em grande proveito, e honra de noſſa lingoa; à qual ſó eſta falta lhe podemos dar, que eſtando a Latina, e as outras vulgares taõ chêas de volumes, de Traduções, de Copias, Frazes, Elegancias, e de Theſouros de ſua eloquencia, com que as vemos ornadas de tam ricos atavios, ſò a noſſa eſtà pobre de todo artificio, e ſem mais compoſtura que a fermoſura natural. Porém nem iſto he defeito nella; antes maior grandeſa, pois ſem eſtes affeites compete com a beleza das outras, e vence aos armados delarmada. E ſe eſta verdade naõ eſta atégora conhecida de todos os Portugueſes, cuido certo que he, por naõ ponderarem as rezões que

por

por ſi tem: porém entendo que conſideradas ellas, ninguem haverá que queira obſtinadamente ſuſtentar ſua opiniaõ, contra eſta certeza: e ſer taõ deſconhecido, a ſua Patria, que aborreça o proprio por envejar o alhêo, e conſinta ſermos vencidos no amor da lingoa materna de todas as outras gentes, aſſi barbaras, como politicas, que tanto as ſuas proprias eſtimàraõ. Dos Romanos ſabemos que depois de eſtabelecido o Imperio, ordenàraõ com riguroſas Leis, que todos os Magiſtrados uſaſſem nas provincias eſtranhas de lingoa latina, e naõ deſſem n'outra, repoſta alguma publica. (*) Os Carthaginenſes prohibiraõ, que ninguem aprendeſſe outra lingoa mais que a da Patria. Os Eſcoceſes enſinaõ na ſua as ſciencias, e para iſſo tem traduzido nella todas as Artes, e muitos dos expoſitores dellas. Ulid celebre Miramolim dos Arabes (**) (porque foi o primeiro que tomou Damaſco) mandou que em todos os ſeus Reynos naõ ſe eſcreveſſe mais

G que

(*) *Alexand. ab Alexand. lib. 2. c. 30. Boeth. in Scot.* (**) *Paulus Diaco. lib. 2.*

que na lingoa Arabia. (*) O meſmo públicou por Ley ElRey D. Duarte IV. de Inglaterra, ordenando que as couſas publicas ſe naõ trataſſem, ou eſcreveſſem ſenaõ na lingoa Anglicana. (**) Os Princepes Othomanos tem tanto reſpeito à ſua, que as promeſſas que naõ haõ de cumprir mandaõ dar em lingoa eſtrangeira, e as que haõ de obſervar, na propria. E neſte Reyno ſe vio outro naõ pequeno exemplo em Raix Xarafo Guaſil de Ormús, (***) o qual tendo muita noticia da lingoa Portugueſa, e tratando ſeu livramento diante d'ElRey D. Joaõ III. nunça lhe quiz fallar ſenaõ por interprete, por naõ deixar a lingoa de ſua Patria. ElRey D. Joaõ I. de Caſtella mandou tambem, que nas couſas públicas ſe uſaſſe da lingoa Caſtelhana; donde parece que de entaõ para cá deixàraõ os Caſtelhanos de compôr os verſos na noſſa Portugueſa, e illuſtraraõ mais a ſua. Grande afronta fóra certo para eſte Reyno, ſe contra tantos exemplos, pelo extravagante goſto de poucos mal contentes, ſe

(*) *Polid. lib. 19.* (**) *Bemb. lib. 4. Hiſt. Venet.* (***) *Couto Decad. 6. lib. 1. c. 1.*

ſe entenderá que ſò Portugal deſprezava a lingoa propria; porém naõ he aſſi, antes neſta materia podemos tambem ſer exemplo aos outros todos: pois além das authoridades alegadas de tantos varões noſſos naturaes, inſignes em letras, que em tanta eſtima tem a lingoa Portugueſa, o meſmo Reyno por Decreto commum, pedio nas capitulações do caſamento d'ElRey D. Joaõ I. de Caſtella com a Infanta D. Brites, filha do noſſo Rey D. Fernando que vindo a eſta Provincia a ſervir com aquella, os Reys que nella ſuccedeſſem fariaõ eſcrever todas as couſas do governo público, na lingoa Portugueſa. O proprio ſe alcançou pelos tres Eſtados, quando ElRey D. Manoel fez jurar o Principe D. Miguel ſeu filho por ſucceſſor de Portugal. E ultimamente a meſma mercê nos offereceo, e concedeo ElRey D. Felippe I. quando entrou na ſucceſſaõ deſta Coroa, e á inſtancia das primeiras Cortes, a confirmou em Tomar. Pelo que pois eſta he a opiniaõ de todo Reyno, naõ deve haver nenhum particular que tenha a contraria; porque d'outro modo ficará a parte deſu-

nida de todo, e naõ poderá ſer contado entre os verdadeiros Portugueſes.

# DISCURSO III.

## *COM QUE CONDIÇÕES SEJA Louvavel o exercicio da Caça.*

*A Franciſco de Faria Alcaide mòr de Palmela.*

SENDO o exercicio da caça uſado por recreaçaõ de muitos, com difficuldade ſe póde dar nelle juizo, de maneira, que ſatisfaça a todos; porque, como as leis do goſto ſejaõ taõ poderoſas, que levaõ a pos ſi, e quaſi arraſtaõ o entendimento humano, como já o conſiderou o Poeta Latino, quando diſſe.

— *Trahit ſua quemque voluptas.*

Mal poderá conſentir com liberdade no que ſe diſſer contra a caça, quem tiver poſto ſeu goſto nella. Porém como iſto he obedecer a rogo de quem póde mandar, e ſe eſcreve ſó para ſabios, os quaes por ſerem taes, dominaõ as eſtrellas, e ſómente a razaõ ſua inclinaçaõ natural, tratarei a materia com liber-

berdade; pois faltando-nos que a haõ de julgar, animo apaixonado, naõ poderá deixar de ſer acertada a ſentença.

Caça chamamos vulgarmente aquella Arte, que enſina a prender, e matar as Aves, e animaes da terra. Eſte nome, ſegundo alguns, tomamos de *Caccia* palavra Italiana, derivada do verbo *Cacciare*, que quer dizer lançar fora; porque a caça para que ſe poſſa tomar, he neceſſario as mais das vezes levantala do lugar onde eſtá.

Podemos dividir commodamente a caça em montaria, e voltaria. A montaria tomando largamente o vocabulo (como dizem os Logicos) he a caça, que com cães, e armas mata os animaes do campo, poſto que mais propriamente a montaria he ſó aquella que ſe faz de ordinario contra os animaes ſylveſtres, e ferozes a cavallo, e com armas, e como eſtes animaes por ſerem de ſua natureza mais çafaros, naõ deſcem ao razo, e ſe eſcondem ſempre nos montes por razaõ do lugar, ſe chamou a tal caça montaria.

Della foi inventora, quaſi a meſma natureza, porque vendo os homens em

ſe-

ſeus principios o dano, que dos animaes bravos recebiaõ, e achando-ſe juntamente faltos de mantimentos, e reparos, com que ſe ſuſtentaſſem, e defendeſſem o corpo das injurias do tempo, perſeguiaõ os animaes, para ſua ſegurança, ſuſtentaçaõ, e veſtido, como hoje fazem os mais dos habitadores do novo mundo, e por iſſo diz o Filoſofo, que he eſta caça natural, e juſta, como ſe vê deſtas palavras do 5. capitolo de ſua primeira Politica: *Fera vero (ſub intelligitur, ſunt creata, et ſi non omnia at plurima illorum) propter cibum, & alia alimenta, ut & veſtes, ac cætera inſtrumenta exillis fiant. Si igitur natura nihil nequæ imperfectum facit, nequæ fruſtra, manifeſtum eſt, illa omnia hominum gratia faciſſe naturam. qua propter, & bellica ſecundum naturam quodammodo acquiſitiva erit: nam & venatoria pars illius eſt, qua uti oportet contra beſtias, & contra homines, qui ad parendum nati ſunt, nec volunt parere, quia natura id bellum juſtum exiſtat. &c.*

A voltaria, he caça de aves, que ſe faz com outras de rapina, e della

tem

tem por opiniaõ Ludovico Guiciardino, (*) que naõ foi conhecida dos Antigos; ſenaõ, que depois de inſtituido o Imperio Romano a acháraõ os Flamengos, e que elles foraõ os primeiros, que inventáraõ do mar as aves de rapina a fazelas obedientes, e os que deraõ os preceitos da cítraria, que he a arte com que ellas ſe fazem, e curaõ, e diz, que do Norte levou eſta caça a Italia o Emperador Federico Barbaroxa, e ſe derivou por todas as partes de Europa. A iſto parece, que ajuda em parte Hyeronimo Mercurial, que no *liv. 3. cap. 15.* de ſua Gymnaſtica affirma com Julio Firmico, que no tempo de Conſtantino Magno, ſe começou a uſar da volataria. Porém he taõ antiga eſta caça entre os Arabes; (*) e uſaõ tanto della, e na Perſia, que ſe póde cuidar teve lá outro principio mais antigo, principalmente, quando vemos, que já na ſagrada Eſcritura, parece, ſe faz mençaõ della, na quellas palavras de Baruch. 3: *Vbi ſunt principes gentium qui*

(*) *Guiciar nos Paiz baixos, tit. Bozeth.* (**) *Com. de Alb. c. 9.*

*qui dominantur ſuper beſtias, quæ ſuper terram, qui in avibus cæli ludunt &c.* De ambas eſtas eſpecias da caça, ſaõ varias as opiniões dos Authores, defendendo, e condenando eſte exercicio com diverſas razoes. E começando pelas dos que o louvaõ, aſſaz he notorio quanto a caça foi ſempre prezada dos maiores Principes do mundo, naõ ſò barbaros, mas ainda politicos, ſuſtentando os mais delles grande numero de monteiros, e caçadores, e dando os officios mòres da caça aos principaes ſenhores de ſuas Cortes.

Foi a caça tida dos Antigos por huma ſemelhança, e eſchola de guerra, e aſſi criavaõ nella ſeus filhos para depois virem a ſer bons cavalleiros, robuſtos, esforçados, ſofredores de trabalhos, deſprezadores dos perigos, e das injurias do tempo. Tal foi a criaçaõ de Achiles, Ulyſſes, Diomèdes, e dos Heroes famoſos, que ſe achàraõ na guerra de Troya, ſegundo conta Xenofonte,(*) o qual diz de Cyro: *Exercitationis autem bellicæ gratia eos (ſcilicet nobi-*

(*) *Xenof. devon. c.* 1.

*biles*) *ad venationem, educebat, quos hæc exercere oportere existimabat, hanc ratus, & omnino bellicarum exercitationum optimam, & equestris verissimam.* O proprio se lê de Mitridates Rey do Ponto, e do nosso grande Viriato, conta Plinio, e Floro, que de caçador veio a ser Capitaõ dos Portugeses, defensor de Hespanha, e outro Romulo della. A esta causa atribue Salustio o valor do Jugurta. E o mesmo se tem experimentado em muitos nobres, e Principes de Hespanha. Porque he a caça huma eschola, e verdadeira semelhança da disciplina militar. Porque tem espias, atalayas, ciladas, corridas, ordenar, e repartir gente, duvidas, e conselhos, chegadas incubertas, e finalmente, peleja, e batalha, e sobte tudo vitoria, com a prizaõ, ou morte do inimigo. He tambem a caça louvavel exercicio para a saude, e por isso foi usada daquelles grandes Filosofos, e pais da medicina Chyron, Machaonte, Podalirio, e Esculapis. De Galleno he grandemente louvada portal. Porque se faz, correndo, andando, saltando, atirando, bradando, e com outras semelhantes acções, que

aquen-

aquentaõ o corpo, ſecaõ os ſobejos humores, geraõ por fundos ſonos cozem as cruezas do eſtamago, e daõ particular ſabor aos manjares, como reſpondeo hum Lacedemonio a Dionyſio Syracuſano, o qual ſendo convidado em Eſparta, e dizendo, que naõ achava ſabor em huns guizados, que lhe deraõ de caça, tornou o Lacedemonio, que os achava ſem goſto, porque os naõ caçára aquelle dia.

Serve aſſi meſmo eſte exercicio, para conſervar a caſtidade, e por iſſo os Antigos adoravaõ a Diana, inventora da caça, por deoſa deſta virtude, e Seneca introduz a Hypolito, por caçador caſto, e deſprezador da deſordenada affeiçaõ de Phedra, e Horacio (*) paſſa ſeu effeito até aos caſados, como ſe vê naquelles verſos.

— *Manet ſub love frigido*
*Venator tenera conjugis immemor.*

Donde Ovidio no ſeu de Remedio Amoris, entre outros remedios dá eſte por muito efficaz, dizendo:

*Vel tu venandi ſtudium cole, ſæpe receſſit*
*Ju-*

---

*Hora libr.* 1. *Ode.* 1.

*Jupiter, à Phœbi victa sorore, Venus.*

Moſtra-ſe na caça naõ pequena parte da induſtria humana. Fazendo diſciplinaveis os cães, onças, leões, e outros animaes feros, doutrinado-os de maneira, que tomando a caça, a naõ comem, antes a entregaõ fielmente aos caçadores, e que por lhe obedecer ſe offerecem á morte. E naõ he menor maravilha o domeſticar as aves de rapina, e ſendo taõ agreſtes, acoſtumalas a diverſas relês, e reduzilas com tanta obediencia, que eſquecidas de ſua natural braveza, deixem os boſques, e ſua liberdade, e ſe ſogeitem aos que caçaõ com ellas, indo onde as mandaõ, e tornando-ſe a meter na prizaõ quando as chamaõ, couſa, de que com razaõ ſe admira Plinio, (*) e encarece muitos a Arte, que pode amançar a ferocidade das Aguias, de maneira que ſe caça com ellas, e que tragaõ a preza a ſeus ſenhores, como diz que fazia huma em Seſto.

Deſte exercicio naſceo outro beneficio incomparavel para os homens, que foi

(*) *Lib.* 10. *cap.* 1. & 5.

foi a hiſtoria dos animaes, que Ariſtoteles compôs, em que revelou tantos ſegredos da natureza, tantos remedios, e tantas induſtrias para os mortaes, como ſe neles contém, o que tudo alcançou dos caçadores, e creadores, que lhe Alexendre mandou de cujas relações, e experiencias compôs aquelles excellentes livros.

Por eſtas, e outras boas qualidades eſcrevêraõ da Arte da caça, e ſeus louvores, muitos Varões inſignes, como foraõ Xenofonte, Polux, Opiano, o Emperador Henrique VI., Dom Afonſo II. Rey de Caſtella, e Conde de Folx, Angelo Bargeo, Dom Fradique de Soto-mayor, ſenhor de Alcunchel, e outros Autores de nome.

Porém pela parte contraria, naõ ha teſtemunhos de menor conſideraçaõ, antes graviſſimos em toda a profiſſaõ, e o primeiro ſeja S. Jeronymo, *Diſt.* 86. que diz: *Non invenimus in ſcripturis ſanctis, ſanctum aliquem venatorem.* E aſſi Lamech, Nembrot, Iſmael, e Eſaú, aquem a Sagrada Eſcritura chama robuſtos caçadores, ſaõ por teſtemunho das ſagradas letras condemnados por homens

má-

máos, e facinoroſos, e por taes eraõ tidos antigamente os Thebanos, que tinhaõ a caça por occupaçaõ ordinaria, donde ſahio o proberbio dos Gregos: *Naõ caçaõ ſenaõ os máos*. Faz a caça os homens carniceiros, e deshumanos, e aſſi como mataõ ſem piedade os brutos, o vem a fazer deſpois aos homens, como ſe tem viſto muitas vezes em Heſpanha. Deſtruem os caçadores ſem piedade as ſearas, paſſeando-as a pé, e acavallo com grande eſtrago dellas, e damno dos pobres lavradores. He occaziaõ a caça de fazerem os Principes riguroſas leys contra aquelles, que a mataõ, de modo, que em Sicilia ſe mandou crucificar a hum lavrador por matar hum porco montez, como conta Valerio Maximo, (*) e muitos foraõ juſtiçados por tomar huma perdiz, ou coelho nas coutadas dos Principes.

Fazem-ſe os caçadores com o trato do campo agreſtes, e inimigos da converſaçaõ dos homens, como o dizia a Ama de Phedra a Hypolito. (**)

*Truculentus, & Silveſter, & vitæ inſcius*
*Triſ-*

(*) *Valori lib. 6.* (**) *Senec. in Hyp.*

*Triſtem inventam Venere deſerta colis.*
E como diz o noſſo Poeta. (*)
*Por ſeguir hum féo animal fero*
*Foge da gente, e bella fórma humana.*
Até da propria caça, parece que andaõ fogindo, e quando nella ficaõ, eſtaõ pezados, e malenconicos, ſem falar palavra, porque ſaõ cuſtumados a bradar pellos campos ſem authoridade, nem reſpeito, e finalmente, como diz Claudiano, nem de dia, nem de noite os larga eſte ſeu cuidado. (**)
*Venatur defeſſa toro cum membra reponit,*
*Mens tamen ad ſilvas, & ſua luſtra redit.*
Gaſteſe na caça, o tempo perdidamente, e ſem fruito, ſendo eſte o mais precioſo theſouro, que os homens poſſuem, cuja perda he irreparavel, porque naõ tem recuperaçaõ, e ſendo o homem criado para a contemplaçaõ das couſas divinas, para ajudar a patria, parentes, e amigos, he mui indigno de ſua nobreza, deixar eſtas occupaçoes, e tomar por fim de ſuas acções, e vida andar perſeguindo e enganando hum pequeno animalſinho.

Por

(*) *Luſiad cant.* 8. (**) *Claud. lib.* 3 *inprœf.*

Por eſtas, e outras razões vedaraõ as leys da Igreja aos Clerigos a caça, e o Concilio de Orliens, ſeguindo o parecer de S. Agoſtinho naõ ſòmente prohibio, que naõ caçacem os Clerigos, mas ordenou, que os que o fizeſſem, foſſem privados do Sacerdocio, e que os que naõ tinhaõ chegado a eſta dignidade, naõ podeſſem ſer admitidos a elle, e por as meſmas cauſas foraõ muitos Principes condenados dos eſcriptores, por eſte exercicio ſer occaſiaõ, onde muitas vezes perderaõ a fazenda, a honra, e as vidas. Perde-ſe a fazenda, porque naõ ha renda que ature os exceſſivos gaſtos dos caens, aves, cavallos, e caçadores, com que muitos vem a ſe empenhar, e vender ſeus patrimonios, e cair em miſeravel pobreza: e por iſſo fingiaõ jà os antigos, que Acteon grande caçador foi deſpedaçado de ſeus proprios cães, e elle convertido em féra.

Perde-ſe a honra, porque os homens que tem por vida a caça, moſtraõ, que ſaõ inhabeis para a vida politica, e que por naõ ſaberem converſar com os Doutos, Cortezaõs, trataõ com as feras, gaſ-

gaſtando com ellas o tempo, porque lhe faltaõ partes para o empregar em outra ocupaçaõ honeſta. Donde diz delle Franciſco Petracha: *Ad honeſtum igitur nihil idonei, ſylvas colunt: non vitam ſolitariam acturi, cui nom minus quam politicæ ſe ineptos ſciunt, ſed feris, ac canibus, & volucribus com victuri, quod non facerent niſi illis ſimilitudine aliqua junctí eſſent, qui ſi ex boc voluptatem quandam, ſeu ſolam temporis fugam quærunt; ut cumque ſtulti voti compotes forſan evaſerint.* Por reſpeito da caça, perdeo a reputacaõ, e o Reyno o ultimo Rey dos Moravios. Eſvatacapo, e o Emperador Domiciano, que caçava atè as moſcas, e ao noſſo Rey D. Afonſo IV. chegàraõ a dizar os Conſelheiros em ſeu principio, que os Reys naſceraõ para governar, e naõ para caçar, pelo que deixaſſe a caça, ſenaõ, que buſcariaõ elles outro Rey, que os governaſſe, e finalmente, entre os que ganharaõ gloria, naõ ſe contàraõ nunca os caçadores; porque ſò as virtudes, as Armas, e Letras, fizeraõ illuſtres, e glorioſos os homnes, como diz o Poeta: (*) *Hic*

(*) *Aeneid. lib. 6.*

*Hic manus ob patriam pugnando vulnera paſſi:*
*Quique Sacerdotes caſti, dum vita manebat,*
*Quique pij vates, & Phœbo digna loquuti,*
*Inventas, aut qui vitam excoluere per artes*
*Quique ſui memores alios fecere merendo.*
*Omnibus his niveâ cinguntur tempora vittâ.*

Dos muitos Principes, que perderaõ a vida na caça, ou por occaſiaõ della, eſtaõ as hiſtorias chèas, e deixando os antigos Adonis, Oriam, Sephalo, e Nizias, celebres pelos poetas, baſtem os exemplos do Emperador Iſacio, de Dom Favila Rey de Heſpanha, de Henrique VI. Emperador de Alemanha, de Venceſláo terceiro Rey de Boemia, a quem puderamos ajuntar o do noſſo Rey Dom Dinis, quando eſteve em perigo de odeſpadaçar o Urſo jũnto a Beja ſe lhe naõ ſocorrera milagroſamente S. Luis, Biſpo de Toloſa, como ſe vê da Capella, e pintura, que por iſſo naquelle ſitio lhe dedicou.

Eſtas ſaõ as razões, que ſe offerecem por huma, e outra parte; reſta dizer agora o que ſe deve ſeguir, para o que faremos tres ſuppoſições, a primeira ſeja, que a caça naõ he arte condemnada nas Sagradas Letras; porque ain-

da que os caçadores, que na eſcritura ſe referem, naõ ſejaõ tidos por bons, com tudo naõ ſe ſegue dahi, que a Arte ſeja mâ, aſſi o reſolvem cõmumente os Theologos com S. Thomàs, e o tem o Padre Bento Pereira no capitulo 25. do Geneſ, n. 60. onde diz: *Studium, & exercitium venandi non eſſe malum; nequæ obid culpabilem fuiſſe Eſaú ex ipſa ſcriptura colligi poteſt, quia hoc loco ait, Iſaac valde fuiſſe delectatum venationibus Eſau, atquæ ob eam cauſam præcipue dilexiſſe eum, &c:*

A ſegunda ſuppoſiçaõ he, que a caça ſe faz por dous fins, que ſaõ, ou proveito publico, ou recreaçaõ particular. A caça que ſe faz por proveito publico, ſaõ aquellas montarias, que ſe ordenaõ contra as beſtas feras, como leões, tigres, lobos, e aſſi as que ſe fazem contra outros animaes daninhos, quaes ſaõ rapozas, lebres, e coelhos; porque os animaes bravos, ſalteaõ os homens, e deſtróem os rebanhos, e os outros damnaõ as ſemeadas, e aſſi eſta caça, naõ ſómente he licita, mas neceſſaria, e quaſi natural, como já apontamos do Filoſofo. E pelo valor, que

com

com eſtas feras moſtrou David, he louvado nas Divinas letras, e nas humanas, Cadmo, Theleo, e Hercules, que andou pelo mundo, livrando muitos povos das moleſtias, que padeciaõ deſtas feras como foi.

*O leaõ Clioneo, Harpias duras,*
*O porco de Erimanto, a Idra brava, &c.*

E depois ordenáraõ as meſmas Reſpublicas, que em ſeus tempos faîſſem os povos, e fizeſſem eſtas montarias, de que ſe colheraõ, e colhem ainda hoje grandes fruitos, porque com ellas fizeraõ os Xarifes habitar o Reyno de Tarudante em Africa, que os leões tinhaõ deshabitado, e nos Reynos de Congo, e Angola, ſaem por muitas vezes cada anno exercitos de gente de guerra, e ſeguraõ os caminhos dos tigres; que ſaõ os ordinarios ſalteadores de eſtrada daquellas Provincias. Com as dos urſos ſe extinguiraõ os muitos, que avia em Heſpanha, onde tambem naõ houvera já lobos, ſe ſe cumpriraõ inteiramente as ordenanças, que ſobre iſſo ſaõ feitas. Das rapozas ſe fazem em Alemanha muitas, e já nos Cantares as mandava matar a Eſpoſa, pelo damno das vinhas, dizendo:

*Capite nobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas.* E Plinio conta, que ás Ilhas Baleares mandou o Emperador Auguſto, huma legiaõ de ſocorro, para matar as lebres que as tinhaõ reduzido ao ultimo eſtado; o meſmo fizeraõ por vezes os coelhos na Ilha da Madeira, como conta Joaõ de Barros. (*)

A terceira, e ultima ſuppoſiçaõ ſeja, que a caça que ſe faz por particular recreaçaõ, tambem he licita; porque como o entendimento naõ póde eſtar ſempre em operaçaõ de couſas graves, he neceſſario alivia-lo com algum divertimento, e exercicio corporal, eſte ſe alcança na caça, aſſim com a acçaõ, como com a variedade dos ſucceſſos, que nella acontecem, contendendo huns animaes com outros, em que a ſeu modo ſe vem com grande alegria as agnições, e peripecias das tragedias. Porém para eſta caça de recreaçaõ ſer aprovada, e louvavel, convém, que tenha eſtas condições com que os Politicos, e Medicos a concedem, que ſaõ tres. A primeira, que hade ſer a caça de qualidade,

(*) *Dec.* 1. *l.* 1. *c.* 2. *&* 35.

de, que naõ haja nella manifeſto perigo de vida, nem tal, que naõ adeſtre os caçadores para a guerra. A ſegunda, que naõ ſeja exercicio ordinario, ſenaõ a ſeus tempos devidos. A terceira, que os que a uſarem com maior continuaçaõ naõ paſſem da idade de 25. annos até 30. Pelo primeiro preceito, ſe exclue da caça de recreaçaõ, a caça de animaes bravos, pela qual foi Alexandre muito condemnado, quando ſe pôs a matar hum leaõ, por ſe parecer com Hercules, do qual ouvera de ſer morto. E nas fronteiras de Africa cuſtou ſemelhante recreaçaõ a vida a muitos dos noſſos, que morreraõ deſpedaçados dos leões. Ainda, que o primeiro Conde de Redondo foi grande caçador delles, e matou muitos por ſuas maõs, como ſe vê na Hiſtoria de Arzilla. Mas por evitar ſemelhantes perigos, mandaraõ os noſſos Reys, que os Capitães daquellas fronteiras naõ ſaiſſem mais aos rebates de leaõ.

Portanto reſta ſómente a Volataria e Montaria ordinaria, que ſe faz a pé, e acavallo com cães, e armas. Eſta ſegundo Plataõ, *liv.* 7. he a principal caça, que

que se deve uzar por recreação, como o mostra por muitas razões na sua Republica, as quaes resolve com estas palavras: *Solum itaque terrestrium venatio, captura vè, Athletis nostris reliqua est, atque harum, quæ dormientia animalia peculiari vocabulo nocturna vocata; persequitur segnibus convenit, nullamque meretur laudem, sicuti nec illa, que laborum intermissiones habens rebus, & laqueis, non laborioſi animi victoria ferarum robur, evincere conatur. Unde solam optimam esse relinquitur, in qua homines quadrupedia equis, canibus, & propriis corporibus venantur, aues omnes superant illi, qui fortitudinis divinæ possessionem curantes, propriis manibus currendo, feriendo, & jaculando venationi operam navat, &c.*

Pela segunda condiçaõ naõ ha de ser a caça exercicio ordinario, assi por naõ mostrar o caçador, que he inhabil para a vida politica (como ja dissemos) como por ser muito prejudicial á saude e por tanto a defende rigurozamente Hieronimo Mercurial na sua Arte gymnastiça, ou dos exercicios, onde depois de

de dizer o damno, que traz em ſer continuo o exercicio da caça advirto, que naõ ſerá, nem no rigor das calmas, nem no dos frios, e lhe poem outras muitas condições, que ultimamente reſume neſtas palavras: (*) *Quicumque enim ſuarum virium aeris, temporis, quantitatis, loci, & moderationem aliquam habere volut, multa profectò eorum malorum vitare poſſunt, quibus caſu ſe ſe exercentes ſubjiciuntur, eo magis quod venatio illud præcipuum in ſe habet, quod nulla alia exercitatio in eum modum obtinuiſſe apparet; ut ſcilicet totum fere diem non raro ſibi requirat. Unde aut venatores inter exercendum cibum capere, & à cibo magnos labores aggredi coguntur, quo valetudini nihil pernicioſſus eſſe poteſt, aut totam diem jeluant, quod tametſi fortaſſe minus offendat, neque tamen ipſum noxa penitus caret, quando præter conſuetudinem illud efficitur, nec non poſtea adhuc præfame exſaturantur, ut ventriculum in concoquendo mirum in modum fatigent, ſicque, & cruditates, & alia in numera mala ſubeant.* O

(*) *Merc. l. 6. Gymn. c. 13.*

O terceiro preceito da idade, e partes do caçador, aponta Xenofonte (*) brevemente, dizendo: *Cum igitur pueris excesserint primum venandi studium obire oportet, deinde aliarum artium &c.* E pouco depois: *Oportet rei venatoriæ studiosum ætate annorum circiter viginti esse, statura fere agilem, & validum, animo vero patientem, ut laboris victor re ipsa lætetur.* Por onde o mesmo Author, diz do seu Cyro, *l.* 1., em quem quiz dar hum exemplo de perfeito Principe: *In adolescentiæ flore venandi maximo desiderio tenebatur, & in pugnando adversus belluas pericula nulla fugiebat.*

Como este exercicio requeira tantas forças, e boa disposiçaõ, fica sendo muito prejudicial para os velhos, e para os magros, e fracos de compreiçaõ, ou tocados de qualquer achaque, segundo Hieronimo Mercurial, e os mais Medicos no lugar allegado, e assi naõ convém nem a todos os mancebos: donde o Poeta Latino, que em tudo falou advertiti-

(*) *lib.* 1. *de Venat. c.* 2.

tidamente, chamou aos caçadores; (*)

*—Delecta inventus.*

E para eſtes taes mancebos, convém ſómente a caça por exercicio ordinario; aſſi porque aquella idade he a propria de aprender a deſtreza das armas, como, porque atè entaõ, naõ ſaõ ainda aptos, para avida civîl, e governo da Republica, na qual quando eſtiverem occupados, poderàõ ter outros exercicios mais accommodados para entreter os goſtos, e conſervar a ſaude, como he o fazer mal aos cavallos, a vectaçaõ, ou andar nos coches a ver os prados fora das Cidades, o jogo da pella, exercicio proprio de cortezãos, aos quaes diz o meſmo Galleno, que he de muito mòr proveito, que a caça, como ſe vè no volume que dos louvores deſte jogo eſcrevêo. Porém como naõ ha regra ſem excepçaõ, o que temos dito, naõ tira uſarem da caça os grandes, e governadores da Republica, quando nos dias feriados ſe retiraõ a ſuas caſas do campo, como o fazem os Reys de Hefpanha. E Santo Thomas Opuſculo ſegundo, libvo ſegundo

(*) *Aenid.* 4.

do Capitulo ſexto, approva, e louva eſte exercicio, aos de França, e Inglaterra, porque o uſavaõ com eſta moderaçaõ. Reſumindo finalmente o que eſtá dito, moſtra-ſe ſer a caça hum exercico indeferente, que póde ſer licita, e louvavel recreaçaõ, uſando-a os mancebos nobres para ſe adeſtrarem para aguerra, e fazerem robuſtos, mas naõ por profiſſaõ de vida, nem fòra de ſeus convenientes limites,

*Quos ultra, citraque, nequit conſiſtere rectum.*

# DISCURSO IV.

## *SOBRE A ORIGEM, E GRANDE Antiguidade das veſtes, que ajão por habito Eccleſiaſtico o Clero de Portugal.*

COSTUME foi geral entre todas as gentes differencear-ſe os Eſtados da Republica por trajos e veſtidos proprios de cada hum, pelos quaes eraõ diſtinctos os nobres dos plebêos, os homens publicos dos ordinarios, e os Eccleſiaſticos dos Seculares. De tudo temos largos tiſtimunhos na Sagrada Eſcritura, aſſim no Teſtamento velho, como no Novo. Donde a Igreja Cotholica allumiada pelo Eſpirito Santo, e enſinada pelos Apoſtolos, aſſinalou a cada ordem, e eſtado da Igreja particulares, e deſtintas veſtes, para que os Eccleſiaſticos foſſem entre os outros homens conhecidos por particulares Miniſtros de Deos, e pelo habito, que exteriormente veſtiaõ, ſe viſſem as virtudes, com que interiormenre deviaõ de eſtar ornados. Tiveraõ eſtas veſtes di-

diverſos principios, e como a Igreja ſe eſtendeo por todo o mundo, nas mais das Provincias ſe variaraõ algumas na fórma, ainda que naõ na ſubſtancia. E com tudo os Summos Pontifices, a cujo cargo eſtá o governo da Igreja naõ quiſeraõ nunca obrigar geralmente a todos os Eccleſiaſticos, que ſeguiſſem niſto hum ſó coſtume, naõ ſómente approvando o que os Synodos Provinciaes (*) niſto diſpuzeraõ, mas o que mais he, ordenando aſſim nos Concilios univerſaes. Porque ſendo todos eſtes uſos ſantos, cada hum abundava em ſeu ſentido. E deſta variedade nacia a univerſal fermoſura da Igreja, aquem o Profeta louvava já, vendo-a em eſpirito ornado d'ella. Por tanto he muito juſto, que os Eccleſiaſticos de cada Provincia ſe prezem de conſervar ſeu ſanto, e antigo habito. E ainda que eſta razão ſeja univerſal para com todos, deve particularmente obrigar mais ao Clero de Portugal. Porque as veſtes, que até gora uſa ſaõ quaſi todas derivadas da primitiva Igreja, e chêas de gran-

(*) *Concil Baſ. ſeſſ.* 21. *Concil. Trid. ſeſſ.* 24, *Can.* 6. *De ref.*

grandes myſterios. E para que por falta deſte conhecimento ſenaõ eſtimem em menos, que as de outras Provincias, ſerá bem moſtrarmos ſua origem, e antiguidade, começando primeiro do habito particular dos Conegos, como parte principal do Clero, e depois dizendo dos outros geralmente.

O nome, e inſtituto de Conegos teve principio na Igreja Latina pouco depois do anno de 362 que foi o tempo em que Santo Euſebio Biſpo de Vercelli veio do Oriente, onde andára alguns annos fazendo grandes ſerviços á Igreja. E como em quanto eſteve naquellas partes, teve muita communicação com os Monges que floreciaõ em Egypto, inſtituidos pelo grande Antonio, Eremita, determinou eſte Santo Prelado reformar, o Clero da ſua Igreja (que naquelle tempo eſtava já muito deſcaido de ſeus primeiros principios, como o mais de Italia) introduzindo nelle algumas regras da vida monaſtica, de maneira, que do Clericato, e monaquiſmo ſe fizeſſe huma excellente miſtura. Eſte Santo, e maravilhoſo penſamento poz por obra tanto, que chegou

a Vercelli, perſuadindo aos Clerigos de ſua Igreja Cethedral, a que com effeito tomaſſem do Monaquiſmo, o que lhe pareceo neceſſario para conſervaçaõ do eſtado, e ordem da vida Clerical, como affirma Santo Ambroſio *liv.* 10. *Epiſt.* 82 ao Clero de Vercelli, dizendo, *Hæc primus Occidentes partibus diverſa inter ſe Euſebios ſanctæ memoriæ conjungit ut, & in civitate poſitus inſtituta Monachorum teneret, & Eccleſiam regeret jejunii ſobrietate. Hæc duo in attentione Chriſtianorum devotione præſtantiora eſſe, quis dubitat, Clericorum officia, & Monachorum inſtituta? Iſta ad comitatem, & moralitatem Diſciplina, illa ad abſtinentiam aſſue facta, & pœnitentiam, hæc velut in quodam theatro illa in ſecreto: ſpectatur iſta, illa abſconditur; ut cætera taceam, illud quam ad mirabile, quod in hac ſancta Eccleſia eosdem Monachos inſtituit, quos Clericos, ataque iiſdem penetralibus, Sacerdotalia Officia contineri, quibus, & ſingularis caſtimonia conſervatur, ut eſſet in ipſis viris contemptus rerum, & accuratio levitarum, ut ſi videris Monaſterii lectulos inſtar*

*Ori-*

*Orientalis propoſiti judices, ſi devotiones Cleri perſpexeris, Angelici ordinis obſervatione gaudeas, &c.* Seguiraõ outros muitos Prelados daquelle tempo em Italia o exemplo de Euſebio, aceitando em ſuas peſſoas da regra monaſtica o que lhe pareceo neceſſario, e trazendo ao meſmo modo de vida os Clerigos de ſuas Igrejas Cathedrais, aos quaes por eſta razaõ chamàraõ Canonicos, que he o meſmo, que regulares, por differença dos que naõ viviaõ obrigados áquelle certo modo, e inſtituto de vida, o qual nome tomou a Igreja Latina da Grega juntamente com o novo inſtituto, por quanto *Canon* em Grego, quer dizer *Regra*, e aſſim no Oriente aos Religioſos chamavaõ já dantes *Canonicos*, e até às molheres, que profeſſavaõ vida regular, davaõ o meſmo nome, como ſe vê da Novella ſincoenta e nove de Juſtiniano, e de hum ſermaõ de Saõ Joaõ Chryſoſtomo, em que enſina: *Non decere Canonicas, ideſt, regulares fœminas ut cum viris cohabitent.* E deixando outros lugares e teſtemunhos dos Padres da Igreja Grega, e Latina, baſte-nos a authoridade do Syno-

nodo Colonienſe, parte terceira capitulo quarto o qual anda no tomo quarto dos Concilios, e o confirma com eſtas palavras: *Ut de Canonicis dicamus paucis, reſpondeat eorum vita titulo, reſpondeat nomini, ſint re ipſa, ut nomine Canonici, ideſt regulares, neque enim clam eſt primam eorum originem monaſticæ diſciplinæ fuiſſe &c.* Eſta reformaçaõ paſſou depois de Italia a outras provincias, e ſegundo o Cardeal Baronio, S. Martinho Turonenſe a introduzio primeiro em França, e Santo Agoſtinho em Africa na ſua Sé de Hippone, donde ſe devia communicar a Heſpanha, e foi taõ geral nella a reformaçaõ dos Clerigos das Igrejas Cathedraes, que por ella parece que divide Santo Iſidoro em ſeu tempo o Clero, dizendo. (*) *Duo ſunt genera Clericorum, unum Eccleſiaſticorum ſub regimine Epiſcopali de gentium, alterum Acephalorum, ideſt, ſine capite, qui quem ſequantur, ignorant, &c.* Que he o meſmo, que dizer. Ha dous generos de Clerigos, huns que vivem com ſeus Biſpos em obdiencia, e outros, que ſem re-

(*) *Iſid. de divin. ofi. lib. 2. c. 2.*

regra, ou particular modo de vida, vivem livres, sem estas obrigações. A mesma reformação florecêo em Alemanha, segundo se vê do Concilio de Maguncia, (*) que se celebrou em vida do Emperador Carlo Magno, que diz assim. *In omnibus igitur, quantum humana permittit fragilitas decrevimus ut Canonici Clerici Canonice vivant, observantes Divinæ Scripturæ doctrinam, & documenta Sanctorum Patrum, & nihil sine licentia Episcopi sui, vel magistri eorum positi agere præsumant in unoquoque Episcopatu, & ut simul manducent, & dormiant, &c.*

Além dos Conegos das Igrejas Cathedrais, que em tudo viviaõ governados pelos seus Bispos, foraõ conhecidos na Igreja Occidental outros, que eraõ Monges, e viviaõ na obediencia de seus Priores, ou Abbades, como consta claramente do cap. 21 do mesmo Concilio Maguntino, que se celebrou no anno de 813. e diz assim: *Præcipimus, ut unusquisque Episcopus sciat per singula Monasteria quantos quisquis Abbas Canonicos in suo Monasterio habent, &c.*

(*) *Consil. Magunt. cap. 7.*

Segundo iſto parece claramente, que deſtes Conegos regulares tiverão ſua origem os que ainda hoje ſe conſervaõ com nome de Santo Agoſtinho em Eſpanha, e em outras Provincias fòra della. E que naõ he taõ moderno eſte inſtituto, como quer o Padre Fr. Jeronimo Romano liv. 10 cap. 16. Da ſua Republica Chriſtãa, que lhe dá principio em S. Ruffo Biſpo de Leaõ de França. O qual Santo, ainda, que illuſtrou muito eſta ordem de vida, parece que foi mais, como reformador que naõ, como novo fundador della. Pois conſta de algumas eſcrituras dos conventos deſte Reino, que me communicou o Reverendo Padre D. Marcos da Cruz Conego Regular de S. Vicente de Lisboa, que tratava de eſcrever as couſas daquella Religiaõ, que o ſeu Moſteiro de S. Salvador de Moreira foi fundado no anno de 862. e o S. Salvador de Grijó, no 922., e o de Villaboa, no de 990, e daquelles tempos até gora ſempre foraõ poſſuidos por Conegos regulares de Santo Agoſtinho, o que tudo he muito antes de S. Ruffo, de quem o Padre Fr. Jeronimo confeſ-

essa, que floreceo pelos annos de 1117.

Mas, como quer que seja, ambos estes institutos, assim dos Conegos das Cathedraes, como dos outros Monges que agora chamamos Conegos regulares floreceraõ grandemente em Hespanha de que tambem coube boa parte ao nosso Portugal. E he mui provavel, que de Africa, como já dissemos, passassem cà os Discipulos de Santo Agostinho, quando pelos annos de 430. foraõ lançados daquella Provincia pelos Vandalos. E que assim como S. Gelasio foi a Roma, onde fundou o Mosteiro dos Conegos Regulares na Igreja Lateranense, assim passariaõ outros a Hespanha, pois lhe ficava mais perto, e havia tanta correspondencia entre as Igrejas destas duas provincias. E quando naõ fosse nesta occasiaõ, tambem podia ser depois, com as vindas, e fundações, que S. Donato, e Paulino fizeraõ em Hespanha; posto, que a memoria particular de tudo isto nos falte com a perda das escrituras Ecclesiasticas, que pereceraõ na entrada dos Arabes. Porem he grande final, e demonstraçaõ disto assim ser, ver que tornando depois os

Hefpanhóes a libertar as Cidades Epifcopaes do poder dos Mouros, tornàraõ a erigir naõ fó muitas das Sès Cathedraes debaixo do inftituto regular, mais ainda as Igrejas Colegiadas, de que ha grandes documentos por quaſi toda a Hefpanha, e o dizem os nomes de Abbadias, e Priorados, que ainda taõ geralmente nella ſe conſervaõ. Taõ metido tinhaõ no coraçaõ eſte ſanto modo de vida, que nella florecêraõ. E deixando para outros o que niſto paſſou nas mais Provincias, ſabemos, que em Portugal nas mais das Sès antigas viveraõ regularmente. Diſto ha muitos teſtemunhos nas Igrejas de Braga, Lisboa, Lamego, ſegundo mo affirmou o Licenciado Gaſpar Alvarez de Louſada, que na Hiſtoria Eccleſiaſtica de Hefpanha he univerſalmente conhecido por huma das peſſoas mais doutas, que hoje temos, e como tal o allegaõ muitos Authores graves. O meſmo parece de Coimbra pois os Religioſos de Santa Cruz tem por certo, que o Arcediago della, D. Tello, fundou aquelle Moſteiro, quando tornando da Caſa Santa com o ſeu Biſpo Mauricio, achou os Conegos re-

*du-*

duzidos à vida ſecular, e naõ lhe ſofrendo o animo ver perder o Santo Inſtituto, que profeſſára, ajuntou conſigo outros Clerigos virtuoſos, que o quiſeraõ ſeguir, e fundou o celebre Convento de Santa Cruz no anno 1131.

A Sè de Viſeu teve tambem ſeu principio em outro Moſteiro de Conegos regrantes, de que era Prior S. Theotonio, o qual naõ querendo aceitar o Biſpado daquella Igreja, que entaõ ultimamente ſe reformou, e paſſou a Santa Cruz, e ficou ſendo primeiro Prelado de Viſeu Odoario outro religioſo do meſmo Convento. Em Evora foi primeiro Biſpo D. Payo Conego Regrante do Moſteiro de Banhos, e conſta pelas Eſcrituras do Cabido, que os Conegos viveraõ com o Biſpo em commum até o anno de 1200. em que ſe fez a diviſaõ das rendas entre o Biſpo, e Cabido. E finalmente da Igreja do Porto, conſta iſto mais claro, como ſe vê do Cathalogo dos ſeus Biſpos p. 2. c. 1. que compoz o Reverendiſſimo Senhor D. Rodrigo da Cunha Prelado della, Obra illuſtre, e digna de ſeu Author, e muito mais de ſer imitada de outros ſemelhantes Pre-

la-

lados. Este grande zelo, e providencia, com que aquelles piissimos Principes procuraraõ restaurar as Igrejas Cathedraes em regular observancia he digno de grande consideraçaõ. Porque entendendo bem quanto a condiçaõ humana seja inclinada a descair da virtude, quiseraõ dar-lhe principio em huma grande perfeiçaõ, para que quando pelo tempo adiante degenerassem, ficassem ainda em competente estado. O qual exemplo fora mui justo, que se seguira nas novas Sés que modernamente plantamos em Asia, Africa, America, e Ilhas do mar Occeano, applicando-as a algumas relegiões observantes. Porque se nas Provincias onde a Christandade estava fundada havia tantos seculos, em poucos annos se mudou a vida regular dos Conegos em taõ differente estado, que podemos esperar daquelles, que começaraõ já nestes, e noutros mais relaxados principios.

Foi este modo de vida commum descaindo nos Conegos, pouco a pouco até se relaxar na maior parte; assi, porque as forças do espirito envelhecem mais depressa nos homens, que as do corpo,

co-

como por pedir eſte modo de vida huma virtude altiſſima, e mui conſtante, por ter o Monaquiſmo muitas couſas encontradas com o Clericato, ſegundo teſtefica S. Gregorio, que depois de experimentar bem ambos, diz na carta, que eſcreve ao Biſpo, e Clero de Ravena: *Nemo enim poteſt, & Eccleſiaſticis obſequiis deſervire, & in Monaſtica regula ordinate perſiſtere, ut ipſe Monaſterii deſtrictionem teneat, qui quotidie in miniſteris Eccleſiaſtico cogitur permanere, &c.* Por eſtas razões ſe foi desfazendo a clauſura, e aquella maneira de viver em commum, que os Conegos tinhaõ; porém inda aſſi naõ lhe pode o tempo roubar de todo o nome de Conegos, ou Regulares, e muitas couſas outras da ordem Monaſtica: porque o ſeu governo ainda conſiſte em communidade com Eſtatutos particulares, os quaes para ſerem guardados, como convêm, tem o Biſpo obrigaçaõ de os fazer pôr em devida obſervancia. Tem os reditos Eccleſiaſticos em commum, de que ſe mantem, e ſe dividem por peſſoas eleitas. Tem em Eſpanha a cór do habito de que uſaõ, que he negra;

tem

tem as Murças, e as capas do Côro por commum habito canonical, e até os edificios das meſmas Sés conſervaõ ainda as clauſtras, o que tudo ſe tomou dos Monges, como logo veremos.

Conſta do Sermaõ 50. de Diverſis, de Santo Agoſtinho, (*) em que deu a regra de vida commum aos ſeus Conegos, que o habito que traziaõ, era o Birro, e Tunica de linho: como bem o notou Baronio tom. 2. anno 261. §. 42. e os que eſcrevêraõ a vida do meſmo Santo modernamente, como o Padre Fr. Luiz dos Anjos, e Fr. Jeronymo Romano, que o trazem de muitos Authores. Era o Birro veſte commum a todos os Sacerdotes, e Biſpos daquelle tempo, como ſe vê de Paladio in laut. cap. 51. e de Venancio Fortunato, e Gaſſiano: mas naõ ſe chamava *Birro*, ſimpleſmente, ſenaõ *Lacernum Birrum*, ſegundo parece dos actos do martyrio de S. Cypriano. Porque onde Paulo Diacono diz *Expoliavit ſe Birro, & tradidit carnificibus &c.* Diz o Author daquelles actos: *Exvit ſe Lacernum Birrum, quem indutus erat, &c.* E outros

(*) *Murça.*

tros actos do meſmo Santo: *Et ita idem Cyprianus in agrum ſexti perductus eſt, & ibi ſe Lacerno Birro expoliavit.* De maneira, que o Birro, e Lacerna era tudo huma couſa. Para o que he de ſaber, que Lacerna foi hum habito, que os Romanos uſáraõ de feltro curto, que cobria a parte do corpo, que ha dos hombros até a cintura, como agora fazem as capas dos feltros, ou as eſclavinas dos peregrinos. Uſavaõ os Antigos deſta Lacerna nos caminhos. E diz Lazaro Baifo capit. 16. que ſe chamava Lacerna: *Quaſi Lacerna, quod capite minus ſit.* E de Cicero, Plinio, e Feſto Pompéo, confirma eſta verdade Baronio anno 261. §. 40. Por onde Venancio Fortunato tratando de S. Germano Biſpo de Pariz, quando viſitou a El-Rei Clotario, lhe chama com razaõ Palliolo, ou capinha, dizendo delRei: *Alambit ſancti viri palliolum.* Eſta Lacerna, ou Lacernum (que de ambos os modos ſe acha eſcrito) tomou o nome *Birrum*, que ſegundo Feſto ſignificava antigamente entre os Latinos côr vermelha, e ſe derivou de *Pirrohon*, *ideſt purpureum*, como o toca eruditamente

ó Padre Fr. Luiz dos Anjos, porque as lacernas eraõ ordinariamente deſta côr vermelha (poſto que tambem as havia de outras côres) e aſſi lhe vieraõ a chamar Birros tomando a côr pela veſte. Eſta meſma *Lacerna*, ou *Birro*, que como vemos era huma murça ſem capelo, ou cogulla, foi commua a todo o Clero, e affirmaõ alguns Authores, que a tomaraõ por habito os Eccleſiaſticos da primitiva Igreja, porque ſendo o meſmo que capa de caminho, ſignificavaõ com ella que deviaõ uſar das couſas deſte mundo ſó como peregrinos, e paſſageiros confeſſando com ella aquillo do Apoſtolo: *Non habemus hic civitatem permanentem, ſed futuram inquirimus.* Conſta ſer eſte o trajo entaõ commum dos Clerigos além dos Autores allegados pelo Concilio Gangrenſe onde cap. 12. ſe diz: *Si quis virorum propter continentiam, quæ putatur, amictu pallii utitur, quaſi per hoc habeat ſe juſtitiam credens, & deſpicit eos, qui cum reverentia Birris, & aliis communibus veſtibus, & ſolitis utuntur, anathema-ſit, &c.* O meſmo ſe vê de Caſſiano quan-

quando fallando de certas capas, que traziaõ os Monges do Egypto, diz: *Et ita planeticarum, atque Birrorum pretia simul, & ambitionem declinant.*

Este Birro, ou murça (*) sem capelo he ainda hoje commua a todos os Clerigos de Portugal, que a querem trazer posto que muito mais se usa nos Beneficiados das Cathedraes, que naõ saõ Conegos, e particularmente na Sé de Evora, e só se differença esta murça das murças dos Conegos, em as dos Conegos terem Capêlo, como tem as dos Bispos, e Cardeaes: o qual capelo parece sem duvida a cogula monacal, que os Conegos lhe acrecentáraõ, quando aceitáraõ o Monaquismo. Provase isto claramente por duas razões evidentes. A primeira, porque o Capêlo, ou Cogulla he só insignia de Monges, e propria sua. A segunda, porque ainda hoje só os Clerigos, que forão Monges, que saõ os Bispos, e os das Cathedraes, e os regulares as trazem com Capelo, e os mais sem elle.

Ser a Cogulla propria insignia dos Mon-

(*) *Inst. monast. lib. 1. c. 7.*

Monges, e antiquiſſima nelles, ſe vê de muitos Authores, e em particular de Niceforo Calixto lib. 9. cap. 11. Sozomeno lib. 3. cap. 13. S. Jeronymo in vitis Patrum lib. 3. cap. 15. e finalmente de Caſſiano lib. 1. cap. 4. o qual diz, que neſta veſte quizeraõ os Monges moſtrar a innocencia de vida, e caſtidade, que profeſſavaõ tomando-a dos mininos, e donzellas, que entaõ a traziaõ no Egypto, como ainda agora a trazem em Caſtella em terra de Valledolid, e Medina do campo, onde os meninos de pequena idade, e as donzellas uſaõ eſtes capellos, ou capirotes, e os deixaõ quando caſaõ. As palavras de Caſſiano ſaõ eſtas: *Sunt præterea quædam in ipſo Ægyptiorum habitu non tantum ad curam corporis, quantum ad morum formulam congruentia, quo ſimplicitatis, & innocentiæ obſervantia, etiam in ipſa veſtitus qualitate teneatur. Cucullis namque per parvis, uſque ad cervicis, humerorumque deniſſis confinia, quibus tantum capita contegant, indeſinenter diebus utuntur ac noctibus, ſcilicet, ut innocentiam, & ſimplicitatem parvulorum jugiter cuſtodire, etiam*

*etiam imitatione ipſius velaminis commoneantur qui reverſi ad infantiam Chriſti cunctis horis cum effectu, ac virtute decantant, &c.*

Daqui tomáraõ tambem no Occidente os Monges de S. Bento, e outros, que ſe delles derivaraõ os capellos, e Cogullas, e aſſi meſmo os de S. Agoſtinho, o qual a recebeo dos Monges, que vio em Italia, que parece tiveraõ ſeu principio da boa vinda de Santo Athanaſio a Roma, que ſuccedeo no anno de Chriſto de 340. a cuja imitaçaõ fez depois em Africa hum Moſteiro junto a Hippone em huma horta que para eſta obra lhe deu Valerio Biſpo Hiponenſe. E ſendo Biſpo, ſeguio as pizadas de Euſebio Vercellenſe na reformaçaõ do Clero, fazendo na ſua Epiſcopal hum Colegio dos Clerigos da ſua Igreja, com os quaes ſe recolheo ordenando-lhes hum religioſo Inſtituto, miſturado do Clero, e do Monaquiſmo, e para que no traje ſe viſſe que ſeguiaõ a vida Monaſtica lhe acrecentou aos Birros (que até entaõ eraõ ſem Capello) a Cogulla, ou Capello Monacal com que agora os trazem os Conegos das Cathedraes, e os outros

tros que chamamos regulares, a que elle tambem deu principio.

Paſſou eſte habito a Italia, onde já hoje o naõ uſaõ mais que os Cardeaes, e os Conegos Regrantes, como nota o Cardeal Ceſar Baronio no lugar allegado, e nem aos Biſpos de Italia o concede o novo Ceremonial Romano, ſenaõ em ſuas proprias Provincias, como ſe vê do livro 1. cap. 1. Porém em França, parece commum aos Conegos ſegundo Lazaro Baifo cap. 16. neſtas palavras: *Sacerdotes, qui Canonici dicuntur, lacernis nigris ornatur, ut cucullo, cum in ædis chóro ſedentario Divinos Davidis verſus alternis ultro citroquæ vicibus decantant: tempore vero æſtivo utuntur amictu pelliceo, quem ab amiciendo opinor vulgo aumuciam vocant. Quin etiam videntur lacernæ eſſe ea, quibus Cardinales Romæ obequitando triumphatium more utuntur, Sacerdotii, ut ita dicam, Dibaphicilas adepti cum cucullo, &c.* O meſmo uſo parece do Concilio Baſilienſe, que houve em Alemanha; ſuas palavras ſaõ eſtas, fallando dos Clerigos das Igrejas Cathedraes ſeſſ. 21. *Horas Canonicas di-*

*dicturi, cum tunica talari, ac superpelliciis mundis, ultra tibias longis, vel cappis, juxta temporum, ac regionum diversitatem Ecclesias ingrediantur, non caputia, sed almucias, vel Birreta tenentes in capite &c.*

Porém neste Reino se conserva mais que em nenhuma outra parte o uso das murças, porque àlem dos Bispos as trazerem por habito proprio todos os Conegos das Igrejas Cathedraes, e como tal em muitas constituições de Bispados, he prohibido aos outros Clerigos, principalmente no Arcebispado de Evora; e na Sé de Braga, manda hum Estatuto do Côro, (*) que sem murça naõ possaõ os Conegos ser contados ás horas. E modernamente em Lisboa as forraraõ os Conegos de vermelho, para com esta differença ficar o dito habito Canonical mais distinto das outras murças dos Quartanarios, ainda que as dos Quartanarios saõ sem capellos. Esta he a origem das murças dos Conegos, o qual nome tomáraõ, deixando o de Birros, e Lacernas, segundo parece a Lazaro Bai-

(*) *Estatuto do Regimento do Côro, cap. 2.*

Baixo, pela razaõ que na sua authoridade referida aponta.

Além da Murça, trazem tambem os Conegos outra Veste por habito Canonical, chamada Capa de Coro, a qual he commum aos Bispos, e Conegos: della se faz mençaõ no Ceremonial Romano lib. 1. c. 3. onde manda que vaõ com ella vestidos os Bispos quando fórem admitidos no lugar do Consistorio em Roma, e que nas suas Igrejas assistaõ com ella aos Officios Divinos. E na Sé de Evora ha huma declaraçaõ da Congregaçaõ dos Ritos, que ordena se naõ faça Ceremonia alguma ao Bispo na Igreja, assistindo sem capa. A mesma capa dá o Ceremonial por habito aos Conegos em certos tempos do anno, como no Advento, e Quaresma, e outros segundo o particular uso que cada Igreja nisso observa. Esta Veste tomáraõ os Bispos, e Conegos do Monaquismo, como o affirma o Padre Fr. Jeronymo Romano (ainda que erradamente lhe chama Birro) e D. Bernardo de Sandoval Mestre Escola da Sé de Toledo no seu Tratado do Officio Divino p. 5. c. 1. e se vê claramente da mesma fórma dos Capel-

pellos dellas, que he propria dos Monges de S. Bento, e dos forros de pelles, que neilas ſe uſaraõ ſempre em muitas partes, de que já falla Caſſiano, e o Ceremonial Romano ainda agora faz menção. Por iſſo ſe permittem ainda hoje eſtas capas de chamalote, que ſe tece dos pelos de camelos, ou de cabras, e aſſi parece, que ſe trazem em lugar das capas de pelles, que ſobre as mais veſtiduras traziaõ os Monges do Egypto, os quaes as tomaraõ já dos primeiros inſtituidores de vida Eremitica, de quem o Apoſtolo diz: *Circuierunt in me lotis, & pellibus caprinis.* Aſſi o confeſſa Coſſiano liv. 1. cap. 8. *Ultimus eſt habitus eorum pellis caprina.* E mais abaixo: *Qui tamen habitus pellis caprinæ ſignificat mortificata omni petulantia carnalium paſſionum debere eos in ſumma virtutum gravitate conſiſtere, nec quidquam pitulcum, vel calidum juventutis ac mobilitatis antiquæ in eorum corpore reſidere &c.*

Deſtas capas de córo parece, que tiveraõ origem os Pluviaes, a quem chamamos ordinariamente capas de Aſperges, porque nos capellos, e feiçaõ ſe

parecem com ellas, e como taes manda o Ceremonial Romano, que nos Pontificaes dos Bispos só os Conegos as vistaõ, e assistaõ com ellas no côro, como habito canonical, naõ concedido aos outros Beneficiados.

A côr de ambas estas vestes murça, e capa de côro he negra, (*) e por ella se vê claramente, além do que temos dito, serem Monachaes. Porque a côr negra era antigamente propria das vestes dos Monges, e naõ dos Clerigos, como consta de S. Jeronymo, que dando regra a Nepociono, como se havia de haver no Clericato, lhe diz: *Vestes pullas devita, atque candidas.* Quasi dizendo, que fugisse á hipocresia das vestes negras, e a louçainha das brancas, por serem as negras só dos Monges, e que professavaõ vida penitente; porquanto foi costume dos Orientaes, e particularmente dos de Palestina, vestirem-se de negro, os que se confessavaõ por réos, e pediaõ misericordia, como o traz Baronio, de Josepho anno Christi. 34. §. 81. E como esta era

a

(*) *Côr negra do habito Canonical.*

a profiſſaõ dos Monges, ſegundo affirma S. Jeronymo ad Ruſticum : *Monachus non Doctoris, ſed plangentis habet Officium.* Todos os Monges mais antigos tomáraõ eſta côr, como foraõ os de S. Antaõ, S. Baſilio, S. Agoſtinho, e S. Bento, e por ſe differençarem delles os outros Relegioſos que depois vieraõ, mudaraõ, e tomáraõ outras cores, e particularmente o branco por contrapoſiçaõ, como ſe vê nas Religiões, que ſahiraõ das de S. Bento, qual he a da, Camaldula, Valumbroſa, Ciſter, &c. e depois á imitaçaõ deſtas uſaraõ do habito branco, os Cartuxos, Dominicos, e outros, que fora largo referir.

Ambas eſtas veſtes murça, e capa de córo uſaõ os Conegos ſobre Sobrepellizes, ou Tunicas lineas, como lhe chama S. Agoſtinho, e alguns dos Padres antigos, ás quaes deraõ depois nome de *ſuperpellicium*, ou Sobrepellizes, ſegundo Guilhelmo Durando lib. 3. c. 1. por ſerem antigamente eſtas as ultimas veſtiduras, que ſe lançavaõ ſobre outras de pelles, que entaõ o Clero trazia *Dictum eſt ſuper pellicium*,

diz elle: *eo quod antiquitus ſuper tunicas pellicias de pellibus mortuorum animalium factas induebatur, quod adhuc in quibuſdam Eccleſiis obſervatur, &c.*

A fórma em que ſe uſaõ as ſobrepellizes nas Igrejas, he varia, ſegundo as Provincias; porém a que tem as noſſas ſobrepellizes de Portugal, que he ſer huma veſte como hum capuz, comprida, ſem mangas, e que igualmente dece dos hombros, por todas as partes até os pés, he da maior antiguidade da Igreja. Porque ou eſtas noſſas ſobrepellizes de Portugal ſaõ as meſmas planetas antigas com que ſe dezia Miſſa, ou he manifeſto que as planetas naõ differiaõ na fórma dellas em couſa alguma, ſenaõ foſſe na materia. Que ſejaõ as planetas, caſullas, ou veſtimentas, com que na primittiva Igreja ſe dizia Miſſa, e ainda muito perto de noſſos tempos, da meſma fórma das noſſas ſobrepellizes, o confeſſaõ muitos Authores graves, e expreſſamente ſe confirma, naõ ſó com exemplos das caſullas com que em muitas partes ſe pinta S. Pedro, e os outros Apoſtolos, mas

o que mais he com algumas, que ainda ſe conſervaõ daquelle primeiro tempo, e particularmente com a que Noſſa Senhora deu a S. Illefonſo, da qual diz aſſi o Padre Franciſco Porto Carreiro da companhia de Jeſus na vida deſte Santo, cap. 31. quando trata das reliquias que ſe acháraõ na arca dellas, que eſtá em Oviedo: *La ultima fue la caſulla, que ſe hallo en el rincon de la dicha arca, en una caxita pequeña con ſu titulo, y abierta ſe allo la dicha caſulla embuelta en tres lienços, la qual era de un delicadiſſimo ſendal, ſin coſtura, ni textura, ſu color turquezada de color de cielo, ſu hechura de fórma de un capuz Portuguez ſin Capilla, &c.* Do meſmo modo ſaõ as caſullas de S. Rozendo, de quem Morales fallando do Moſteiro de Conegos regrantes de Caveiro, (*) que eſte Santo fundou, diz o ſeguinte: *Alli mueſtran una caſulla mui antigua, y de eſtraña hechura, es de la propria forma de un capuz ſin capilla, y anſi era meneſter, que le alçaſſen al Sacer-*

(*) *Moralles lib. 16. c. 36.*

*cerdote, quando eſtava veſtido, lo que le cahia ſobre los braços y ſe lo embibieſſen por de dentro, o quedaſſe por de fuera, como quando alçan los lados del capuz. Alli dizen fue aquella caſulla de los Apoſtoles. Mas yo tengo por cierto ſer aquella dada alli por Jant Ruzendo, y que era de la forma ordinaria de las caſulas de aquel tiempo, pues otra que muestran en el Monaſterio de Cella nova, con que el ſanto dizia Miſſa, es del todo ſemejante a aquella.*

A meſma fórma ſe confirma deſtas palavras do liv. 3. cap. 9. Da Miſſa, de Hugo de Sancto Victore: *Caſula autem talia ſignificat opera, quæ in itinere obſervari non poſſunt: ſignificat enim per latitudinem ſuam, charitatis amplitudinem, hæc autem exigitur & in loquendo, propter quod collo circundatur, & in operando, quia ſuper utrumque brachium replicatur, & in cogitando, quoniam pectus inde tegitur, &c.*

O Padre Fr. Jeronymo Romano lib. 4. cap. 20. de ſua República Criſtãa, affirma o meſmo do ſeu tempo: *De-*

*la*

*la casula*, diz elle, *atreverme yo a dizer, que tuvo principio delo que llamamos capuzes Portugvezes. La razon que tengo, es que se mira en las casullas de Italia, y de Francia, hallaran que emanaron de los capuzes, porque van muy tendidos por los hombros y, porque para alçar la Hostia y Caliz, embaraçan y ni pueden menear los braços, en acabando de dizir el Sacerdote Sanctus, el que ayuda ala Missa, le pone sobre los hombros todo aquello que se estende por los hombros abaxo, para que mas desembaraçadamente pueda alçar la Hostia, Caliz, de manera, que como qua usan nuestros Españoles alçar los capuzes sobre el hombro para desembaraçar el braço, y mano, assi lo hazem con la casulla los Sacerdotes en Italia, y Francia; y anssi aquel alçar la consello por de traz, quando el Sacerdote alça, no es ceremonia, mas necessidade para que el Sacerdote haga mas desembaraçadamente los signos, y pueda alçar el Caliz y Hostia: nos otros hemos polido mas aquel ornamiento, y ellos tambien lo van puliendo cada dia, &c.*

Fi-

Finalmente o muito erudito Padre Henrique Henriques confeſſa eſta verdade mais claramente que todos p. 2. lib. 9. De Miſſa. cap. 29. neſtas palavras: *Caſullam, ſeu planetam, quæ erat ut ſuperpellicium rotundum, ſine manicis, cujus limbus ſuper brachia projectus circuibat totum corpus.* E logo na Gloſa diz. *Planeta dicitur á Plane, ſcilicet, errore quaſi errabunda veſtis, ea forma antiqua fiunt apud Luzitanos ſuperpellicia, & capatia, ſine manicis, ad honorem.*

O outro ponto da caſulla ſer o meſmo que a ſobrepelliz agora, parece, que conſta do lugar referido de Caſſiano lib. 1. cap. 7. em que dá o uſo da planeta por univerſal ao Clero, como a dos Birros. E de Amalario Fortunato Arcebiſpo de Treveris, que confeſſa que a caſulla pertence a todos os Clerigos, como hoje a ſobrepelliz, o que naõ diſſéra, ſe fora ſó dos Sacerdotes: Suas palavras ſaõ eſtas, lib. 2. cap. 19. *De Eccleſiaſtico Officio: Caſulla vero, quæ pertinet generaliter ad omnes Clericos debet ſignificare opera quæ pertineant ad omnes, hæc enim*

*ſunt*

*sunt fames, sitis, vigiliæ, nuditas, lectio, psalmodia, oratio, labor operandi, doctrina, silentium, & cætera hujusmodi, &c.* Comprovaſe mais eſta opiniaõ; porque as veſtimentas, com que ſe dizia Miſſa na primittiva Igreja eraõ de linho, como ainda ſe uſa em parte na Igreja Grega. E poucos annos ha que com ellas celebravaõ os Sacerdotes dos Chriſtãos de S. Thomé no Oriente, como o afirma Fr. Antonio de Gouvea Biſpo de Syrene lib. 1. c. 3. da jornada da Serra do Arcebiſpo de Goa. Pelo que ſendo a noſſa ſobrepelliz da meſma fórma das caſullas da primittiva Igreja, ou ſendo ella em todo, he mui digna de veneraçaõ, e que todos os Prelados deſte Reino pretendaõ conſerva-la na meſma fórma em que atégora a uſaraõ em ſuas Igrejas, e naõ conſintaõ, que ſe acabe em Portugal eſta taõ ſanta, e veneranda antiguidade.

Aſſi como o Clero naõ fez mudança na caſulla, ou ſobrepelliz, aſſi a naõ fez em outras inſignias do Sacerdocio, e Ordens Sacras, pela grande excellencia deſtes gráos. Pelo que conſervou o

mo-

modo da tonſura da cabeça, e barba; a qual ſe coſtumou ſempre na Igreja Romana, e teve principio ſegundo Amalario Fortunato de officio Eccleſiaſtico lib. 4. c. 39. do Apoſtolo S. Pedro, que a uſou, em memoria da paixaõ de Chriſto noſſo Senhor, ſignificando nella a ſua Coroa de Eſpinhos. E Germano Biſpo Conſtantino diz, que S. Pedro foi pelos Gentios rapado em Roma dos cabellos da barba, couſa de inſigne afronta naquelles tempos, a qual depois foi havida por taõ honrada na Igreja em ſua lembrança, que por iſſo a uſaraõ, e uſaõ os Clerigos por todo o Occidente, como o nota largamente Baronio no primeiro tomo de ſeus Annaes anno 58. onde traz huma Epiſtola de S. Gregorio VII. a Jacobo Biſpo Calaritano em que lhe diz que conſtranja aos Clerigos a que cortem as barbas, por ſer eſte coſtume des do principio da Igreja, e o Cardeal Bellarmino lib. 2. De Monachis, cap. 4.: controv. 5. refere muitas authoridades de Padres antigos, porque conſta o coſtume da tonſura, e o Concilio Carthaginenſe can. 44. manda. *Quod Clerici nequæ comma enu-*

*enutriant, nequæ barbam.* E o Can. *cap. Clericus* 3. *De vita & honeſtate Clericorum*, onde ſe lê: *Os Clerigos, que criaõ o cabello, & barba, ſejaõ troſquiados, ainda, que ſeja contra ſuas vontades pelos Arcediagos*: O qual texto he do Papa Alexandre III. ao Arcebiſpo Canturienſe. Bem ſei, que Pierio Valeriano pretende moſtrar, que eſtes textos ſe lem corruptamente, e que ſó falaõ do cabello da cabeça, e naõ da barba. E proſegue eſta materia prolixamente em huma larga declamaçaõ, que fez em favor das barbas dos Sacerdotes. Porém claramente ſe vê, que a correcçaõ, e emenda, que elle dá a eſtes textos, naõ he boa, pois naõ foi admitida nas muitas impreſsões, que depois ſe fizeraõ dos textos dos Canones, nos quaes ſe emendaraõ outras muitas palavras que por negligencia dos eſcreventes tinhaõ entrado nos textos. Além do que ſe moſtra pelo uſo antiquiſſimo, que até o ſeu tempo ſe tinha obſervado na meſma Italia, França, e Heſpanha, onde os textos mandavaõ, que a barba ſe cortaſſe, pois o tal coſtume ſe obſervou com a tonſura da Cabeça,

o que naõ fora, ſe o texto mandára o contrario: pelo que devemos entender, que aquella declamaçaõ mais quiz fazer o goſto a quem lha mandou fazer, que ſentir, e ter por verdadeiro, o que dizia, pois aprovando o criar as barbas, elle a trouxe ſempre rapada, como ainda hoje ſe vê dos ſeus retratos, que andaõ em ſuas obras. E quando eſtas razões naõ houvéra, baſtava-nos a authoridade do Santo Cardeal Carlos Borromeo, o qual deſejando reſtituir, e conſervar no ſeu Clero os antigos, e ſantos coſtumes da primittiva Igreja ſendo já Arcebiſpo de Milaõ, e trazendo até aquelle tempo barba comprida: elle a cortou, e a fez cortar aos Clerigos de ſua obediencia, e ſobre iſſo lhes eſcrevêo huma excellente Epiſtola exhortatoria, em que os perſuade a conſervar eſte antigo coſtume, com taes palavras, e razões, que bem parecem ſaídas do animo de taõ Santo Prelado. Anda eſta Epiſtola na 3. parte dos ſeus Actos da Igreja de Milaõ, na qual ainda que ſe naõ alleguem as authoridades de Pierio, he aſſaz mais authorizada, aſſi por ſe fundar no coſtume antigo

go, e Canones da Igreja, como por seu Author, que por sua santidade, e dignidade naõ sómente fica excedendo notoriamente a Pierio na pessoa, mas ainda no exemplo, pois o Santo depois de trazer muitos annos barba a cortou, tendo por melhor a tonsura della. E Pierio louvando o uso das barbas, naõ o seguio. Porém nem por isso se deve condemnar o costume dos que usaõ as barbas, porque cada hum deve guardar o da sua Provincia, como o diz o Cardeal Bellarmino no lugar allegado: *Nec tamen propterea reprehendimus usum hujus temporis, quo Clerici, & monachi raduntur: nam nec unquam fuit prohibitum radi, & propterea hujusmodi ceremoniæ pro temporum, & locorum diversitate variari possunt.* E o Cardeal Baronio anno 58. de Christo. *Sed de his pene jam contrarius irrepsit usus, nec constans habetur ubique ritus, cum alii tondant, radant alii, alii rursus barbam promittant absque jactura fidei, unusquisquis abundans in sensu suo.* Com tudo podemonos prezar muito de nesse Reino se guardar ainda inteiramente este costume. E porque

que nos de Caſtella começava ja haver alguma alteraçaõ nelle, ordenou agora o Senhor Cardeal Infante D. Fernando Abbade de Alcobaça, e Prior do Crato neſte Reino, e perpetuo Adminiſtrador do Arcebiſpado de Toledo, no Synodo que mandou fazer na meſma Cidade, no anno de 1620. em que preſidio em ſeu nome o Doutor Alvaro de Vilhegas Conego Magiſtral daquella Santa Igreja, & ſeu coadminiſtrador, que o coſtume da tonſura da barba, ſe guardaſſe inteiramente, como ſe vê deſtas palavras lib. 3. conſt. *Fue inſtituido, que los Clerigos elegidos para ſervicio de Dios truxeſſen coronas en ſus cabeças, y habito decente, y differente de los ſeglares: porque por ello fueſſen conocidos por Miniſtros de Dios. Por lo qual los Pontifices, y Emperadores los decoravan com grandes privilegios, y exempciones en ſus perſonas, y bienes: de que ſó viſtos hazerſe indignos, y negar ſu profeſſion, quando las tales perſonas encubren, y dexam de tener ſu habito Eccleſiaſtico, conveniente a ſu meniſterio, y nos queriendo proveer de remedio àcerca de lo uſo dicho, y*

lo

*lo que conviene a ſu vida, y honeſtidad S. S. A. declaramos, y ordenamos, que los Clerigos de Ordem ſacra, y Beneficiados de qualquier beneficio traygan la corona abierta, y la raſura de los Presbiteros, ſe a del tamaño del circulo mayor, que aqui mandamos poner, y de los Diaconos, y Subdiaconos, ſea del tamaño del ſegundo circulo, y delos de menores y de corona ſe a del tamaño del tercero circulo menor, que aqui vá ſeñalado, y que traigam el cabello cortado igualmente, y llano, y la barba hecha baxa, pareja redonda, ſin punta, ni vigote? &c.*

He tambem o Barrete, veſte commua a todos os Clerigos. Faz-ſe menção delle, como de veſte Eccleſiaſtica no cap. 2. do Ritual Romano. §. 2. e no Ceremonial lib. 1. c. 18. quando manda, que o tragaõ os Biſpos debaxo da Mitra, e por impoſiçaõ do barrete ſe daõ as collações dos beneficios Eccleſiaſticos. Os Antigos lhe chamaraõ *Pileus*, ou *Birretum*. O nome de Pileus, diz Lazaro Baifo, lhe deraõ, porque ſe fazia de Pelos, ou porque cobria os da cabeça, como ſe vê do cap. 20. neſtas pa-

palavras. *Pileus, quod & pileum dicitur (ut quidam putant) vel quodex pilis fieri soleret, vel quod pilos capitis, tegeret.* O nome de *Birretum*, lhe veio de *Birro* (que he o meſmo que *Lacerna*) como já vimos. E porque o Birreto era do meſmo panno, e cór do Birro, e ſervia de cobrir a cabeça, lhe chamaraõ diminutivamente *Birretum*. Moſtra-ſe iſto claro de hum lugar de Marcial lib. 14. Epigram. 132. onde debaixo do titulo de Pileus, diz aſſim:

*Si poſſem totas cuperem miſiſſe Lacernas,*
*Nunc tantum capiti munera mitto tuo.*

Antiquiſſimo foi o uſo do Pileo, como o moſtra Lazaro Baifo de muitos lugares de Plutarco, Eſtrabo, e outros Authores. E Pierio Valeriano nos ſeus Hieroglyficos lib. 40. trata delle largamente, e diz que o coſtumáraõ os Gregos, e os Latinos, e affirma, que era proprio trajo dos nobres, e dos livres, que naõ reconheciaõ ſenhorio de Reis *Is apud graecos*, diz elle, *nobilitati indicium fuit, hique ea de cauſa ulyſſis capat pileatum fieri ſolitum autumant, quod magna, ſcilicet, ab utroque*

*que parente nobilitas illi obtigiſſet, &c.* E pouco depois. *Quod vero Caſtorum quoque capita pileata pingerentur, nihil aliut ſibi velle tradunt, niſi ut inditio eſſet eos fuiſſe Lacones, hos vero pileatos pugnaremos fuit, quod indomitum animum adverſus barbaros Reges, & tyrannos ſignificatione libertatis oſtentarent. Quique aliquot ab hinc annis Venetias confugerunt Græci, extorres à Turca facti, nobilitatem ſuam, & ingenuam libertatem unanimiter pilei illius ſui geſtatione profitentur, &c.*

Em confirmaçaõ de o pileo ſignificar liberdade, traz o meſmo Pierio muitas medalhas antiguas, onde ſe vê impreſſo juntamente com a palavra *libertas*, e Alciato fez hum emblema de huma que ſe acha de Bruto, e Caſſio, quando com a morte de Ceſar tornáraõ a introduzir a liberdade da patria, em que eſtá huma eſpada, e hum barrete para moſtrar que com ella alcançáraõ a liberdade. por eſta razaõ uſaraõ os Perſas, e as outras Nações Orientaes do barrete nos ſeus Principes, e Sacerdotes; por quanto os Sacerdotes

antigos, nos trajos sempre se igualárão com os Principes. E os Flamines a quem Numa Pompilio fez semelhantes nas vestes aos Reis de Roma, traziáo tambem o Pileo, como o mostra Pierio no lugar allegado. Esta foi a causa segundo parece, porque se deu tambem aos Pontifices, e Sacerdotes no testamento velho de quem, segundo muitos Authores, o tomáraõ os Sacerdotes da lei da graça.

A fórma deste barrete foi em todas as partes até nossos tempos redonda, e naõ quadrada, como consta de todas as estatuas, e pinturas de Italia, França, Alemanha, e Espanha, e se vê das palavras de S. Jeronymo, ad Fabiolam: *Quartum genus est vestimenti rotundum pileolum, quale pictum in ulisseo conspicimus quasi sphæra media sit divisa, ut pars altera ponatur in capite, hoc Græci, & nostri tyarum, non nulli galerum vocant Hebræi Misnephit: non habet acumen in summo, &c.* E logo diz abaixo: *His quatuor vestimentis, idest, fœminalibus tunica linea, cingulo, & pileo, de quo nunc diximus, tam Sacerdotes quam Pontifices utuntur.* E

mais

mais expreſamente de S. Iſidoro *Pileus eſt ex byſſo rotundus, quaſi ſphæra media caput tegens Sacerdotale.* E Guilhelmo Durando no ſeu Racional lib. 3. cap. *De indumentis legalibus*, diz que a Tyara commum dos Sacerdotes era: *Quaſi formam rotundi caſſidis repræſentans.* O meſmo confeſſa Pierio no lugar allegado, dizendo: *Antiqua vero forma pilei eſt, quam Lucianus in Dypſade deſcribit. Dimidiem quippe corticis alicuius ovi, &c.* E a nova fórma dos quatro cantos, com que em Italia ſe uſa, he couſa de ſeu tempo como elle refere lib. 40. De Pileo. §. ultimo De fórma pilei onde diz: *Neque tamen neſcius ſum pilea apud Romanos ex lacernis caſis conſui ſolita, quod & apud Papinium, & Martial habetur. Quem morem longo antiquatum tempore, noſtra ætas revocavit, pileoque elegantiſſima ex conjunctis panni fruſtulis quatuor, tam adornatum capitis, quam etiam ad umbræ uſum fecit, non ea tamen ovi ſingula dimidii ſpeciem referentia, ſed quatuor veluti coſtis ad quatuor inſtar mundi cardinum aſſurgentibus diviſa, &c.*

Com tudo os barretes, que os Bispos trazem debaxo da mitra, ainda saõ redondos, como notoriamente se vê, e o aponta o S. Cardeal Carlos Barromeu na supellectile do Bispo. Pelo que os barretes redondos, que ainda usa o Clero de Portugal, saõ os mais antigos da Igreja, e por tanto mui dignos de os conservarem nesta fórma os Ecclesiasticos deste Reino, pois sem ser natural delle, o fez assi o insigne Doutor Martim de Aspilcueta Navarro, que conhecendo a grande antiguidade deste nosso Barrete, o estimou tanto, que nunca mais usou d'outro depois que veio a Portugal, e com elle andou em Roma todo o tempo, que nella viveo ate seu fallecimento.

Loba chamamos outra veste commua a tado o Clero de Portugal, mas mais usada nos Conegos das Cathedrais, principalmente na Sé de Evora: a qual teve sua origem segundo os Padres Fr. Joaõ de Madriaga Cartuxano, e Fr. Jeronymo Romano, das dalmaticas, e ainda hoje parece que tem quasi a mesma fórma, e feitio dellas. Foi a Dalma-

matica commua a todo o Clero, (*) como até noſſos tempos ſe vê na Igreja Oriental da Ethyopia, a que chamamos Preſte Joaõ, e ſe prova dos Actos do martyrio de S. Cypriano: porque onde dizemos ſeus Actos *Tunicam tulit*, *& Diaconis tradit*, diz Paulo Diacono, *Dalmaticam tradit Diaconis &c.* De maneira, que já naquelle tempo traziaõ os Biſpos a dita dalmatica, ou Loba por veſte do ſeu Habito, como ainda agora a trazem em Portugal os Biſpos e Conegos. Porem naõ ſómente foi geral ao Clero a Dalmatica, mas tambem aos Monges: E ſegundo os meſmos Authores era o Colobio de quem Caſſiano faz menção lib. 1. c. 5. o qual em tudo ſe parecia com a Dalmatica, tirando na materia, que era de linho, ainda que depois a uſaraõ do meſmo pano dos ſeus habitos, e della tiveraõ origem os Eſcapularios dos Religioſos. Por eſta razaõ diz o Padre Fr. Joaõ de Madriaga na vida de S. Bruno, que naõ uſaõ na Relegiaõ da Cartuxa de Dalmaticas nas Miſſas ſolemnes: porque

(*) *Repub. Chriſt. lib.* 4. *c.* 4.

que eſtes ſeus meſmos eſcapularios, ou colobios ſaõ as verdadeiras Dalmaticas, da Igreja; e o ſerem abertas, ou cerradas, naõ lhe muda a ſuſtancia: e que aos Frades Leigos da meſma Ordem prohibiraõ os Padres deſta Sagrada Religiaõ trazerem eſtes eſcapularios, por naõ ſerem Miniſtros do Altar, e lhe concederaõ ſómente Cogullas curtas, como inſignia propria de Monges.

O manteo Clerical he o meſmo, que o antigo Pallio uſado dos Philoſophos Gregos, como o moſtra largamente Lazaro Baifo c. 23. e ſe vê de todos os Authores antigos, e era veſte taõ propria ſua, que por ironia diz de hum Aulo Gelio: *Video barbam, & pallium, Philoſophum non video.* Eſte uſo ſe communicou por todas as Provincias de Aſia trazendo-o as peſſoas graves que tratavaõ do deſprezo do mundo, e como tal uſaraõ delle os Apoſtolos. (*) Era o Pallio antigo quadrado, e chegava até o chaõ, atava-ſe no collo com huma fivella, como agora vemos as capas dos Religioſos, e por denotar particular eſ-

(*) *Baron. ann.* 57. §. 95.

eſtado de perfeiçõ, ainda que muitos Chriſtãos uſavaõ delle, naõ eraõ todos, mas ſómente aquelles que profeſſavaõ mais eſtreita vida, como ſe vê no Concilio Gangranſe cap. 12. já referido, que poem excomunhaõ aquelles que uſando dos Pallios deſprezavaõ os que traziaõ os Birros. Eſta veſte chamamos agora Manteo, nome Grego, derivado de Mantyen, que quaſi era o meſmo, que o Pallio, ſegundo Polidoro Virgilio nos ſeus Authores das couſas lib. 3. c. 6. e Lazaro Baifo cap. 16. E daqui parece, que ficou o nome de Mantos, ás capas dos Religioſos, e o de manteletes aos que trazem os Prelados Italianos.

Ao chapeo chamaõ os Latinos Pileus, e Galerus. O nome de Pileus lhe veio, por ter ſeu principio do Pileo, ou barrete, ſegundo quer Pierio Valeriano, o qual no liv. 40. §. Forma pilei, diz: *Variatum autem apud has, & illas nationes ut alii marginem dilatarint, tam pluviis a moliendis, quam ſereno umbris captandis.* E S. Jeronymo no lugar allegado ad Fabiolam, depois de deſcrever o barrete diz: *Hoc noſtri, & Græci tyarum, nonnulli ga-*

*le-*

*lerum vocant*. Porem o Ceremonial lhe chama sempre Pileo, e naõ Galero.

Uſavaõ do chapeo os Antigos nos caminhos sómente, e na Cidade era insignia propria do Pontifice Maximo entre os Romanos, como entre outros o nota Alexandre ab Alexandro lib. 2. c. 8. & lib. 6. c. 12. A ſua antiga fórma era de aba larga, e copa baxa, como hoje trazem os Prelados, e Cardeaes em Roma. Entre os Eccleſiaſticos he trajo antiquiſſimo, e nelle falla o Ceremonial novo Romano lib. 1. cap. 1. e 2. e ordena, que os Biſpos o tragaõ forrado de verde, e com cordões da meſma côr. Pelo que pois he Veſte Eccleſiaſtica ſe deve uſar na meſma fórma antiga, e naõ mudar-lha fazendo o alto de copa, e curto de aba, tirando-lhe os cordões, com que os Eccleſiaſticos vem a ficar ſemelhantes aos ſeculares. Aſſi o ordenou o Senhor Cardeal Infante D. Fernando nas ſuas Conſtituições Synodaes de Toledo, já referidas lib. 3. Conſt. 1. como ſe vê deſtas palavras: *Los ſombreros para quando los devieren, y pudieren uſar, y traer, no ſean boleados, ni como los uſan los le-*

*legos, centillos de fieltro, o de seda, o toquilla, fino con cordon, y con falda larga no menor que seis dedos, y la copa, enproporcion y no puntaguda.*

Este grande zelo, que hoje resplandece no Senhor Cardeal Infante D. Fernando he mui justo, que seja imitado de todos os Prelados de Portugal, pois floreceo tanto em seus antecessores, que nunca permitiraõ aos seus Clerigos alterarem alguma cousa nos costumes Ecclesiasticos antigos. E sendo notados todos os Portuguezes de mudarem com facilidade o trajo, e de serem mais affeiçoados ao estrangeiro, que ao proprio, com tudo a vigilancia, e santo zelo dos Bispos fez permanecer sempre nos Clerigos Portuguezes hum mesmo costume, des da primitiva Igreja até gora, conservando por tantos seculos o habito que receberaõ da Igreja Romana. E naõ basta para se cuidar o contrario, vermos, que ao presente em Italia está alterado em parte, porque do mesmo modo se guardaõ ainda hoje muitas Ceremonias na Igreja de Portugal, que tiveraõ sua origem da Roma, as quaes já se naõ observaõ em

Ita-

Italia: fazendo o tempo niſto ſua mudança como o coſtuma nas outras couſas, ainda que Authores (*) graves daõ o principio deſta alteraçaõ na larga reſidencia, que os Summos Pontifices fizeraõ em Avinhaõ, donde quando tornáraõ a Italia trouxeraõ os Clerigos Romanos alguns coſtumes Franceſes.

Para confirmaçaõ diſto trarei ſómente dous exemplos, com que ſe dará fim a eſte diſcurſo. (**) primeiro ſeja a ceremonia, de ſe levantar o Clero em pé, da Igreja Latina, quando ſe canta o verſo: *Gloria Patri*, o qual coſtume he taõ antigo, que já Caſſiano faz delle mençaõ liv. 2. cap. 8. dizendo: *Illud etiam quod in hac provincia vidimus uno cantantes in clauſula Pſalmi, omnes ſtantes conſinant cum clamore: Gloria Patri, & Filio, & Spiritui Sancto, nuſquam per omnem Orientem audivimus.* Deſte coſtume, como univerſal faz particular menção. S. Boaventura, (***) e

o

(*) *Fr. Bernardo Sandoval. Tratat. de of. divino.* (**) *Obſervancia de Portugal nas ceremonias Romanas.* (***) *S. Boavent. eſp. diſp. c.* 15.

o Concilio Baſiliente ſeſſ. 21. manda que todos o guardem, dizendo: *Cum dicitur: Gloria Patri, & Filio, & Spiritui Santo omnes conſurgant, &c.* Eſta ceremonia taõ ſanta, e pia, ſe guardou ſempre em Portugal com grande obſervancia, e ainda hoje ſe guarda, e pelo contrario em Italia eſtá de todo eſquecida, ſegundo ſe vé do Ceremonial Romano.

O ſegundo exemplo ſejaõ os nomes dos Dias da Semana, os quaes começando já no tempo dos Apoſtolos a chamar-ſe Domingo, Segunda, Terça, Quarta, Quinta, Sexta feira, e Sabbado, ſegundo prova largamente Baronio anno 58. de Chriſto, §. 86. até 90. com muitos lugares dos primeiros Padres da Igreja, depois S. Sylveſtre mandou por hum decreto univerſal, que aſſi foſſem nomeados por todos os Catholicos. Eſte decreto, e coſtume ſe guarda ainda em Portugal ſómente, e naõ nas mais provincias de Europa, onde tirando os nomes do domingo, e Sabbado, nos outros dias uſaõ ainda, com grande indecencia, dos nomes Gentilicos: do que com razaõ ſe doe Polido

ro-

ro Virgilio, e diz, que he couſa vergonhoſa naõ ſe obſervar eſte preceito entre todos os Chriſtãos, para que os falſos Deoſes dos Gentios naõ tenhaõ ainda entre nós taõ honroſa, e aſſinalada lembrança, como ſe vê deſtas palavras lib. 6. c. 5. : *Multo ante Sylveſtrem, aut Conſtantinum Pius Pontifex conſtituiſſe perhibetur, (ſicut infra demonſtrabitur) Paſcham Dominico die celebrari, & Tertullianus cum dicit Dominicum appellat, ut proximo capite docuimus. Quare iſtud inſtitutum, forte id temporis minus ſervatum, Sylveſter per hunc modum innovaſſe dicitur. Cæterum hæc dierum ratio nunc tantum in rebus divinis habetur, cum vix Dominico die, cum Sabbato ſuum tenent locum (& id credo permittentibus Sole, & Saturno) reliqui priſtinum nomen recuperaverint, unde profecto pudendum eſt, ſimulque dolendum quod non ante hac data ſint iſtis diebus Chriſtiana nomina, ne Dii gentium inter nos tam memorabile monumentum haberent, &c.*

Deſtes exemplos fica claro, como os coſtumes, e ceremonias que em Portu-

tugal ſe uſaõ, foraõ tomadas da Igreja Romana ainda que ao preſente haja em Roma, e Italia outro coſtume. E com quanto maior razaõ condena Polidoro Virgilio as outras provincias por naõ guardarem eſte preceito do Santo Pontifice Sylveſtre, tanto fica ſendo mais digno de louvor o noſſo Portugal na ſingular obſervancia, com que depois de tantos ſeculos conſerva ainda os antigos preceitos, e Canones da Igreja, aſſi nas ceremonias como no habito Clerical, o qual, quando de nós naõ fora muito eſtimado, por ter taõ ſantos principios, baſtava ſó ſer eſte o coſtume geral do Reino, para ſe naõ alterar. Deixo já, que toda a novidade dos trajos traz conſigo pela maior parte huma certa eſpecie de louçainha, a qual he taõ alheia dos que ſervem na caſa de Deos, como propria daquelles que habitaõ os paços dos Principes, ſegundo o meſmo Senhor no Evangelho affirma: *Qui molliter veſtiuntur in domibus Regum ſunt.* Por onde he muito juſto, que todos os Eccleſiaſticos ſigaõ aquellas divinas regras, que o veneravel Abbade Caſſiano lhe dá neſta materia

teria, dizendo: que o seu vestido ha de ser tal que cubraõ com honestidade o corpo, e naõ com vaidade, e taõ pouco affinalado pelas cores, e novidade do feitio, como pela demasiada vileza, e desprezo, e que naõ fuja menos á imitaçaõ dos trajos seculares que a singularidade dos mesmos Ecclesiasticos, porque tudo o que entre os servos de Deos se pretende introduzir, naõ por decreto comum, mas por opiniaõ de hum, ou de poucos, mais tras especies de vaidade, que de vertude, e que por tanto só aquelles costumes se devem de ter por mais louvaveis nos Ecclesiasticos, que trazendo seu principio dos primeiros Padres da Igreja; se guardaraõ depois por seus successores até nossos tempos, como se póde ver mais largamente nestas palavras l. 1. c. 3. *Opperimenta quæ corpus operiant tantum, non quæ amictus gloriæ blandiantur: ita valia, ut nulla coloris, vel habitus novitate inter cæteris hujus præpositi viros habeantur insignia: ita studiosis accurationibus altera, ut nullis rursum sint affectatis per injurias sordibus decalo-*

ra-

*rata Poſtremó ſic ab hujus ſmundi ſeparentur ornatu, ut cultui ſervorum Dei in omnibus comunia perſeverent. Quidquid enim inter famulos Dei præſumitur ab uno, vel paucis, nec catholicæ per omne corpus fraternitatis tenetur, aut ſuperfluum, aut elatum eſt, & ob id noxium judicandum eſt, magiſque ſpeciem vanitatis quam virtutis oſtentans. Et id circo hac quæ nec a veteribus ſanctis qui hujus profeſſionis fundamenta jecerunt, neque a patribus noſtri temporis qui eorum per ſucceſſiones inſtituta, nunc uſque cuſtodiunt, tradita videmus exempla, ut ſuperflua, & inutilia nos quoque reſecare conveniet.*

FINIS.

VI-

# VIDA
## DE
# JOAÕ DE BARROS.

NA Republica de Athenas ( que entre os antigos foi a primeira que enſinou a honrar com premios públicos as virtudes excellentes dos Cidadaens ( naõ ſe via levantado maior numero de eſtatuas aos Capitaens, que aos Eſcritores; antes eraõ eſtes tanto mais galardoados, que ſó a Demetrio Phalereu, diſcipulo de Teofraſto, dedicaraõ mais de 300. em ſeu louvor: e muito mór cuidado pozeraõ em eſcrever as vidas dos ſeus Filoſofos, e Oradores, que as dos Principes, e Capitaens da meſma Republica. Moviaõ-ſe, parece, os Athenienſes, a premiar taõ largamente o trabalho da eſcritura, naõ ſó por elle ſer eſpiritual, e o da milicia corporal pela maior parte, mas por ainda neſta parte lhe levarem os eſcritores muita vantagem; porque na milicia naõ

póde hum Capitaõ alcançar victoria sem o valor dos soldados, a quem deve grande parte de sua gloria: mas os Escriptores acabaõ naõ menores emprezas na composiçaõ de suas obras, sem se valerem nellas mais que de seu trabalho, e valor proprio. E do mesmo modo, na milicia trabalhaõ muitos pella conservaçaõ de hum só Principe, ou Governador, que muitas vezes he hum tyranno da Republica; e na escritura hum só trabalha pela conservaçaõ de todos, e faz com ella viver na lembrança dos homens, aquelles, que pela patria entregaraõ liberalmente as vidas, e conservando a memoria das cousas passadas, dá regras para acertar nas futuras. Porém como este bom costume de Athenas tem cessado ha muitos annos, vemos agora isto pelo contrario, sendo muitos os que escrevem historias de Capitaens, e raros os que se occupaõ em nos dar noticia dos que as escrevêraõ, particularmente neste Reyno, onde, ainda que naõ he pequena a falta que temos do conhecimento dos Escritores antigos, he mais para sentir o pouco, que commummente se alcança do nosso grande Joaõ de

Bar-

Barros, trabalhando elle toda a vida por illuſtrar a patria, e deixar de ſeus naturaes glorioſa memoria. Pelo que, por naõ perecer de todo com o tempo, a que delle ainda ſe conſerva, e por ſatisfazer em parte á obrigaçaõ em que todos os Portuguezes lhe eſtamos, direi o que delle pude alcançar, aſſim por informaçoens de peſſoas graves, que delle tinhaõ noticia, como do que elle meſmo de ſi refere em ſeus livros, e de outras eſcrituras, que pertencem a ſuas couſas.

Naſceo Joaõ da Barros pelos annos de mil e quatrocentos, e noventa e ſeis. (*) Sobre o lugar da patria ha varias opinioens; porque como o naſcimento dos bons, ſegundo Santo Ambroſio, ſeja bem comum, pertendem muitos ſer delle participantes. Huns affirmaõ que he de Braga, confundindo (pode ſer) ſeu nome com o do Doutor Joaõ de Barros, Autor da Deſcripçaõ d'entre Douro, e Minho, que della foi natural: outros o fazem de Vizeu, onde ſeu Pai foi morador, e ainda tem parentes; e al-



(*) *Patria de Joaõ de Barros.*

gu[illegible] de Villa Real, e finalmente muitos o tem por natural do Pombal, porque alli teve fua fazenda, e alli fe retirou muitas vezes a huma quinta fua, e eſta eſcolheo por vivenda na ultima velhice, que he o tempo, em que os homens tornaõ com natural deſejo a buſcar a patria, para acabar, parece, o circulo da vida no ponto donde a começaraõ. Seu pai ſe chamou Lopo de Barros, peſſoa nobre, e dos principaes deſta familia, porque era filho de Lopo de Barros, e neto de Alvaro de Barros ſenhor do morgado de Moreira, junto a Braga, que dizem ſer fundador do Moſteiro de Raquim, da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, cujo Avô foi Martim Martins de Barros, hum dos mais antigos fidalgos, que ſe achaõ deſta linhagem, os quaes tomaraõ o appellido do lugar de Barros entre Douro, e Minho, e naquella Comarca poſſuem ainda alguns morgados, e antigamente tiveraõ Lugares com juriſdiçaõ. Deſtes foi hum Nuno Fernandes de Barros, a quem ElRey D. Pedro deo a terra de Perozello, e Gonçalo Nunes de Barros, que por mercê de ElRey D. Joaõ Primeiro foi ſenhor

de

de Caſtro d'Aire, de juro, e herdade. E ainda que eſta linhagem tenha eſtas, e outras ſemelhantes memorias, de que ſe póde gloriar, naõ a honráraõ menos os Varões que nella ſe dedicáraõ ás letras, entre os quaes (álem do noſſo Joaõ de Barros, baſtante por ſeu engenho para illuſtrar muitas familias) ſe deve perpetuo louvor a D. Fr. Braz de Barros (primeiro irmaõ do meſmo Joaõ de Barros) Religioſo que foi de S. Jeronymo, (*) e depois primeiro Biſpo de Leiria, o qual ſendo por ſua virtude, e doutrina, eleito Reformador dos Conegos Regulares de Santa Cruz de Coimbra, alem de reduzir aquella Caſa, e Religiaõ á ſua antiga obſervancia, perſuadio a ElRey D. Joaõ Terceiro, que impetraſſe a deſmembraçaõ das rendas de Santa Cruz para fundaçaõ da inſigne Univerſidade de Coimbra, com que deu occaſiaõ, e principio, a florecerem os naturaes deſte Reino naõ menos nas letras, que nas armas, como o teſtificaõ tantos, e taõ grandes ſujeitos, que deſtas Eſcólas tem ſahido, com cujos

(*) *Chr. de S. Hier. de Cigueng. p. 3. lib. 2. c. 42.*

jos eſcritos naõ ſómente ſe tem illuſtrado eſte Reino, mas ainda toda Heſpanha.

Entrou Joaõ de Barros no ſerviço d'ElRey D. Manoel, de taõ poucos annos, que elle meſmo confeſſa, que da idade do jogo de peaõ começára a ſervir no Paço. (*) Coſtumavaõ naquelle tempo os Reis de Portugal mandar doutrinar os moços fidalgos, (**) e os da Camara, de que ſe ſerviaõ, em toda a boa diſciplina, e tinhaõ para iſſo meſmo tres no Paço, que lhes enſinavaõ as linguas, ſciencias Mathematicas, letras humanas, dançar, jugar as armas, e outros virtuoſos exercios; e os Meſtres tinhaõ certo dia no mez, em que ElRey ſabia delles, quem bem exercitava eſtas Artes, ou quem ſe havia remiſſo, e negligente nellas. E era taõ grande a benegnidade daquelles Principes, que ſe lembravaõ de louvar a huns, e reprehender aos outros, com o que muitos ſe accendiaõ nos deſejos de aprender. (***) Eſtes foraõ os claros eſtudos, em

(*) *Exclamaçaõ contra os abuſos do tempo.*
(**) *Eſtudos de Joaõ de Barros.*
(***) *Prologo de Clarimundo.*

em que Joaõ de Barros cultivou ſeu engenho, como elle refere a ElRey D. Joaõ III. E quanto elles ſe pódem menos comparar na antiguidade, e fama das letras, com as celebres Univerſidades de Europa, tanto ſaõ de maior honra para Joaõ de Barros; pois elle ſómente foi baſtante para honrar aquellas Eſcólas, que o houveraõ de honrar a elle. Aqui aprendeo a lingua Latina, e Grega, e as ſciencias Mathematicas, e letras humanas com grande perfeiçaõ. Entre os Poetas, ſe deo mais á liçaõ de Virgilio, e Lucano, e nos Hiſtoriadores, á de Saluſtio, e Livio, dos quaes imitou bem o juizo, e eſtilo levantado, que vemos em ſuas obras, como elle o dá a entender no Prologo do ſeu Clarimundo. (*) Com eſtas, e outras boas partes, ſe aventajou tanto a ſeus condiſcipulos, que por ellas o deo ElRey D. Manoel ao Principe D. Joaõ por ſeu Moço da Guardaropa, quando lhe aſſentou caſa: e indo cada vez creſcendo mais em Joaõ de Barros a noticia das letras, levado do amor da patria, determinou de

(*) *Ub. ſup.*

de occupar todo ſeu engenho em ſerviço della, eſcrevendo huma univerſal hiſtoria de Portugal. Porém como a grandeza daſta obra era tamanha, que parecia temeridade cometella, ſem primeiro experimentar ſuas forças, compoz hum livro de hiſtoria fabuloſa, (*) a que deo titulo do Emperador Clarimundo, para provar o eſtillo; como fazem os bons ſoldados, que antes da batalha ſe exercitaõ em pelejas, e eſcaramuças fingidas, para depois ſe acharem adeſtrados nas verdadeiras.

Era entaõ Joaõ de Barros de pouco mais de vinte annos de idade, (**) e como andava em ſerviço do Principe, que lhe occupava a mór parte do tempo, ſó nos eſpaços, que lhe reſtavaõ, publicamente, e como elle diz, na meſma Guardaropa do Paço, ſem outro repouſo, nem mais recolhimento, onde o juizo quieto pudeſſe eſcolher as couſas que a fanteſia lhe repreſentava, em oito mezes compoz eſta hiſtoria, que para tal idade, e occupaçaõ ſe póde ter por grande couſa. Ainda que o Principe

D.

(*) *Compoſiçaõ de Clarimundo.*
(**) *Ub. ſup.*

D. Joaõ ( a quem elle comunicou ſeu intento ) o favorceo tanto, que elle meſmo lhe hia revendo, e emendando os quadernos que compunha: (*) eſte favor lhe fez publicar logo o livro: e eſtando ElRey D. Manoel na Cidade de Evora, no anno de mil e quinhentos e vinte, lho apreſentou, dizendo-lhe, que a intençaõ com que o fizera fora para ſe empregar na hiſtoria de Portugal, e principalmente na Conquiſta do Oriente, por ſer couſa mais ſua: ElRey lhe mandou ler alguns Capitulos, e ſatisfazendo-ſe do eſtilo, lhe diſſe, que havia dias deſejava mandar pôr em memoria as couſas da India, mas que nunca achara peſſoa de quem as fiaſſe, que ſe elle ſe atreveſſe a ſahir com eſta empreſa, naõ ſeria ſeu trabalho ante elle perdido. Com eſta confiança, que ElRey delle moſtrou, começou logo Joaõ de Barros a aperceber-ſe para eſta obra; e eſtando, como elle diz, para abrir os alicerces de taõ grandioſo edificio, ſuccedeo a morte d'ElRey D. Manoel d'ahi a pouco mais de hum anno, que foi no de

(*) *Dedac. 1. da Aſia no principio.*

de mil e quinhentos e vinte e hum, em treze de Dezembro, com que ficou suspensa a empresa; porque entrando o Principe nas occupaçoens da administraçaõ do Reyno sobresteve por alguns annos, com que cessou de todo a pratica da historia Oriental.

Despachou ElRey D. Joaõ III. neste principio de seu governo alguns criados, que o tinhaõ servido sendo Principe, entre elles foi dos primeiros Joaõ de Barros, que havia pouco que cazára em Leiria, deo-lhe a Capitanía da Mina, (*) a qual naquelle tempo ainda que rendia mais aos Reys, naõ era de tanto Proveito aos Capitaens, como depois foi.

Partio Joaõ de Barros para a Mina no anno de mil e quinhentos e vinte e dous, e desta sua viagem faz elle mençaõ na Decad. 3. lib. 3. cap. 1. quando conta como indo hum dia navegando com prospero tempo, começou a estremecer subitamente o Navio, e acodindo todos a saber a causa, viraõ fóra da agoa hum grande bico de peixe, o qual prezo

(*) *Viagem da Mina.*

prezo em hum anzol que o Piloto levava por popa para as Albecoras, barafuſtando para ſe ſoltar, fazia aquelle tremor na embarcaçaõ; o que vendo os marinheiros, com fiſgas, e harpoens trabalhãraõ tanto até que o mataraõ, a alaraõ acima. Duvidaõ alguns ſe eſte peixe he o Remora, de que Plinio faz mençaõ no lib. 32. cap. 1. e no lib. 9. cap. 25. e parece que naõ póde ſer, porque o Remora celebrado de Plinio he muito pequeno, e por tanto admira mais poder deter huma embarcaçaõ á véla, mas eſſoutro he taõ grande, que diz Joaõ de Barros, que vinte homens o naõ podiaõ arribar ao convés, e outro ſemelhante que encontrou a Náo de D. Joaõ de Barros Lima de que o meſmo Joaõ de Barros neſte lugar faz mençaõ, e era ainda maior: pelo que claramente ſe vê ſer outra eſpecie de peixe muito differente, á qual os noſſos mareantas do Occeano chamaõ Agulha.

Vindo da Mina lhe deo ElRey em Maio de 1525. o Officio de Theſoureiro da Caſa da India, Mina, e Ceita, o qual ſervio até Dezembro de 1528. e depois de dar conta, continuou em Lisboa, até que os rebates do mal da peſte

( que

(que no anno de 1530. começáraõ naquella Cidade) obrigaraõ a cada hum buſcar os ares puros dos campos, e povoar as quintas. Com eſta occaſiaõ ſe foi Joaõ de Barros para huma, que tinha junto a Pombal, chamada a da Ribeira de Alitem. (*) Alli lhe mandou pedir Duarte de Reſende, parente ſeu, alguma obra ſua, pelo bem que lhe parecera o ſeu Clarimundo quando o vira em Ternate, donde havia pouco que tinha vindo de Feitor: Joaõ de Barros por o comprazer acabou de compor hum Dialogo moral, que antes tinha começado, ao qual deſtes dous nomes gregos, *Ropica*, e *Pneſmaticos*, faz por oppoſiçaõ hum compoſto, de *Ropica neuma*, a que em noſſa lingua podemos chamar *Mercadoria eſpiritual*. Neſte colloquio, que quaſi todo he metaforico, introduz por peſſoas o Entendimento, e a Vontade, que ſaõ as principaes partes da Alma, as quaes deixando a razaõ ſua ſuperior ſe ajutáraõ com o Templo, e ſe fizeraõ mercadoras de eſpirituaes mercadorias que ſaõ os vicios, que eſtas duas

(*) *Prolog. e Dedicatoria da Ropica neuma.*

duas potencias acceitaõ, e compraõ, quando deſobedecem á razaõ, e por eſte modo moſtra as vias por onde muitos officios, e cargos da Republica ſaõ adminiſtrados viciosamente, e as cautélas, e meios, que para iſto tem achado o tempo, na figura do qual repreſenta o appetite deſenfreado, e ſolto de toda a lei, pondo os argumentos que o incitaõ a buſcar os bens deleitaveis, e nos outros interlocutores lhe da as devidas reſpoſtas, e moſtra os erros do tempo. Eſta Obra imprimio depois em Lisboa em Maio de 1532. (*) dedicada ao meſmo Duarte de Reſende, o qual por pagar a ſeu parente Joaõ de Barros eſte obſequio lhe dirigio tambem depois hum tratado, que compoz da navegaçaõ, que Fernaõ de Magalhães, e ſeus companheiros fizeraõ ás Ilhas de Maluco, (**) como quem tivera na maõ todos os papeis, e roteiros daquella jornada por entaõ eſtar ſervindo de Feitor da noſſa fortaleza de Ternate. Mas tornando á *Ropica neuma*, ella foi naquelle tempo tida em tanta eſtima, que

o

(*) *Decad. 3. lib. 5. cap. ultim.*
(**) *Decad. 3. lib. 5. cap. 10.*

o eruditiſſimo Ludovico Vives ſe movêo por eſte reſpeito a dedicar a Joaõ de Barros outro tratado que fez da Oraçaõ mental no anno de 1535. intitulado: *Exercitationum anni Deum*, como ſe vê deſtas palavras da Dedicatoria, que anda com eſta obra no ſegundo Tomo daquelle Autor. *Chriſtophorus Mirandius meus declaravit nobilitatem tui generis, tum ingenium, eruditionem, & probitatem, quæ ego ex opuſculo quodam tuo, veſtrati lingua conſcripto facile perſpexi: non potui, non complecti, & ſuſpicere dotes animi, exercitas inter negotia tam varia & magna &c.* Eſte Dialogo da Ropica neuma correo até o anno de 1581. o qual ſahio no Cathalogo dos livros prohibidos neſte Reino, de D. Jorge d' Almeida Arcebiſpo de Lisboa, e Inquiſidor Mór, em que ſe vedou, naõ por conter condemnada doutrina, mas porque naõ tomaſſem delle alguns accaſiaõ para uſarem em ſeus officios das invenções viciosas que tinha achado o tempo; porque eſtá taõ enferma nos coſtumes a natureza humana, que as mais das vezes convertem os homens em peçonha, os

meſ-

meſmos meios, que lhes daõ para ſeu remedio.

Paſſada aquella contagiaõ, e outros trabalhos, que naquelle tempo ſuccederaõ a eſte Reyno, de grandes inundaçoens de agoa, e tremores de terra, veio Joaõ de Barros a Lisboa, onde ElRey o provêo do Cargo de Feitor da Caſa da India, e Mina, (*) de propriedade; e ſegundo parece, foi eſte Provimento no anno de 1532. porque no de 1534. diz elle, que por razaõ do Officio mandára certas embaixadas a alguns Principes de Guiné, como ſe vê na primeira Decada lib. 3. cap. 12. Eſtes cargos (que agora eſtaõ repartidos por o Provedor da Caſa da India, e outros Officiaes) eraõ naquelle tempo de grande cuidado, e importancia, aſſi pelo muito que entaõ rendia o comercio de Aſia, e Africa, como por tudo pender da induſtria do meſmo Feitor que o adminiſtrava. E ſendo eſtes Officios occaſiaõ de grande acreſcentamento de fazenda aos que os trataraõ, para Joaõ de Barros foraõ de muito pouco, porque ainda que lhe naõ faltava induſtria

(co-

(*) *Feitor da Caza da India.*

( como quem ſabia tanto dos coſtumes do tempo ) ſempre a limitou dentro das balizas da conſciencia.

Mas poſto que eſta grande occupaçaõ lhe fazia, como elle diz, acurvar a vida com ſeu pezo, (*) levando-lhe todos os dias com o deſpacho das armadas, e comercios, e outros negocios baſtantes para affogar, e cativar todo liberal engenho; todavia naõ deixou nunca a liçaõ dos livros: porque como eſte exercicio era nelle natural, foi ſempre mais prompto em dar eſte fructo como proprio, que naõ o dos negocios como encomendado. E nem por iſſo ſe ha de entender, que faltou no cuidado que devia a ſeus cargos, antes foi nelles taõ pontual, que todas as mercês que dos Reys deſte Reyno recebeo ( depois de os acceitar ) lhe foraõ feitas por reſpeito da ſatisfaçaõ com que os ſervio: por onde parece que naõ eſtudava menos em huma occupaçaõ que na outra, tendo tambem eſta adminiſtraçaõ publica por parte da boa Philoſophia, como o entenderaõ grandes Varoens, e de ſi o dizia Plinio II. quando ſe queixava a ſeu ami-

(*) *Prolog. da* 1. *Decad.*

amigo Clemente, de outra occupaçaõ ſemelhante: (*) *Diſtingor officio, ut maximo* (diz elle) *ſic moleſtiſſimo, ſedeo pro tribunali, jubnoto libellos, conficio tabulas, ſcribo plurimas, ſed illiteratiſſimas literas; ſolco non nunquam* (*nam id ipſum quando contingit.*) *de his occupationibus apud Euphratrem queri: ille me conſolatur: affirmat etiam eſſe hanc Philoſophiæ, & quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum &c.* Para acudir a ambas eſtas obrigaçõens partio o tempo, dando os dias aos negocios publicos, e as noites aos ſeus proprios, que eraõ os livros, como elle o diz em muitas partes de ſuas obras.

Neſte tempo quiz ElRey D. Joaõ III. mandar povoar a Provincia de Santa Cruz, vulgarmente chamada Braſil, que Pedralvres Cabral levado da força dos ventos deſcobrio nas primeiras prayas do Mundo novo, indo para a India no anno de 1500. E para ſe apovoaçaõ fazer com maior facilidade, e menos deſpeza da fazenda Real, re-



(*) *Plin. Epiſt. lib. 1.*

partio ElRey aquella Provincia em varias Capitanias, na forma que os Reys primeiros fizeraõ povoar as Ilhas achadas no mar Oceano; mas naõ foi igual o ſucceſſo, porque ſendo cada Ilha huma pequena porçaõ de terra, onde naõ havia habitadores, que defendeſſem a entrada aos eſtrangeiros, foi facil couſa povoar cada Capitaõ a ſua; ajudando-ſe principalmente da viſinhança do Reino, e da preſtança, que humas ás outras ſe faziaõ, por eſtarem perto, e quaſi á viſta. Porém no Braſil como cada Capitanía era de cincoenta leguas de coſta, e habitada de gentes guerreiras, tendo o ſoccorro de Portugal duas mil legoas diſtante, e cada Capitanía taõ fraca, que naõ podia ſoccorrer a veſinha, vieraõ as mais deſtas povoações, que intentaraõ os Donatarios, a perecer de todo, e ſó quaſi tiveraõ bom ſucceſſo as que os Reis tomaraõ para ſi; porque como as fazendas neſte Reino, pela eſtreiteza delle, ſejaõ muito limitadas, naõ tiveraõ aquelles povoadores cabedal para ſe valerem do novo ſoccorro, ſe padeceraõ qualquer infortunio, principalmente nos principios. Joaõ de Barros

ros com tudo como era de nobre eſpirito, e deſejoſo de ſe empregar em couſas grandes, pedio a ElRey huma deſtas Capitanías, e elle lha concedeo de juro, e herdade, com os privilegios, e doaçoens das outras; mas alcançando bem as difficuldades da empreſa, determinou dar parte della a Aires da Cunha, e a Fernaõ Alvrez d'Andrada Theſoureiro mòr do Reyno (pai de Franciſco d'Andrada Chroniſta mór) para, com eſte cabedal maior, poder reduzir a empreza a proſpero fim. Fezſe por parte deſta companhia a maior armada, que para aquellas partes até entaõ tinha ìdo, porque ſe apreſtaraõ dez Navios, com nove centos homens, dos quaes eraõ mais de cento de cavallo; e com todo o neceſſario para a jornada, de mantimentos, muniçoens, e artilheria, ſe fizeraõ á véla no anno de 1539. indo por Capitaõ o meſmo Aires da Cunha, que levava com ſigo dous filhos de Joaõ de Barros.

Era a Capitania que lhe coube em ſorte a do Maranhaõ parte ſeptentrional do Braſil, e a mais enobrecida delle, em grandeza de rios, fertilidade de

plantas, abundancia de animaes, e fama de riquiſſimas minas. Foi eſte Rio deſcuberto por Vicente Annes Pinçon, no anno de 1499. pela Coroa de Caſtella, mas por eſtar na demarcaçaõ da conquiſta deſte Reyno, deixáraõ depois os Caſtelhanos de o povoar. Chegado Aires da Cunha à barra do Maranhaõ, com a pouca pratica que inda os Pilotos tinhaõ delle, deo em huns baixos que tem á entrada, por eſpraiar alli o mar muito, em que ſe perdeo com toda a armada, ſahindo ſó alguma gente em terra em huma Ilha, que eſtá na boca do rio, onde ſe conſervaraõ algum tempo, fazendo pazes com os Gentios Tapuias, que por aquellas praias habitavaõ: até que vendo que naõ podiaõ levar avante a povoaçaõ por falta de gente, e mais couſas neceſſarias, ſe tornaraõ para o Reyno. Deſte modo ficou deſamparado aquelle porto, e conquiſta até o anno de 1614. em que ElRey Dom Filippe II. de Portugal enviou Jeronymo de Albuquerque Coelho de Pernambuco, com huma armada para fundar huma nova Colonia, o que elle fez com muito cuidado, e com igual eſforço deſ-

ba-

baratou hum bom numero de Francezes, que o aſſaltáraõ para o fazer deixar o ſitio, querendo-ſe conſervar ſómente nelle, por huma fortaleza, que já tinhaõ na Ilha, a qual pouco tempo depois lhe tomou tambem Alexandre de Moura, com que os noſſos ficáraõ de todo ſenhores daquelle porto, e a nova Colonia vai cada dia em maior creſcimento por os ſocorros com que ſua Mageſtade lhe tem mandado acudir. Donde ſe vê claramente, que ſemelhantes emprezas de conquiſtar, e povoar novas terras, naõ ſe podem reduzir a perfeito fim por homens particulares, eſpecialmente neſte Reyno, ſenaõ por Principes e Republicas.

Eſte taõ deſgraçado ſucceſſo deixou a Joaõ de Barros mui gaſtado de fazenda, perdendo taõ grande cabedal, como naquelle negocio tinha metido, ſem nenhum fructo: mas foi tal ſeu animo, que compadecendo-ſe do infortunio de Aires da Cunha, e de outros, pagou ainda por elles o em que ficáraõ empenhados para eſta preza, como o teſtifica Antonio Galvaõ, (*) dizendo:

*Foy*

(*) *Galvaõ nos deſcobrimentos do mundo an.* 1531.

*Foi tambem a eſte rio do Maranhaõ hum fidalgo Portuguez que ſe chamava Aires da Cunha, levou dez Navios, novecentos Portuguezes, cento e trinta cavallos, fez grandes gaſtos, em que ſe perderaõ os que armaraõ, e o que mais perdeo niſto foi Joaõ de Barros Feitor da Caza da India, que por ſer nobre, e de condiçaõ larga, pagou por Aires da Cunha, e outros que lá falleceraõ, com piedade das mulheres, e filhos, que lhes ficaraõ &c.* Porém era tal ſeu animo, que parece que nenhum ſucceſſo proſpero, ou adverſo, o tirava da applicaçaõ de ſeus eſtudos; porque pouco depois deſte naufragio ſe offereceo de novo a ElRei D. Joaõ para eſcrever as couſas da India; aceitou-lhe ElRey o offerecimento, porque tendo encomendado eſte cuidado a Lourenço de Caceres Meſtre do Infante Dom Luiz, no anno de 1531. era já fallecido ſem ter dado principio a taõ grande obra. Começou Joaõ de Barros logo eſta Hiſtoria, (*) e com tudo, antes de imprimir a primeira Decada a imterrompeo antepondo a ſeu goſto a piedade chriſtãa,

(*) *Prologo da Decada* 1.

tãa, e proveito publico, em cujo beneficio fahio com alguns opuſculos á luz, (*) e tambem para em idade mais madura tornar a provar o eſtilo. Dos tratados que entaõ publicou entre outros, foi huma Grammatica Portugeza, á qual lhe deo occaſiaõ a converſaõ dos Malavares, ou Paravás da coſta da Peſcaria, que ſuccedeo pelos annos de 1538. donde vieraõ a eſte Reyno quatro dos principaes aprender a lingua Portugueza, para aſſi poderem ſer melhor enſinados na Fé, e preceitos da Igreja; os quaes Malavares mandou El-Rey recolher na Caſa de S. Eloy de Lisboa com os Ethiopes nobres de Congo, que ahi eſtudavaõ, para aſſi todos ſerem melhor doutrinados. Eſta obra imprimio no anno de 1539. dividida em dous tratados, no primeiro enſina a ler, e para com maior facilidade aprenderem os principiantes as letras, em cima de cada huma dellas poz huma figura, cujo nome ſe começa pela tal letra a modo de Arte memorativa, ficando o A. debaixo de huma Arvore, e o B, de huma Béſta, e aſſi as mais;

O

(*) *Dialogo da vicioſa vergonha.*

o que foi tambem achado, e proveitoſo, que ainda hoje ſe conſerva; e porque a dedicou ao Principe Dom Filippe, filho d'ElRey D. Joaõ III. que entaõ começava a ler, e elle aprendeo por ella, ſendo ſeu meſtre Frei Joaõ Soares, Biſpo que depois foi de Coimbra, anda eſta Cartilha erradamente com titulo do Biſpo, ſendo verdadeiramente de Joaõ de Barros, o qual ajuntou tambem nella em certos circulos toda a diverſidade de ſyllabas, que a naturcza de noſſa linguagem padece, e depois accreſcentou os preceitos da lei de Deos, os Mandamentos da Igreja, e hum tratado da Miſſa com algumas oraçoens, para que por ella ſe enſinaſſem os meninos a ler. No outro tratado eſcreveo os preceitos da Grammatica Portugueza, e Ortografia, e foi o primeiro Author, que reduzio noſſa lingua a Arte, e com muita brevidade. A' Grammatica ajuntou hum Dialogo em louvor da lingua Portugueza, em que moſtra a grande affinidade, que tem com a Latina, e para prova diſto traz huns verſos Portuguezes, e Latinos, que foraõ os primeiros deſte genero.

Ou-

Outro Dialogo imprimio, a que intitulou da Viciosa vergonha, naõ sómente para evitar que naõ leſſem os meninos por feitos de Tabellioens, que ordinariamente saõ de ruim letra, e sem nenhuma Ortografia, com que ficaõ escrevendo depois barbaramente; mas por lhes tirar a occasiaõ de aprenderem por autos publicos de causas criminaes, e trapaças civis, de que ficaõ ensinados em vicios, em lugar de boa doutrina: e assi para estes tenros sugeitos compóz este Dialogo da Viciosa vergonha, em que lhes dá os avisos necessarios para aquella idade. E era tanta a diligencia que fazia para estar bem inteirado das cousas, que havia de tratar, que pedio ao Doutor Antonio Luiz, grande Medico, e Filosofo daquelle tempo, que lhe desse o que nesta materia da vergonha tocava á Filosofia natural, para com toda a perfeiçaõ, e certeza poder tratar de seus naturaes principios, ainda que o Tratado era moral. Porque os doutos quanto mais o saõ, tanto menos se satisfazem de si, entendendo o muito que ainda ha para saber; que he o que disse o outro Filosofo: que só huma cousa

ſa ſabia, que era naõ ſaber nada a reſpeito do muito que via lhe faltava. Por onde ſó os ſabios duvidaõ, e tem por honra perguntar, e conſultar ſuas couſas com quem lhes póde dar acertado parecer: o que naõ alcançando os ignorantes, o julgaõ por couſa affrontoſa, e aſſi ficaõ ſempre no meſmo eſtado, ſem procurarem de ſe melhorar. Fez o Doutor Antonio Luiz o que Joaõ de Barros lhe pedio, compondo hum tratado, que intitulou *De Pudóre*, que lhe dedicou, e anda entre outras obras deſte Author, que ſe imprimiraõ em Lisboa no anno de mil e quinhentos e trinta e nove. Porém Joaõ de Barros naõ ſe aproveitou deſte tratado, porque he muito differente do da Vicioſa vergonha, e Antonio Luiz pertendeo ſó nelle trazer todos os lugares que achou nos Authores, que tocaſſem á vergonha, como ſe vê deſtas palavras de ſua dedicatoria: *Prius itaque aliqua quæ Philoſophi de pudore cenſerunt, apponemus, deinde vero ejus parentes, ſi quos invenire poterimus, reddemus, ultimo exempla &c.* Tambem nas obras de Plutarco anda hum diſcurſo, que elle intitulou:

tulou: *De immodica verecundia*, nó qual ainda que em parte leva o intento de Joaõ de Barros, segue outro caminho, como póde ver quem ler ambas as Obras.

Esta occupaçaõ (que em tal idade teráõ muitos por desigual á reputaçaõ de Joaõ de Barros) lhe fez tomar o zelo da honra de Deos, e o desejo de aproveitar a todos, sentindo-se por devedor naõ sómente aos doutos, mas aos barbaros, e assi aos grandes como aos pequenos: e esta julgou elle pela maior honra, que lhe podia vir, como o confessa nestas palavras, no Dialogo da lingua Portugueza: *Certo he, que naõ ha gloria, que se possa comparar a quando os meninos Ethiopes, Persianos, e Indios dáquém e dálém do Ganges em suas proprias terras na força de seus templos, e pagodes, onde nunca se ouvio o nome Romano, por esta nossa Arte aprenderem a nossa lingoagem, com que possaõ ser ensinados em os preceitos da nossa Fé, que nella vaõ escritos. &c.*

Outro semelhante zelo o fez intentar outra obra de naõ menor engenho, (*)

e

(*) *Decada 2. lib. 4. cap.. 4.*

e foi, que vendo como os homens occupavaõ o mais do tempo jugando, inventou hum jogo de tabolas, a que reduzio as Ethicas de Ariſtoteles, introduzindo nelle as virtudes, e vicios, por exceſſo, e por defeito: o qual jogo imprimio no anno de 1540. e o dedicou à Infanta Dona Maria, Princeza que depois foi de Caſtella, a qual o jugava com ElRey Dom Joaõ ſeu pai deſtramente, ſegundo elle affirma em varias partes; e teve intençaõ de pôr a Economica tambem em jogo de Cartas, e a Politica no Enxadres, por eſtes tres jogos ſerem os mais communs, e para nelles, ao menos, aprenderem os homens o nome das virtudes, e como ſe devem de haver no uſo dellas, já que naõ ha modo para deixar de jugar; mas vendo os poucos que ſe affeiçoáraõ ao primeiro, deixou de ſahir à luz com os outros.

Eſtas, e outras obras compôs Joaõ de Barros, pela maior parte em Dialogo, ſeguindo o eſtilo de Platão, que neſte genero de eſcritura nos deixou toda ſua doutrina: e na verdade os Dialogos tem para iſto muita conveniencia; por-

porque como neſtas materias ſe tocaõ opinioens diverſas, he neceſſario haver perguntas, e repoſtas, para melhor ſe ſatisfazer ás duvidas; donde louva muito Guarino Veronenſe a Platão, por illuſtrar eſte eſtilo, dizendo *Omnia vero quæ gravius, accuratiuſque diſputanda fuerunt, in Dialogorum forma conſcripta fuiſſe, & recte ſane; ea enim, quæ hujuſmodi colloquendi ratione tractantur, introductis pro dignitate perſonis, apertius diſputantur, & vehementius imprimuntur &c.* Pela meſma razaõ uſou tambem Tulio delles, como o diz no primeiro das ſuas Tuſculanas; *Quo commodius diſputationes noſtræ explicentur, quaſi agatur res, non quaſi narretur.* Neſtes Dialagos ſe introduz ordinariamente fallando com ſeu filho Antonio de Barros, ainda que tinha outro filho mais velho, o que parece fez, ou por o bom ſujeito que neſte achava, ou por aquella ſua idade ſer entaõ mais propria de aprender, e por iſſo lhe dedicou alguns tratados moraes, como tambem fizeraõ outros grandes Filoſofos a ſeus filhos, particularmente Ariſtoteles, de quem lemos as

Ethi.

Eticas que compôs ao seu Nicomaco, e Tulio o livro dos Officios a seu filho Marco, com que os deixarão mais illustrados nas memorias dos homens, do que o puderão fazer com rendozas, e magnificas heranças.

Deo o Papa Paulo III. o Capello de Cardeal ao Infante D. Henrique Arcebispo de Evora, (*) na undecima creação que fez de Cardeaes em 16. de Dezembro de 1545. Mandou logo o Infante no anno seguinte de 1546. dar as graças desta dignidade ao Summo Pontifice por Gaspar Barreiros Conego de Evora, discipulo, e sobrinho de Joaõ de Barros, filho de Maria de Barros sua irmãa, e de Rui de Barreiros. Concorriaõ em Gaspar Barreiros muitas letras, e engenho, e porque naõ fizesse o caminho infructuosamente, lhe encommendou (segundo o mesmo Gaspar Barreiros refere ao Cardeal na Dedicatoria da sua Corographia) que escreveisse particularmente todos os lugares por onde passasse, com tudo o que ácerca de suas fundaçoens, nomes antigos, e mudança delles pudesse saber por quanto espera-

va-

(*) *Corographia de Gaspar Barreiros.*

va de ſe aproveitar deſta informaçaõ na ſua Geographia, que havia annos tinha começada. Fez Gaſpar Barreiros eſta diligencia com tanta perfeiçaõ, que ſe póde dizer por elle o que outros affirmàraõ de Ceſar: que querendo dar materia aos Eſcriptores nos ſeus Cõmentarios, lha tirara, porque da Corographia deſtes lugares, deſde Badajóz até Milaõ compôs hum volume taõ erudito, que he tido de todos univerſalmente em grande eſtima, e aſſi podemos agradecer a Joaõ de Barros, o poſſuirmos hoje eſta excellente obra, com a qual tomou occaſiaõ Lopo de Barros, Conego tambem de Evora para imprimir outros opuſculos de ſeu Irmaõ Gaſpar Barreiros, que todos andaõ no meſmo volume da Corographia impreſſos em Coimbra no anno de 1561. como foraõ os Cõmentarios de *Ophira regione*, e as cenſuras ſobre os fragmentos ſuppoſiticios, que hoje correm com o nome de Beroſo Caldeo, Maneton Egyptio, e Marco Portio Catão de Originibus, as quaes cenſuras por ſua muita erudiçaõ andaõ traduzidas em Latim na Biblioteca Heſpana, por André Scotto. Neſtas, e outras obras me-

receo

receo bem Gaſpar Barreiros o nome de ſobrinho, e diſcipulo de Joaõ de Barros, ainda que na ultima recebeo o maior louvor de todos, que foi deixar tudo por amor de Deos, e entrar na Religiaõ de S. Franciſco, onde morreo com grande opiniaõ de Virtude.

O dezejo, que Joaõ de Barros tinha de aproveitar a todos, fez que pedindolhe no anno de 1549. Joaõ Ricio de Monte Policiano Arcebiſpo de Syponto (que naquelle tempo eſtava em Lisboa por Nuncio do Papa Paulo III.) algumas informaçoens das partes da India, lhas deſſe liberalmente, para mandar ao Cardeal Farnes, que lhas pedia á inſtancia de Paulo Jovio celebre Eſcritor daquelle tempo, e com ellas lhe deu mais dous livros, hum de eſcritura dos Chinas, e outro dos Perſas: naõ ſe havendo neſta materia com a eſcaceſa que alguns coſtumaõ, procurando eſconder o teſouro de ſemelhantes obras, para elles ſós com avarento animo as lograrem. Porém pagou-lhe mal eſte beneficio Paulo Jovio, porque eſcrevendo larguiſſimamente as couſas da Perſia, e do Oriente, e allegando para iſſo as informaçoens

çoens Portuguezas, nunca, noméa a Joaõ de Barros, no que ſe houve aſſaz differente de Plinio, que no principio de ſua natural hiſtoria, foi o primeiro que pós o Cathalogo dos Autores donde a collegia, accreſcentando aquella taõ louvavel ſentença, que o fazia, porque era de animo nobre publicar os nomes daquelles, por quem nós melhoramos: *Ingenui eſt enim animi fateri per quos profeceris.* Porém com iſto ſer aſſi, ainda hoje tem mais imitadores o ſilencio de Jovio, que o agradecimento de Plinio.

No anno de 1552. imprimio Joaõ de Barros a ſua primeira Decada da Aſia, e foi tambem recebida de todos geralmente, que ainda que havia Chroniſta no Reyno, ElRey Dom Joaõ lhe encommendou logo a Chronica de ElRey D. Manoel ſeu pay (*) entendendo da perfeiçaõ, e gravidade de eſtilo com que eſcrevera eſta Decada, que ninguem poderia compôr aquella Chronica com a devida eloquencia aos feitos que ſe nella tratavaõ, como Joaõ de Barros, o

O qual

(*) *Chronica delRey D. Manoel p. 4. c. 37. e no Proleg.*

qual aceitou a empreſa, parecendo-lhe que para tal occupaçaõ lhe deſſem o repouſo neceſſario: mas como eſtes ſerviços muitas vezes pezem pouco diante dos Reis, naõ alcançou Joaõ de Barros a cõmodidade que eſperava; e aſſi naõ ſe poude empregar de novo na compoſiçaõ deſta Chronica, alèm da Hiſtoria da Aſia, que já tinha entre mãos, cuja ſegunda Decada imprimio no anno ſeguinte de 1553. Por onde vindo a fallecer ElRey Dom Joaõ no de 1557. foi entregue Damiaõ de Goes do cuidado da Chronica delRey Dom Manoel, por ordem do Cardeal Infante Dom Henrique; que entaõ governava, e ainda que o meſmo Damiaõ de Goes affirme no cap. 37. da 4. parte da meſma Chronica, que nella naõ trabalhou Joaõ de Barros couſa alguma; com tudo, naõ poderá negar, que nas Decadas da ſua Aſia, que já naquelle tempo tinha impreſſas, achou larga, e ordenadamente eſcrita toda a hiſtoria da India, que a ElRey Dom Manoel pertencia. De maneira, que aos eſcritos do meſmo Joaõ de Barros podemos atribuir grande parte da ſua Chronica. No meſmo anno de 1553. em que

im-

imprimio a ſegunda Decada tornou a imprimir ſegunda vez o ſeu Clarimundo, o qual depois no de 1601. ſe tornou a eſtampar terceira vez: e ſendo eſte livro fabuloſo, e o primeiro parto de ſua idade juvenil, teve melhor fortuna nas impreſſoens, que as outras obras, e Decadas do meſmo Autor: donde ſe vê como o goſto do vulgo naõ ſe governa pela razaõ, ſenaõ por appetite, e que o bom de ordinario contenta aos menos.

A terceira Decada imprimio no anno de 1563. e com eſta tirou á luz tres Decadas da Aſia, obra taõ perfeita, e louvada de todos, que ſe tem por huma das melhores, que naquelle genero de eſcritura ſe compuſeraõ. He a hiſtoria (ſegundo de Tullio em outra parte temos moſtrado) o ſugeito mais capaz da Oratoria que nenhum outro, porque nella ſe uſa do genero Demonſtrativo, contando varios feitos, condenando os vicios, e louvando as virtudes; e do Deliberativo, introduzindo oraçoens, conſelhos, e diſcurſos, e muitas vezes do Judicial, o qual raramente ſe aparta do Deliberativo. Em todos eſtes generos he eſta hiſtoria de Joaõ de Barros

admiravel, porque além do ſujeito que trata ſer nobiliſſimo, pela variedade, grandeza, e novidade dos caſos admiraveis, guardou com ſumma inteireza todas as leys da hiſtoria, aſſi as eſſenciaes que ſe nella requerem; que ſaõ verdade, clareza, e juizo, como as outras partes, a que chamaõ integrantes.

Conſta a verdade da Hiſtoria aſſi da certa noticia, que o hiſtoriador tem do que ha de dizer, como do verdadeiro animo do meſmo hiſtoriador em naõ callar o bem, ou mal, que fizeraõ aquelles, de quem trata. Para eſcrever com noticia verdadeira teve Joaõ de Barros as mais certas Relaçoens, que para tal materia ſe podiaõ alcançar, porque havendo de tratar de tres couſas que eraõ os Feitos dos Portuguezes, a Noticia dos Reys, e Naçoens do Oriente, e a verdadeira ſituaçaõ Geografica daquellas Provincias: Para o que tocava a hiſtoria Portugueza lhe foraõ entregues todos os papeis, aſſi dos Regimentos Reaes, como das Relaçoens, e cartas dos Vice-Reys, devaſſas, diligencias, mais couſas, que àquella materia pertenciaõ, como ſe vê na Decada

1. liv. 3. cap. 13. quando trata das couſas de Guiné, e na Decada 2. liv. 8. c. 1. e na Decada 4. liv. 10. cap. 21. onde diz, que ſó de papeis do Governador Nuno da Cunha lhe foraõ entregues duas arcas: Para a noticia dos Reys do Oriente, e ſeus póvos, naõ ſe contentou com menor diligencia, que mandar buſcar as Chronicas daquelles meſmos Reynos, eſcritas em ſuas proprias lingoas, como conſta da 1. Decada liv. 8. cap. 6. (*) em que refere a Genealogia dos Reys de Quiloa tirada da ſua meſma Chronica, e no liv. 9. cap. 3. diz, que conta as couſas dos Malavares tiradas de hum livro da ſua Religiaõ, e hiſtoria: houve outra Chronica dos Reis de Ormuz, e outras dos Reis de Guſarate, Biſnagá, e Decaõ; e para dar noticia dos Arabes, e Perſas, (**) mandou vir o ſeu Tarigh, que he hum ſummario de todos os Reis, que foraõ da Perſia, (***) até que os Arabios com ſua ſeita a ſubjugaraõ, e dos feitos que os ſeus Califaz fizeraõ na conquiſta das partes do Oriente,

(*) *Decada 2. liv. 2. cap. 1.* (**) *E liv. 2. c. 9.* (***) *Decada 1. liv. 1. c. 1. Decada 2. liv. 4. c. 4. E liv. 10. c. 5.*

te, os quaes livros lhe foraõ interpretados, como elle refere allegando-os em muitas partes, couſa que naquelle tempo era facil, por terem os Reis deſte Reino muitos homens aſſallariados praticos nas principaes linguas do Oriente para lhe ſervirem deſte miſter. Pelo que com pouca razaõ affirma Pero Teixeira (*) nas ſuas Relaçoens da Perſia (tiradas da Hiſtoria do Tarigh) que o noſſo Joaõ de Barros por falta de interprete nos naõ deo mais noticia delle, que do nome, ſendo aſſi que das couſas da Perſia trata larguiſſimamente, allegando eſte livro de que as tirou: e de ſua interpretaçaõ faz particular mençaõ na 2. Decada liv. 2. cap. 2. e no liv. 4. cap. 4. onde accreſcenta, que até da vida do Gran Tamorlaõ, que tambem alcançou eſcrita naquella lingua; tinha feito traduzir a maior parte. Pelo que parece que naõ faltaria na traduçaõ do Tarigh, que tanto lhe importava, quem fazia occupar o interprete em outra obra, que quaſi lhe era deſneceſſaria.

Para a graduaçaõ das Provincias ſe valeo dos noſſos meſmos pilotos Portu-

gue-

(*) *Teixeira no Prologo das Relaçoens.*

guezes, (*) que navegando todos aqueiles mares com o Aſtrolabio, e ſonda na maõ, fizeraõ reprovar as mais das opinioens dos Gregos, e Romanos, que fallaraõ das couſas do Oriente com muito pouca noticia; cheas eſtaõ as Decadas (**) deſtas emendas, e correcçoens feitas a Ptolomeo; Arriano, e aos mais Geografos antigos, que da India trataraõ. (***) E para poder deſcrever as Provincias mediterranias, mandou vir os livros, que de ſua Greografia ſe podéraõ haver, como foi hum da Geografia da China, com todas ſuas Regioens em taboas, e para o Interpretar comprou hum Chim douto em ſuas letras, que lhe ſervio deſte officio. E na Decad. 2. liv. 5. cap. 1. allega outro livro da Geografia da Perſia. Pelo que com razaõ lhe deraõ muitos Authores taõ grande lugar entre os famoſos Coſmografos do mundo.

Pois o animo verdadeiro, com que tratou dos homens, vemos bem claro neſtas Decadas, onde com ſumma liberdade reprova os vicios, e louva as virtu-

(*) *Noticia da Geografia.* (**) *Dec. 3. liv. 2. c. 1.* (***) *Decad. 3. lib. 2 cap. 1.*

tudes, que alguns Capitaens tiveraõ, dando a cada hum o seu; e assi o protesta elle na 1. Decad. liv. 3. cap. 12. dizendo: *Pois a Deos aprouve que naõ por officio, mas por inclinaçaõ, naõ por premio, mas de graça, e mais offerecido que convidado, tomasse o cuidado de escrever as cousas, que passaraõ neste descobrimento, e conquista do Oriente, naõ permitirá, que eu perca algum premio, se o deste trabalho posso ter, trocando, ou negando os meritos de cada hum &c.* E se alguem lhe notar, que deixou de escrever algumas particularidades, que houve por vezes entre os nossos mesmos Capitaens, a isso responde elle, que nestas suas Decadas mais trabalhou por referir o essencial da historia, que naõ em ampliar miudesas, descobrindo vicios alheios, de que muitos naõ sabiaõ parte, com que sem beneficio publico se infamaõ as almas dos defuntos, naõ servindo tais exemplos senaõ de accrescentar odios entre seus descendentes, e de ser mais licença de vicios, que abstinencia delles, o que em toda a boa historia se deve com muito cuidado evitar.

A

A clareza da narrativa he aſſás evidente, por fallar com palavras muito proprias, e naturaes, e com tudo ſe vê nelle tanta mageſtade, que cauſa admiraçaõ poder ajuntar com tanta gravidade, tanta clareza; porque nas diſpoſiçoens he taõ facil, que muitas vezes parece mais poeta, que hiſtorico, poſto que neſta parte a hiſtoria. e poeſia ſejaõ muito conformes. Vejaõ-ſe neſta materia as deſcripçoens das tromentas, das batalhas, das baterias, as viſtas, e embaixadas, onde àlém de eſcrever tudo como ſe o viſſe diante dos olhos, move notavelmente os affectos de admiraçaõ, e alegria: e as deſcripçoens das Provincias, Ilhas, Cidades, e portos, declara com taes palavras, que eſcuſou pór taboas Geograficas: porque comparando cada couſa deſtas a algum final conhecido (ſegundo as regras da Arte Memorativa) faz comprehender dos leitores a figura, ou couſa, de que trata, com ſumma diſtinçaõ.

O Juizo conſta naõ ſó em obſervar as leys integrantes da Hiſtoria, mas na boa ordem, e diſpoſiçaõ della, e no julgar o que ſe errou, ou acertou nas acçoens

çoens publicas, e particulares de que trata. As leys da Hiſtoria integrantes ſeguio propondo no principio a materia que tratava, introduzindo hum excellente exordio da origem das guerras entre os Mouros, e Portuguezes: no que tem faltado muitos modernos, que começaõ ſuas hiſtorias como ſe eſcreveraõ huma carta; naõ ſe pejando de profeſſarem compor em huma Arte, ſem aprenderem primeiro os preceitos, e regras della.

A ordem da Hiſtoria foi convenientiſſima, ſeguindo os annos; e os governos, e dividindo-a por Decadas; diviſaõ tambem achada, que a ella ſe tinhaõ já reduzido os livros de Tito Livio, e depois ſeguiraõ nella a Joaõ de Barros os que eſcreveraõ as Hiſtorias das Indias Orientaes, e Occidentaes, como o vemos em Diogo do Couto, e Antonio de Herrera. As digreſſoens ſaõ poucas, e eſſas neceſſarias, e taõ cheas de exemplos, e caſos raros, que de muitos delles ſe aproveitou Joaõ Botero nos ſeus Apothemas. As mais perfeiçoens deſta Hiſtoria pode julgar quem a ler, e verá nella muitos diſcurſos, conſelhos, e caſos diverſos, que ſempre reſol-

reſolve, e refere o Autor com acertado parecer, e aſſi aqui ſe achaõ as ſentenças, os prognoſticos, e excellentes elogios: onde, como diz Tullio, ſe vê: *hominum ipſorum tum geſta, tum mores, et ingenium.* E deſta parte judicial tirou Dom Fernando Alvia de Caſtro huns Aphoriſmos politicos com tanta erudiçaõ, e exemplos, que ſe podem comparar aos melhores de Tacito, e fazem muita ventagem a outros que neſte genero de eſcritura ſe compuſeraõ. Finalmente pelas excellencias deſta obra he tido Joaõ de Barros univerſalmente por hum dos mais inſignes Hiſtoriadores do mundo, e celebrado de muitos e graves Authores com titulos honorificos, dos quaes Frei Vicente Juſtiniano, (*) e o Padre Mapheu lhe chamaõ *Grave Eſcritor.* (**) Joaõ de Pineda, *Preclaro*, o Author das Viagens do Mundo, (***) *Diligentiſſimo*, Fr. Simaõ Coelho, *Muito douto, e elegante.* Pero de Magalhaens, Pero de Mariz, Diogo do Couto, e o Chro-

(*) *Fr. Vicente vida de S. Luiz Beltraõ.*
(**) *Maph. l.* 1. (***) *Pineda de Reb. Salom. l.* 4. *c.* 11. *Viagens do Mundo p.* 1. *in fine. Chronic. do Carmo l.* 2. *c.* 6. *Poſſiv. Sect.* 6. *fol.* 199.

Chroniſta mór Joaõ Bautiſta Lavanha, *Eſcriptor famoſo.* Porém outros naõ contentes ſó com eſtes illuſtres epitetos ſe alargaraõ a maiores encomios, como ſe vê neſtas palavras do Padre Antonio Poſſivino, que na ſua Bibliotheca Selecta tratando dos Hiſtoriadores diz delle: *Joanes de Barros Luſitanus in Aſia ab ſe deſcripta, qui egregium ſe ſcriptorem hac noſtra ætate præſtitit &c.* O Padre Fr. Antonio de S. Romaõ (1) lhe chama Tito Livio Portuguez dizendo: *Juam de Barros unico Tito Livio de aquellos Reynos, cuyas, Decadas, aunque ſe traduxeron en Italiano, ſe han conſumido de manera, que no ſe allan, aun entre ſus miſmos naturales, deviendo perpetuar-ſe coſa tan memorable en tablas de bronze &c.* E Dom Fernando Alvia de Caſtro (**) o compara a Homero, a quem os antigos tiveraõ por Pay da hiſtoria, dizendo: *Juan de Barros excellente hiſtoriador Portuguez lo eſcrive con tanta perfeccion, que ſi el miſmo Alexandro le alcançara no embidia-*

(*) *Fr. Antonio de S. Romaõ prologo da Hiſtoria geral da India.* (**) *D. Fernando Alvia na dedicatoria dos Aphoriſmos.*

*bidiara a Achiles por Homero &c.* E Affonſo de Ulhoa na Dedicatoria da traduçaõ Italiana ao Duque de Mantua affirma ſer eſta hiſtoria huma das melhores, que ſe compuſeraõ no mundo: *E una delle rare, e pretioſe coſe che in queſto ſuggetto fin hoggidi ſieno ſtate vedute &c.*

Eſta eſtimaçaõ dos doutos approvaraõ tambem os Principes do mundo, porque em Veneza ſe mandou pôr ſua imagem entre os Varoens famoſos: (*) e o Papa Pio IV. a fez collocar nos Paços do Vaticano junto com a de Ptolomeu: e ElRey D. Filippe II. de Portugal ſó por conſervar a memoria de tal hiſtoriador, e por participar o mundo de ſuas obras, mandou imprimir á cuſta de ſua Real Fazenda a quarta Decada da Aſia, que Joaõ de Barros tinha deixado ainda imperfeita, ſem embargo de eſtarem já aquellas meſmas hiſtorias eſcritas neſte Reyno, e impreſſas por Fernaõ de Caſtanheda, Diogo do Couto, e Franciſco d'Andrada. A eſtes dous teſtimunhos dos Principes, e doutos, po-

(*) *Magalhaens no Dialogo da lingoa: Portugueza. Petronio Croniça do Carmo ubi ſupr.*

podemos accreſcentar a commua opiniaõ de toda a Europa, onde foraõ taõ buſcadas, eſtas Decadas, que chega a affirmar Diogo do Couto, (*) que na India naõ ha mais de humas, e em Portugal pouco mais de dez, tanto ſe levaraõ pelos eſtrangeiros, e com taõ exceſſivos preços, que quaſi naõ he crivel o que niſto paſſa: e fazendo-ſe huma traduçaõ dellas em lingua Italiana por Affonſo de Ulhoa, ſe gaſtaraõ de maneira, que nem em Italiano, nem em Portuguez ſe achaõ de venda em parte alguma, como jà o vimos na autoridade referida do Padre Fr. Antonio de S. Romaõ, e o affirma D. Fernando Alvia de Caſtro (**) elegantemente neſtas palavras: *Viendo que cara a cara no podia calumniar ſus Decadas, por haver guardado com igualdad, y primor, las tres partes neceſſarias a una buena hiſtoria, verdad, claridad, y diſcurſo, como rabioſa, traidora, de mala caſta, parece diſpuſo para diſſimulacion de ſu gloria, ſe ayan acabado tantas, que ay mui*

(*) *Couto no Prologo da Decada 4.*

(**) *D. Fernando Alvia no prologo dos Aphoriſmos.*

*mui pocas, y quaſi ninguna de venta, aun a mucho, precio, que qualquiera mereciera, mejor que el grande, que ſe dio por el pinzel de Apelles, cujas figuras, aun que de ſuma perfeccion, eran al fin muertas, y Barros con ſu pluma dexa vivos en la fama, y celebrados perpetuamente los gallardos Portuguezes, que murieron vitorioſos de varios, admirables, y felices ſucceſſos &c.* De maneira que quem alcança hoje hum livro deſtes, o tem em preço de huma joia de grande valor.

Porém quanto mais ſaõ eſtimadas as obras com que ſahio á luz, tanto maior pena nos podem cauſar as que deixou começadas; e intentadas, que ſem duvida ſeriaõ de grande ornamento para eſte Reyno; mas pois naõ pudémos lá lograr a excellencia deſtes volumes, apontarei aqui, ao menos, a traça, e deſpoſiçaõ delles, para ainda aſſi ſerem de porveito (como já foraõ) aos curioſos. Que ſe ſaõ tidos dos Architectos em muito preço os livros de pinturas, e deſſenhos de edificios imaginados, com quanta mais razaõ ſe devem eſtimar os penſamentos de Joaõ de Barros,

que

que tratáõ de outras fabricas, tanto mais nobres quanto as obras manuaes cedem as do entendimento?

Da hiſtoria deſte Reyno alèm da ſua Aſia, prometeo compor Joaõ de Barros tres partes intituladas, *Europa*, *Africa*, *e Santa Cruz*: na Europa determinava tratar da Milicia dos Portuguezes, começando do tempo que os Romanos conquiſtaraõ Heſpanha, na qual guerra os Luſitanos alcançaraõ ácerca delles grande nome por feitos illuſtres, (*) e dahi diſcorrendo por os tempos té o Conde Dom Henrique, e ſeu filho Dom Affonſo, e ſeus ſucceſſores. Deſta promeſſa ſe deſobrigou no Prologo da quarta Decada, pela contradiçaõ que achou em alguns emulos, dizendo, que o meſmo direito o favorecia para naõ cumprir o prometido, pois lhe naõ fora aceitado. Ao que tambem ſe ajuntou o pouco deſcanço, e tempo que teve para ſe occupar em taõ grande eſcritura: porém com eſte ſeu intento deu motivo a que eſta hiſtoria ſe compuzeſſe depois pelo Padre Fr. Bernardo de Brito nas duas partes da Monarquia Luſitana, que prin-

(*) *Decad. 1. liv. 1. cap. 1.*

principalmente contém as guerras dos Romanos em Luſitania com o mais que nella ſuccedeo até a ultima doaçaõ que ſe fez de Portugal ao Conde D. Henrique, como elle o dá a entender na dedicatoria da ſua primeira parte: e aſſi meſmo foi tambem occaſiaõ para o Licenciado Duarte Nunez de Leaõ por mandado delRey D. Filippe I. reformar algumas couſas que andavaõ eſcritas nas Chronicas de Portugal, como o meſmo Author (*) confeſſa na cenſura da Chronica d'ElRey D. Affonſo Henriques, ſeguindo a opiniaõ, que Joaõ de Barros teve em favor da fama deſte valeroſiſſimo Principe, e da Rainha Dona Tareja ſua mãy, onde diz, que ſe Joaõ de Barros eſcrevera os livros de ſua Europa, fora eſcuſada neſta materia toda a outra diligencia, e trabalho. A meſma occaſiaõ deu Joaõ de Barros a Damiaõ de Goes para eſcrever na Chronica do Principe D. Joaõ hum largo diſcurſo em favor da honeſtidade da Rainha Dona Joanna de Caſtella mulher d'ElRey D. Henrique IV. como ſe vê do Prologo da terceira Decada contra Antonio de Nebrixa, cuja

P mal

(*) *Decad.* 3. *liv.* 1. *c.* 4.

mal fundada opiniaõ condenou depois Damiaõ de Goes com taes palavras, que o Condeſtabel de Caſtella Joaõ de Valaſco exclama invocando-o a elle contra o Padre Joaõ de Mariana, por falar com a inurbanidade de Grammatico nas peſſoas dos Principes indecentemente, e contra o decóro da perfeita Hiſtoria.

A outra parte da milicia de Portugal, que Joaõ de Barros juntamente prometteo chamava, Africa, cujo principio começava na tomada de Ceita. Eſte livro, ainda que o allega muitas vezes nas ſuas Decadas, naõ o compôs, e deixou de o fazer pelas meſmas razoens que diſſemos da Europa: porém, ſe bem conſiderarmos, naõ he pouco benemerito aos trabalhos, que os Portuguezes paſſaraõ no deſcobrimento deſta parte do mundo, pois os primeiros tres livros da ſua primeira Decada naõ tratáõ de outra couſa; além do que depois eſcreve no proceſſo da meſma hiſtoria tocante a Africa, como ſaõ os ſucceſſos de Quiloa, Mombaça, Sofalla, e Ethiopia ſobre o Egypto, a que vulgarmente chamamos Reino do Preſte Joaõ.

A ultima parte da milicia Portugue-

gueza intitulou *Santa Cruz* ( que he a Provincia que agora dizemos Brafil ) e lhe dava principio no deſcobrimento de Pedralvres Cabral, deſta ſe naõ acha nada eſcrito ; que naõ he pequena falta para eſte Reino, porque tendo hoje eſta Provincia creſcido notavelmente em riqueza, e policia, com muitas povoaçoens populoſas, e nobres, eſtá quaſi totalmente falta de Hiſtoria, defendendo nella os Portuguezes aquelles pórtos, e coſtas maritimas contra poderoſos Piratas, que juntos com os barbaros Gentios, obrigaraõ os noſſos a militar mais, que a cultivar a terra por muitos annos : eſtando naquelle tempo os pórto abertos, ſem Fortalezas, ou Caſtellos, que prohibiſſem eſtas entradas, em que houve caſos mui dignos de memoria, e ſendo as couſas naturaes da terra mui notaveis, e eſtranhas a nòs, por quam maravilhoſa ſe moſtrou nellas a natureza, he mais para ſentir a falta que nella parte nos faz a Hiſtoria de Joaõ de Barros.

Em materias moraes, álém das obras que imprimio, e de que já fallamos, faz elle mençaõ do Tratado de

Cauſas, ou Problemas moraes, e o allega no Dialogo da Viciola vergonha fallando com ſeu filho Antonio de Barros, para q'e o compunha, pelo diſcurſo dos tempos, onde lhe diz eſtas palavras: *Ás cauſas do teu tratado naõ ſaõ naturaes, mas moraes, ou por fallar verdade, ſaõ de homens temporaes, que em humas meſmas obras deraõ diverſos frutos por differentes cauſas, donde naſceo o titulo ao teu tratado.* Eſta obra me affirmaraõ algumas peſſoas graves, que viraõ de todo acabada, e que o original eſtava em Viſeu em poder de hum ſobrinho do meſmo Author.

No prologo da quarta Decada allega tambem outro tratado, que intitula das Abuſoens do tempo, e diz que lhe dá eſte titulo, por ſer em defenſaõ de ſuas occupaçoens, a que os amigos, e parentes davaõ nome de Abuſoens, e diz que nelle particularmente eſcreve das abuſoens, de que o tachavaõ, e das que vio uſar ao meſmo tempo, e que nelle ſe verá a razaõ porque imitou antes a doutrina de Tales, que a mercancia do ſeu azeite. Eſte tratado compós em trovas pequenas de oito ſyllabas, a que cha-

chamaõ, *Redondilhas*, e o dedicou a Joaõ Rodrigues de Sá de Menezes, com quem tinha particular amizade: o titulo delle he *Exclamaçaõ contra os vicios*: ſaõ mais de 460. coplas, e a primeira começa:

*Em aquella eternamente*
*Alta luz inacceſſivel, &c.*

Repartio-o em tres partes, a que reduzio todos os actos da Filoſofia, e parece o eſcreveo no anno de 1561. ſegundo de tudo me advertio o Licenciado Franciſco Galvaõ de Mendanha, que o leo, e me communicou eſta, e outras muitas particularidades de ſuas obras.

Das obras Mathematicas deixou imperfeita a ſua Geografia Univerſal, (*) a qual hia compondo em lingua Latina de todo o deſcuberto, aſſi em graduaçaõ de taboas, como em commentarios ſobre ellas, applicando o moderno ao antigo, como o declara no primeiro capitulo de ſua primeira Decada, e no liv. 4. da meſma cap. 2. diz, que nos primeiros livros da ſua Geografia eſcreve do Aſtrolabio, e adiante no capitulo ſexto allega o capitulo dos inſtrumentos da na-

ve-

(*) *Decada* 1. *lib.* 1. *cap.* 1.

vegaçaõ, por onde parece que primeiro dava os preceitos da Arte, e depois descrevia as Provincias: os commentarios tambem deviaõ ser muito eruditos, pois tratavaõ das fundaçoens das Cidades, da Religiaõ, e costumes das gentes, e outras cousas raras, como se vê de muitos lugares das suas Decadas, em que deixa semelhantes noticias para a sua Geografia. Esta obra parece dividia em quatro partes, segundo se collige da segunda Decada liv. 8. cap. 2. em que diz, que faz huma quarta parte da sua Geografia, em que trata particularmente de todas as Ilhas do mundo: o qual conceito seguio depois Joaõ Botero, como se vê nas suas Relaçoens Universaes. Naõ ficou esta Geografia de todo acabada, ainda que fez grande parte della, e quando ultimamente deixou o intento de compôr a Europa, e Africa, foi para se dedicar todo a esta empresa, segundo parece do Prologo da quarta Decada. Porém como depois de seu fallecimento correraõ seus papeis por tantas mãos, he pouco o que chegou a poder de Joaõ Bautista Lavanha Chronista mór deste Reino, a quem ElRey D Filippe II.

de

de Portugal os mandou entregar. Mas ainda que naõ compôs a Geografia inteiramente, affaz deixou escrito nas suas Decadas das Regioens de Africa, e Asia, de maneira que he hoje a melhor cousa que ha nesta materia: e assi as descripçoens Geograficas da sua primeira Decada, como cousa rara, andaõ traduzidas em Italiano no fim do primeiro volume das Viagens do Mundo. Tambem na sua quarta Decada sairaõ algumas taboas daquellas Provincias da Asia com largas relaçoens della, no que puseraõ os nossos maior cuidado, por ser materia de intelligencia, que em pintar figuras de homens, e mulheres, como fizeraõ os Olandezes enchendo grandes volumes destas impertinentes pinturas, e na materia da Geografia, que era o essencial, naõ deraõ noticia alguma de novo, que fosse de consideraçaõ; como que importava mais para o bem do mundo ver pintados os furtos que se fizeraõ em Goa, que a Geografia da mesma Provincia. Mas como naõ haja conselheiro mais cego que o odio, este fez escurecer huma obra taõ insigne, como saõ os livros das suas navegaçoens Orientaes,

taes, com eſtas, e outras ſemelhantes relaçoens, e pinturas: pois ſendo taõ geral em todas as Republicas ſuccederem caſos facinoroſos, e algumas empreſas menos proſperas, a paixaõ, e inimiſade que contra nós tem, lhes cegou o entendimento de maneira, que eſtes acontecimentos particulares nos imputaõ por crimes de toda a naçaõ, mal lembrados daquelle excellente dito de Menon Capitaõ de Dario, o qual ouvindo a hum ſeu ſoldado praguejar de Alexandre, lhe reſpondeo: *Cala-te que te naõ dou ſoldo para dizeres mal de Alexandre, ſenaõ para pelejares contra elle.*

Outra obra tinha tambem intentado Joaõ de Barros, que intitulava, *Sphera da inſtrucçaõ das couſas*, o qual livro allega na parte da Mecanica, que diz ſer toda de Architectura, como ſe vê na ſegunda Decada lib. 1. cap. 3. que tambem naõ ſahio á luz.

Além da hiſtoria militar da Aſia prometteo Joaõ de Barros, pelo que tocava ao commercio, eſcrever hum livro de todas as couſas naturaes, e artificiaes, que da India (*) ſe traziaõ a eſtas partes,

(*) *Dec. 1. c. 1. l. 6. c. 4. l. 8. c. 6. Dec. 2. l. 2. c. 3.*

tes, declarando a qualidade, e natureza de cada huma dellas, com os pelos, medidas, e preços communs das couſas; para que o commercio que, como elle diz, andava por todas as gentes ſem lei, nem regras de prudencia, e ſómente ſe governava pelo impeto da cobiça que cada hum tinha, o reduziſſe a Arte, com regras univerſaes; e particulares; como as tem todas as ſciencias, e Artes activas para ſe exercitarem bem, e politicamente. Segundo iſto continha eſta obra dous argumentos, hum era a hiſtoria natural do Oriente das plantas, e animaes daquellas Provincias, e outro das obras artificiaes, e couſas pertencentes á commutaçaõ, e commercio: de ambas eſtas materias deviaõ de ficar fragmentos que naõ ſairaõ á luz. Mas em lugar de Joaõ de Barros eſcreveo das drogas do Oriente em vulgar o noſſo Doutor Garcia d'Orta com grande louvor, cujos livros ſaõ mui eſtimados, e andaõ traduzidos em lingua Latina por Carolo Cluſio, impreſſo em Anvers no anno de mil e quinhentos ſetenta e tres, e deſpois outro diſcipulo do meſmo Garcia d'Orta chamado Chriſtovaõ da Coſ-

ta,

ta, natural de huma das noſſas Colonias de Africa, ſeguio eſta empreſa mais largamente, no tratado que compôs em lingoa Caſtelhana, das drogas, e medicinas do Oriente, com os retratos das meſmas plantas, o qual no ſeu Tratado do Elefante diz, que tambem tinha eſcrito outro livro de todas as Aves, e outros animaes da Aſia: (*) pelo que com pouca rezaõ dizem de nòs alguns eſtrangeiros que paſſamos á India ſó com cobiça de ſuas riquezas, e naõ com curioſidade de manifeſtar ao mundo as maravilhas que nella tem obrado a natureza. O outro Tratado das couſas artificiaes dá a entender Joaõ de Barros que o deixou quaſi acabado, poſto que ſe naõ publicou, e os Olandezes aproveitando-ſe deſte conceito, trataraõ eſta materia em muitos lugares de ſeus livros das navegaçoes Orientaes: de maneira, que ainda que Joaõ de Barros naõ acabou eſta, e outras obras; com tudo foi cauſa de termos hoje muitas dellas, ou dando o conceito, ou ainda inſinuando a ordem, e materia. E podemos ter por ſem duvida, que todas eſtas empreſas

(*) *Lagun. ſobre Dioſcorid.*

ſas acabàra ſe tivera livre o tempo, que o Cargo lhe roubava, como o diz largamente o Padre Meſtre Fr. Simaõ Coelho Carmelita em hum diſcurſo que faz ſobre Joaõ de Barros, lamentando-ſe ainda em vida do meſmo Author, de lhe naõ darem os Principes o deſcanço neceſſario a ſeus eſtudos, o qual conclue com eſtas palavras: *Eſte mal, como natural enfermidade, tem ſoterrado eſte Varaõ digno de o porem com muita honra, e deſcanço em lugar que com mais facilidade pudeſſe avivar com ſua penna a fama de ſua Patria, como atèqui o fez com muito trabalho.* (*) Naõ devemos com tudo de nos eſpantar de faltar a ſemelhantes engenhos eſte repouſo, pois he taõ grande a eficaceſa com que o mundo galardoa, que em todas as Republicas ha muitos Miniſtros com poder de caſtigar, e hum ſó o tem, para dar o premio.

Porém levando o Officio a Joaõ de Barros os dias inteiros, ſó lhe ficava parte das noites para poder compor, e aſſi naõ ſómente devemos ter em muito, que hum homem dividido em taõ varios ne-

ci-

(*) *Chron. do Carm. tom. 3. cap.*

gocios ſe applicaſſe tanto ás letras, mas ainda que pudeſſe acabar com perfeiçaõ tantas obras no pouco eſpaço que lhe reſtava das noites. Pelo que com razaõ ſe admiraõ diſſo Ludovico Vives no lugar já referido, (*) e o Doutor Antonio Luiz, que fallando com o noſſo Author diz aſſi: *Quanvis tum Regnum, tum Reipublicæ negotia tuis humeris incumbant; tot tamen legiſti, & ſcripſiſti naturali quadam mentis adintus acie, ut legentibus occaſionem inquirendi tribuas, quando homini tam occupato, & tantis curis deſtricto aſt hæc tam concinna, tam docta ſcribere vacavit &c.* Daqui podemos julgar, que ſe os antigos celebráraõ tanto as Lucernas de Cleantes, e Ariſtofanes, que ficáraõ em adagio ácerca dos Gregos, e Latinos, com reſultarem ſó deſte eſtudo algumas poeſias tragicas; com quanta mais razaõ devem ſer eſtimadas as vigias do noſſo Joaõ de Barros, pois dellas naſceraõ, naõ ſonhadas fabulas, mas hiſtorias verdadeiras, e graviſſimas, e tantas outras obras mathematicas, e moraes, as quaes podem álém diſſo ſervir de exemplo aos eſtu-

(*) *Na dedic. do opuſculo de Pudore.*

eſtudioſos para naõ deſanimar no meio de grandes occupaçoens, entendendo que lhe naõ faltará tempo para ſi, e para ſeus eſtudos, pois naõ faltou a Plinio, (*) e a Joaõ de Barros entre tantos negocios publicos ſe o ſouberaõ a proveitar, como eſtes Varoens fizeraõ, por ſer certa aquella ſentença de Seneca, que o tempo naõ falta ſe o naõ perdemos: *Non exiguum temporis habemus*, diz elle, (*) *ſed multum perdimus, ſatis longa vita, e in maximarum rerum conſumationem large data eſt, ſi tota bene collocaretur, ſed ubi per luxum ac negligentiam defluit, ubi nulli rei bonæ impenditur, ultima demum neceſſitate cogente, quam ire non intelleximus, tranſiſſe ſentimus*: De maneira, que naõ ſomos pobres de tempo, ſenaõ prodigos delle.

Deſtes fragmentos, e obras poſthumas de Joaõ de Barros mandou ElRei D. Felippe I. de Portugal (como protector que ſempre ſe moſtrou das boas artes) recolher no anno de 1591. as que ſe puderaõ achar em poder de Dona Lui-

za

(*) *Plinio Epiſt liv. 3.*
(**) *Senec. de Brevit. vit cap. 1.*

za Soares, Nora de Joaõ de Barros, que ficara viuva de Jeronimo de Barros ſeu filho mais velho, e ſó pelos quadernos da quarta Decada, e Geografia, lhe mandou dar quinhentos mil reis, e deſejando que faiſſem á luz mandou entregar eſtes papeis a Dom Fernando de Caſtro Pereira Fidalgo de grandes partes, e muito douto nas letras humanas, o qual por fallecer dahi a pouco, tempo, os naõ póde aperfeiçoar. Por ſua morte ordenou ElRei, que ſe recolheſſem eſtes originaes em Saõ Roque, com tençaõ de fazer vir o Padre Chriſtovaõ Clavio da Companhia de JESUS para dar fim ao livro da Geografia, o que naõ teve effeito pelas occupaçoens em que eſtava em Roma das ſuas Compoſiçoens. Daqui mandou entregar a quarta Decada a Duarte Nunes de Leaõ, pela opiniaõ que delle tinha em materia de hiſtoria, e a outros homens doutos, que por diverſos impedimentos naõ puderaõ tirar eſtas obras á luz: o que ſentindo ElRei, e querendo que ao menos ſe conſervaſſe a ordem, e eſtilo deſta hiſtoria, mandou a Diogo do Couto que ſe ſeguiſſe a da India do ponto em que Joaõ de Bar-

Barros deixara a terceira Decada, o que elle fez com diligencia, e acabou ainda em vida do meſmo Rei a quarta no anno de 1597. como ſe vê da dedicatoria da meſma. Porém ſuccedendo depois El-Rei Dom Felippe II. e querendo fazer mercê á memoria de Joaõ de Barros, e a todo eſte Reino, ordenou, que eſtes fragmentos da ſua quarta Decada ſe entregaſſe a Joaõ Bautiſta Lavanha, quaſi cincoenta annos depois de compoſtos, os quaes elle com muito trabalho, e diligencia reformou, e os illuſtrou com annotaçoens, e taboas Geograficas, de modo que ficou eſta quarta Decada hum dos melhores livros, que hoje temos em noſſo vulgar.

Eſtas foraõ as obras de Joaõ de Barros, o qual no fim do anno de 1567. achando-ſe cançado dos trabalhos, e Cargos, que tinha, e de algumas enfermidades, que já por a idade o moleſtavaõ, deſejou de ſe tirar de negocios, para que dedicado todo a ſeus eſtudos viveſſe ſó para ſi; e poſto que tinha filhos em idade ſufficiente para quem pudera pedir o Officio, naõ o fez aſſi, antes livremente o renunciou nas maõs del-

Rei,

Rei, querendo mais deixar ſeus filhos menos ricos, e fóra de occaſioens, em que podiaõ enlaçar a conſciencia, que, por ficarem com mais rendas, mete-los neſtes perigos. Acceitou-lhe ElRei D. Sebaſtiaõ a ceſſaõ do Cargo, e por eſte reſpeito lhe fez algumas mercês, de que as principaes foraõ, dar-lhe mil cruzados de tença em vida, e licença para poder mandar trazer da India tanto em drogas, e mercadorias, que lhe ficaſſem no Reino quatro mil cruzados de ganho liquidos; e libertando-o de todos os direitos, e fretes: filhou-o por Fidalgo com dous mil reis de moradia, e que por ſua morte ficaſſem cincoenta mil reis de tença a ſua mulher Maria de Almeida, e cento cincoenta mil reis a ſeu filho Jeronymo de Barros, até o provêr de huma Commenda de mór quantia, e para caſamento de huma de ſuas filhas lhes deo a Capitanía de duas Náos de viagem da India, o que tudo depois ſe cumprio.

Concluidos eſtes deſpachos em Janeiro de 1568. foi-ſe Joaõ de Barros para a ſua quinta da Ribeira de Alitem junto a Pombal para poſſuir aquelle ocio da

da velhice, pelo qual ſuſpiraõ tanto os homens, que ſó o cuidar, e fallar nelle tem por deſcanço, como de ſi confeſſava o Emperador Auguſto, quando eſcrevendo ao Senado lho dizia: (1) *Me tamen cupido temporis optatiſſimi mihi provexit, ut quanquam rerum lætitia moratur, adhuc perciperem aliquid voluptatis ex verborum dulcedine.* Para eſte repouſo deſculpaõ os homens todos os tratos, trabalhos, e perigos da vida, e com tudo ſaõ rariſſimos os que o alcançaõ, por grandes, e poderoſos que ſejaõ, padecendo os mais delles o naufragio da morte, antes de tomar eſte porto; ou em chegando a elle.

*Que a vida já gaſtada em buſcar vida,*
*Falta para a lograr quando ſe alcança.*

Como bem diſſe hum Poeta noſſo: de maneira, que acabaõ a vida quando cuidaõ que começaõ a viver. He porém eſta vida ſolitaria do campo mui propria dos velhos, e ſabios, ſegundo Tullio, que por eſte reſpeito tem eſta idade por melhor afortunada: e tanto a eſtimou o famoſo Similo de Diaõ Caſſio, que ſó os annos que a poſſuio, confeſ-

Q ſou

(*) *Senec. de Brevit. vit. cap.* 8.

ſou em ſeu epitafio, que vivera.

Durou eſte repouſo a Joaõ de Barros perto de tres annos, nos quaes parece que tratou mais comſigo, que com os livros; porque levando a quarta Decada acabada de Lisboa (ſegundo ſe vê da ſua Apologia, que moſtra ſer feita ſervindo ainda o Officio) nem a imprimio neſte eſpaço, nem deo fim á ſua Geografia, e ainda que as indiſpoſiçones daquella idade (que já ſegundo a Eſcritura hia entrando nos annos de trabalho, e dôr) pódem ſer deſculpa deſte ſilencio, aſſaz a tem tambem ſe tomou eſte tempo para ſi meſmo, pois tantos annos tinha vivido para os outros: e nelle ſe aparelhou para a ultima jornada, para ſe naõ achar naquella hora deſapercebido, a qual lhe ſobreveio neſte terceiro anno a 20. de Outubro de 1570. e foi enterrado em huma Hermida da invocaçaõ de Santo Antonio, que eſtá além do rio Arunca, no termo de Leiria. Ao tempo que falleceo devia de ſer de 70. annos, e mais: o que ſe vê claro, porque ElRei Dom Manoel lhe encomendou a hiſtoria da India no anno de 1520 em que ao menos devia ſer de 20.

até

até 25 annos, pois ElRei o julgava já por peſſoa de quem ſe podia fiar tal empreſa, e accreſcentando mais os cincoenta, que vaõ até o de 1570. fazem mais de 70. e por eſtas conjecturas ſe póde ter por certo o anno do naſcimento, que lhe dei ao principio deſta Relaçaõ.

Era Joaõ de Barros (ſegundo mo referio o Padre Joaõ Alvares, Aſſiſtente, e Provincial que foi da Companhia de JESUS deſte Reino, que o vio, e tratou em Lisboa no anno de 1563. e ſe vê do ſeu retrato) homem de veneravel preſença, alvo de côr, olhos eſpertos, e nariz aquilino, barba comprida, e toda branca, magro, e naõ grande do corpo, na pratica ainda que grave, era apraſivel, e de grande converſaçaõ. Foi Varaõ de vida exemplar, e mui pio, como ſe vê bem de ſuas obras, que pódem ſer niſto exemplo a outros Eſcritores modernos; os quaes compõem ſeus livros com tal eſquecimento das couſas divinas, que lidos elles, naõ ſe póde determinar, ſe he o Author Chriſtaõ, ſe Gentio, como já ſe diſſe de Joviano Pontano, e de outros. Eſta piedade lhe fez procurar por tantas vias o melhoramento dos coſtu-

mes de ſeus naturaes, compondo tantas obras, como foraõ as de Eſpiritual mercancia, Vicioſa vergonha, Exclamações contra os vicios, Jogo das virtudes, e ainda os Tratados da Grammatica; de maneira que tomou o Officio de Prégador com naõ pequeno fruto para todos os tempos, e idades; o que ſendo nelle tanto de louvar deo occaſiaõ á aquelles que naõ querem ver ſeus vicios reprehendidos, para o notarem de atrevido, de maneira que lhe foi neceſſario reſponder no Dialogo da Vicioſa vergonha a ſeu filho Antonio de Barros entre outras eſtas palavras: *Naõ fez Deos differença de genero de idade, ou de algum eſtado, que deſobrigue de aprender, e enſinar os preceitos da lei, a todos em comum eſtá encomendado. Naõ te pareça, que eſte cuidado ſe encarregou ſó a Doutores graduados em Pariz, a graça do Bautiſmo habilitou a todos: muitos offerecêraõ no Templo grandes offertas, e ſómente louvou Chriſto a megalha da pobre Viuva, porque deo de coraçaõ toda ſua poſſibilidade. Todos corremos em aprazer ao Senhor, e quem zelar ſua lei merecerá ſer aſpirado para o miniſ-*

terio

*terio della, e dado que eu naõ seja dos escolhidos para o ministerio do ensinar, sou dos chamados para obsequio da lei, e se me por isso reprehendem, bemaventurados aquelles que padecem perseguiçaõ pela justiça, mas naõ mereço tanto ante Deos, que veja esta bemaventurança.*

A inteireza, e verdade com que procedeo, sem ser vencido do interesse, podemos ter por milagrosa, pois a Sagrada Escritura lhe dá este titulo, quando diz, que o homem que despreza o ouro, faz milagres em sua vida. O como nesta materia se houve Joaõ de Barros, consta da abonaçaõ dos mesmos Reis, a quem servio, os quaes em todas as provisoens das mercês, que lhe fizeraõ, dizem sempre, que lhas fazem pela satisfaçaõ com que servio o Officio de Feitor da Casa da India, e Mina, como o já referimos. He tambem assaz bom testimunho disto, o pouco que deixou a seus herdeiros, havendo outros, que com o mesmo Officio os encheraõ de heranças; e assim desculpando-se elle com seu filho Antonio de Barros no Dialogo da Viciosa vergonha, diz que o

que-

queria deixar bem herdado em virtuoſos coſtumes, e em outras praticas de ſciencias, por ſer herança compoſta de ſuas proprias achegas; e logo ſegue dizendo: *Trabalharei por te naõ envergonhar com edificios, que tem a mageſtade, e opiniaõ da Torre de Babylonia, os quaes depois de compoſtos, vem a confuſaõ eterna, que os devide em tantas linguas, quantas foraõ as achegas de que ſe fundaraõ: e daqui vem quantas heranças vemos ſem proprios herdeiros; porque como ſe ajuntaraõ de eſtranhas fazendas, eſtranhos as herdaõ. Creme, que nunca alguem perdeo o proprio; e por iſſo me ficaõ deſte meu trabalho duas eſperanças, huma que nunca por elle ſerás citado, pois ſaõ noites minhas veladas, e a outra, que tempo virá em que ſerei julgado por homem zeloſo do bem da patria.* Neſte lugar vai diſcurſando ſobre os exceſſos, que os pais cometem por deixarem os filhos ricos ſeja donde for, ganhando com iſſo muitas vezes para ſi proprios condenaçaõ eterna, e deixando os filhos naõ herdados de bons coſtumes, mas àzados para lançarem maõ de todos os vicios, e para

per-

perderem tanto da honra de ſeus avós, quanto ganharaõ outros, que naõ herdaraõ eſta iſca de erros. Tambem no Prologo da Quarta Decada ſe torna a deſculpar com os ſeus deſta contínua queixa, que delle tinha, dizendo: *Se no meſmo Officio naõ temos tanto ſer, como elles dizem, que viveraõ aquelles, a quem nós ſuccedemos, naõ ſerá, porque elle tiveſſe nelles mais do que tem em nós, mas porque elles tiveraõ delle mais do que nós tivemos. E a cauſa fique para outro lugar, porque aqui naõ ſoffre o tempo ſer manifeſta &c.* Eſta rara inteireza moveo aos Reis a lhe fazerem por vezes algumas mercês, entre as quaes El-Rei Dom Joaõ III. no anno de 1550. lhe deo licença para em quanto viveſſe poder mandar vir por ſua conta da India tantas mercadorîas, que tiraſſe dellas fôros cada anno no Reino quinhentos cruzados. E ElRei Dom Sebaſtiaõ lhe perdoou as dividas em que lhe eſtava de certa artlheria, armas, e munições, do tempo da viagem do Maranhaõ, que importariaõ mais de ſeiſcentos mil reis. E no anno de 1563. lhe fez mercê de algumas mercadorîas, que eſtavaõ na Ca-

ſa

ſa da India, e outras couſas de valor de ſeiſcentos e cincoenta mil réis. Depois de ſeu fallecimento pelo meſmo reſpeito fez mercê a ſua mulher da quantia de quinhentos mil réis. E ElRei D. Felippe I. deo cem mil réis de tença a Jeronymo de Barros ſeu filho, com licença de teſtar de trinta mil réis delles, em quem lhe pareceſſe. Mas ſe por cumprir Joaõ de Barros com ſua obrigaçaõ, naõ deixou grandes heranças a ſeus deſcendentes, nem por iſſo ſe devem elles ter por menos afortunados; porque ſe os pais ajuntaõ eſſas riquezas para que fiquem ſeus filhos mais honrados na Republica, naõ podiaõ os de Joaõ de Barros poſſuir morgados, por mais rendoſos que fôſſem, que tanto os honraſſem, como teem tal pai, o qual por ſuas illuſtres obras he taõ inſigne no mundo, que lhe pódem ter inveja muitos poderoſos, e Principes delle; pois he certo, que hum engenho raro, e eminente, honra naõ ſómente huma familia, Cidade, e Provincia inteira; mas ainda a idade, e ſeculo em que naſceo fica illuſtrado com produzir hum Varaõ taõ excellente.

Teve felice memoria, a qual ajudou mui-

muito com a artificial Foi de grande conſelho, prudencia, verdade, e credito com todos; e por eſtas, e outras boas partes era buſcado, e amado de muitos: poſto que lhe naõ faltaraõ alguns emulos (de quem ſe elle queixa na ſua Apologia da Quarta Decada) que he final manifeſto de virtude; porque os máos naturalmente aborrecem os bons, por ſerem contrarios a ſeus coſtumes. Foi caſado com Maria de Almeida, irmãa, de Lopo de Almeida, morador em Leiria, e filha de Diogo de Almeida de Pombal, da qual teve dez filhos, que foraõ, Jeronymo de Barros; Antonio de Barros, e Joaõ de Barros, que lhe ElRei Dom Joaõ filhou por moços fidalgos: Lopo de Barros, a quem tambem filhou ElRei Dom Sebaſtiaõ no meſmo foro. Das filhas, huma foi Dona Maria de Almeida, de que faz mençaõ no Dialogo do Jogo das virtudes moraes, e a outra Dona Iſabel de Almeida, que caſou com Lopo de Barros, e Dona Catharina de Barros, mulher de Chriſtovaõ de Mello, filho de Diogo de Mello da Silva, Veador da Rainha Dona Catharina; de ambas eſtas filhas ha hoje deſcen-

cendencia. Das outras duas, naõ chegáraõ os nomes á minha noticia. Dos filhos, o mais velho, Jeronimo de Barros, caſou com Dona Luiza Soares, e morreo ſem ter geraçaõ; dos outros, Joaõ de Barros morreo na batalha de Alcacere. A' India foraõ Diogo de Barros, a quem mataraõ os Mouros, e Lopo de Barros, que foi Capitaõ de Baçaim, e caſou lá com Dona Mecia de Sequeira, de quem teve a Dona Catharina de Barros, mulher de Pero Peixoto da Silva.

Eſteve o corpo de Joaõ de Barros naquella Hermida de Santo Antonio até o anno de 1601. Em que o Biſpo Capellaõ mór D. Jorge de Ataîde, Commendatario perpetuo do Moſteiro de Alcobaça, lhe fez trasladar os oſſos para a Capella mór da Igreja Parochial da meſma Villa de Alcobaça, que elle mandou acabar, onde lhe queria fazer huma ſumptuoſa ſepultura. Procedeo eſte piadoſo cuidado ao Biſpo, de ſaber que fora Joaõ de Barros ſeu padrinho de pia, porque o Conde da Caſtanheira o tomou por compadre no tempo de ſua mór valia, antepondo as virtudes, e partes que ha-

havia nelle, aos titulos, e honras, que outros em ſemelhantes actos pertendem. Naõ pôde todavia o Biſpo Capellaõ mór acabar eſta obra com aquella grandeza, e perfeiçaõ, com que fez outras muitas neſte Reino, porque lho atalhou a morte. Porém ſe neſta ſepultura faltaõ a Joaõ de Barros os tumulos de marmore, Pyramides e outros ornamentos funeraes, com que os poderoſos do mundo procuraõ dilatar ſua lembrança, tem logo com ſeus eſcritos, e virtudes levantado na memoria dos homens maiores, e mais duraveis Mauſoléos, que os que em Aſia fizeraõ, huma das maravilhas do mundo.

# IN IMAGINEM JOANNIS BARROS.

## *ELOGIUM.*

JOANNES Barros hic eſt, ſcriptor Aſiæ, ſed non Aſiaticus: qui res Indicas in ultimo Occidui Oceani litore, toto pene diviſus orbe, in annales contulit: provincias, litora, promontorio, inſulas, portus delineavit: mores, & ingenia gentium deſcripſit, ea fide, atque diligentia, ac ſi manibus negotia contrectaſſet, pedibus terras percurriſſet: tanta vero luce, ac venuſtate, ut ſcriptor, an pictor prorſus dubites. Adeo legentem capit, non tam ſermonis lenocinio, quam placido, & occulto quodam, ſi fas eſt dicere, veneficio. Unde videtur gentile cognomen, *Barros*, non caſu ſed Vaticinio adeptus, e arum futurus provinciarum hiſtoriographus, quæ Barris, id eſt elephantis, ſunt frequentiſſimæ: ea ingenii felicitate atque excellentia ſcripturus, inter omnes tam veteres, quam recentiores (nullum excipimus) orbis ſcriptores, qua Barros cæteris

ris animantibus vaſtitate corporis, & ſolertia quadam mentis natura prætulit. Sed primam ætatem varia fortuna exercuit. Studiis liberalibus, ſimulque Principis Joannis, cui famulabatur, obſequiis deditus, inflorentiſſima, juxta & moratiſſima Regis Emmanuelis aula, animum bonis artibus ſanctiſque moribus excoluit. Et cum vix otium eſſet, fabulam pene puer ſucciſivis horis contexuit vernaculo ſermone, quæ typis ſæpius mandata, Clarimundo fuit nominis, præſagiumque atque commendatio ad eam gloriam, quam poſtea ex Indica ſcriptione comparavit. Inde in præmium aulici meriti donatus à Rege, nobilis emporii præfectura in Africam navigavit Minam vocant. Pars eſt Occidentalis Æthiopiæ, illuſtrium virorum, vel regimine, vel ſepulcris vertente tempore nobilitata. Auriferax regio, Mercurio vix unquam operantem, Minervæ ſemper, ſcientiis, quam pecunia opulentiorem remiſit. His fidei obſidibus, Ærario primum Regio ab Joanne III. mox Indicæ Baſilicæ procurandis Orientis mercibus præficitur: quo in honore egregium veri laboris, & temperantiæ præſtitit exemplum. Nam cum unti incumberent univerſa negotiationis munia, quæ poſtea ob magnitudinem, & difficultatem in plures diſtribu-

ta ſunt miniſtros : ſolus ipſe omnia obire, ſolus aſſiduitate, & conſilio omnibus ſufficere : & quod maius eſt, unde multi agro ſibi & prædia ſinguli paraverunt, palatia ædificaverunt : ille in ſumma copia inops, in abundantia Tantalus, nullo corrumpi avaritiæ contagio ſatis amplum ſe liberis ſuis patrimonium nominis, & memoriæ relicturum ratus. Quin interim, ut fortunas omnes ſuas Patriæ impenderet, longinquã, & graviſſimi ſumptus expeditionem in Braſiliam ſuſcepit, quam Maranione flumine alluitur. Claſſem comparavit, melite, equitatu, machinis, & omni bellico apparatu inſtruxit: in ſuper meliori ſui parte, hoc eſt duobus filiis tyrocinium ibi ponere juſſis ornatam amicis commiſit: quæ fæliciter delata in fluminis oſtiam mox alliſis ad ignota vada navibus, pene omnis miſerè periit. Sed mirum dicto, quo animo adverſitatem tulerit, edoctus à Philoſophia, quam facile Fortunæ bona efluant, & naufragorum ſublevavit inopiam, & amicorum æs alienum de ſuo ſoluit. Nec tamen à ſtudiis unquã feriabatur, diem regio negotio noctẽ ſuo, nempe ſcribẽdo impertiẽs. Ingraveſcẽte ætate modico prædio, quod amabat, ad Palumbatiam oppidum ſe condidit, paucisque quos ſibi ſoli viveret ſumptis diebus,

obiit

obiit septugenarius XIII Kalend. Novembris anno 1571 Sacello D. Antonii ad Aruncam fluvium in agro Leyriensi humatus, eandem moriens in eligendo sepulcro modestiam servavit, quam in cæteris vitæ actionibus. Suos tamen vera virtus semper invenit patronos. Post. 39. annum vir gravissimus, Georgius Atay.dius Visiensis Episcopus, amici Paterni ac dese non minus, quam de patre benemeriti, quippe qui ejus se ductu, & auspicio, undis sacris fuisse lustratum noverat, ossa in primarium Alcobaccæ templum transferri, digne collocari, marmore, & elogio ornari curavit. Ejus hæc sententia. Joanni Barros, cujus scritorum majestate nom minus Lusitaniæ Regibus blandita est Fortuna, quam per fractis, Indici Occeani clauctris, & subacto Oriente, ne humili solo inter suos delitescceret mortuus, qui exteris nationibus notissimus in omnium ore atque, sermone meritò virtutis, & studiorum laude vivit, Georgius Visiensis Episcopus, duorum Philipporum, primi, & secundi, maior Capellanus, amico paterno, ac suo optimè merenti libens posuit anno 1610.

VI-

# VIDA DE
# DIOGO DO COUTO,

## *CHRONISTA DO ESTADO DA India, e Guarda mòr da Torre do Tombo della.*

TEM tanta força as obras dos homens doutos, para fazer eſtimar ſeus Authores em toda a parte, que naõ ſómente ganhaõ com particular affeiçaõ as vontades dos que os vem, mas ainda levaõ a pós ſi os deſejos dos auſentes para pertenderem ſua communicaçaõ. Eſtes me fizeraõ procurar com cartas deſde eſte Reyno a amiſade de Diogo do Couto na India, e agora me obrigaõ a que ponha em lembrança a noticia, que alcancei de ſuas couſas, aſſi por cumprir em parte neſte officio com o que lhe devo, como por entender, que com iſſo faço huma obra agradavel a todo eſte Reyno, de que pelo muito, que trabalhou no ſerviço publico, com razaõ he tido por merecedor de outras avantejadas memorias.

Foi Diogo do Couto filho de Gaſpar

par do Couto, e de Iſabel Serrã de Calvos, peſſoas nobres, e ella foi filha de Vaſco Serraõ de Calvos, por cuja via ficava Diogo do Couto, ſegundo primo daquelle inſigne prégador, e grande Religioſo o Padre Luiz Alvarez da Companhia de Jeſus. Naſceo Diogo do Couto em Lisboa no anno de 1542. eſtando ſeu pay Gaſpar do Couto em ſerviço do Infante Dom Luis, aquem o dera El-Rey D. Manoel. Por eſta razaõ entrou Diogo do Couto, como teve idade, no ſerviço do Infante, o qual o mandou eſtudar em Lisboa, e de onze annos começou a ouvir grammatica entre os primeiros eſtudantes do collegio de Santo Antaõ da Cidade, que foi o primeiro collegio que a Religiaõ da Companhia teve em toda Europa. Seu meſtre na lingoa latina foi o padre Manoel Alvares celebre humaniſta, e Author da Arte da grammatica, que hoje ſe lê em todas as Univerſidades, e eſtudos, que a Companhia tem a ſeu cargo. A Rhetorica ouvio do Padre Cypriano Soares que compós a Rhetorica, porque ſe enſina eſta Arte nas eſcholas da Companhia. E ſe he verdadeira aquella ſenten-

ça,

ça, que: O primeiro fervor, e motivo da ſabedoria, he a excellencia dos meſtres, com razaõ ſe podem ter em muito as obras de Diogo do Couto, pois além de ſerem naſcidas de ſeu grande engenho foi elle cultivado por taõ celebres, e doutos varões daquelle tempo.

Acabados os Eſtudos da humanidade parou Diogo do Couto na continuaçaõ das eſcholas, porque ainda entaõ ſe naõ liaõ em Lisboa, mais que as letras humanas, e aſſi ficou continuando no ſerviço do Infante, o qual mandando algum tempo depois o Senhor Dom Antonio ſeu filho, ao moſteiro de Bemfica para ouvir a Filoſofia do Santo varaõ Fr. Bertolameu dos Martyres, que depois foi Arcebiſpo de Braga, vendo a boa, e natural habilidade, que já em Diogo do Couto ſe deſcobria, lho deu por condiſcipulo. Aprendeo Diogo do Couto deſte inſigne meſtre, naõ ſómente as Artes liberaes, em que elle foi eruditiſſimo, mas juntamente as virtudes, que nelle mais reſplandeciaõ, como bem o moſtrou depois na temperança, modeſtia, e piedade, que em toda ſua vida guardou, aſſi no eſtado de ſoldado, como

no de cidadaõ, ſem lhe as delicias da India poderem fazer mudança nos coſtumes em taõ largos annos, como teve de vida.

Falleceo o Infante ao tempo, que Diogo do Couto acabava a Philoſophia, e pouco dipois deſta perda, recebeo a ſegunda com a morte de ſeu pay, e aſſi cortandoſe-lhe o curſo de ſuas eſperanças, foi conſtrangido a mudar de eſtado, e deixando as letras, ſeguio as armas, a que ſeu animo naõ pouco o inclinava. E como já naquelle tempo naõ havia outra conquiſta, ſenaõ a do Oriente, por quanto ElRey D. Joaõ III. tinha largado os lugares de Africa, ſuſtentando ſòmente aquelles que podiaõ ſervir de roteiro de Heſpanha, determinou paſſar à India, como o fazia entaõ a mór parte da Nobreza de Portugal, por neſta empreza terem muitos em breve tempo ganhado honra, e proveito, o que ſempre aſſi acontecera, ſe os que depois vieraõ, quiſeraõ continuar no valor, e virtudes dos primeiros, que àquellas partes paſſaraõ, e naõ ſeguiraõ os vicios da ſenſualidade, e avareza, com que corromperaõ aquelle taõ bom prodecimento antigo.

Em-

Embarcou-ſe Diogo do Couto no anno de 1556. militou na India oito annos, achando-ſe nos mais dos feitos aſſinalados de ſeu tempo, moſtrando com particular valor, que as letras naõ impedem antes favorecem as armas, como deraõ a entender antigamente os Gregos na imagem de Apollo, a quem pintavaõ armado de arco, e ſetas, e o veneravaõ juntamente por Deos das ſciencias. Cumpridos dez annos de milicia continúa, tornou ao Reyno, a requerer o premio de ſeus trabalhos, e ainda, que chegou a Lisboa, quando com maior força ardia o mal de peſte, que vulgarmente ſe chama, grande, foi brevemente, e bem deſpachado, com eſte deſpacho ſe partio logo para a India, onde ſe caſou na Cidade de Goa com Luiſa de Mello, peſſoa nobre, cujo irmaõ foi o Padre Fr. Deodato da Trindade, da Religiaõ de S. Agoſtinho, que depois ca no Reyno, lhe aſſiſtio à impreſſaõ das ſuas Decadas.

Tanto que o eſtado de Cidadaõ pacifico, e livre das occupações da guerra, lhe deu lugar para ſe lograr do ocio, tornou a renovar no animo os antigos eſ-

eſtudos das letras humanas, e aſſi por-ellas, como por ſua cortezia, e boa condiçaõ ſe fez mui conhecido na India, e amado de todas os doutos, nobres, e curioſos, e atè dos Principes pagãos da quellas partes.

Foi Diogo do Couto mui douto nas mathematicas, e particularmente na geografia, ſoube bem alingoa latina, e Italiana, nas quais compoz alguns poemas, e aſſi na noſſa vulgar, em que teve particular graça, tudo obras Liricas, e paſtoris, de que deixou hum grando tomo de elegias, eglogas, canções, ſonetos, e gloſas. Teve particular amiſade com o noſſo excellente Poeta Luis de Camões, oqual o conſultou muitas vezes, e tomou ſeu parecer em alguns lugares dos ſeus Luſiadas, e a ſeu rogo commentou Diogo do Couto eſte ſeu heroico poema, chegando com os commentarios até o quinto Canto, oqual naõ acabou detodo por outros impedimentos, que lhe ocorreraõ. Porém nem por iſſo deixaõ de ſer muito eſtimados eſtes ſeus fragmentos, e em poder de D. Fernando de Caſtro Conego de Evora eſtá o volume original delles, que foi de ſeu tio D. Fernando

de

de Caſtro Pereira, aquem Diogo do Couto o inviou, por ſer particular amigo ſeu.

Succedendo ElRey Dom Felippe I. na Coroa deſtes Reynos, como era Principe taõ prudente, e que ſempre trazia nos olhos o bem cõmum de ſeus vaſſallos, deſejou de mandar proſeguir a hiſtoria da India, do tempo, em que a deixou o noſſo Joaõ de Barros, e que ſe continuaſſem as ſuas Decadas com o meſmo titulo, e eſtillo, pelo grande aplauſo, com que as tres primeiras foraõ recebidas em toda Europa. Para tam grande empreſa foi nomeado a ElRey Diogo do Couto, ainda que eſtava morador em Goa, abrangendo tam longe a fama de ſuas partes. Encarregou-o ElRey deſta obra com titulo de Chroniſta da India, aqual Diogo do Couto aceitou animoſamente, e a trouxe a taõ perfeito fim, como depois ſe vio.

A primeira couſa em que pôs a maõ, foi a decima Decada, por começar do dia, em que o meſmo Rey foi jurado, e recebido naquelle eſtado, e aſſi lho mandar ſua Mageſtade, mais, ſegundo parece, por pagar primeiro a divida em

que

que eſtava aos vaſſallos que o ſerviraõ naquellas partes, que pelo goſto que Tullio confeſſava ter ao hiſtoriador Lucio, de ver ſuas proprias acções eſcritas em hiſtoria, ainda em vida ſua.

Por eſta razaõ acabou a decima Decada concluindo-a com o governo de Manoel de Souſa. Eſtimou ElRey muito eſta obra, e a agradeceo a Diogo do Couto por carta ſua, encomendando-lhe de novo, que tornando atras com a hiſtoria continuaſſe as Decadas do tempo, em que Joaõ de Barros as deixara. Obedeceo Diogo do Couto, e com grande brevidade compôs a quarta Decada, e aſſi a quinta, ſexta, e ſetima, undecima, e duodecima.

A oitava, e nona, acabou no anno de 1614. no qual, querendo-as mandar ao Reyno, enfermou taõ gravemente, que eſteve deſconfiado da vida. Com eſta occaſiaõ lhe deſappareceraõ eſtes dous volumes de caſa, tomando-os alguem para ſe depois aproveitar dos trabalhos alhêos. Mas foi Deos ſervido de dar ſaude, e forças a Diogo do Couto (que jà neſte tempo era de ſetenta e dous annos) para das lembranças, que lhe ficàraõ, e da

me

memoria, que atinha felicíſſima, ajuntar outra vez o que naquellas duas Decadas tratava; de que fez hum ſó volume, recupilando nelle as couſas de mór importancia, e relatando as maiores mais largamente, com que remediou eſte furto, de maneira, que quando alguma hora aparecerem, aſſi pela ordem, como pela materia, publicaráõ claramente ſeu Author.

Deſtas Decadas eſtaõ ſómente atégora impreſſas, a quarta, quinta, ſexta, ſetima porém à ſexta ſuccedeo hum grande deſaſtre, foi que eſtando aimpreſaõ acabada em caſa do impreſſor, ſe acendeo o fogo nas caſas, e arderaõ todos os volumes, eſcapando ſómente ſeis delles, que a caſo eſtavaõ jà em o Convento de S. Agoſtinho de Lisboa. As mais Decadas naõ ſairaõ ainda á luz, e quando falleceo Diogo do Couto, ficàraõ empoder do Padre Fr. Deodato da Trindade ſeu cunhado.

O eſtillo que neſtas Decadas guardou Diogo do Couto, he muito claro, e chaõ, mas chéo de ſentenças, e com que julga as acções de cada hum, e moſtra as couſas dos ſucceſſos adverſos, e proſperos, que

que naquellas partes tiveraõ os Portugueſes. Porém ainda que neſta parte póde ſer com outros comparado na verdade do que eſcreve, que he a alma da hiſtoria no que trata dos Principes do Oriente, nos coſtumes daquelles povos, e remotas provincias, na ſituaçaõ da ſua verdadeira Geografia, levou a muitos conhecida ventagem: como ſe póde claramente ver das ſuas Decadas, nas quaes ſe moſtraõ os erros que neſtas materias tiveraõ, os que antes delle eſcreveraõ as couſas do Oriente. Para eſta noticia além da grande aplicaçaõ, com que ſe deu ao eſtudo dos Geografos antigos, e modernos, lhe valeo a aſſiſtencia, que teve naquellas partes por mais de cincoenta annos, nos quaes vio por razaõ da milicia, e comercio, muitos daquelles Reynos, e depois ſendo cidadaõ d'Goa, cabeça daquelle Eſtado póde bem alcançar a verdade dos ſucceſſos que refere, pois naquella Cidade aſſiſtem todos os Viſoreys, e della ſaem todas as Armadas, e a ellas ſe tornaõ a recolher, de maneira, que recebeo as informações dos meſmos que ſe achàraõ nas empreſas, e a tempo, que as teſtemunhas de viſta,

que

que na meſma Cidade havia, os obrigaraõ a fallar verdade. A eſta razaõ ſe lhe acrecentou outra, que foi a do officio de Guardamór da Torre do Tombo do Eſtado da India, o qual cargo lhe deu ElRey D. Felippe I. quando mandou ordenar eſte arquivo pelo Viſorey Mathias de Alburquerque, no qual ſe recolheraõ todos os contratos de pazes, proviſões, regiſtos de Chancellaria, e os mais papeis de importancia, que coſtumavaõ andar em poder do Secretario, e de outras peſſoas da quelle Eſtado, com que lhe ficou huma noticia original de tudo o tocante aquella hiſtoria, donde com razaõ podemos ter eſta por naõ menos verdadeira, que a de Polibio, e Saluſtio, aquem eſte deſejo levou de Grecia a Italia, e de Italia a Numidia, para verem os ſitios das Provincias, de que aviaõ de eſcrever, e alcançar as informaçoens dos feitos, de que tratavaõ, dos quaes (por ſerem paſſados muitos annos antes) de força lhe faltaria a noticia em muitas partes eſſenſiaes, tendo juntamente o meſmo tempo, mudada a face das terras, e lugares, como cada dia vemos.

Naõ he menos de eſtimar eſta obra

por

por ſua grandeza, porque além de eſcrever Diogo do Couto noventa livros neſtas nove Decadas, numero a que raros eſcriptores chegaraõ, foi toda eſta hiſtoria eſcrita por elle novamente, e naõ tomada de outros Authores, no que ſe moſtra bem a grandeza, e valor de ſeu engenho, a que naõ chegou Livio, ainda que lhe excedeo no numero dos volumes, por quanto a maior parte de ſua hiſtoria foi tomada de outros, e principalmente de Polibio, o qual tambem confeſſa de ſi, que das obras que muitos eſcritores tinhaõ publicado de cada conquiſta dos Romanos, em particular, compuſéra a ſua univerſal hiſtoria. Mas Diogo do Couto foi o primeiro que tirou á luz a hiſtoria da India, do tempo, em que a deixou Joaõ de Barros (ſenaõ foi o que até o principio do governo de Nuno da Cunha tinha eſcrito Fernaõ de Caſtanheda. Por quanto a Quarta Decada de Joaõ de Barros, que acaba com o governo do meſmo Nuno da Cunha ſahio muitos annos depois.

Para aperfeiçoar eſta obra, e dar huma conſumada noticia do Oriente compôs outro livro, a que chamou Epilogo da hiſtoria

ria da India, no qual tratando de cada fortaleza noſſa, aponta as couſas principaes que ali acontecerão, as em que faltarão os noſſos hiſtoriadores, e outras que de novo forão ſucedendo, de maneira, que neſte volume eſtá ſumariamente tudo o que toca à hiſtoria, commercio, e policia Oriental, acomodando o eſtilo a eſte compendio com muita clareza, e brevidade. Não foi menos eloquente no eſtilo Oratorio, porque além do que ſe vê nas ſuas Decadas, que não he pouco, por inſigne neſta faculdade foi eſcolhido para fazer as praticas aos mais dos Governadores, e Viſoreis, que em ſeu tempo entrarão em Goa, mas iſto não era ſó pela lingoagem, e ornato de palavras com que fallava, mas pela verdade, e deſengano com que as dizia, das quaes algumas andão impreſſas, que não deſdizem de ſeu Author.

Acompanhou a Diogo do Couto deſde ſeus primeiros annos hum grande zelo do bem publico da patria, que junto com o entendimento e experiencia, de que era dotado, lhe fez conſiderar as cauſas de alguns inconvenientes, que havia no governo da Republica, e prin-

ci-

cipalmente no eſtado da India, onde elle aſſiſtia, e onde por auſencia dos Reys, e exceſſos dos miniſtros, hiaõ as deſordens em maior crecimento. Para remedear eſte mal, vivendo ainda ElRey D. Sebaſtiaõ compôs hum livro, a que chamou, o *Soldado pratico*, noqual introduzio por modo de Dialogo hum Viſorei novamente eleito, fallando com certo ſoldado velho da India, que andava na Corte em ſeus requerimentos, para ſe informar das couſas que lhe importavaõ para a jornada, e do mais que tocava ao governo da Fazenda Real, e milicia daquelle eſtado, e em todas eſtas couſas aponta com cortezaõ eſtillo, e brevidade, o que ſe deve ſeguir, ou e vitar, dando os exemplos, e razões fundamentaes, de maneira que póde ſer huma excellente inſtruçaõ para a quelle governo. Porém antes de aperfeiçoar eſta obra, lhe foi furtado o original della, e ſem mais o poder haver ás mãos, chegou a eſte Reyno ſem nome de Author, onde ſe tresladaraõ algumas copias, que foraõ tidas em grande eſtima dos que as puderaõ haver. Sendo diſſo advertido no anno de 1610. por hum amigo ſeu, tornou a reformar eſta obra,

obra, ou quaſi a fazela de novo; porque introduzio por peſſoas do Dialogo hum Governador, que tinha ſido da India, com hum ſoldado pratico della, ambos em caſa de hum deſpachador, tratando ſobre as couſas daquelle Eſtado, traſendo-as ao tempo preſente; com tanta ponderaçaõ, e juizo que ſómente póde ſervir de Norte aos que o governarem, mas em todo o tempo de claro deſengano das couſas delle. Eſta obra didicou ao Marquez de Alemquer: e o original eſtá na livraria de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora, a quem elle o mandou.

Eſte zelo da honra da patria lhe fez eſcrever hum livro, contra o que compôs o Padre Frei Luis de Ureta Dominico, da hiſtoria, e policia do Reyno da Ethiopia, a que vulgarmente chamamos, Preſte Joaõ, no qual o Padre com a pouca noticia, que tinha do Oriente, e ſem ler as hiſtorias da India nem deſte Reyno (como quem eſcreveo entre os boſques e dilicias de Valença, ſem ver mais que hum ſó homem, que o informou, e a quem crèo) diſſe muitas couſas contra toda a verdade da hiſtoria,

ſen-

fendo todo o feu livro huma obra fabulofa, e temeraria. E poſto que os Padres Fernaõ Guerreiro, e Nicolao Godinho da Companhia tinhaõ reſpondido ao Padre Urreta com particulares Apologias; os meſmos Padres da Companhia de Goa, pedíraõ a Diogo do Couto reſpondeſſe tambem pela honra deſte Reyno, o que elle fez, eſtando ja quaſi com o corpo na ſepultura, mas com tanto vigor de animo que bem parece que ſe lhe faltavaõ as forças corporaes, que as do entendimento ſam ſempre em maior perfeiçaõ. Eſte livro trouxeraõ os Padres da India ao Arcebiſpo de Braga D. Fr. Aleixo de Meneſes por ordem de ſeu Author.

Com eſtas o cupações naõ pode acabar de todo outra empreſa, que deixou começada para luz do cõmercio da India: em que tratava de todos os tempos, e monções, em que ſe navega para todas as partes do Oriente, e dos pezos, medidas, e moedas, com todas as mais couſas que a eſte particular pertenciaõ.

Nellas taes obras gaſtou Diogo do Couto a maior parte de ſua idade: exerci-

citando o talento que lhe foi entregue, como bom, e util servo, ate o anno de 1616. noqual sendo de 74. annos o levou Deos para si, sabado a 16. de Dezembro para lhe dar o premio que suas obras mereceraõ. Foi Diogo do Couto homem de mèa estatura, de alegre, e veneravel presença, olhos vivos cor atereciada, o nariz algum tanto aquilino, mui laborioso, como o mostra a multidaõ de seus escritos, teve grande conselho, e por essa causa era chamado muitas vezes dos viso-Reys a elle, nos negocios de mór importancia. Era pouco cobiçoso, que para homem que viveo tantos annos na India, grande he maravilha, e assi foi mais rico de partes, e merecimento, que de fazenda, posto que esta lhe naõ faltou em seu estado, como quem sempre passou honradamente.

De sua molher, com que viveo largos annos teve huma so filha que morreo antes de casar, donde naõ ficou delle gèraçaõ, o que os antigos julgavaõ por infelicidade, porém naõ tal que lhe possa tirar a bemaventurança, que os mesmos antigos tinhaõ por grande, que era escrever feitos alhios, e dar materia para que se escrevessem os seus proprios, o

que elle fez na ſua milicia, e hiſtoria; compondo, e peleijando. Pello que com razaõ lhe puſeraõ a quelle Diſtico ao pè de ſeu retrato, que como eſtatua immortal lhe imprimiraõ nas ſuas Decadas, que diz:

*Exprimit effigies, quod ſolum in Cæſare viſumeſt.*
*Hiſtoriam calamo tractat, et arma manu.*

FINIS.

# VIDA DE
# LUIZ DE CAMÕES.

JULGAVA Plinio por a maior felicidade da vida fazer hum homem taes obras, que todos deſejaſſem ſaber qual foſſe o Author dellas: *Ut equidem arbitror* (diz elle) (*) *nullum eſt felicitatis ſpecimen, quam ſemper omnes ſcire cupere qualis fuerit aliquis.* Naſce eſte deſejo da condiçaõ do entendimento humano, o qual como o ſeu fim ſeja o conhecimento da verdade, naõ ſe ſatisfaz, como diz o Filoſofo, até naõ alcançar a cauſa verdadeira das couſas. Daqui tiveraõ ſeu fundamento todas as diſputas, e queſtões das ſciencias, querendo moſtrar cada qual, que a ſua noticia eſtá mais ajuſtada com a razaõ natural de cada couſa. Daqui naſceo eſcreverem-ſe ſobre huma materia tantos livros. Daqui tambem comporem-ſe tantas hiſtorias da vi-



(*) *Plin. l. 35 c. 2.*

da de hum meſmo Principe, ou varaõ illuſtre, nas quaes o que ultimamente a refere, procura apurar a verdade com mais particulares circunſtancias, contando naõ ſómente os caſos, e ſucceſſos das couſas, mas os conſelhos, e razões com que foraõ feitas. Pelo que por ſatisfazer a eſte taõ devido deſejo, nos parecco, deviamos tambem eſcrever a Vida do noſſo Poeta Luiz de Camões Principe dos Heroicos de Hespanha, por quanto o que delle anda impreſſo he taõ pouco, e diminuto, que naõ ſatisfaz em muita parte com o que todos pertendem ſaber de ſemelhantes varões; como he a qualidade, vida, coſtumes, engenho, feições, e outras particularidades, ſem as quaes fica muito imperfeita a noticia que ſe requer na hiſtoria de hum homem inſigne. De todas eſtas couſas vai accreſcentada eſta Relaçaõ quanto foi poſſivel á boa diligencia que ſobre iſſo ſe fez, aproveitando-nos principalmente do que o meſmo Luiz de Camões de ſi refere em ſeus verſos, onde ordinariamente os Poetas deixaõ eſcritas ſuas vidas; porque he natural aos homens deleitar-ſe

de

de contar os trabalhos que padecêraõ, depois de escaparem delles. E como Luiz de Camões passou a maior parte da vida em perigrinações, e successos varios, naõ he muito que os deixasse postos em memoria; e porque a pobreza com que viveo tinha escurecido em parte a clareza de seus antepassados, começaremos esta Relaçaõ de sua vida, dando-a hum pouco mais larga de sua familia, para que sobre este illustre fundamento fique mais estimado seu engenho.

A familia dos Camões he natural do Reino de Galliza; seu appellido dizem alguns que he alcunha tomada do passaro Camaõ, a que os antigos chamáraõ *Porfirio*, celebrado de muitos Authores pela admiravel propriedade de morrer vendo commetter adulterio contra o senhor da casa. Alciato o traz no Emblema 47 por simbolo da vergonha, e honestidade, com estes versos:

*Porphyrio, domini si incestet in ædibus uxor,*
*Despondetque animum, præque dolore perit*
*Abdita in arcanis naturæ est causa: sit index*
*Sincera hæc volucris certa pudicitiæ.*

O mesmo refere Camões em huma Car-

Carta em verſo, que anda nas ſuas primeiras Rimas, dizendo:

*Experimentou-ſe alguma hora*
*D'Ave que chamaõ Càmaõ,*
*Que ſe da caſa onde mora*
*Vê adultera a ſenhora,*
*Morre de pura paixaõ.*

Porém o mais certo he naõ ſer eſte ſobrenome alcunha, ſenaõ appellido tomado do Caſtello de Camões, taõ antigo no Reino de Galliza que já ſe faz delle mençaõ na Chronica de S. Maximo, ſituando-o junto do promontorio Nereo, que agora ſe chama Cabo de Finis terra. Deſte territorio ha noticia, que tomáraõ nome os peros chamados camoezes, taõ conhecidos em toda a Heſpanha, e que daqui ſe leváraõ para as outras Provincias della, onde hoje ſe vem em grande cópia, e o que mais he:

*Melhor tornados no terreno alhêo.*

Principalmente neſte Reino, porque ſaõ os noſſos muito avantajados no ſabôr, e ſuavidade aos de Galliza, e por iſſo muito mais prezados. O primeiro da familia de Camões que paſſou a Portugal foi Valco Pires de Camões em tempo

po delRei D. Fernando, por ter seguido suas partes contra ElRei D. Henrique de Castella o bastardo. Deo ElRei D. Fernando neste Reino a este fidalgo em lugar do que deixara em Galliza, as villas do Sardoal, Punhete, Maraõ, e Amendoa, com o Concelho de Gestaço, e as herdades, e terras que foraõ em Estremós, e Avís da Infante Dona Beatriz; e o fez Alcaide mór de Portalegre, e Alemquer, e hum dos principaes fidalgos de seu Conselho. Obrigado Vasco Pires destas mercês seguio depois as partes das Rainhas Dona Leonor, e Dona Beatriz contra ElRei D. Joaõ I. de Portugal, como largamente se contém tudo nas Chronicas do mesmo Rei (*). Pelo que sendo prezo na batalha de Aljubarrota perdeo todos os Vassallos, e fortalezas que tinha no Reino, e sómente lhe deixou a benignidade Real as terras, e herdades de Estremós, e Avís, e outros bens particulares que tinha em Alem-

(*) *Chron. delRei D. Joaõ I. p. 1. c. 30. e 160. e 168. 179. e p. 2. c. 39. 46. 62. e Regiſtos delRei D. Fernando.*

Alemquer, e Lisboa de que seus descendentes instituíraõ depois morgados rendosos, principalmente em Aviz, e na Cidade de Evora, onde possuem algumas herdades, as quaes pelo appellido dos possuidores deo o povo nome de Camoeiras. Foi casado Vasco Pires de Camões com huma filha de Gonçallo Tinreiro, a quem ElRei D. Fernando fez Capitaõ mór das armadas de Portugal, e ElRei D. Joaõ I. sendo ainda defensor do Reino lhe deo a Capitanía de Lisboa (*). E depois, seguindo as partes da Rainha Dona Beatriz, se intitulou Mestre de Christo. Deste matrimonio teve Vasco Pires a Gonçallo Vaz de Camões, Joaõ Vaz de Camões, e Constança Pires de Camões, mulher de Pedro Severim fidalgo Francez, de quem se faz menção na tomada de Ceita. Gonçallo Vaz, que foi o filho mais velho, casou com Constancia da Fonseca, filha de Affonso Vasques da Fonseca, Alcaide mór de Moreira, e Marialva (filho de Vasco Fer-

(*) *Chr. DelRei D. Joaõ I. p. 2. c. 62. e Regiftos DelRei D. Fernando, e D. Joaõ I.*

Fernandes Coutinho Meirinho mór, e Senhor de Lomil, progenitor dos Condes de Marialva) da qual teve Antonio Vaz de Camões, o qual foi pai de Lopo Vaz de Camões, e de Dona Aldonça Annes de Camões, mulher de Rui Cafco, Alcaide mór de Avís.

Lopo Vaz de Camões cafou com Ignez Dias da Camara, filha de Diogo Affonfo de Aguiar da Ilha da Madeira, e de fua primeira mulher Ifabel Gonfalves da Camara, filha de Joaõ Gonfalves da Camara, primeiro Capitaõ do Funchal, e progenitor dos Condes da Calheta, da qual teve Antonio Vaz de Camões, Simaõ de Camões, e Duarte de Camões.

Antonio Vaz de Camões cafou com Dona Ifabel de Caftro filha de D. Joaõ de Caftro (irmaõ de D. Fernando de Caftro, que foi Avó do primeiro Conde de Caftro) e de Dona Franciíca de Brito filha de Fernaõ Brandaõ o Velho de Evora, da qual teve a Lopo Vaz de Camões, e Luiz Gonçalves de Camões, que fez hum morgado em Avís chamado da Torre, que hoje poffue Simaõ de Camões filho de Duarte de Camões,

mões, teve mais a Dona Franciſca de Caſtro, mulher de D. Martinho de Souſa.

Lopo Vaz de Camões caſou com Dona Maria da Fonſeca, filha de Gaſpar Rodrigues Preto, filho de Jorge Rodrigues Preto Eſtribeiro mór da Emperatriz Dona Iſabel, da qual teve a Antonio Vaz de Camões, e Dona Anna de Caſtro mulher de Diogo Lopes de Carvalho, Senhor dos Coutos de Negrellos, e Abbadim.

Antonio Vaz de Camões caſou com Dona Franciſca da Silveira, filha de D. Alvaro da Silveira, filho de D. Diogo da Silveira, Conde de Sortelha, e Guarda mór delRei D. Joaõ III. da qual teve a Lopo Vaz de Camões e outros filhos que hoje vivem.

Joaõ Vaz de Camões Filho ſegundo do primeiro Vaſco Pires de Camões, foi Vaſſallo delRei D. Afonſo V. (titulo muito principal naquelle tempo) e ſervio ao meſmo Rei nas guerras de Africa, e Caſtella. Viveo na Cidade de Coimbra da qual foi benemerito Cidadaõ, indo por ſeu Procurador ás Cortes daquelles trabalhoſos tempos da cria-

ção

çaõ delRei D. Afonſo, teve o cargo de Corregedor daquella Comarca: officio entaõ de grande juriſdiccaõ; porque naõ havia mais de ſeis no Reino, e ordinariamente eraõ fidalgos muito honrados, e naõ profeſſavaõ letras, como ainda agora ſe uſa em algumas partes de Heſpanha. Tudo iſto conſta do Epitafio de ſua ſepultura, que eſtá em huma Capella da Craſta da Sé de Coimbra, que o meſmo Joaõ Vaz de Camões mandou fazer, onde á parte do Evangelho ſe vê hum tumulo levantado de marmore, todo lavrado de figuras de meio relevo, e nos cantos duas maiores com eſcudos das ſuas armas nas mãos, e emcima do tumulo eſtá a figura do meſmo Joaõ Vaz armado ao modo antigo com huma eſpada na maõ, e aos pés hum rafeiro deitado. Eſta Capella tem agora o arco quaſi tapado de huma parede de tijollo, porque como faltaraõ os deſcendentes do inſtituidor, ficou devoluta, e ſem haver quem a ornaſſe, e tiveſſe cuidado della.

Caſou Joaõ Vaz de Camões com Ignes Gomes da Silva, filha baſtarda de Jorge da Silva, o qual era filho

lho de Gonçallo Gomes da Silva, e neto de Diogo Gomes da Silva, irmaõ de Joaõ Gomes da Silva, Alferes mór del-Rei D. Joaõ I., e ſenhor de muitas terras. Della teve a Antaõ Vaz de Camões, o qual caſou com Guimar Vaz da Gama (dos Gamas do Algarve que trazem ſua origem dos de Alentejo) e della houve Simaõ Vaz de Camões, que indo por Capitaõ de huma náo á India, ſegundo Pero de Maris, ſe perdeo na Coſta de terra firme de Goa, e eſcapando do naufragio morreo pouco depois na meſma Cidade. Foi caſado Simaõ Vaz com Anna de Macedo (dos Macedos de Santarem) e della teve o noſſo Poeta Luiz de Camões. Eſtes foraõ ſeus progenitores, pelos quaes ſe moſtra que naõ foi menos illuſtre no ſangue, que no engenho; e ainda que a falta dos bens da fortuna em que ſe criou (como quem perdeo o pai de taõ pouca idade) lhe tiraſſe em parte os ornamentos exteriores, com que ſe faz eſtimar a nobreza naõ lhe póde nunca tirar a grandeza de penſamentos, que de ſeus antepaſſados herdára.

Naſ-

Naſceo Luiz de Camões Reinando ElRei D. Manoel, pelos annos de 1517. na Cidade de Lisboa, como o teſtefica Manoel Correa ſeu Comentador, que o conheceo, e foi ſeu familiar amigo, e naõ em Coimbra como alguns cuidaraõ, pela vivenda antiga que ſeus Avôs alli tiveraõ. Por eſta razaõ chama tantas vezes ao Tejo, patrio, e invoca no principio dos ſeus Luziadas as Nymphas do meſmo rio, dizendo:

*E vós Tagides minhas, pois criado*
*Tẽdes em mim hũ novo engenho ardẽte,*
*Se ſempre em verſo humilde, celebrado*
*Foi de mim voſſo rio alegremente,*
*Daime agora hũ ſom alto, e ſublimado,*
*Hum eſtillo grandiloco, e corrente;*
*Porque de voſſas agoas Phebo ordene,*
*Que naõ tenhaõ inveja ás de Hypocrene.*

E no Canto 3. eſtan. 2. quando pede favor a Caliope:

*Põe tu Nympha em effeito meu deſejo,*
*Como merece a gente Luzitana,*
*Que veja, e ſaiba o mundo, q̃ do Tejo,*
*O licor de Aganippe corre, e mana, &c.*

Porém naõ foi ſó Coimbra a que contendeo ſobre ter por ſeu filho taõ excellente engenho; pois antigamente as

ſe-

sete Cidades Gregas pretenderaõ com naõ menores invejas o naſcimento de Homero, querendo cada qual, ſer ſua patria. Sendo moço foi eſtudar a Coimbra, que entaõ começava a florecer em todas as ſciencias por beneficio de El-Rei D. Joaõ III. conduſindo eſte excellente Principe para meſtres dellas, varões inſignes, e dos mais peritos que entaõ havia em Europa, dos quaes elle aprendeo a lingoa latina, e Filoſofia, e mais letras humanas com tanta perfeiçaõ, como meſtraõ ſeus eſcritos, e adiante diremos. Deſta eſtada em Coimbra fazem mençaõ alguns dos ſeus verſos, e em particular a cançaõ que na primeira parte das ſuas Rimas he a 4. e começa:

*Vaõ as ſerenas agoas*
*Do Mondego deſcendo,*
*Manſamente que até o mar naõ paraõ.*
*Por onde minhas magoas*
*Pouco, e pouco creſcendo*
*Pera nunca acabar ſe começáraõ, &c.*

O meſmo ſe vê no Soneto terceiro da ſegunda parte das Rimas que diz:

*Doces agoas, e claras do Mondego,*
*Doce repouſo de minha lembrança,*

*On-*

*Onde a comprida, e perfida eſperança*
*Longo tempo apos ſi me trouxe cego;*
*De vós me aparto, &c.*

Deſtes, e outros verſos que fazia naquelle tempo ſe vê bem quam cedo começou a exercitar a Poeſia, e com quanta perfeiçaõ; e como eſta arte ſeja ás vezes mais eſtimada nas Cortes dos Principes, que nas Eſcolas, parece que eſta o trouxe outra vez a Lisboa, onde continuou algum tempo, até que huns amores, que (ſegundo dizem) tomou no Paço o fizeraõ deſterrar da Corte. Deſta auſencia parece ſe queixa naquella ſua ellegia que começa:

*O ſulminenſe Ovidio deſterrado, &c.*

Onde depois de deſcrever o ſentimento que Ovidio tinha no deſterro, diz aſſi:

*Deſta arte me a figura a phantaſia,*
*A vida com que vivo deſterrado,*
*Do bem que noutro tempo poſſuia.*

E mais abaixo:

*Alli me repreſenta eſta lembrança*
*Quã pouca culpa tenho, e me entriſtece*
*Ver ſem razaõ a pena que me alcança.*

E porque naõ cuidemos que falla de alguma das ſuas peregrinações fóra do Rei-

Reino, diz logo abaixo as couſas que via do lugar onde eſtava degradado:

*Vejo o Tejo ſuave, e brando Tejo,*
*Com as concavas barcas que nadando*
*Vaõ pondo em doce effeito ſeu deſejo.*
*Humas cobrando vento navegando,*
*Outras cos leves remos brandamente*
*As criſtallinas agoas apartando.*
*Dali falla com agoa que naõ ſente,*
*Com cujo ſentimento a alma vai,*
*Em lagrimas deſfeita claramente.*
*O' fugitivas ondas eſperai,*
*Que pois me naõ levais em companhia,*
*Ao menos eſtas lagrimas levai!*
*Até que venha aquelle alegre dia,*
*Que eu va onde vos is, contente, e ledo,*
*mas tanto tempo quem o paſſaria?*
*Naõ pode tanto bem chegar tam cedo,*
*Porque primeiro a vida acabará,*
*Que ſe acabe tam aſpero degredo, &c.*

Neſte comenos devia de paſſar a Ceita, onde eſteve algum tempo, como ſe vê da ſua elegia, que começa:

*Aquella que de Amor deſcomedido, &c.*

Onde abaixo diz:

*Ando gaſtando a vida trabalhoſa,*
*Eſpalhando a continua ſaudade,*
*Ao longo de huma praia ſaudoſa, &c.*

E logo :

*E como iſto a figuro na lembrança*
*A nova terra, o novo trato humano,*
*A eſtrangeira gente, e eſtranha uſança.*
*Subo-me ao monte que Hercules Thebano*
*Do altiſſimo Calpe diuidio,*
*Dando caminho ao mar mediterrano.*
*Dali eſtou tenteando aonde vio*
*O pomar das Heſperides, matando*
*A ſerpe, que a ſeu paſſo reſiſtio;*
*Em outra parte eſtou afigurando*
*O poderoſo Anteo, que derrubado,*
*Mais força ſe lhe eſtava acreſcẽtãdo, &c.*

Aqui parece teve ſua primeira milicia, e que n'algum recontro com os Mouros, foi ferido de hum pelouro no olho direito, com que o perdeo, como elle toca na Cançaõ que começa:

*Vinde qua meu taõ certo ſecretario.*

Onde depois de cantar os ſentimentos de ſua afeiçaõ, diz aſſi:

*Deſta arte a vida n'outra fui trocando,*
*Eu naõ, mas o deſtino fero, irado,*
*Que eu ainda aſſi por outra a naõ trocára;*
*Peſme deixar o patrio ninho amado,*
*Paſſando o longo mar, que ameaçando*
*Tantas vezes, me teve a vida cara;*
*Agora experimentando a furia rara*

*De Marte, que c'os olhos quis que logo*
*Visse, e tocasse o acerbo fruito seu.*
*E neste escudo meu,*
*A pintura verão do infesto fogo, &c.*

Que lhe aconteceſſe iſto em Africa, e naõ na India, ſe moſtra pola carta primeira que eſcreveo da India a hum amigo, no qual, dando novas de hum Manoel Sarraõ; diz Que *ficut & nos, manqueja de hum olho*, como couſa já antiga, e notoria nelle em Portugal. Eſta ferida lhe afeou notavelmente o roſto, por onde era chamado das damas, Diabo, e Cara ſem olhos, a que elle reſpondeo muitas vezes corteſã, e graciоſamente, como ſe vê de ſeus verſos. Porém ainda que a falta da viſta lhe tirou a gentileza exterior com as damas, naõ a perdeo no conceito dos que o viaõ aſſinalado no roſto da maõ dos infieis; porque ſemelhantes ſinaes de Marte fazem as faces mais fermoſas, que os de Venus. E aſſi ſe na Poeſia o podemos comparar a Homero (que tambem, ſegundo alguns, careceo da viſta) nas armas naõ irá menos uſano, que Felippe, Antiocho, Annibal, e Sertorio, que de perderem hu-

ma

ma vista na guerra se naõ gloriaraõ pouco: Tornando ao Reino, ou por causa dos amores da Corte, ou por ver que as flores de sua poesia lhe naõ davaõ fruito (como costumaõ) ou por os respeitos que na primeira carta que anda nas suas Rimas, aponta, determinou de se passar á India, por ser esta (segundo elle diz) sepultura de todo o pobre honrado, e sem duvida que elle levara pensamento de a escolher por sua, porque além de se embarcar dizendo aquellas palavras de Sipiaõ: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*, como refere na sua Carta, naõ se veio da India acabados os annos da milicia ordinaria, mas depois de 16. annos de assistencia como veremos adiante. Naõ achei em seus versos, nem em memoria alguma o anno em que se embarcou; somente escreve que tanto que chegou a Goa sahio o Viso-Rei com huma grande armada sobre ElRei da Pimenta. Foi esta empresa segundo referem as historias da India no fim do anno de 1553. (*) Pelo que consta que partio de Lisboa no Março de 1553. com Fernand'



(*) *Chron. del Rei D. Joaõ III. p.44. c.103.*

nand'Alvres Cabral, que indo por Capitaõ mór de quatro naos, fó elle chegou á India nos primeiros de Setembro do meſmo anno. Era entaõ Viſo-Rei, daquelle Eſtado D. Afonſo de Noronha, com o qual logo no Novembro ſeguinte Luiz de Camões ſe embarcou em huma groſſa Armada, em que o Viſo-Rei foi ao Malavar, para favorecer ElRei de Cochim, e o de Porca, e outros amigos do Eſtado, a quem ElRei da Pimenta (que por outro nome Chamaõ de Chembé) tinha apertado, e tomado algumas Ilhas. Tanto que o Viſo-Rei ſurgio no porto mandou ſahir a gente nas ilhas, e com morte de muitos Malavares foraõ deſtruidas, e queimadas pelos noſſos, o que obrigou a pedir pazes ao Rei da Pimenta, como largamente ſe conta na Chronica delRei D. Joaõ III. (*) e na Sexta Decada de Diogo do Couto. Eſta primeira jornada deſcreve Luiz de Camões breve, e elegantemente na Elegia da ſua viagem, que começa:

*O Poeta Simonides ſallando, &c.*

On-

(*) *Chr. del Rei D. Joaõ III p. 4. c. 103. Couto Decad. 6. lib. 10. c. 16. & 17.*

Onde depois de contar como partira de Lisboa, e passara o cabo de Boa-Esperança, diz assi:

*Desta arte me chegou minha ventura*
*A esta desejada, e longa terra,*
*De todo o pobre honrado sepultura.*
*Vi quanta vaidade em nós se encerra;*
*E nos proprios quam pouca, contra quẽ*
*Foi logo necessario termos guerra.*
*Que huma Ilha que o Rei de Porca tem,*
*Que o Rei da Pimenta lhe tomára*
*Fomos tomarlha, e succedeo nos bem.*
*Com huma Armada grossa, q̃ ajuntára*
*O Vijo-Rei, de Goa nos partimos,*
*Cõ toda a gente de armas, q̃ se achara.*
*E com pouco trabalho destruimos*
*A gente, no curvo arco exercitada:*
*Com mortes, com incendios os punimos.*
*Era a Ilha com agoas alagada,*
*De modo que se andava em Almadias,*
*Em sua outra Veneza trasladada.*
*Nella nos detivemos sis dous dias,*
*Que forão pera alguns os derradeiros.*
*Que passavão de Stygie ás agoas frias.*

Provase tambem passar neste anno á India, porque no mesmo tempo succedeo em Ceita a perda de D. Pedro de Me-

ne-

neſes, a quem ElRei D. Joaõ III. (*) mandára por Capitaõ daquella Cidade no anno de 1549. em lugar de D. Afonſo de Noronha, quando foi para Viſo-Rei da India, e entre outros fidalgos, a quem os Mouros matáraõ naquelle recontro, foi D. Antonio de Noronha ſobrinho do meſmo Capitaõ, filho do Conde de Linhares D. Franciſco de Noronha, o qual tinha ſido particular amigo de Luiz de Camões no Reino. Chegáraõ eſtas novas á India, juntamente com as do falecimento do Principe D. Joaõ que foi em Janeiro de 1554. no Setembro do meſmo anno, e derão occaſiaõ a Luiz de Camões compor a Egloga de Umbrano, e Frondelio que anda nas ſuas Rimas, como elle meſmo diz na ſua primeira carta que eſcreveo da India no Janeiro de 1555. em que lamenta eſtas duas mortes. Neſte meſmo anno de 1555 (**) mandou o Viſo-Rei D. Pedro Mafcarenhas (que já ſuccedera a D Afonſo de Noronha) huma armada ao Eſtrei-

to

(*) *Chron. del Rei D. Joaõ III. p. 4. c. 69.*
(**) *Conto Dec. 7. lib. 1. cap. 3.*

to de Meca, de que deu a Capitania mór a Manoel de Vaſconcelos, o qual partio de Goa em Fevereiro, e levou ordem do Viſo-Rei que ſe foſſe pôr nas portas do Eſtreito, junto do Monte Felix, a eſperar as náos dos Mouros. Eſteve neſte porto Manoel de Vaſconcellos até ſe lhe gaſtar a monçaõ, e depois ſe foi invernar a Ormus, donde dando guarda á frota, tornou a entrar em Goa nos primeiros de Outubro. Neſta armada, parece foi Luiz de Camões, e que na eſtancia do monte Felix compôs aquella ſua Canſaõ em que deſcreve particularmente aquelle monte, e paragem, como ſe della vê, que diz aſſi:

*Junto de hum ſeco, fero, e eſteril monte*
*Inutil, e deſpido, calvo, informe,*
*Da natureza em tudo aborrecido*
*Onde nem ave voa, ou fera dorme,*
*Nem rio claro corre, ou ferve fonte,*
*Nem verde ramo faz doce roido;*
*Cujo nome do vulgo introduzido,*
*He Felix por antifraſi infelice.*
*O qual a natureza,*
*Situou junto á parte*
*Onde hum braço de mar alto reparte*
*A Abaſſia, da Arabica aſperſa,*

*On-*

*Onde fundada já foi Berenice*
*Fugindo á parte donde*
*O Sol que nella ferve se lhe esconde.*
*Nella aparece o Cabo com que a costa*
*Africana, que vem do Austro correndo,*
*Limite faz, Aromata chamado,*
*Aromata outro tempo que correndo*
*O tempo, a rude lingoa mal composta*
*Dos proprios, outro nome lhe tem dado.*
*Aqui, no mar que quer apressurado*
*Entrar pola garganta deste braço,*
*Me trouxe hum tempo, e teve,*
*Minha fera ventura;*
*Aqui nesta remota, aspera, e dura*
*Parte do mundo, quis que a vida breve*
*Tambem de si deixasse hum breve espaço;*
*Porque ficasse a vida,*
*Pelo Mundo em pedaços repartida.*
*Aqui me achei gastãdo hums tristes dias,*
*Tristes, forçados, máos, e solitarios,*
*Trabalhosos, de dor, e de ira cheos,*
*Não tendo tão sómente por contrarios*
*A vida, o Sol ardente, as agoas frias,*
*Os ares grossos, fervidos, e feos,*
*Mas os meus pensamentos, &c.*

Chegado a Goa, diz Pero de Mariz que o mandou o Visо Rei por Provedor mór dos defuntos da China, o que

que parece naõ póde ſer; porque o Viſo-Rei D. Pedro Maſcarenhas, falleceo em Goa, aos dezaſeis de Junho deſte anno de 1555., e a armada do monte Felix tornou áquella Cidade no Outubro ſeguinte do meſmo anno em que já governava havia quaſi quatro mezes Franciſco Barreto; pelo que mais certo parece o que outros affirmaõ, e he que chegando Luiz de Camões a Goa fez aquella Satira que anda no fim da primeira parte das ſuas Rimas, contra alguns moradores daquella Cidade, com titulo, de Feſtas que ſe fizeraõ á ſucceſſaõ do Governador, do que ſentindo-ſe Franciſco Barreto, ou por zelo da juſtiça, ou por queixas dos motejados, o mandou prender, e deſterrou para a China, no anno ſeguinte de 1556. (*) em que deſpachou alguns Capitães para o Sul. A iſto favorecem os verſos do meſmo Poeta, o qual ſe queixa deſte deſterro, e priſaõ mandada fazer pelo Governador, e de hum terrivel naufragio que padeceo na coſta de Cam-

(*) *Couto Decado 7. lib. 4. c. 3.*

Camboja, junto do rio Mecon, como diz na eſtan. 128. do Cant. 10.

*Eſte receberá placido, e brando*
*No ſeu regaço os cantos, que molhados*
*Vem do naufragio triſte, e miſerando,*
*Dos procelojos baixos eſcapados:*
*Das fomes, dos perigos grãdes, quando*
*Será o injuſto mando executado*
*Naquelle, cuja lira ſonoroſa,*
*Será mais afamada que ditoſa.*

E no canto 7.: eſtan. 81. onde pede favor ás Nynfas do Tejo para cantar os Varões Illuſtres que finge levava D. Vaſco da Gama pintados nos toldos, e bandeiras, e moſtrava ao Catual ſeu irmaõ Paulo da Gama. Entre outras queixas que da dos poucos premios que recebia de ſeus verſos, diz aſſi:

*E ainda Nynfas minhas naõ baſtava*
*Que tamanhas miſerias me cercaſſem;*
*Se naõ que aquelles q̃ eu cantãdo andava,*
*Tal premio de meus verſos me tornaſſem.*
*A troco dos deſcanços que ſperava.*
*Das capellas de louro que me houraſſem,*
*Trabalhos nunqua uſados me inventaraõ,*
*Com que em taõ duro Eſtado me deitaraõ*

E na Canção 10. das primeiras Rimas:

*Em*

*Em fim naõ houve tranſe de Fortuna,*
*Nem perigos, nem caſos duvidoſos*
*(Injuſtiças daquelles, que o confuſo*
*Regimento do mundo antigo abuſo*
*Faz ſobre os outros homens poderoſos)*
*Que eu naõ paſſaſſe, &c.*

De maneira que eſta jornada naõ foi por deſpacho ſenaõ por pena, e degredo, pois diz que a fez quando foi contra elle o injuſto mando executado. Neſte tempo em que andou pelas partes do Sul eſteve nas Ilhas de Moluco, e particularmente na de Ternate, de quem, e do ſeu Vulcano que eſtá no fimo do monte faz particular menção na ſua Canção 6. que diz:

*Com força deſuſada*
*Aquenta o fogo eterno*
*Huma Ilha, lá nas partes do Oriente,*
*De eſtranhos habitada,*
*Aonde o duro inverno*
*Os campos reverdeſſe, alegremente:*
*A Luſitana gente*
*Por armas ſanguinoſas,*
*Tem della o ſenhorio:*
*Cercada eſtá de hum Rio*
*De maritimas agoas ſaudoſas;*
*Das ervas que aqui naſcem*

Os

*Os gados juntamente, e os olhos paſcem.*
*Aqui minha ventura*
*Quis que huma grande parte*
*Da vida que naõ tinha ſe paſſaſſe,*
*Para que a ſepultura*
*Nas mãos do fero Marte,*
*De ſangue, e de lembranças matiſaſſe, &c.*

A aſſiſtencia de Macáo parece que foi a ultima do tempo que andou no Sul, pois vindo de lá padeceo o naufragio, que foi o derradeiro trabalho antes de chegar a Goa. Em Macáo teve o officio de Provedor mór dos defuntos, e com a commodidade do lugar devia de compôr aqui alguma boa parte dos ſeus Luziadas, pois de lá os trouxe conſigo. Acabado o ſeu tempo ſe embarcou para Goa com eſperanças de lograr algum deſcanço nella; porque vinha rico do que houvera do cargo, e dos amigos; porém ſuccedeo-lhe ao contrario, como acontece ás mais das eſperanças do mundo. Porque navegando pela Coſta de Comboja ſe perdeo na paragem da Foz do Mecon, Rio que naſcendo na China, corre por muita diſtancia de terras, e

de-

devidindo pelo meio a Camboja, crefcido com as grandes correntes de outros rios que recebe, vem fair ao mar em hum lago de mais de fefenta legoas de Comprido. Aqui deu a fua náo em huns baixos onde fe fez em pedaços padecendo todos hum miferavel naufragio: Luiz de Camões fe falvou em huma taboa, e em taõ apertado, e manifeflo perigo fó teve lembrança dos cantos dos feus Luíiadas para os levar configo, efquecendo-fe de tudo o mais que trazia, no que naõ merece menor louvor, que o que fe dá a Ceíar, quando efcapou no porto de Alexandria nadando com huma maõ, e levando os feus Comentarios na outra. Deíte naufragio fe queixa Luiz de Camões muitas vezes, e em particular no Canto 7. eftan. 80. referindo-o entre outros trabalhos feus:

*Agora com pobreza aborrecida,*
*Por hofpicios alheios degradado,*
*Agora da efperança já acquirida,*
*De novo mais que nunca derribado:*
*Agora ás coftas efcapando a vida,*
*Que de hum fio pendia taõ delgado,*
*Que naõ menos milagre foi falvar-fe,*
*Que*

*Que pera o Rey judaico acrescentar-se.*

E na Canção 10. das Rimas:

*A piedade humana me faltava,*
*A gente amiga já contraria via*
*No primeiro perigo, e no segundo*
*Terra em que pôr os pés me falecia,*
*Ar para respirar se me negava,*
*E faltavame em fim o tẽpo, e mundo &c.*

No porto deste Rio esteve Luiz de Camões algum tempo reparando-se da perda do naufragio, e com esta occasião, dizem que compôz aqui aquella sua traducção do Psalmo: *Super flumina Babylonis*, que começa:

*Sobolos rios que vaõ, &c.*

Na qual acomodando a si aquelles trabalhos, e sentimento de que trata o Psalmo, mostra bem o que padeceo, e como recorreo logo a Deos por remedio de seu mal, conformando-se Christãmente neste, e nos outros infortunios da vida, com o que delle despunha a divina Providencia, como se vê da sua Canção já referida onde diz:

*Já de mal que me venha naõ me arredo,*
*Nem bem que me falleça já pretendo*
*Que pera mim naõ val astucia humana,*
*De força soberana,*

Da

*Da providencia, em fim divina, pẽdo &c.*

Reformado deſte naufragio ſe veio a Malaca, e dahi a Goa, onde chegou Governando o Viſo-Rei D. Conſtantino, e naõ Franciſco Barreto, como diz Pero de Maris. O que além de conſtar pelo ſeu Comentador Manoel Correa, ſe prova tambem pola razaõ dos tempos. Porque vindo Luiz de Camões da armada do monte Felix em Outubro de 1555. naõ podia partir para o Sul ſenaõ já no anno de 1556. em que o Governador Franciſco Barreto deſpachou os Capitães das viages para aquellas partes, como temos dito. E acabando o governo de Franciſco Barreto a 3. de Setembro de 1558. (*) em que chegou o Viſo-Rei D. Conſtantino a Goa, naõ podia ſer, que em eſpaço de dous annos ſómente foſſe a Malaca, eſtiveſſe em Maluco, e voltaſſe á China, e exercitaſſe lá o cargo de Provedor mór, e tornaſſe a Goa. Por onde o certo parece, que veio a Goa depois que o Viſo-Rei D. Conſtantino entrou no gover-

(*) *Couto Dec. 7. lib. 5. c. 8. o Com. de Cor. Canto 7. eſt. 18. & no Canto 10. eſt. 128.*

verno daquelle Eſtado. Ajudaõ tambem a eſtas conjecturas as oitavas que fez ao meſmo Viſo-Rei eſtando já em Goa, que começaõ:

*Como nos voſſos hombros taõ conſtantes,*
*Principe illuſtre, e raro, ſuſtenteis*
*Tantos negocios arduos, e importantes,*
*Dignos de largo Imperio, q̃ regeis, &c.*

Nas quais oitavas ſe trata já da tomada de Damaõ, e jornada de Jafanapataõ, feitas pelo Viſo-Rei. Pelo que ſegundo iſto chegou Luiz de Camões a Goa depois do anno de 1560. em que o Viſo-Rei D. Conſtantino tinha já acabadas eſtas empreſas. Pouco mais durou o governo ao Viſo-Rei, em cujo tempo naõ parece que Luiz de Camões teve prizaõ alguma, pelo officio que adminiſtreu na China, antes moſtra nas oitavas referidas, eſtar favorecido delle, e pareça que devia ſer ſeu antigo Mecenas, como tambem o tinha ſido antes no Reino o Duque D. Theodoſio ſeu irmaõ. Além diſto conſta que neſte tempo foi o ſeu gracioſo banquete, para o qual convidou a D. Franciſco de Almeida, D. Vaſco de Ataide, Eitor da Silveira, Joaõ Lopes Leitaõ,

e Francisco de Mello, e depois de os receber em huma casa bem adereçada, e os sentar á Mesa, que tinha muito composta, descobrindo-se os partos achárão nelles versos escritos, em lugar de iguarias, como se vê na primeira parte das suas Rimas; com o que o banquete ficou assaz festejado, e celebrado então, e depois em toda a parte. Todos estes Fidalgos andavão em Goa no ultimo anno do Visorey D. Constantino, e na Setima Decada de Diogo do Couto, se faz então menção delles. Deste tempo são as oitavas q̃ fez do desconcerto do mundo a D. Antonio de Noronha, q̃ depois governou aquelle Estado, e outros muitos versos a varios fidalgos q̃ estão nas suas Rimas; dos quaes se vê bem quam estimado andava o noisso Poeta de toda a fidalguia da India, e não com novas molestias. Aqui gastou liberalmente o que trouxe do Sul, e lhe derão seus amigos, e foi nisto tão largo que em breve tempo tornou á pobreza com que começára; o que lhe aconteceo por vezes, com alguma nota dos que por isto o tinhão em conta de mal considerado, não atentando que os generosos espiritos padeceráõ muitas ve-

zes esta falta, porque naõ lhe sofre a grandeza do animo aplicar-se as cousas inferiores, e de interesse; assi lemos de Homero, Socrates, Crates, Marcial, Valerio Flaco, e outros sublimes engenhos, que nunca curáraõ de ser ricos, mas de enriquecer a todos com suas obras.

Em Setembro de 1561. teve sucessor no cargo o Visorei D. Costantino. E diz Diogo do Couto, que atè seu tempo durou naquelle Estado a primitiva India, em que os homens pretendiaõ sómente ser vaserosos, e honrados, e desprezavaõ o interesse; e que dali por diante começou a ser idolatrada a avareza, ao qual vicio chama a Sabedoria Divina, raiz de todos os males, e como este se foi apoderando daquelle Estado, tem introduzido nelle tantos, que parece ja agora irremediavel sua cura, se Deos milagrosamente lhe naõ acode.

Começou logo Luis de Camões a sentir esta declinaçaõ, porque naõ lhe valeo o favor que o Conde do Redondo novo Visorei lhe fez (como se vê dos versos que lhe compós) para deixar de ser em seu tempo prezo: e segundo parece, pelas culpas de que foi acusado

do na administraçaõ do officio da China. E naõ bastou livrarse desta accusaçaõ para sair do cacere, onde esteve algum tempo, porque Miguel Rodriguez Coutinho fios seccos, pessoa nobre, e rica o embargou na prizaõ por certo dinheiro que lhe tinha emprestado. De maneira, que lhe foi necessario a Luis de Camões socorrer-se de novo ao Conde Viforei, como se vê daquellas redondilhas, que andaõ na segunda parte das Rimas, e começaõ:

*Que Diabo ha taõ danado,*
*Que naõ tema a cutilada,*
*Dos fios secos da espada,*
*Do fero Miguel armado?*

Livre desta prizaõ continuou depois alguns annos em Goa, invernando em terra, e embarcando-se os Verões nas armadas, onde compòs as mais de suas Odes, e Canções, como se dellas vê, que todas fallaõ com Neptuno, com as Nereidas, e outras Ninfas, a quem a Gentilidade venerava por Deidades maritimas. Nos successos de guerra em que estas armadas se acharaõ, se mostrou sempre valeroso soldado, como quem naõ sabia voltar as costas, os mi-

migos. Nem lhe embotáraõ as letras a lança, antes lhe acreſcentaraõ o valor, porque por iſſo fingiaõ os Antigos, que a meſma Pallas era Deoſa das ſciencias, e das armas; e Luis de Camões ſervio neſtas occaſiões de maneira que ſempre ſe louvou diſſo, como ſe vê no Canto 10. eſtanc. penult. fallando com ElRey D. Sebaſtiaõ, onde diz:

*Para ſervirvos braço ás armas feito,*
*Para cantarvos mente ás Muſas dada &c.*

E no Canto 7. eſtanc. 79.

*Agora o Mar, agora exprimentando*
*Os perigos Mavorcios inhumanos,*
*Qual Canace que á morte ſe condena,*
*Numa maõ ſempre a eſpada, e noutra a penna.*

He eſta abonaçaõ que Luis de Camões dá de ſeu esforço de grande credito, pelas muitas teſtemunhas vivas que tinha naquelle tempo, e os Portugueſes ſaõ taõ riguroſes cenſores da verdade, que ſó naõ conſentem, a ſeus viſinhos gabarſe do que naõ tem, mas ainda ás veſes lhe confeſſaõ difficultoſamente o que na verdade poſſuem. Tinha ja neſte tempo compoſto o ſeu Poema heroico dos Luſiadas, e como elle conhecia o grande preço deſta obra, de-

ter-

terminou de ſe embarcar para o Reino a oferecella a ElRey D. Sebaſtiaõ (ainda que entaõ por ſer de pouca idade naõ governava) Porém Pero Barreto o tirou deſte penſamento, por o levar conſigo a Moçambique, onde hia entrar por Capitaõ de Sofalla. Foiſe com elle Luis de Camões movido de ſuas promeſſas, mas embreve tempo ſe vio deſenganado dellas. Pelo que chegando áquella Ilha a náo Santa Fé, que vinha para o Reino ſe quis nella embarcar. Acodio a lho impedir Pero Barreto, e ou movido do deſejo de o ter conſigo, ou por quaeſquer outros reſpeitos lhe pedio duzentos cruzados que gaſtára com elle na matalotagem de Goa atè Moçambique. Vinhaõ naquella náo muitos fidalgos amigos de Luis de Camões, em que entravaõ Eitor da Silveira, Antonio Cabral, Luis da Veiga, Duarte de Abreu, e Antonio Sarraõ, aos quais deu noticia do que paſſava, e elles fintandoſe entre ſi, pagaraõ eſta conta, e o trouxeraõ á ſua conta atè o Reino. Vinha tambem neſta náo Diogo do Couto, que depois foi Chroniſta, e primeiro guarda mór do Tombo do Eſtado da

In-

India, o qual diz em huma carta, que no anno de mil e ſeiscentos e onze eſcreveo a hum amigo ſeu deſte Reyno, que por o ſer grande de Luis de Camões lhe comunicou elle a obra dos ſeus Luſiadas, e que lhe pedio os quiſeſſe comentar, o que Diogo do Couto fez depois em parte como em ſua vida ſe verá.

Chegou Luis de Camões a Lisboa na maior força da peſte, que chamaõ grande, correndo o anno de mil e quinhentos ſeſſenta e nove, e aſſi lhe foi neceſſario eſperar que acabaſſe aquelle mal para poder pôr ſuas couſas em ordem, e imprimir o ſeu poema; em que ſe paſſaraõ quaſi dous annos, porque no de mil e quinhentos ſetenta e dous ſahio á luz com eſta admiravel obra; porque de ſua milicia e peregrinações eſtá baſtante dito, falaremos agora da excellencia de ſeu engenho, e doutrina, que nos Varoens doutos he o que principalmente ſe conſidera.

Para poder explicar as perfeições deſte poema ſaõ neceſſarios mais livros que os que gaſtou Macrobio em apontar as das Eneadas. (*) Porque eſte gene-

(*) *Macro. a l. 3. Satur vſq. a d totum ſextiſti-*

nero de poema, aſſi como tem o principal lugar na poeſia, (*) aſſi he taõ difficultoſa na compoſiçaõ, ſe ſe houverem de guardar perfeitamente todos os preceitos da arte, que des do principio do Mundo atè o tempo do noſſo Poeta naõ houve mais que quatro a quem ſe pudeſſe dar eſte louvor. Eſtes foraõ Homero entre os Gregos, Virgilio nos Latinos, Torquato Taſſo entre os Italianos, e o noſſo Poeta em Heſpanha. Com tudo entre eſtes, merece Luis de Camões particular louvor, porque ainda que naõ excedeo em tudo atodos, ao menos ſe a ventejou a cada hum em alguma parte, como logo veremos.

O Poema heroico, a que os Gregos chamaõ Epico, tem cinco partes eſſenciaes (a que parece ſe reduſem todas as mais) que ſaõ: ſer Imitaçaõ heroica, honeſta, util, e deleitoſa. O ſer huma ſó acçaõ he couſa taõ importante, que no poema Epico ſe tem por ſua ſuſtancia, como ſe vê de toda a arte poetica de Ariſtoteles, e fundaſe eſte preceito na razaõ natural da imitaçaõ, e pin-

(*) *Scaligerus Poetices. lib* 1. *c.* 13.

tura, que moſtra naõ ſe poderem imitar duas acçõẽs juntamente, e eſta he a diferença q̃ ha entre o Poeta Heroico, Hiſtoriador, porque o Hiſtoriador eſcreve a narraçaõ das couſas como acontecerãõ ſucceſſivamente, mas o Poeta eſcolhe huma ſó acçaõ de hum Heroe e eſſa refere, naõ pontualmente como foi, mas como convinha ſer ornada a narraçaõ com varios Epiſodios, que ſaõ digreſſões de fabulas, acontecimentos, e enredos, com que com ſuavidade perſuada aos que o lerem, e ouvirem: *Oportet, igitur*, diz Ariſtoteles, *quem admodum in alijs imitatricibus, una imitatio unius eſt, ſic & fabulam, quia actionis imitatio eſt, unius que eſſe, & hujus totius.* E noutra parte. *Fabula quidem eſt una, non quemadmodum nonnulli urbitrantur, ſi circa unum fuerit; multa enim, & infinita genere contigunt, ex quibus nennullis nihil eſt unum: ſic autem, & actiones unius multæ ſunt, ex quibus una multa fit actio: quare omnes videntur peccare quicumque poetarum Heracleidem, & Theſeidem, & huiuſcemodi poemata fecerunt, putant enim, quia unus erat Hercules, unam*

*& fabulam eſſe oportere. Homerus autem quemadmodum & cæteris rebus antecellit, & hoc videtur pulchre vidiſſe, ſive propter artem, ſive propter naturam; Odyſſeam enim faciens non complexus eſt carmine illo omnia quæcumque illi contigere &c. Verum circa unam actionem, qualem dicimus odiſſeam manſit, eodem pacto & Illiadem.*
O meſmo reſolve Horacio na ſua Poetica dizendo:
*Denique, ſit quoduis ſimplex duntaxat, & unum.*
Por faltarem neſte eſſencial fundamento de huma ſó acçaõ Ovidio, Silo Italico, e Lucano, ſenaõ tem por poetas heroicos; e entre os Modernos cahio tambem neſte defeito Ludovico Arioſto, que no ſeu Orlando ſeguio, e propoz taõ multiplicadas acções; couſa tanto contra os preceitos da Arte, o que verdadeiramente he muito de ſentir em taõ florido e ornado Poema, como o de Arioſto, hum dos mais engenhoſos, e abundantes entendimentos que até ſeu tempo houve, porque por errar eſta acçaõ, naõ tomou a palma a muitos dos antigos e modernos, e ſe propuſera, e

ſe-

ſeguira perfeitamente o furor de Orlando, que ella fez acçaõ ſecundaria, ainda tivera deſculpa, mas propondo tantas acções, como ſaõ:

*Le done, i cavalier, l' arme, gli amori,*
*Le corteſie, l' audaci impreſe io canto &c.*

Errou muito, aſſi em as multiplicar, como em as propor primeiras. E ſe o que diſſe por acçaõ ſecundaria de Orlando.

*Dirò de Orlando en un medeſmo tratto*
*Coſa no detta inproſa, mai ne in rima,*
*Che per Amor veñe in furore, & matto*
*Huomo che i ſaggio era ſtimato prima. &c.*

O propuſera por primeira, pudera defender-ſe, e foraõ entaõ menos e mais curtos epiſodios, que por razaõ das acções multiplicadas accumulou, com que o pema ficára mais proporcionado, e fermoſo: ainda que ſempre lhe faltára o principal, que he a qualidade da acçaõ, pois por ſer furia naſcida de couſa taõ indigna, como os amores de Angelica, naõ deve ſer imitada. Tanto perdem ainda os grandes engenhos faltos de Arte, avendo, como diſſe Horacio, de

lo-

fogeitar a fertilidade do engenho aos preceitos della (*).

*Ego nec ſtudium ſine divite vena,*
*Nec rude quid proſit video ingenium: alterius*
*Altera poſſit opem res, & conjurat amice &c.*

Eſte preceito de ſeguir huma ſó acçaõ guardou excellentemente o Noſſo Poeta propondo o deſcobrimento da India, o qual fez D. Vaſco da Gama com ſeus ſoldados, como ſe vê do diſcurſo do poema, que começa navegando Vaſco da Gama junto a Maçambique: e acaba quando o meſmo Capitaõ entrou em Lisboa. Porém na propoſiçaõ, e titulo (como eſta obra era de outros ſegundos Argonautas) ſeguio a Appolonio Rhodio a quem ſe dá o primeiro lugar entre os Gregos, depois de Homero, o qual intitulou o ſeu poema, dos Argonautas, e na propoſiçaõ naõ nomeou a Jaſaõ Capitaõ da jornada, ſenaõ a todos os que cometeraõ aquella empreſa, e aſſi começa: (**)

*A te principium ó Phœbe, priſcorum*
*laudes virorum*
*Memorabo, qui Ponti per os, & petras*
*Cir-*

(*) *Horat. de Arte poetica.*
(**) *Appollon. Rhod. lib. 1. Argo naut.*

*Cyaneas, regis mandato Peliæ,*
*Aureum ad vellus probè instructam*
*transtris impulerunt Argo.*

Depois desta primeira acçaõ tocou tambem Luis de Camões alguns dos principaes Episodios do Poema, o que por ser depois da principal acçaõ proposta, naõ he defeito, segundo se vê em Homero, e Virgilio, que tambem propuseraõ estas acções secundarias como julgará facilmente quem os bem considerar.

A segunda condiçaõ do Poema heroico, he ser acçaõ Honesta, e digna de se imitar, por quanto o fim da poesia, e principalmente heroica, he ensinar, incitar, e mover deleitando. Nesta parte excedeo muito Luis de Camões a Estacio na sua Thebaida, e a Claudiano no seu Rapto de Proserpina, porque ainda que estes Poetas acertáraõ mais que os outros em escolher huma só acçaõ, com tudo faltáraõ na qualidade della; porque as suas acções naõ saõ verdadeiramente dignas de se imitar, que he o fim, e intento de toda a poesia, pois o Argumento de Estacio foi o odio dos dous irmãos Etheocles, e

Po-

Polynices, acçaõ indigna de ſer ſabida, quanto mais imitada; e a de Claudiano he o roubo de Proſerpina, tanto mais aborrecivel, quanto maior foi o roubador della. O argumento do poema heroico ha de ſer honeſto para ſe imitar, e admiravel para mover, e deleitar, no que Homero he digno de louvor em quanto conta os trabalhos que Olyſſes padeceo até tornar á ſua patria, mas naõ na concluſaõ do Poema; com as mortes que deu privadamente aos pretenſores de Penelope deſarmados. A eſta materia ſe avantaja pouco a chegada de Eneas a Italia, e guerras ſobre o Cervo que andando á caça ferio Aſcanio, acções em que ha poucõ do grande, e admiravel. E aſſi fica mui ſuperior a todas ellas o argumento do noſſo Poeta que trata do deſcobrimento da India, em que Vaſco da Gama rodeou a maior parte da terra, vencendo com ſingular valor as forças dos elementos, as treições, e armas dos inimigos, fomes, ſedes, eſtranheſa de climas, injurias dos tempos, e moſtrou ao mundo o verdadeiro conhecimento de ſi meſmo, em que des de ſeu principio até entaõ eſti-

tivera ignorante achando novas eſtrellas, e novos mares, comunicando o Oriente com o Occidente, de que ſe ſeguio dar aos povos de Europa a noticia de tantas drogas, fruitos, e pedras em que a natureza ſe moſtrou maravilhoſa, e benigna para com os mortaes, e aos moradores de Aſia o conhecimento das Artes, policia, ſciencias de Europa, e ſobre tudo do verdadeiro Deos, de que os mais delles eſtavaõ totolmente ignorantes. Por onde na qualidade da acçaõ heroica fica o noſſo Poema ſupereor a todos os Antigos, e Modernos.

Nem obſta contra iſto, dizerem alguns, que profanou o Poeta eſta honeſtidade, e grandeza da acçaõ com naõ guardar á Religiaõ o decóro devido, invocando Muſas, e fingindo Concilios de Deoſes, indecentes a Poeta Catholico, e que como tal devia entes invocar os Santos, e uſar nas ficções de milagres e aparecimentos de Anjos, como alguns modernos fizeraõ. Porque a iſto ſe reſponde, que notorio he, naõ ſer a poeſia outra couſa, ſe naõ huma imitaçaõ, ou fabula, a qual tras ſempre comigo, como parte eſſencial a invocaçaõ das Muſas

ſas do Parnaſo, ſegundo a diviſaõ dos poemas, em que a Caliope coube o Heroico, e por iſſo he invocada nos poemas Epicos, e eſta fabula pertence ſómente à poeſia, e ſó pelos poetas foi inventada. De maneira que até os Antigos que adoravaõ aos outros Deoſes Gentilicos por verdadeiros, tinhaõ as Muſas por fingidas, porque bem ſabiaõ, que nunca no Parnaſo houvera taes Deoſas, nem por eſſas eraõ tidas, nem adoradas das Republicas; ſendo pois iſto aſſi, claro fica que naõ uſou Luis de Camões de termo algum ſupreſticioſo pedindo ajuda a Divindades Gentilicas (pois eſtas foraõ ſempre conhecidas de todos por fabuloſas) mas que guardou o eſtillo do Poema heroico ſegundo os Latinos, que he invocar as Muſas depois de propor a acçaõ, e aſſi continuou a poeſia com os termos até entaõ coſtumados de poetas Catholicos, e graviſſimos, como foraõ Senafaro no poema de *Partu Virginis* o Bispo Hieronimo Vide em quaſi todas as poeſias maiores, Bautiſta Mutuano Religioſo Carmelita nas ſuas vidas dos Santos, Juviano Pontano, Angelo Policiano, Miguel Ma-

rulo, e outros que seria largo referir. Porém em naõ introduzir Luis de Camões Anjos, e Santos nas fabulas que fingio, mais parece digno de louvor que de reprehensaõ, porque he indecencia grandissima usar dos nomes dos Santos para fabulas profanas, com a mesma facilidade com que os Gentios o faziaõ, e assi he muito de calumniar, que nos poemas de Torcato, e Arioſto andem os Anjos, e Santos fallando com os Cavaleiros andantes, e trasendo-lhes recado do Ceo, e que Saõ Joaõ Evangelista leve a Astolfo sobre o globo da Lua, a mostrar-lhe o fio de Roldaõ, que estava metido em huma redoma de vidro. Naõ se haõ os Santos de tomar na boca, nem na historia para materia de entretenimento, mas hase de escrever delles com toda a reverencia, e decencia devida, que naõ se compadece misturar as cousas sagradas com as profanas. Além de ser inconviniente grande em hum livro que trata de argumento verdadeiro, e em que se haõ de referir verdadeiros milagres, escreverem-se milagres fabulosos, sem se diferençarem huns dos outros, com que os leitores ignorantes, podem ca-

cair em erro de naõ conhecerem quaes devem de ſer cridos. Por tanto querendo o Poeta evitar taõ grandes incovinientes, uſou dos nomes dos Deoſes gentilicos por materia commua, e notoria de fingimentos poeticos, com que ninguem ſe podia enganar, mas nas couſas verdadeiras, guardando inteiramente o decoro á Religiaõ, introduſio ſempre a Vaſco da Gama, fallando com toda a piedade Catholica; de maneira que os milagres verdadeiros, e couſas ſantas, as trata com a decencia, e gravidade divida, e as ficções ficaõ conhecidas de todos vendo-ſe que ſaõ fabulas notorias. Eſte meſmo eſtilo guardàraõ os mais dos Poetas acima nomeados, aquem podemos acreſcentar Claudiano, que ſegundo a melhor opiniaõ, e mais univerſal foi Catholico, e uſou deſtas invocações, e concilios dos Deoſes com maior liberdade do que vemos nos Luſiadas. Quanto mais que Luis de Camões naõ fez eſtas ficções dos Deoſes a caſo, ſenaõ com muita conſideraçaõ, introduſindo debaixo deſtas fabulas huma excellente Alegoria, (a que os Poetas chamaõ a alma da fabula) e aſſi enten-

deo debaxo do nome de Jupiter, e Deoles, a divina providencia, e os espiritos Angelicos, porque governa o mundo, des quaes os bons nos ajudaõ, e os máos nos empecem. E he taõ antigo este pensamento, que até alguns dos primeiros Filosofos, que estas deidades inventáraõ, naõ quizeraõ entender outra cousa nellas, como se vê largamente de S. Agostinho na sua Cidade de Deos, e ainda da Canonica de S. Pedro que por razaõ do tal intento (segundo S. Hieronimo alegado neste lugar por o Padre Justiniano) (*) chama a estas fabulas doutas; porém como estes Filosofos pola falta do lume da Fé caíraõ em muitos erros, e deraõ com estas fabulas causa á Idolatria, foraõ condenadas do Apostolo no dito lugar dizendo: *Non doctas fabulas secuti notam fecimus vobis Domini nostri Iesu Christi virtutem, & præsentiam &c.* mas hoje que naõ ha este perigo, com os exemplos e razões já alegadas tem lugar a Alegoria que o Poeta nellas entendeo como imitando Virgilio no fim do sexto da Encida, explicou nestas Oitavas em que intro-

(*) *Inst. in cap. 1. epist. 2. Petr. vers. 18. n. 3.*

troduz a Tetis daclarando a Esphera a D. Vasco da Gama, onde fallando do Ceo Imperio, diz assi:

*Aqui só verdadeiros glorioſos*
*Divos eſtaõ, porque eu Saturno e Jano,*
*Jupiter, Juno, ſomos fabuloſos,*
*Fingidos do mortal e cego engano.*
*So pera fazer Verſos deleitoſos*
*Servimos, e ſe mais a trato humano*
*Nos póde dar, he ſó que o nome noſſo*
*Neſſas eſtrellas pos o engenho voſſo.*
*E tambem porque a Santa providencia*
*Que em Jupiter aqui ſe repreſenta,*
*Por eſpiritos mil que tem prudencia,*
*Governa o Mundo todo que ſuſtenta.*
*Inſinalo a Profetica ſiencia,*
*Em muitos dos exemplos que apreſenta*
*Os que ſaõ bons guiando favorecem,*
*Os máos em quanto pódem nos empecem.*
*Quer logo aqui a pintura que varia,*
*Agora deleitando, ora enſinando,*
*Dar-lhe nomes que antiga poeſia,*
*A ſeus Deoſes já dera fabulando*
*Que os Anjos da celeſte companhia*
*Deoſes o ſacro verſo eſtá chamando.*
*Nem nega que eſſe nome preheminente,*
*Tambem aos máos ſe dá mas fallamente.*

Por tanto assi pelas razões, como pelos

exemplos fica Luiz de Camões nesta parte livre de toda a calumnia.

Com tudo outra nos resta ainda neste ponto a que responder, e he dizer-se tambem que foi o nosso Poeta pouco honesto nos episodios de taõ honesto poema, o que tem facil reposta, porque como o argumento dos Lusiadas era taõ grave, foi necessario varialo com alguns episodios alegres para entreter os leitores, e para isto fingio a deleitosa Ilha de Santa Elena, e os esposorios que nella celebràraõ Vasco da Gama, e seus soldados com as Nynfas do Occeano, imitando os Poetas antigos, e modernos, que todos meteraõ nos seus poemas estes Episodios amatorios, como se vè em Homero nos amores de Calipso, e de Venus, e Marte, em Virgilio nos da Rainha Dido, e em Appolonio Rhodio, e Valerio Flaco nos damas de Lemnos com os Argonautas; e finalmente nos mais de Torcato Tasso no seu poema Heroico. Mas nesta parte levou ainda Luiz de Camões grande ventagem aos referidos, por quanto elles naõ pretendêraõ declarar algumas Alegorias debaxo destas fabulas (que como dissemos he

a alma do poema ) antes ſe vê que naõ tiveraõ nellas outra tençaõ , ſenaõ deleitarem aos leitores ( poſto que a fabula de Caliplo ſofra mais alegoria que as outras ) e o noſſo Poeta debaxo dos nomes daquellas Ninfas quiz entender a gloria , fama , memoria , honra , maravilha , e todas as mais prehiminencias , que participaõ os Varões illuſtres , e eſforçados , por premio de ſuas obras com as quaes ſeus nomes ficaõ perpetuamente unidos na lembrança dos homens , como ſe vê neſtes verſos canto 9. eſtanc. 89 :

*Que as Nymfas do Occano taõ fermoſas ,*
*Tetis , e a ſua angelica pintaſt ,*
*Outra couſa naõ he que as deleitoſas*
*Honras , que a vida fazem ſublimada :*
*Aquellas preminencias agloriоſas ,*
*Os triumphos , a fronte coroada*
*De palma , e louro , a gloria , e maravilha*
*Eſſes ſaõ os deleites deſta Ilha.*

Como com eſtas palavras ficava a alegria taõ clara , naõ ſe podem imputar por indecencia ao Poeta os termos dos eſpoſorios com que a trata , porque eſta participaçaõ da imortalidade da fama , ſignificaraõ ſempre os antigos por caſamentos , com que fingiaõ todos os Hero-

roes ou casados, ou aparentados com as Deosas.

A utilidade que deste poema se alcança não se pode explicar em poucas palavras, porque não ha ninguem que o lea, que não fique inflamado de hum admiravel desejo de gloria, e de empregar a vida em feitos illustres, aventurando a pela Fé, pelo Rey, e pela Patria. Aqui se vem as partes, e experiencia que hão de ter os conselheiros, o zello com que os ministros superiores devem entender no bem publico, e o premio que se deve dar aos que bem trabalhão. Na pessoa de Vasco da Gama se representa hum excellente modello de prudente e heroico Capitão, e nas dos Reys de Portugal, o exemplo de hum perfeito Principe. E se não deu este louvor a todos os que reinarão neste Reyno, foi porque o poema heroico quando se funda em historia verdadeira, que he mais perfeito, ainda que póde acrescentar a verdade do que passou, não pode contrariar ao que passou na verdade, de maneira, que nem Virgilio pudera dizer que Achiles fora morto por Heitor, nem Homero, que Achiles ma-

matára a Paris, e aſſi referem ambos eſtes Poetas muitos vicios dos ſeus Principes, e Rainhas, por naõ ſer licito á poeſia encontrar neſta parte a verdade da hiſtoria, da qual guarda eſte, e outros muitos preceitos. Pelo que deſte poema ſepodem tirar excellentes regras para a vida politica, e moral.

O eſtillo deleitoſo com que eſtes preceitos vaõ acompanhados naõ reconhece em toda a antiguidade ſuperior, e difficultoſamente lhe poderemos dar ſemelhante, porque deixando a dinonancia que os antigos achavaõ nos verſos de Homero, como refere Joſefo liv. 1. contra Apinun, e os muitos que deixou Virgilio por acabar na ſua Eneida, a facilidade, e conſonancia deſte noſſo poema he tal, que naõ parecem os verſos compoſtos per artificio mas ditados da meſma natureza. E naquelles lugares que em a Poetica de Ariſtoteles ſe chamaõ, Patecos, ou Alteradores do animo, move os affectos com palavras taõ proprias, e vehementes, que com ſumma efficacia faz força a quem os ler, de maneira que fica participante das paixo-

xões que se contem encubertas debaixo daquellas palavras: imprimindo hum generoso alvoroso quando trata da guerra, alegria nas festas, gravidade nas acções dos Principes, compaixaõ na adversa fortuna, e finalmente huma admiravel suavidade em todas as partes do Poema. Porém nas comparações, e discripções se avantaja tanto, que em certo modo se vence assi mesmo, porque com tanta viveza as pinta, e exprime que parece se representaõ á vista, e naõ ao sentido interior:

He tambem a erudiçaõ parte do estillo deleitoso, e a muita de que o nosso Poeta illustrou o seu Poema he assás notoria, naõ havendo nelle Estancia que naõ tenha particular conceito, doutrina, ou pensamento peregrino, de maneira que naõ se achará Poema nenhum onde em taõ breve escritura se tocassem tantos, e taõ Doutos passos de liçaõ varia, como nos seus Lusiadas, porque quasi naõ ha nas letras humanas lugar insigne de fabula, antiguidade, historia, Mathematica, e qualquer outra sciencia que nelle se naõ achem, e quanto isto he mais ordinaria neste Poema, tanto

he

he mais de admirar nelle, ſendo eſta parte da Poeſia mais dificultoſa de todas. Porque como o principal intento nella ſeja mover affectos do animo naõ ſe póde alcançar eſte effeito ornando com elocuſaõ, e erudiçaõ eſtes lugares, como já o notou excellentemente Ariſtitoles neſta ſentença: *O portet laborare in ignavis partibus, & neque moratis, neque ſententiarum acumine ornatis, occulit enim valde ſplendida locutio mores & ſententias.* Iſto tem acontecido a muitos em Heſpanha, que ſe fizeraõ duros, e aſperos encobrindo a força dos penſamentos com os ornamentos das palavras, de que he bom exemplo Franciſco de Herrera. Porém Luiz de Camões ſoube tomar tal meio nella dificuldade, que naõ ha verſos que mais movaõ o ſentimento que os ſeus, nem onde juntamente ſe veja a oraçaõ mais erudita, e compoſta. Fazem alli meſmo por eſta parte a novidade, e excellencia dos epiſodios, nos quaes quaſi nenhum outro Poeta ſe lhe póde igualar; porque os mais de Virgilio ſaõ imitados de Homero, como o banquete de Dido, a Relaçaõ que alli fez

Eneas

Eneas da perda de Troya, seus trabalhos, e viagem, os jogos de Sicilia, a jornada do Inferno, e assi teve nelles pouco louvor. E Torquato Tasso naõ se melhorou com as fabulas dos seus encantamentos, e cavalleiros andantes: porque ainda que elegeo fabulas possiveis, tem muito do improvavel; o que he contra os preceitos de Aristoteles, que diz que nos episodios devemos escolher antes os impossiveis provaveis, que naõ os improvaveis possiveis: *Eligere impossibilia & verisimilia potius, quam possibilia, & nullo modo probabilia.* Este preceito guardou Luiz de Camões excelentemente, porque depois de imitar a Virgilio em fazer a acçaõ composta, e naõ simples, com referir D. Vasco da Gama sua viagem a elRei de Milinde, introduz o Episodio da descripçaõ de Europa, e historia de Portugal, com as profecias do velho, e Adamastor admiravelmente; depois na figura de Monsaide conta os ritos do Oriente, fez huma novo conselho dos Deoses maritimos, e a descripçaõ do Reino de Cupido no monte Idalio. Naõ he menos excellente a pintura da Ilha de S.

Ele-

Elena, o banquete que nella deu Thetis a D. Vaſco da Gama, e ſeus companheiros, a muſica da Sereia que cantou os Capitães illuſtres Portugueſes que depois haviaõ de conquiſtar a India, e finalmente a deſcripçaõ dos Globos celeſtes, e geografia das Provincias novamente deſcubertas. Quaſi todos eſtes epiſodios foraõ penſamentos noves, e peregrinos, e tratados com tanta graça, e artefício que juntamente enſinaõ, admiraõ, e deleitaõ, porque naõ ha na Arte do bem dizer tropos nem figuras que aqui ſe naõ vejaõ exercitadas: variando o eſtillo, hora grave, grandiloco, e vehemente, hora florido brando, e ainda jocoſo; porque como o Poema heroico he hum meio entre o Tragico, e comico, aſſi participa ſegundo Ariſtoteles da gravidade á Tragedia, como da graça da Comedia. Por onde Homero em muitas partes da Odyſſea, e Illiada introduz, hiſtorias jocoſas, como foi a da priſaõ de Venus, e Marte na rede de Vulcano, e outros caſos quaſi ſemelhantes de Jupiter, e Juno; a peleja do pobre Hiro com ſeu competidor em caſa de Penelope, e outros

tros muitos em que o meſmo Poeta refere o riſo a que com ellas ſe moverão até os meſmos ſeus Deoſes, e Virgilio tambem no ſeu 5. liv. deſcrevendo os jogos que Eneas fez a ſeu pai Achiles ſegue no eſtillo jocoſo as Regras que neſte particular ſe devem guardar na Poeſia heroica. De maneira que Luiz de Camões aſſi neſta parte como nas mais ſe moſtrou excellente Poeta, e com eſta ſua obra ficou enrequecida grandemente a lingoa Portugueſa; porque lhe deu muitos termos novos, e palavras bem achadas, que depois ficárão perfeitamente introduzidas. Poſto que neſta parte não deixarão alguns eſcrupuloſos de o condenar, julgando-lhe por defeito as palavras latinadas que uſou no ſeu Poema. Porem deſta cenſura o abſolverá com facilidade quem tiver noticia das leis da Poeſia, e da licença que he concedida aos Poetas para fingir, e dirivar novas palavras, porque como tem obrigação de fallar ornadamente, não pódem deixar de enriquecer ſeus verſos com palavras, ou deſuſadas, ou novas, ou transferidas, que ſão as condições que enſinão os

Re-

Rhetoricos para a Oraçaõ ficar com Mageſtade, e fóra do eſtilo humilde, e vulgar. Aſſi o aconſelha Ariſtoteles na ſua Poetica, dizendo: *Locutionem apertam, & non humilem eſſe: apertiſſima quidem igitur eſt ea, quæ ex propriis nominibus, ſed humilis: exemplum autem Cleophontis poeſis, & Steneli. Grandis autem, & immutans vulgarem rationem, quæ peregrinorum ſpeciem habentibus utitur. Peregrinorum autem, ſimilia dico, linguam, & translationem, & productionem, & omne quod præter propium &c.* Neſte lugar diſcorre Ariſtoteles largamente ſobre eſta materia, e defende a novidade dos termos que uſou Homaro contra os que por eſta razaõ o calumniavaõ. O meſmo affirma Iſocrates pai da Eloquencia Grega dizendo na vida de Evagoras: *Poetis multa dantur quibus ornare ſuum Carmen poſſunt. His enim & Deorum cum hominibus congreſſus, tum diſceptationes, & certamina quibus, cum volunt, fingere licet, & cum hæc narrare voluerint, non eadam verborum lege, qua Oratores aſtringuntur. Itaque non ſolum verbis uſitatis, ve-*

*rum*

*rum etiam novis, translatis, & peregrinis, & omni denique dicendi genere, suam possim orationem ornare. Oratoribus autem nihil tale concessum est &c.* Esta licença concede mais largamente Horacio aos Poetas Latinos, porque naõ só lhe permite, que usem dos vocabulos antigos que já naõ estaõ em costume, mas que finjaõ de novo os que quizerem, com tanto que se dirivem da lingoa Grega, diz elle:

*Et nova, fictaque nuper habebunt verba fidē, si Græco fonte cadent, parce detorta; quid autem Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, ademptum Virgilio, Varioque? Ego, cur, acquirere pauca Si possum, invideor, Cum lingua Catonis, & Enni*

*Sermonem patrium ditaverit; & nova rerum Nomina protulerit? Licuit semperque licebit Signatum præsente nota, producere nomen &c.*

Tambem Tullio Principe dos Oradores confirma este privilegio aos Poetas dizendo no seu Orador: *In utroque frequentiores sunt, & liberiores poetæ, nam & transferunt verba cum crebrius, tum etiam audacius; & priscis libentius utuntur, & liberius novis.*

Deste privilegio useu tanto Virgilio, que além de declinar muitos nomes la-

ti-

tinos pelas terminações Gregas, e fallar pelas fraſes daquella lingoa, eſcreveo por palavras taõ fóra do uſo ordinario que Macrobio gaſta naõ pouca leitura em moſtrar os fundamentos que para iſto Virgilio teve, dizendo que todas aquellas palavras traſiaõ ſua origem da antiguidade Latina, e foraõ em ſeus principios uſadas. Do meſmo modo falou Torcato, e tanto ſe valeo do antigo Toſcano, e da lingua latina, que deſtas palavras novas lhe notaraõ hum particular vocabulario. Com eſtes exemplos fica bem livre o noſſo Poeta da calumnia que lhe impoem das palavras alatinadas, as quais ſaõ taõ proprias, e naturais a noſſa lingoa, que ſe eſcuſaõ os Vocabularios de Torquato, e Virgilio, e ſe entendem de todos igualmente com o romance Portugues.

Cáe aſſi meſmo debaixo do eſtillo deleitoſo a boa proporçaõ do meſmo Poema, o qual para ſer perfeito ha de ſer fundado ſobre hiſtoria verdadeira, e admiravel, de algum varaõ inſigne em Virtude, e valor, e a hiſtoria naõ ha de ſer larga, porque havendo-ſe-lhe de acreſcentar os epiſodios, ſerá o volu-

lume demaſiado, e naõ tendo epiſodios ficará o poema ſecco, e ſem ornamentos que deleitem. Nem menos ſerá de couſas taõ antigas que já naõ eſtejaõ na memoria dos homens, nem taõ modernas que ſejaõ vivos os de quem ſe eſcreve (o que todavia ſe entende, na acçaõ principal, e naõ nos epiſodios, onde ſe introduzem profecias que falaõ do preſente.) Nem ſe ha de contar a hiſtoria ſucceſſivamente, mas começando no meio dos ſucceſſos, alcançar-ſe-ha depois a noticia do precedente com ſubito conhecimento. Eſtes, e os mais preceitos da arte ſe vem tambem guardados neſte Poema como a quem quer que o lê he notorio. Pelo que poderá bem ſer, que ſe Ariſtoteles o alcançára naõ gaſtára tantas palavras em louvar os de Homero.

Mas ſe por veneraçaõ da antiguidade ſe naõ conceder a palma a eſte noſſo poema entre todos os heroicos, ao menos ſeguramente ſe póde julgar por igual ao melhor delles. Deſte taõ alto merecimento, e grande beneficio que a Patria recebeo com tal obra, ficando taõ illuſtrada por ſeu meio, naõ te-

teve Luiz de Camões galardaõ algum; porque a mercê que lhe fez ElRei D. Sebaſtiaõ de huma piquena tenſa he tal que em ſua comparaçaõ juſtamente lhe podemos chamar nenhuma. E ainda que muitos atribuaõ iſto á deſgraça do Poeta, eu lho julgo por huma grande felicidade; porque naõ a póde haver maior para hum Varaõ inſigne que achar ocaſiaõ de exercitar alguma excellente virtude, e neſte caſo ſe moſtrou bem a grande generoſidade de Luiz de Camões pois ſó por amor da patria, occupou ſeu engenho em illuſtrar com ſuas obras eſte Reino, e immortalizar ſeus naturais; e foi taõ inteiro na verdade, e alheo de liſonja, que podendo receber premios de muita conſideraçaõ por referir neſta obra peſſoas particulares, ſó tratou nella daquelles Varões illuſtres, que de todos ſaõ univerſalmente conhecidos por taes: como o teſtifica claramente na Eſtanc. 10. do primeiro Canto em que diz a ElRei D. Sebaſtiaõ:

*Vereis amor da patria naõ movido*
*De premio vil, mas alto, e quaſi eterno.*
*Que naõ he premio vil ſer conhecido,*
*Por hum pregaõ do ninho meu paterno.*

E no Canto 7. Eſtanc. 83. pedindo favor ás Nymfas do Tejo:

*Daime vós Jós que eu tenho já jurado*
*Que naõ no ẽprẽge em quẽ o naõ mereça,*
*Nem por liſonja louve algum ſubido,*
*Sopena de naõ ſer agradecido.*

Deſta tal inteireſa, e verdade eſteve muito alheio Homero, do qual refere Diã Chriſoſtomo Orat. 11. de excidio Illii: que andando mendigando pelas Cidades de Grecia, vendeo por dinheiro os louvores, que na ſua illiada dá indignamente a muitos homens particulares, e a Virgilio deu Octavia irmãa de Auguſto cem mil reis por cada verſo, dos vinte hum que eſcreveo de Marcello ſeu filho; e do que lhe deraõ os amigos deixou depois por herdeiro a Auguſto em duzentos e cincoenta mil cruſados, como aponta Budeo, (*) ſeguindo a Servio, e a Donato; pelo que naõ he muito que elle deduſiſſe a familia dos Julios de Julo, (**) a dos Memios de Mneſteo, a Sergia de Sergeſto, e de Cloanto a Cluenta, coufas

(*) *Bud. de Aſſe. lib. 3.*
(**) *Atuca. lib. 5.*

ſas todas fabuloſas, e inventadas delle meſmo, ſó para liſongear os poderoſos daquelle tempo, como o nota douramente Scipiaõ Amirato. (*) Quaõ longe eſteve deſte vicio Luiz de Camões ſe vê claro no que eſcreveo, pois nem ainda o Conde que então era da Vidigueira lhe fez favor algum em remuneraçaõ de quanto diz naquelle Poema do grande D. Vaſco da Gama, como elle o teſtefica dizendo no Cant. 5. Eſtanc. 99.

*As Muſas agradeça o noſſo Gama*
*O grande amor da patria, q̃ as obriga*
*A dar aos ſeus a lira nome, e fama,*
*De toda a illuſtre e belica fadiga.*
*Que elle nẽ quẽ na eſtirpe ſeu ſe chama,*
*Calliope naõ tem por tam amiga,*
*Nẽ as filhas ao Tejo, que deixaſſem*
*As tellas de ouro fino, e que o cantaſſẽ.*

Eſte foi Luiz de Camões na compoſiçaõ dos ſeus Luziadas. Porém nas outras partes da Poeſia naõ merece menor louvor, por guardar nellas os preceitos da Arte perfeitamente. Nos verſos pequenos ſe houve com tanta elo-



(*) *Famil. Napolitan. de Scipione. Amiratio, Diſc.* 1.

quencia, e graça, que Lopo da Vega no prologo do ſeu Santo Iſidoro lhe dá o primeiro lugar; e verdadeiramente foi taõ abundante de conceitos, e taõ facil em os pôr em verſo, que naõ ſei de qual deſtas couſas nos poſſamos mais admirar, porque ſendo muitas vezes os motes ſequiſſimos, e incapazes de bom penſamento, he tanto o que acha que dizer em qualquer materia, que parece incrivel, ainda depois de viſto, e a ſuavidade do verſo ſempre taõ corrente, e facil que parece ſe naõ podia dizer aquillo por outro melhor, nem mais gracioſo modo. Nas Odes, e Canções ſeguio o eſtillo grandiloco, e aſſi participaõ da mageſtade dos ſeus Luſiadas.

Cuidaõ alguns, que eſta fraſe grandilica, que ſe vê em parte das ſuas Eglogas, lhe faz exceder o decoro que ſe deve guardar ao ſogeito paſtoril, naõ ſe lembrando de Virgilio que nas ſuas Bucolicas introduz argumentos muito ſuperiores áquelle ſugeito, como he o da quarta Egloga que trata ſó da profecia da Sibilla Cumea, e o da ſexta, em que Sileno diſcorre pela fabrica do mun-

do,

do, e hiſtorias mais notaveis delle, o que tudo excede grandemente o modo paſtoril. Pelo que pois Virgilio a juizo de todos os Criticos naõ merece cenſura em exceder o decoro neſtes argumentos muito menos a merece Luiz de Camões por exceder ſó nas palavras guardando o devido decoro nos argumentos, aſſi das Eglogas Paſtoris, como das Piſcatorias. Antes he digno de muito louvor neſte genero de poeſia, por ſer o primeiro que deſtas duas eſpecies fez hum mixto, compondo as Eglogas de Peſcadores, e Paſtores juntamente, por peſſoas de dialogo, como ſe vê na que dedicou ao Duque de Aveiro que começa:

*A ruſtica contenda deſuſada*
*Entre as Muſas do Boſque e das Areas.*

Onde mais abaixo diz:

*Vereis (Duque Jereno) o eſtillo vario*
*A nós novo, mas n outro mar cantado*
*De hũ que ſó foi das Muſas ſecretario.*
*O Peſcador ſincero que amanſado,*
*Tem o pego de Pocrita com canto,*
*Pelas ſonoras ondas compaſſado,*
*Deſte ſeguindo o ſom que póde tanto,*

*E miſturādo o antigo Mātuano, &c.*
*Façamos novo Eſtillo, e novo eſpanto*

Nas Comedias ſeguio a fórma que entaõ ſe praticava, e ainda aſſi introduſio já algumas proſas imitando os ingenhos Italianos, e ao noſſo Franciſco de Sá, que deixáraõ os verſos em que os Gregos, e Latinos as eſcreveraõ; porque como tinhaõ muita diverſidade delles, eſcolheraõ os que mais ſe achavaõ ao fallar ſolto, o que entre nós naõ póde bem ſer pela obrigaçaõ dos conſoantes, mas ainda aſſi traduſio excellentemente a dos *Amphitriões* de Plauto. Outras traduções fez tambem em verſo em que ſe naõ moſtrou menos elegante como foi a Eligia da paixaõ de Sanctaro, o Pſalmo: *Super flumina Babylonis*, a fabula *de Biblis*, *& ade Narciſo*, e outras. Tambem ſe achaõ algumas obras ſuas em proſa ſolta, as mais dellas de materia jocoſa, e eſtillo metaforico, que era o que entaõ ſe preſava muito na Corte; por o ter introduſido Fernaõ Cardoſo, que foi nelle eminente, ainda que Luiz de Camões o uſou com mais policia, e facilidade.

De todas eſtas obras ſe póde bem co-

conhecer a grandeza do engenho de feu Author, e a univerſal noticia que teve das ſciencias, e letras humanas; porque quem conſiderar ſeus eſcritos, achará que teve conhecimento da lingua Grega, da Filoſofia, Theologia, Mathematicas, hiſtorias humanas, e que foi taõ geral em toda a materia, que em qualquer faculdade que trata parece profeſſor della. Pelo que ſe em algumas de ſuas obras ſe achar acaſo couſa que deſdiga do que ſe eſpera de tal Author naõ ſe deve imputar o defeito a elle, ſenaõ ao tempo, e aos copiadores, porque como ſeus verſos andáraõ tantos annos, antes de ſe imprimirem tresladados de varias mãos, com facilidade ſe poderiaõ corromper como vemos aconteceo ás melhores obras da Antiguidade, e em particular a eſta cauſa ſe atribuiraõ (como já diſſe) as diſſonancias dos verſos de Homero em tempo de Veſpaſiano. Quanto mais que como Luiz de Camões naõ fazia eſtas Rimas para as imprimir mas conforme a occaſiaõ, e tempo lhe davaõ lugar, naõ hiaõ muitas dellas com aquella perfeiçaõ com que as acabára, ſe gaſtára niſſo o tempo

po que gaſtava Virgilio, o qual dizia, que aperfeiçoava os ſeus verſos como o parto da Urſa.

Por todas eſtas partes foi Luiz de Camões taõ louvado, e conhecido no mundo que Fernando de Herrera chamado de muitos o Divino, ſó a elle dava ventagem, e o excellente Torquato Taſſo (*) confeſſava, que ſó a elle temia, e ſe admirou tanto de ver os ſeus Luſiadas, que inflamado nos louvores do Author publicou o que delle ſentia neſte ſoneto, que naõ ficou para elle menos honroſo que para quem o compôs:

*Vaſco le cui felice, ardite antene*
*In contro al Sol, che ne riporta il giorno*
*Spiegar le vele, & fer cola ritorno,*
*Ne igli par che dicadere, accenne.*
*Non pia di te per aſpro mar ſoſtene*
*Quei che fece al Ciopple oltraggio, e ſcorno*
*Ne chi turbo l'Egitie nel ſuo ſoggiorno,*
*Ne die pui bel jubieto a colte penne.*
*Et hor quella del colto, i boun luigi,*
*Tanto oltre ſtende il glorioſo volo,*
*Che i tuoi ſpalmati legni ādar men lunge.*
*Onde aquelli a cui ſalza il noſtro Polo,*

E

(*) *Rhim. di Taſſo p. 3. in Venc. ān.* 1608. *fol.* 111.

*E achi ferma in contra i ſuoi veſtigi*
*Per lui del corſo quo la fama aggiunge.*

O grande conceito que Lopo da Vega celeberrimo Poeta de noſſos tempos faz do noſſo Luiz de Camões, ſe vê bem em ſeus eſcritos; dando-lhe ſempre o epiteto de excellente. E o Meſtre Franciſco Sanches Brocenſe, aſſás conhecido em toda Heſpanha por ſua rara erudiçaõ, lhe naõ dá menores titulos, tratando do reſpeito que ſe deve ter aos eſcritos de Virgilio, e doutros ſemelhantes Poetas, como ſe vê deſtas palavras: *Digo eſto por laveneracion en que haviamos detener a los Poetas, ſiendo tales que verdaderamente mereſcan eſte nombre. Tal me parece a mi Luiz de Camões Luſitano, cuyo ſubtil ingenio, doctrina entera, cognicion de lengoas, delicada vena, mueſtran claramente no faltarle nada para la perfeccion de tan alto nombre &c.* O Padre Chriſtovaõ Delrio, e D. Fernando Alvia de Caſtro, o poem entre os melhores do mundo; Chriſtovaõ Soares de Figueiroa varaõ inſigne nas letras humanas, na vida do Marquez de Canhete, o iguala com Homero, e o aplau-

aplauſo univerſal de todos lhe dá o Titulo de Principe dos Poetas; (*) o que na verdade parece ſe lhe deve juſtamente: porque ſe muitos homens doutos de Europa, reconheceraõ a Naçaõ Portugueza huma certa ſuperioridade na Poeſia, como entre outros o confeſſa o Author da Biblioteca Hiſpana dizendo: *Luſitani in poetica, ut & in Muſica regnare feruntur mira animi propenſione, velut enthuſiaſmo rapti &c.* Com razaõ ſe póde dar o nome de Principe dos Poetas a Luiz de Camões, pois elle tem o principado entre todos os Portuguezes.

Porém ſe na eſtimaçaõ de tantos Authores graves eſtá igual a Virgilio, e Homero, tambem parece que lhe naõ ficou inferior nos prodigios que ſe delles em ſuas vidas contaõ; porque foi ſeu engenho taõ ſingular, que naõ faltaõ curioſos, que digaõ, que muitos ſeculos antes foi pronoſticado ao mundo o ſeu Poema pela Sibila Cumea, porque aſſi como qualquer grande perfeiçaõ em huma ſciencia, ou arte, naõ ſe póde alcançar ſem particular concurſo

(*) *Cigarroza de S. Hier. 3. p. l. 2. c. 42.*

ſo do Ceo, aſſi parece, que ordena algumas vezes ſeja iſto pronoſticado aos homens muitos tempos antes que aconteça. Veſſe eſta profecia na quarta Egloga de Virgilio, a qual foi toda tirada dos verſos da Sibila, em que profetiſou a felicidade que havia de haver no mundo depois do naſcimento de Chriſto Noſſo Senhor onde diz que o Poeta que havia de cantar a hiſtoria dos ſegundos Argonautas venceria na poeſia a todos os paſſados; e deſejando Virgilio ſer eſte que a Sibila prognoſticava, diz ao filho de Polliaõ (a quem elle erradamente aplicou eſta profecia) que ſe lhe a elle caiſſe a ſorte de ſer eſte Poeta, eſtava certo, que havia de vencer na Poeſia até aos meſmos Deoſes, e inventores dos Verſos:

*Omibi tam longe maneat pars ultima vitæ*
*Spiritus, & quantum fat erit tua dicere facta,*
*Non me carminibus vincet nec Tracius Orpheus,*
*Nec Linus, huic mater quamvis, atque huic pater adſit*
*Orphei Caliopea, Lino formoſus Apollo.*
*Pan etiam Arcadia mecum ſi judice certet*
*Pan etiam Arcadia dicet ſo judice victum.*

E certamente que eſte penſamento eſtá fundado em boa razaõ, porque ſe

a gloria que os antigos Argonautas; e Achiles alcançáraõ, (*) foi mais pelos excellentes verſos em que foraõ cantados, que pela grandeſa das façanhas que obráraõ como affirmava Alexandre, com quanta mais razaõ parece que naõ deviaõ ficar inferiores neſta parte aos primeiros Argonautas os noſſos ſegundos Argonautas Luſitanos, de quem, ſegundo Bozio, e muitos outros, alli falla a Sibilla á letra, pois a noſſa navegaçaõ, e os heroicos feitos que os Capitães Portugueſes fizeraõ na India, excederaõ tanto aos dos Argonautas, e Achiles, que naõ ſofrem comparaçaõ alguma. E naõ ſómente podemos aplicar a Luiz de Camões os verſos referidos da Sibilla, mas tambem dar-lhe aquelle lugar que em Roma na coroaçaõ de Petrarca deixou deſocupado entre Apollo, e as Muſas, no monte Parnaſo, aquelle grande Aſtrologo Barbante Senes, por cujo diſcurſo aquella rica hiſtoria ſe pintou, dizendo

que

(*) *Cic. pro Archia Plut. in vita Alex. Boz. de ſign. Eccleſ. Ortel. Arioſt. cant.* 15. *Torcat. cant.* 15.

que o mereceria hum Poeta Occidental de lingoa barbara ( aſſi chamavaõ entaõ os Italianos ás de Heſpanha) que andando os tempos havia de vir ao mundo. Concluamos logo que ſe o noſſo Poeta naõ cedeo no engenho a Virgilio, e Homero, taõ pouco lhe cedeo nas maravilhas do naſcimento; e com mais razaõ nos podemos perſuadir que as houveſſe em hum Poeta catholico, que nos gentios.

Naõ foi menor a opiniaõ que Luiz de Camões alcançou na Patria que a em que o tiveraõ os eſtrangeiros: porque ainda que lhe faltáraõ com os premios devidos a ſeus merecimentos, foi tido em grande eſtima dos maiores ſenhores, e mais prezados daquelle tempo, como foraõ o Duque de Bragança, D. Theodoſio, e o Duque de Aveiro D. Jorge, o Conde que depois foi do Vimioſo D. Franciſco de Portugal, D. Manoel de Portugal ſeu tio, o Viſo-Rei D. Conſtantino, o Conde d' Atouguia D. Luiz d' Ataide, o Conde de Rodondo, e outros que fora largo contar. Nem era de menor valor a mercê que recebeo das ſenhoras D. Franciſca de Aragaõ, D.

Guio-

Guiomar Blasfê, e da senhora Infanta D. Maria, como se vê em suas obras. Tambem referem muitos fidalgos daquelle tempo, que quando succedeo neste Reino ElRei D. Felippe o prudente, depois de chegar a Lisboa mandou fazer diligencia por Luiz de Camões, e sabendo que era fallecido mostrára disso sentimento, porque desejava de o ver por sua fama, e fazer-lhe mercê. De maneira que a pobreza em que viveo, naõ lhe abateo entre os Principes a grande opiniaõ que a suas obras se devia, e se as riquezas fugiraõ delle, ou foi pelas razões que o Plutaõ de Luciano dava contra Timon, ou por elle fazer pouco pelas acquirir, ou por seus merecimentos serem muito grandes: pois he certa a sentença de Tacito, (*) que os beneficios saõ agradaveis em quanto se pódem recompensar, mas que passando deste termo tem o desagradecimento em lugar de premio.

Desta geral reputaçaõ que os naturaes, e estrangeiros tinhaõ delle, naõ he muito lhe nacesse a estima grande que de

(*) *Tacit. lib. 4. histor.*

de ſi tinha, louvando, e abonando ſeu engenho em muitas partes dos ſeus Luſiadas, e mais obras: o que alguns lhe atribuiraõ a vicio, naõ attentando que he impoſſivel naõ ſe conhecer hum bom entendimento a ſi proprio, e ter verdadeira opiniaõ de ſuas couſas. Ariſtoteles diz, (*) que o varaõ grande, ſe ſe naõ tiver por tal, naõ o ſerá: *Eſſe ſanè magnanimus is videtur, qui cum magnis ſit dignus, magnis quoque ſemet dignum exiſtimat: nam quis non pro dignitate id facit, ſtolidus eſt; at virtute præditus neque ſtolidus, neque ſtultus eſt quiſpiam, &c.* E noutro lugar: *Magni enim viri honore ſe ipſos dignos maxime exiſtimant, ac pro dignitate illi quidem.* E o meſmo afirma Balthaſar Caſtilhone no ſeu perfeito Cortezaõ, e lhe premite louvar-ſe em ſeu tempo, e lugar conveniente, dizendo na peſſoa de Guaſpar Palavicino: (**) *Ho conoſciuti pochi huomini eccelenti, in qual ſi voglia coza, chi non laudino ſe ſteſſi; e parme che molto*

(*) *Liv. 4. Etic. c. 3.* (**) *Il Corteſan. lib. 1.*

*to bem comportare lor ſi poſſa. Per che chi ſi ſente valere, quando ſi vede non eſſer per le opere conoſciuto, ſi ſdegna che il valor ſuo ſia ſepolto. Et forza é che a qual ché modo lo ſcopra, per non eſſere defraudato de le honore, che é il vero primio de le virtuoſe fatiche: Pero tra gli antichi ſcrittori che molto vale, rare volte ſi aſtion di laudarſe ſteſſo &c.* E Tullio na ſua primeira Tuſculana reſolve, que aquelle celebre Oraculo *Noſce te ipſum*, naõ foi dito, para ſabermos as miſerias do corpo, mas para cada hum conhecer as excellencias de ſeu proprio animo, e entendimento. Porém ainda que naõ houvera as authoridades de taõ doutos varões, baſtantemente ficava o noſſo Poeta deſculpado, com ſer eſte uſo comum de todos os Poetas, como diz o meſmo Tullio Tuſculanarum queſt. lib. 5. *Adhuc neminem cognovi poetam, qui ſibi non optimus videretur.* E ad Atticum Epiſt. 22. *Nemo umquam, neque poeta, neque orator fuit, qui quemquam, meliorem, quam ſe arbitraretur.* Bom exemplo he deſta opiniaõ Homero na peſſoa de Demodoco, Virgi-

lio

lio em muitos lugares, e Horacio lib. 1. Ode 1. em que se finge coroado entre os Deoses dizendo,

*Me doctarum hederæ præmia frontium*
*Diis miscent superis*

E no liv. 2. Car. escreve toda, a Ode 20. em seu louvor, que começa:

*Non usitata nec tenui ferar*
*Penna biformis per liquidum æthera*
*Vates &c.* (E no Terceiro Ode 30.)

*Exegi monumentum ære perennius,*
*Regalique situ pyramidum altius:*
*Quod non imber edax, non Aquilo impotens*
*Possit eruere, aut innumerabilis*
*Annorum series, & fuga temporum &c.*

O mesmo faz Ovidio em muitos lugares, e em particular no lib. 4. Tristibus Eleg. 10. dizendo assim.

*Tu mihi (quod rarum est vivo) sublime dedisti*
*Nomen, ab exequiis quod dare famasolet,*
*Nec qui detractat præsentia livor, iniquo*
*Ullum de nostris dente momordit opus.*
*Nam tulerint magnos cum secula nostra Poetas,*
*Non fuit ingenio fama maligna meo.*
*Cũque ego præponã multos mihi, non minor illis*
*Dicor, et in toto plurimus orbe legor.*
*Siquid habent igitur vatum præsagia veri,*
*Protinus ut moriar non ero terra tuus &c.*

Estacio lib. 12. da sua Thebaida:

*O mihi bissenos multum vigilata per annos*
*Thebaïlam certa præsens tibi fame benignum*
*Stravit iter, capitque novam monstrare futuris.*

*Jam te magnanimus dignatur noscere Cæsar,*
*Italiæ cum studio discit, memorat que juventus.*
*Vivé precor, nec tu divinam Æneida tenta,*
*Sed longe sequere, & vestigia semper adora:*
*Mox tibi siquis adhuc prætendit nubila livor*
*Occidet, & meriti post me referentur honores*

E Sanasaro na sua 4. Piscatoria naõ quiz deixar de lembrar que elle fora o primeiro que trouxera as Eglogas até entaõ Pastoris aos Pescadores.

*Nunc litoream nec despice Musam,*
*Quæ tibi post sylvas, post horrida lustra licui,*
*(Siquid id est) falsas deduxi primus ad undas;*
*Ausus inexperta tentare pericula cymba.*

Dos outros vulgares naõ ha que referir mais exemplos, pois todos os trasem nas mãos. Pelo que bem se vê a pouca razaõ com que nesta parte póde ser o nosso Poeta notado.

Depois que Luis de Camões imprimio os seus Lusiadas passou o restante da vida em Lisboa, no conhecimento de muitos, e conversaçaõ de poucos; porque tendo já passado por elle as primeiras verduras da mocidade, tinha entrado na idade madura, e só cõmunicava com alguns homens doutos seus amigos, principalmente no Convento de S. Domingos de Lisboa, onde tinha particular familiaridade com alguns Religiosos daquella Santa Casa. Neste tempo lhe

sobreveo huma larga enfermidade, que lhe servio de se aparelhar para a morte, a qual elle trazia taõ presente, que até nas cartas jocosas falava muito de isso nella, como se vê bem das que andaõ impressas nas suas Rimas. Acrescentou-se-lhe este mal com o sentimento da morte d'ElRey D. Sebastiaõ, a quem tinha ententado celebrar em outro heroico poema, se ambos durara a vida, e melhor fortuna.

Com esta, e outras molestias se lhe foi aggravando a enfermidade até o anno de 1579. no qual faleceo. Estava neste tempo em tanta pobreza, que de casa de D. Francisco de Portugal lhe mandàraõ o lançol em que o amortalharaõ, e alli foi sepultado na Igreja de Santa Anna sem letreiro, ou campa alguma, que mostrasse o lugar de sua sepultura.

Era quando morreo de pouco mais de cincoenta annos, porque quando compunha os seus Lusiadas, diz elle no Canto 10. Estanc 9. que tinha já pouco que passar da idade do Estio para o Outono, o qual começa dos cincoenta por diante. *Vaõ os annos descendo, e já do Estio Ha pouco que passar até o Outono.*

E fallecendo elle sete annos depois de sua impressaõ (a qual foi no de 1572.)

parece que naõ paſſou dos cincoenta e cinco. Foi Luis de Camões de mean eſtatura, groſſo e chêo do roſto, e algum tanto carregado da fronte, tinha o nariz comprido levantado no meio, e groſſo na ponta; afeava-o notavelmente a falta do olho direito, ſendo mancebo, teve o cabello taõ louro, que tirava a açafroado; ainda que naõ era gracioſo na aparencia era na converſaçaõ muito facil, alegre, e dizidor, como ſe vê em ſeus motes, e esparſas poſto que já ſobre a idade deu algum tanto em melancollico. Nunqua caſou nem, deixou geraçaõ. Viveo, e morreo em tanta eſtreiteza do neceſſario para a vida, que ſe aquelles tempos naõ foraõ taõ calamitoſos para o Reino, com as couſas de Africa, pudera redundar em afronta dos naturaes, e cauſar admiraçaõ. Ainda que os que tem noticia das hiſtorias humanas entenderaõ bem que eſte he o eſtillo ordinario do mundo, no qual os mais dos homens eminentes ſaõ perſeguidos e deſpreſados em vida. Do grande Homero ſabemos que ſe ſuſtentava pedindo eſmola pela Grecia. A Socrates faltava muitas veſes huma capa com que ſe cobrir, e em fim

veio

veio a morrer condenado pelos Athenienſes, e Ariſtoteles e Demoſthenes, porque o naõ foſſem fugiraõ da meſma Cidade. Scipiaõ morreo deſpojado da fazenda, e deſterrado da patria. A Tullio degollaraõ, e por mais o afrontarem aquella lingoa, em que por tantas vezes conſiſtio a liberdade da Republica, e o grande Epicteto viveo em Roma com tanta miſeria, que naõ tinha mais de ſeu, que hum candieiro de barro, com que ſe alumiava. Acabando porém com a vida as armas da enveja, com que os grandes engenhos ſaõ ſempre combatidos, naſcem elles de novo depois da morte, e veſtidos das azas da fama, alcançaõ a gloria, que ſuas obras mereceraõ; porque os homens naõ pódem fazer guerra, ſenaõ aos corpos, os quaes, como compoſtos de materia fragil, e caduca, ſaõ vencidos de maior potencia. Mas as obras do engenho, como repreſentaõ o animo, que he eterno, duraõ igualmente com o tempo, e com elle acquirem o premio igual a ſeus merecimentos. Daqui veio chegarem depois os Gregos a venerar, como couſas devinas, aos meſmos Homero, Socrates, Demoſthenes, e Ariſtoteles, a

quem

quem em vida perſeguirão, e em Roma a confeſſarem os Cidadãos, que não podia ſer caſtigada aquella Cidade com maior pena, que privala Scipião do theſouro de ſua ſepultura, e a dizerem contra os matadores de Tullio, que por ſe livrarem de ſua eloquente lingua, fizeram fallar contra ſi as de toda a Republica; e foi tão eſtimado o nome de Epicteto, que o ſeu candieiro de barro, por ſer poſſuido de tal dono, ſe comprou na praça de Roma por trezentos cruſados.

Deſte meſmo modo vai ſucedendo a Luis de Camões, o qual, ſendo perſeguido em vida de perpetuos infortunios; depois de morto tem alcançado glorioſiſſimos premios de ſeus trabalhos, porque pouco depois de ſeu fallecimento, movido Dom Gonçallo Coutinho do zelo da Patria, a quem o Poeta tinha tanto merecido, lhe mandou cobrir o lugar da ſepultura com huma campa de marmore com eſte honroſo epitafio:

*Aqui jaz Luis de Camões, Principe dos Poetas de ſeu tempo: viveo pobre, e miſeravelmente, e aſſim morreo no anno de 1579. Eſta campa lhe mandou aqui por*

*por D. Gonçalo Coutinho, na qual jenaõ enterrárá peſſoa alguma.*

A eſte Epitafio acreſcentou depois outro maior (com goſto do meſmo Dom Gonçallo) Martim Gonçalves da Camara, Preſidente, que foi da meſa da Paço, e eſcrivaõ da puridade d' ElRey Dom. Sebaſtiaõ grande valido ſeu, e eſtimado de todos os Reys deſte Reino, varaõ de ſumma inteireſa, virtude, e temperança, compôs eſte epitafio á ſua inſtancia o Reverendo Padre Matheus Cardoſo Religioſo da Companhia de Jeſus Lente que foi da primeira cadeira da humanidade da Univerſidade de Evora, que deſpois deixando os eſtudos humanos, ſe dedicou ſó aos divinos, e á pregaçaõ do Evangelho nas barbaras Regiões de Angola, aonde ao preſente anda, e o Epitafio diz aſſim.

*Niſo eligis, Flacus Lyricis, epigrāmate Marcus*
*Hic jacet, Heroo carmine, Virgiliusl*
*Enſe ſimul, calamoque auxit tibi Lyſia famam,*
*Unam nobiliant Mars, & Apollo manum.*
*Caſtalium fontem traxit modulamine, at Indo*
*Et Gangi, telis obſtupefecit aquas.*
*India mirata eſt, quando aurea carmina lucrum*
*Ingenii, haud gazas, ex Oriente tulit;*
*Sic bene de patria meruit, dum fulminat enſe.*
*At plus dum calamo bellica facta refert.*
*Hunc Itali, Galli, Heſpani vertēre poetam*

*Qui-*

*Quclibet hunc vellet terra vocare ſuum*
*Vertere ſas, æquare nefas, æquabilis uni,*
*Eſt ſibi: par nemo, nemo ſecundus erit.*

Naõ he pequeno louvor alcançar Luis de Camões depois de morto eſtas glorioſas memorias por obra de varões taõ illuſtres, quando até os maiores Principes do Mundo, e os parentes mais chegados com a morte ſe ſepultaõ juntamente no eſquecimento dos vivos. Porém naõ he menos honra a que acquirio nos bons engenhos, que ſe dedicáraõ a traduſir o ſeu poema heroico, o qual anda convertido nas melhores lingoas de Europa, querendo cada qual fazello proprio por ornamento da ſua patria, e para enriquecer ſeus naturaes com taõ precioſo theſouro. E ultimamente o Reverendiſſimo Biſpo de Traga D. Fr. Thome de Faria o traduzio com grande elegancia em verſo Heroico Latino, tendo juſtamente tal occupaçaõ por digna de ſua profiſſaõ, e dignidade, como outros muitos prelados tem feito em ſemelhantes ſugeitos, por ſer obra em que ſe moſtra muita erudiçaõ, e engenho. Neſte Reino ſe tem tambem empregado naõ poucos em cõmentarem, e louvarem

rem o meſmo Poeta Luis de Camões; alguns ſairaõ á luz, e outros ſe conſervaõ manuſcriptos, mais dinos, póde ſer, da impreſſaõ, que os que tiveraõ eſta fortuna, qual he o que ha muitos annos tem compoſto Luis da Silva de Brito Prior do Santo Milagre de Santarem, peſſoa aſſaz conhecida neſte Reino pela muita doutrina, e qualidades que nelle concorrem. Dos verſos que ſe tem compoſto em ſeu louvor, por ſerem muitos, referirei ſó dous Epigramas que ſe imprimiraõ com as ſuas Rimas no anno de mil e quinhentos e noventa, e oito: o primeiro Latino feito por Manoel de Souſa Coutinho, taõ illuſtre no ſangue, como nas letras humanas, o qual deixando o ſeculo, e nome, entrou na ſagrada Religiaõ dos Pregadores, onde ſe chamou Fr. Luis de Souſa, e tem dado com ſuas obras outra nova eſperança á noſſa patria. Pelo que por ſer o Epigrama de tal ſugeito, he para Luis de Camões de grande reputaçaõ.

*Quod Maro ſublimi, quod ſuavi Pindarus alto*
*Quod Sophocles, triſti naſo, quod ore canit.*
*Maſtitiam, caſus, horrentia prælia, amores,*
*Juncta ſimul cantu, ſed graviore damus.*
*Quiſnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit illum*

Ly-

*Lysia in Eoas imperiosa plagas. Cilium*
*Unus tanta dedit? Dedit & maiora daturus,*
*Ni celeri fato corriperetur, erat.*
*Ultimus hic choreis Musarum præfuit: illo*
*Plenior Aonidum est, nubiliorque chorus.*
*Flos veteris, virtusque nova fuit ille camœnæ.*
*Debita ture sibi sceptra poesis habet.*
*In Lusitanos Heliconis culmina tractus*
*Transtulit antra, lyras, serta, fluenta, Deas.*
*Currere Castalios nostra de rupe liquores*
*Jussit, ab invito prata virere solo.*
*Cerne per incultos, Tempe meliora recessus,*
*Cerne satas, sterili sespite, veris opes.*
*Omnibus Occidui rident tibi floribus horti,*
*Non ego jam Lysios, credo, sed Elysios.*
*Orpheus attonitas dulci modulamine cautes*
*Traxit, & ab stygio squalida monstra foro.*
*Thessalicos Lodoice, sacro cum flumine montes*
*Peridumque trahis celituumque choros*
*Sunt majora tuæ Orphæis miracula vocis,*
*Attica quid faceres, si tibi lingua foret?*

O outro he hum soneto Portugues do nosso celebre Poeta Diogo Bernardes, que no estilo pastoril naõ reconhece superior, o qual por ser taõ qualificado voto, he digno de muita consideraçaõ.

*Quem louvara Camões que elle naõ seja*
*Quem naõ vê que em vaõ canta engenho, & arte?*
*Elle assi só se louva em toda a parte,*
*E toda a parte elle só enche de inveja.*
*Quem juntos n'um espirito vê deseja*
*Quantos dões entre mil Phebo reparte*

(*Quer*

*(Quer elle de Amor cante, quer de Marte)*
*Por mais naõ deſejar elle ſó veja.*
*Honrou a patria em tudo, imiga ſorte*
*A fez com elle ſó ſer excolhida,*
*Em premio de offender della a memoria.*
*Mas ſe lhe foi fortuna eſcaſa em vida,*
*Naõ lhe poude tirar depois da morte*
*Hum rico amparo de ſua fama, & gloria.*

Deſtes teſtemunhos puderamos traſer muitos, mas baſte hum univerſal, que he a grande eſtima que neſte Reino ſe tem feito de ſuas obras, das quaes ſe tem impreſſo, e gaſtado mais de vinte mil volumes; e taõ geral he hoje o conhecimento do muito, que mereceo á patria, que ſe durara ainda agora entre nós o coſtume dos Romanos, que aos Cidadãos benemeritos levantavaõ eſtatuas nas praças, naõ duvido, que do publico ſe lhe dedicára huma mui ſumptuoſa, mas por naõ carecer deſte premio, no modo em que ſe permite a hum particular lhe mandou Gaſpar de Faria Severim, meu ſobrinho, eſculpir em bronze o ſeu natural retrato, com a inſcripçaõ que ſe vê no principio deſte Diſcurſo.

E para em toda a parte poder acompanhar a eſte retrato huma breve noticia de ſua vida, ſe lhe ajuntou eſte Elogio.

## ELOGIUM.

*QUem Homerum credis, Camões est Lusitanus impari vultu, eadem mentis excelsæ pignora, iidem in vita casus, ut ille amborbus, altero hic orbatus oculo: illi tenuis fortuna, huic semper arcta, semper adversa: Ulyssem ille cecinit, hic Ulyssæos, æqualis cantu, cætera maior, nempe altissimũ meditatus Poema, & expressurus furentem procellis Neptunam, ferro, flamisq; Martẽ, ad Indos navigavit, Brachmanas audivit, cum hoste dimicavit (testãtur pulchræ adverso ore cicatrices) quin uti Platonẽ peregrinatione, ita naufragio Cæsarẽ egit, contentus etiã præter scripta nihil eripuisse undis. Patriæ restitutus, quã singulariter nobilitarat, ingratã expertus est; nulla donatus laurea, nullis auctus honoribus, inter cõcives prosus extorris diẽ clausit Adest. 43 post ãno quæsita meritis gratia, sublatã civitas Fato, & Libitinæ ardet furari. Primus Gaspar de Faria Severinuus, novum hoc statuæ genus cõmẽtus dum alii marmoreas, alii aureas properant. Anno* 1622. Como le differa.

CA-

CAmões he Luſitano, eſte que vos parece Homero, na ſemelhança do roſto, nos meſmos partos do entendimento, e na igualdade da vida. Homero foi falto de ambas as viſtas, Camões de huma dellas: aquelle poſſuio poucas riquezas, eſte viveo em perpetua pobreza: cantou aquelle Ulyſſes, eſte os Ulyſſeos: mas ſendo a Homero igual no canto, no mais foi ſuperior, porque concebendo em ſeu animo hum ſoberano Poema, em que havia de pintar a braveza das tormentas de Neptuno, e o furor de Marte a ferro, e fogo, navegou, e paſſou á India, ouvio os ſabios della, pellejou valeroſamente com os inimigos (como teſtificaõ as fermoſas feridas recebidas no roſto) e ſendo outro Platão nas perigrinações, imitou no naufragio a Ceſar, contentando-ſe de livrar ſó das ondas ſeus poemas. Tornando á patria, experimentou ſua ingratidaõ, depois de a ter ſingularmente emnobrecido, e ſem receber premios, nem honras da poeſia, acabou a vida como deſterrado entre ſeus proprios Cidadãos. Chegou porém 43 annos depois

de

de morto o bem merecido galardaõ a ſuas obras procurando o agredecimento livralo da adverſidade da fortuna, e eſquecimento da morte com eſte novo genero de eſtatua, que Gaſpar de Faria Severim primeiro lhe levantou, em quanto outros de marmore, e de ouro lhas preparaõ. Anno 1622.

Deſte modo ficará a imagem do noſſo Poeta ornando as livrarias, e caſas das ſciencias, com grande goſto dos doutos, e cariоſos, os quaes já em tempo de Plinio (*) coſtumavaõ ter ornados os Eſtudos com os roſtos daquelles, cujos animos conſervavaõ retratados no meſmo lugar em ſuas obras. E era eſte coſtume taõ uſado em Roma, que até os retratos que naõ havia, ſe fingiaõ, como aconteceo ao de Homero *Ex auro, argento, aut certe ex ære* (diz elle) *in Bibliothecis dicantur illi, quorum immortales animæ in iisdem locis, ibi loquuntur, quinimò etiam qui non ſunt, finguntur, pariuntque deſiderio non traditi vultus, ſicut in Homero evenit &c.*

Neſte retrato ficou Luis de Camões aventajado a qualquer grande eſtatua por ma-

(*) *Plin. lib. 35. c. 2.*

maravilhoſa, que foſſe, porque as eſtuas naõ ocupaõ mais que hum ſó lugar, e padecem tambem as injurias do tempo, com as quaes ſe acabaraõ até aquelles moſtruoſos Coloſſos, com que os Antigos quiſeraõ eternizar ſua memoria, porém as eſtampas tem aquella propriedade da pintura com a qual diz o meſmo Plinio, que os homens ſe fizeraõ iguaes aos Deoſes, podendo eſtar juntamente preſentes em toda a parte, e por beneficio da impreſſaõ ficaõ iſentos dos poderes do tempo. Eſtes excellentes premios, que as obras de Luis de Camões tem alcançado, parece antevio elle muitos annos antes, quando conſiderando o pouco fruito que entaõ lhe rendiaõ ſeus verſos diſſe na Eſtanc. 100. do canto. 5. de ſeus Luſiadas.

*Porém naõ deixe em fim de ter diſpoſto*
*Ninguem a grandes obras ſempre o peito,*
*Que por eſta ou qualquer outra via.*
*Naõ perderá ſeu preço, e ſua valia.*

Pelo que tem nelle todos os profeſſores das ſciencias hum grande exemplo, para naõ deixarem de occupar ſeus talentos em beneficio publico, por falta de

de favor, porque quanto mais este lhe falecer de presente, tanto maiores premios pódem esperar de futuro.

Com razaõ logo nos podemos consolar da contraria fortuna, que o nosso Poeta padeceo em vida, pois além de ter nella por companheiros aos mais illustres varões da antiguidade, naõ lhe vai ficando depois da morte inferior nas honras da sepultura, na autoridade das estatuas, na dilataçaõ da fama, com a qual he celebrado por todo o mundo, em tantas lingoas, dos melhores Poetas, Historicos, e Oradores, de maneira, que sua glorioſa memoria durará igualmente com os seculos vindouros.

FIM.

IN-

# INDICE

*Dos Diſcurſos, e Vidas deſte Livro.*

DISCURSO I. Do muito que importa para a conſervaçaõ, e augmento da Monarchia de Heſpanha aſſiſtir Sua Mageſtade com ſua Corte em Lisboa. pag. 1.

Diſcurſo II. Das partes que ha de aver na lingoagem para ſer perfeita, e como a Portugueza as tem todas, e algumas com eminencia de outras lingoas. pag. 42.

Diſcurſo III. Com que condiçoens ſeja louvavel o exercicio da Caça. pag. 94.

Diſcurſo IV. Da origem, e grande antiguidade das Veſtes que uſa por habito Eccleſiaſtico o Clero de Portugal. pag. 117.

I. Vida de Joaõ de Barros, em que ſe diſcorre ſobre os preceitos da Hiſtoria, e perfeiçaõ com que eſcreveo as ſuas Decadas da Aſia. pag. 171.

II. Vida de Diogo do Couto, Chroniſta da India, com a relaçaõ de todas as ſuas Obras. pag. 251.

III. Vida de Luiz de Camões, com hum particular juizo ſobre as partes, que ha de ter o Poema heroico, e como o Poeta as guardou todas nos ſeus Luſiadas. pag. 269.

Foi taixado eſte Livro em papel a quatrocentos e ſincoenta rèis. Meza 7 de Novembro de 1791.

*Com tres Rúbricas.*

Robarts Library
DUE DATE:
Mar. 24, 1992

For telephone renewals
call
978-8450

Fines 50¢

AC
75
S49
1791

Severim de Faria, Manuel
Varios discursos politicos